

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCAS CASONATO JACINTO

TRÊS ENSAIOS SOBRE O PENSAMENTO ECONÔMICO DE ISRAEL KIRZNER

CURITIBA

2020

LUCAS CASONATO JACINTO

TRÊS ENSAIOS SOBRE O PENSAMENTO ECONÔMICO DE ISRAEL KIRZNER

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Desenvolvimento Econômico, no Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Angeli

CURITIBA

2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
APLICADAS – SIBI/UFPR COM DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)  
Bibliotecária: Mara Sueli Wellner – CRB 9/922

Jacinto, Lucas Casonato, 1989-

Três ensaios sobre o pensamento econômico de Israel Kirzner /  
Lucas Casonato Jacinto . - 2020.

232 p.

Orientador: Eduardo Angeli.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências  
Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento  
Econômico.

Defesa: Curitiba, 2020

1. Escola austriaca de economistas. 2. História econômica. 3. Kirzner,  
Israel M. I. Angeli, Eduardo, 1981- II. Universidade Federal do Paraná.  
Setor de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em  
Desenvolvimento Econômico. III. Título.

CDD 330.157

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **LUCAS CASONATO JACINTO**, intitulada: **TRÊS ENSAIOS SOBRE O PENSAMENTO ECONÔMICO DE ISRAEL KIRZNER**, sob orientação do Prof. Dr. EDUARDO ANGELI, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa. A outorga do título de Doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 27 de Janeiro de 2020.



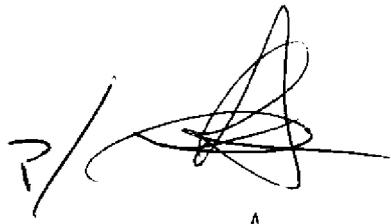
EDUARDO ANGELI  
Presidente da Banca Examinadora



JOSE FELIPE ARAUJO DE ALMEIDA  
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)



ARMANDO JOAO DALLA COSTA  
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)



FABIO BARBERI  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)



RAMON VICENTE GARCIA FERNANDEZ  
Avaliador Externo (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC)

Dedico esta tese a minha mãe.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me permitido chegar até aqui.

Em segundo lugar agradeço a minha família por todo amor, apoio e compreensão ao longo destes anos de doutorado em que a distância se tornou mais comum que a proximidade.

Em terceiro lugar agradeço aos meus amigos e minha namorada Tallys por se manterem próximos a mim mesmo nos meus momentos mais difíceis. Reconheço toda a acolhida, o que passamos juntos e todo o suporte que vocês me deram e continuam me dando.

Em quarto lugar agradeço aos membros da minha banca de qualificação pelas contribuições valiosas para o avanço desta tese. O meu muito obrigado aos professores Armando Dalla-Costa, Fábio Barbieri e Felipe Almeida. Sem dúvida os comentários de vocês foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Em quinto e último lugar agradeço com especial gratidão ao meu orientador, professor e amigo, Eduardo Angeli. Um grande companheiro de jornada ao longo dos anos em que este trabalho foi elaborado, período cuja contagem tomo desde nossa primeira conversa, quando eu ainda era aluno de mestrado, até o momento de conclusão dessa tese. Muito obrigado pela paciência, recomendações, incentivos e, principalmente, pela amizade.

*“Estremecemos ao pensar em quantas investigações são necessárias para se chegar à verdade sobre o mais fútil pormenor”*

- Stendhal

## RESUMO

Este trabalho analisa a História do Pensamento Econômico de Israel Kirzner a partir da postura de engajamento profissional do autor. Sua trajetória acadêmica é contextualizada com base na história recente da Escola Austríaca a partir de três marcos nesse período. O primeiro é o final do debate do cálculo econômico sob o socialismo, momento de maior descrédito do Austriano, quando Kirzner ingressa no doutorado em Economia e procura a orientação de Mises. O segundo é o “*Austrian Revival*” na década de 1970, etapa de recuperação de prestígio da Escola Austríaca para a qual parte dos esforços kirznerianos foram dirigidos. O terceiro é a década de 1980, quando a existência de um Austriano mais consolidado suscita diferentes tentativas de defini-lo, com Kirzner defendendo a manutenção de uma visão Austríaca pautada na complementariedade entre Mises e Hayek. Conclui-se que o engajamento profissional de Kirzner foi fundamental na recuperação da Escola Austríaca. Esse mérito é devido por ter feito o Austriano inteligível para um público mais amplo e por ter desenvolvido conjuntamente as ideias misesianas e hayekianas sobre o processo de mercado. Esses esforços permitem caracterizar uma visão kirzneriana da Escola Austríaca que guarda relação com a teoria microeconômica tradicional, mas que avança com relação a esta pela maior subjetividade na interpretação dos fenômenos econômicos, tornando-a mais geral.

**Palavras-chave:** Israel Kirzner. Escola Austríaca. Engajamento profissional. História do Pensamento Econômico.

## ABSTRACT

This work analyzes the History of Economic Thought of Israel Kirzner from professional engagement posture of the author. His academic trajectory is contextualized based on three milestones in the recent history of the Austrian School. The first one is the end of the debate of economic calculation under socialism, the moment of greatest discredit of Austrianism when Kirzner entered the at the PhD in Economics and seeks the guidance of Mises. The second is the Austrian Revival in the 1970s, the prestigious recovery stage of the Austrian School to which part of the Kirznerian efforts were directed. The third is in the 1980s, when the existence of a more consolidated Austrianism raises different attempts to define it, when Kirzner used the maintenance of an Austrian vision based on the complementarity between Mises and Hayek. It is concluded that the Kirzner's professional engagement was instrumental in the recovery of the Austrian School. This merit is due to become Austrianism more intelligible to a wider audience and for jointly developing Misesian and Hayekian ideas about the market process. These efforts allows characterizing a Kirznerian view of the Austrian School, which is related to traditional microeconomic theory, but which advances to its respect through its greater subjectivity on the interpretation of economic phenomena, becoming it more general.

**Keywords:** Israel Kirzner. Austrian School. Professional engagement. History of Economic Thought.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

CEPAL	- Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
ECT	- Economia dos Custos de Transação
EA	- Escola Austríaca
EN	- Escola Neoclássica
HPE	- História do Pensamento Econômico
LIJ	- Lei da Indiferença de Jevons
NYU	- <i>New York University</i>
SR	- Subjetivismo Radical
TG	- Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda
VI	- Variáveis Induzidas
VS	- Variáveis Subjacentes

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>PRIMEIRO ENSAIO – A TEORIA DA ATIVIDADE EMPRESARIAL E O ENGAJAMENTO PROFISSIONAL DE ISRAEL KIRZNER.....</b>	<b>24</b>
2.1	INTRODUÇÃO .....	24
2.2	A TEORIA KIRZNERIANA DA ATIVIDADE EMPRESARIAL .....	30
2.3	OS PRECURSORES DA TEORIA KIRZNERIANA DA AÇÃO EMPRESARIAL ..	32
2.3.1	A teoria tradicional sob a ótica da atividade empresarial kirzneriana .....	35
2.3.2	A teoria misesiana sob a ótica da atividade empresarial kirzneriana .....	37
2.3.3	A teoria hayekiana sob a ótica da atividade empresarial kirzneriana .....	42
2.4	CRONOLOGIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO KIRZNERIANO E A TEORIA DA ATIVIDADE EMPRESARIAL.....	47
2.4.1	Elementos da teoria da atividade empresarial no pensamento econômico kirzneriano entre 1960 e 1967 .....	49
2.4.2	Elementos da teoria da atividade empresarial no pensamento econômico kirzneriano entre 1967 e 1973 .....	55
2.4.3	A consolidação de uma teoria da atividade empresarial no pensamento kirzneriano ..	62
2.5	A CONTRIBUIÇÃO DE KIRZNER PARA A TEORIA DA ATIVIDADE EMPRESARIAL .....	67
2.6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	75
<b>3</b>	<b>SEGUNDO ENSAIO – A ABORDAGEM COMPARATIVA E O ENGAJAMENTO PROFISSIONAL DE ISRAEL KIRZNER A PARTIR DE TEXTOS MENOS CONHECIDOS.....</b>	<b>78</b>
3.1	INTRODUÇÃO .....	78
3.2	O PAPEL DA ABORDAGEM COMPARATIVA NA OBRA DE KIRZNER.....	83
3.2.1	O pensamento econômico de Kirzner a partir da abordagem comparativa .....	94
3.3	RELAÇÃO COM A PRAXEOLOGIA .....	95
3.4	O TRATAMENTO CONJUNTO DE MISES E HAYEK .....	105
3.5	ENTENDIMENTO DE OUTRAS PROPOSTAS NA TEORIA ECONÔMICA .....	116
3.6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	125
<b>4</b>	<b>TERCEIRO ENSAIO – A RETÓRICA COMO FERRAMENTA DE ENGAJAMENTO PROFISSIONAL POR PARTE DE ISRAEL KIRZNER....</b>	<b>129</b>
4.1	INTRODUÇÃO .....	129

4.2	RETÓRICA NA ECONOMIA .....	134
4.2.1	A retórica kirzneriana na literatura econômica.....	140
4.3	A RETÓRICA DE KIRZNER NA CRIAÇÃO DE DOIS GRUPOS POR MEIO DA DEFINIÇÃO: O SUBJETIVISMO RADICAL E A ESCOLA NEOCLÁSSICA .....	143
4.3.1	O Subjetivismo Radical por Kirzner: a indeterminação do resultado econômico.....	145
4.3.2	A Escola Neoclássica por Kirzner: a determinação do resultado econômico.....	151
4.3.3	A teoria da atividade empresarial como intermediária entre o SR e a EN: A (in)determinação do resultado econômico.....	163
4.4	A RETÓRICA DE KIRZNER NA CRIAÇÃO DE DOIS AUDITÓRIOS POR MEIO DA ARGUMENTAÇÃO: SUBJETIVISMO RADICAL E ESCOLA NEOCLÁSSICA .....	174
4.4.1	Kirzner e o papel do equilíbrio na teoria econômica: o resultado da ação .....	175
4.4.2	A retórica de Kirzner no debate da publicidade: diferentes abordagens para a relação entre incerteza e conhecimento.....	188
4.4.2.1	Década de 1970: ingresso no debate sobre a publicidade e aproximação à EN .....	190
4.4.2.2	Década de 1980: discutindo a propaganda em meio ao debate com o SR .....	197
4.4.2.3	Década de 1990: a atividade publicitária no pós-debate com o SR.....	201
4.5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	204
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>207</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>212</b>
	<b>APÊNDICE .....</b>	<b>230</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Israel Meir Kirzner nasceu na cidade de Londres em 13 de fevereiro de 1930. Quando estava com dez anos de idade sua família mudou-se para a Cidade do Cabo, na África do Sul, onde Kirzner residiu até os 18 anos, chegando a cursar dois anos de bacharelado na Universidade do Cabo até que sua família retornasse para a Inglaterra. Aos 20 anos de idade, Kirzner ingressou na Universidade de Londres como aluno externo, ficando ali por mais dois anos, entre 1950 e 1951, até sua mudança para os Estados Unidos. Na cidade de Nova York, Kirzner concluiu seu bacharelado pelo *Brooklyn College* aos 24 anos, e na *New York University* (NYU) obteve o M.B.A. em Contabilidade com 25 anos e o título de doutor em Economia aos 27 anos em 1957 (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xiii-xiv).

Ainda em 1957 Kirzner ingressou na própria NYU como Professor Assistente, tornando-se Professor Associado da instituição em 1961, titulado por ela Professor de Economia em 1968 e Professor Emérito em 2000 ao se aposentar das salas de aula.<sup>1</sup> Hoje, próximo de completar 90 anos, Kirzner continua academicamente ativo, como se vê em suas publicações recentes.<sup>2</sup> Conquanto a brevidade da apresentação de sua trajetória profissional, o período compreendido entre o ingresso de Kirzner na NYU e os dias de hoje é marcado por diversos acontecimentos relevantes para a Economia, em específico para a Escola Austríaca (EA). Estes episódios podem ser entendidos em parte como frutos dos esforços de Kirzner.

Na década de 1950 o contexto acadêmico em Economia era marcado pelo domínio do Keynesianismo (BOETTKE e SAUTET, 2013, p. ix; KIRZNER, 2018q [1996], p. 597; VIEIRA, 2007, p. 104).<sup>3</sup> Isso é reforçado pelo abandono da visão clássica sobre a concorrência competitiva e dinâmica, em que se passa a admitir o bom funcionamento do mercado como caso particular da economia (BOETTKE e SAUTET, 2018a, p. ix).

A microeconomia desenvolvida desde a revolução marginalista estava ocupando, na época, um lugar de menor proeminência do que outros campos, tais como a macroeconomia e a economia do desenvolvimento, e, com ela, as discussões sobre o funcionamento do mercado, do sistema de preços, da competição, o individualismo metodológico e o subjetivismo. Escolas de pensamento econômico que antes se encontravam unificadas na disputa sobre o papel da teoria econômica com a Escola Histórica Alemã na virada do século

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://www.e-award.org/wp-content/uploads/Israel-M-Kirzner-Biography.pdf> (Acesso em 14.08.2018).

<sup>2</sup> Kirzner (2017; 2018m; 2018v).

<sup>3</sup> Os anos apresentados em colchetes referem-se aos das publicações originais das obras mencionadas para contextualizá-las historicamente.

XIX para o XX (KIRZNER, 2018b [1994], p. 668-669; 2018g [1997], p. 608-609) viram-se separadas após o advento da Revolução Keynesiana (MISES, 2003 [1969], p. 19). O ideal de livre mercado deu lugar ao intervencionismo (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 53-54; BOETTKE e SAUTET, 2013, p. ix), tanto na economia quanto na academia (BOETTKE e SAUTET, 2018a, p. ix-x).

Outra mudança no meio acadêmico entre os economistas foi institucional. Alterou-se a forma de comunicação na Economia, que passou, em linhas gerais, de literária à formalização matemática dos modelos econômicos (KIRZNER, 1967b, p. 103; MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 139). Nesse período ainda se percebe uma alteração de foco, em que a Economia passa a marginalizar trabalhos sobre sua história ou filosofia (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xv). Também mudou-se de uma cultura voltada à escrita de livros para a da publicação de artigos acadêmicos (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xv; KIRZNER, 2018q [1996], p. 597). Para Kirzner (2018q [1996], p. 597), a Economia tornou-se nessa época uma ciência mais empirista e seus modelos mais abstratos.

A compreensão do contexto em Economia de meados do século XX é aprimorada quando vista à luz dos rumos da EA. Como se sabe, esta corrente surge com Carl Menger em 1871 na mesma obra considerada um dos pilares da revolução marginalista (MISES, 2003 [1969], p. 1; KIRZNER, 2018g [1997], p. 608; 2001c, p. 94). A escola participa ativamente no debate com os historicistas alemães por meio de seus fundadores, Menger, Böhm-Bawerk e Wieser (MISES, 2003 [1969], p. 1; KIRZNER, 2018a [1994], p. 636-637; 2001c, p. 37). Esses Austríacos fizeram diversas contribuições teóricas para o desenvolvimento da microeconomia, destacando-se o papel do mercado, dos preços, da competição, do individualismo metodológico e do subjetivismo (KIRZNER, 2018a [1994], p. 637 e 646).

Porém, conquanto as ideias Austríacas estivessem profundamente enraizadas no pensamento econômico predominante da profissão, esta escola vivenciou uma queda de prestígio a partir da década de 1930, em boa medida devido ao “debate do cálculo econômico sob o socialismo” (VAUGHN, 1994, p. 103; 2000, p. 40; KIRZNER, 2018b [1994], p. 668).<sup>4</sup> Esse episódio hoje é entendido como um divisor de águas para a EA, por lhe ter permitido reconhecer sua distinção com relação à teoria microeconômica tradicional (KIRZNER, 2018c

---

<sup>4</sup> Kirzner (2018g [1997], p. 614) considera o “debate do cálculo” junto a outros sintomas de dissociação entre Austríacos e o *mainstream* na década de 1930. Cita os debates sobre a moeda, em que Hayek se opôs a Keynes e Sraffa, e a preocupação Austríaca com o uso do equilíbrio na tradição inglesa da teoria dos preços, já que esta última incluía o equilíbrio walrasiano e dava foco à competição perfeita.

[1994], p. 681-682; BOETTKE e SAUTET, 2018a, p. x).<sup>5</sup> Porém, à época foi considerado como aquilo que levou a escola da percepção de integralidade com o restante da profissão nos anos 1930, consideradas as diferenças conceituais e metodológicas, para a rejeição e provável fim na década de 1950 (KIRZNER, 2018a [1994], p. 639; 2018g [1997], p. 617).

Por conta disso, a EA podia ser interpretada após esse período como derrotada no debate do cálculo ou totalmente assimilada pelo *mainstream* (BOETTKE, 1995, p. 134). Desta forma, a entrada de Kirzner no ambiente acadêmico da Economia é cercada pela predominância do Keynesianismo, a interpretação de que a EA era um capítulo encerrado na História do Pensamento Econômico (HPE) e a mudança de meio e método na forma de comunicação.

No período de ingresso de Kirzner na NYU estava lá Ludwig von Mises, um dos maiores nomes na história da EA, que se mudara para os EUA diante do avanço do nazismo na Europa (VAUGHN, 1994, p. 63-64; KIRZNER, 2001c, p. 17). Porém, nesse período de ostracismo da teoria Austríaca, Mises não estava acompanhado do renome alcançado na Áustria. Além ter ficado no lado considerado, à época, perdedor no debate do cálculo (VAUGHN, 1994, p. 64), sua recusa em aderir aos métodos matemáticos ou admitir a intervenção econômica tornavam-no uma figura considerada meramente ideológica e com uma Economia obsoleta (KIRZNER, 2001c, p. 23). Nem mesmo a posição de professor lhe fora concedida na NYU. Mises era responsável por disciplinas, seminários e orientações na universidade, mas seu rendimento provinha de instituições privadas que o financiavam (VAUGHN, 1994, p. 64; KIRZNER, 2018q [1996], p. 599-600). Mesmo assim, Mises continuou a disseminar o Austrianismo, atraindo estudiosos para sua orientação (KIRZNER, 2018q [1996], p. 596; 2001c, p. 24-25).

Dois pontos chamaram a atenção de Kirzner com relação a Mises na NYU. Ele era o professor da escola de comércio com o maior número de livros publicados e, diferentemente do treinamento econômico convencional, defendia o mercado como processo em vez de um lugar específico ou estado de coisas (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xiii-xiv).<sup>6</sup> Apesar da compreensão de que não existia uma EA promissora nessa época, Kirzner procurou a orientação de Mises para sua tese de doutorado (KIRZNER, 1997c, p. 8; 1997e, p. 1;

---

<sup>5</sup> Kirzner recorrentemente utiliza os termos *mainstream*, neoclássico(a), tradicional, padrão e convencional como sinônimos para designar o corpo teórico predominante na economia, principalmente no tratamento da teoria dos preços, e o intercâmbio entre eles será mantido neste trabalho.

<sup>6</sup> “My own training as an economist began in the mid-fifties when I attended the lectures and seminars of Ludwig von Mises and, at the same time, lectures given by other economists on orthodox, mainstream price theory. The gulf between these two sets of lectures was obvious.” (KIRZNER, 2018g [1997], p. 618)

BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xiv).<sup>7</sup> A partir daí, conquanto o isolamento teórico em que se encontrava, Kirzner procurou se engajar na tradução das ideias misesianas para o restante da profissão (KIRZNER, 1997e, p. 1; BOETTKE, 2014, p. 234). Para Boettke e Sautet (2011a, p. xi), a busca kirzneriana foi explicar como o mercado poderia ser considerado um processo.

Terminado o doutorado e admitido como professor assistente na NYU, Kirzner publica um desenvolvimento da sua tese de doutorado como livro em 1960, o livro “*The Economic Point of View: An Essay in the History of Economic Thought*”. O material propôs uma revisão do objeto de estudo da Economia ao longo do tempo, mostrando os desenvolvimentos promovidos pelos economistas na compreensão de seu escopo (KIRZNER, 2009 [1960]). Como último avanço, defendeu a percepção mais subjetiva de Mises para a Economia por meio da praxeologia, enquanto uma ciência da ação humana (KIRZNER, 2009 [1960], p. 169; ZINGLER, 1961, p. 357-358; MISES, 2009 [1960], p. xxv; MOSS, 2009 [1975], p. xxi).<sup>8</sup>

Nessa mesma década, Kirzner ainda publicou outros dois livros inserindo as ideias misesianas nos debates correntes. Seu “*Market Theory and the Price System*”, publicado em 1963, é um manual de microeconomia pautado nas ideias Austríacas do processo de mercado, servindo de alternativa às abordagens tradicionais da época (KIRZNER, 2011a [1963]; BARBIERI, 2001, p. 86; BOETTKE e SAUTET, 2010, p. x; 2011a, p. xii), mas sem afastar-se completamente delas (VAUGHN, 1994, p. 101). Já o livro “*An Essay on Capital*” de 1966 resgatou as ideias de Mises acerca da teoria do capital, tema discutido naquele momento por conta da “Controvérsia de Cambridge” (KIRZNER, 2010a [1966]; 2010b [1996]; BLAUG, 1969, p. 158; BOETTKE e SAUTET, 2010, p. xii).<sup>9</sup>

Apesar da importância dessas publicações, elas revelam como Kirzner estava na contramão da tendência à época, por interesse em temas marginalizados e com uma forma de discussão que havia se tornado obsoleta (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xv).

Embora esses esforços não tenham sido suficientes para resgatar o Austrianismo de sua situação à margem da corrente principal na década de 1960, seguramente contribuíram para certa recuperação da EA a partir de 1970. Um movimento de ressurgimento da escola

---

<sup>7</sup> Mesmo Mises tendo aconselhado Kirzner a realizar seu Ph.D. na *Johns Hopkins University* sob a orientação de Machlup, um então jovem e promissor pesquisador que havia sido o primeiro orientado de Mises em Viena (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xiv).

<sup>8</sup> Praxeologia é o termo usado por Mises para designar a teoria geral da ação humana, da qual a Economia seria uma derivação para observar o estudo das trocas (MISES, 1998 [1949], p. 3).

<sup>9</sup> “Controvérsia de Cambridge” é como ficou conhecida a discussão do período 1950-1970 entre os economistas de Cambridge (principalmente Sraffa e Robinson) e os economistas do MIT (principalmente Samuelson e Solow) sobre a medição agregada do capital. O tema do debate foi a relevância de se considerar a massa de capital heterogêneo sob a mesma agregação nas funções de produção para as teorias neoclássicas de distribuição marginal do produto (COHEN e HARCOURT, 2003, p. 200).

que ficou denominado na literatura econômica de “*Austrian Revival*” (VAUGHN, 1994, p. 92-93). Logo, é possível situar os esforços iniciais de Kirzner em um contexto pré-“*Revival*”, algo entre o fim do debate econômico do cálculo sob o socialismo e o “*Revival*”, onde se verifica a gestação da ressurgência dessa corrente.

Pelo menos outros quatro acontecimentos marcaram a década de 1970 e contribuíram para o “*Revival*”. O primeiro pelos caminhos que o corpo predominante da Economia fornecia à década de 1970, com empirismo no cálculo das relações econômicas ou na abstração teórica sem adesão ao mundo real, rejeitados pelos que viriam a apreciar o Austrianismo (KIRZNER, 2018q [1996], p. 597-598). O segundo pela morte de Mises em 1973, que teve influência direta na renovação do interesse sobre as obras do autor (KIRZNER, 2018q [1996], p. 598). O terceiro foi a publicação do “*Competition and Entrepreneurship*” por Kirzner, atingindo indiretamente o pensamento Austríaco ao constituir uma nova versão para a teoria do processo de mercado, que viria a tornar-se nova agenda de pesquisa nessa corrente – a teoria da atividade empresarial (BOETTKE, 1995, p. 134; SALERNO, 2002, p. 117; BOETTKE e SAUTET, 2013, p. x; 2018a, p. x). O quarto em 1974 com o recebimento do Prêmio Nobel de Economia por Hayek, que ajudou a renovar a atenção dos economistas para o papel fundamental da teoria econômica (BOETTKE, 1995, p. 134).

Tais esforços não foram direcionados unicamente para o resgate do Austrianismo, mas também no sentido de contestação da teoria tradicional de sua época. Boettke e D’Amico (2010, p. 91) afirmam que no contexto das obras de Kirzner existiam várias escolas econômicas se opondo ao *mainstream*. Segundo Jakee e Spong (2003, p. 470), todo o ambiente profissional da Economia, quando do início da carreira de Kirzner, estava mudando, principalmente pelas discussões metodológicas em direção ao maior objetivismo positivista.

Para Boettke e Sautet (2011b, p. 37-38), o pano de fundo das ideias kirznerianas é composto pela mescla entre visões alternativas para a teoria dos preços fazendo frente à predominância da macroeconomia Keynesiana. Boettke e Sautet (2015, p. ix) também afirmam que na Economia da época preponderava uma percepção dos indivíduos econômicos como agentes autômatos. A teoria dos preços que predominava, para Rizzo (2014, p. 2), era uma microeconomia essencialmente estática, seja na versão marshalliana ou walrasiana. O próprio Kirzner (2013 [1973], p. xv) reconhece, no contexto da década de 1970, a existência de várias correntes debatendo a teoria dos preços naquela época.

Em resumo, Kirzner contribuiu com a ressurgência do Austrianismo enquanto escola de pensamento econômico durante o período pré-“*Revival*”. Nessa época seu engajamento pode ser visto na busca deliberada em levar as ideias misesianas para o restante da profissão

por meio da linguagem convencional por ela adotada, ainda que não matematizada. De sua entrada como estudante na NYU ao “*Austrian Revival*”, período aqui denominado pré-“*Revival*”, Kirzner ignorou o isolamento teórico das ideias Austríacas, aliou-se academicamente a Mises e publicou materiais desenvolvendo as ideias desse último. Assim, mais do que deixar a Escola Austríaca relegada a um período específico na HPE, as contribuições de Kirzner mantiveram-na viva.

O papel essencial de Kirzner no próprio “*Austrian Revival*” na década de 1970 já foi relatado por outros autores. Para Vaughn (1994, p. 103; 2000, p. 40), Kirzner é um dos precursores desse movimento pela participação ativa na conferência de *South Royalton*, considerada ponto de partida do “*Revival*”. Chamilall e Krecké (2002, p. 300) situam Kirzner como um dos principais responsáveis pelo renascimento do Austrianismo, e Douhan *et al.* (2007, p. 214-215) destacam o papel de liderança de Kirzner durante essa ressurgência. Rizzo (2002, p. 3) o aponta como o maior nome do “*Austrian Revival*”, e Rizzo (2014, p. 1) justifica que isso decorre da sua liderança e esforço acadêmico no movimento.

Para Barbieri (2008, p. 223), Kirzner “foi o economista mais importante no ressurgimento da EA nos EUA”. Ainda para Barbieri (2001, p. 11; 2008, p. 216-217), após esse período pode-se falar em uma Escola Austríaca Moderna, também em parte pelos esforços de Kirzner como seguidor e continuador dessa tradição do pensamento econômico.

Porém, entendendo esse movimento de forma mais larga, não confinada apenas à recuperação da escola, mas envolvendo também sua sobrevivência e ampliação, é importante notar outras contribuições kirznerianas em um período algo pós-“*Revival*”, posterior a década de 1970.<sup>10</sup> De acordo com Rizzo (2002, p. 3), Kirzner foi, junto com Lachmann, responsável pela criação do maior programa em Economia Austríaca na NYU. De fato, Boettke (1995, p. 134-135) nota que Kirzner conseguiu suporte junto à NYU para os acadêmicos interessados na EA, promovendo “the first institutional home for Austrian School scholarship since the 1930s”. Isso é corroborado por Boettke e Sautet (2009, p. xi), que apontam Kirzner como o responsável pela criação de um programa de pós-graduação em Economia Austríaca na NYU, que os autores consideram ter ajudado na derrocada do Keynesianismo.

Da mesma forma, outras questões emergem da análise do conjunto das obras de Kirzner e merecem destaque, realçando a postura de engajamento profissional do autor. Apesar de ter contribuído com uma gama de campos do conhecimento própria dos

---

<sup>10</sup> Período que representa uma EA consolidada após o “*Revival*”, a partir do qual alguns autores lhe imputam o termo “Moderna” como referência (e.g. VAUGHN, 1994; p. 162; BARBIERI, 2001, p. 11; 2008, p. 216-217).

economistas, é razoável afirmar que a principal agenda de pesquisa de Kirzner seja a teoria da atividade empresarial (BOETTKE e RIZZO, 1995, p. xiv; KOPPL, 2002, p. 11; RIZZO, 2002, p. 4; BOETTKE e SAUTET, 2011b, p. 38). Ela havia aparecido explicitamente em 1967, mas acabou consolidada em seu principal livro, publicado em 1973 (JAKEE e SPONG, 2003, p. 463; BOETTKE e SAUTET, 2013, p. ix; 2015, p. xi; 2018b, p. xii).

Em suma, a proposição teórica de Kirzner trata da função empresarial no processo de mercado. Para o autor, essa figura está ausente na maior parte da HPE, que só teria considerado seu papel em condições contextuais específicas do mercado, ou com equívocos no entendimento sobre seu papel no sistema econômico. Em especial, essa figura está excluída na teoria econômica do *mainstream* (BOETTKE e RIZZO, 1995, p. xiii-xiv). Partindo disso, Kirzner propõe mostrar a relevância do papel empresarial, destacando sua função com relação à dos consumidores e proprietários de recursos, evidenciando como todos os agentes econômicos só interagem por meio da atividade empresarial, a propensão humana aos ganhos. Desta realização emergem as limitações da teoria econômica tradicional para o mercado e o sistema de preços a partir do uso equivocado dos conceitos de competição e equilíbrio (KIRZNER, 2015d [1967]; 1997c; 2013 [1973]). Kirzner está chamando a atenção para o papel essencialmente especulativo e subjetivo da tomada de decisão dos agentes econômicos.

As obras de Kirzner posteriores ao livro de 1973 continuaram tratando de temas Austríacos, seja defendendo sua teoria da atividade empresarial, aplicando-a a diferentes temas, ou revisando outros assuntos sob a ótica do Austrianismo. Como nota Garrison (2002, p. 343), a carreira de Kirzner é marcada pela explicação e desenvolvimento das ideias de Mises. Segundo Koppl (2002, p. 19), o próprio Kirzner insiste que “[i]t’s all in Mises”.

De fato, as publicações kirznerianas de livros iniciam com uma obra defendendo a abordagem misesiana (KIRZNER, 2009 [1960]), e encerram com outra sobre a vida e as ideias de Mises (KIRZNER, 2001c). De acordo com a última publicação acadêmica encontrada sobre os trabalhos de Kirzner, Boettke *et al.* (2019), até 2019 ele é tomado como autor de pelo menos 18 livros, entre escritos e editados, 144 textos entre artigos e capítulos de livros, e 37 revisões de livros. Verifica-se que a grande maioria destes materiais é voltada ao Austrianismo. Mesmo quando da revisão de livros ou comentários a artigos cujo cerne da proposição esteve alicerçado em bases teóricas diferentes das da EA, é possível verificar a postura kirzneriana de discutir o tema em questão à luz do Austrianismo.

Diante do reposicionamento da EA no ambiente acadêmico surgiram algumas correntes na própria escola que tomaram caminhos teóricos distintos a partir da influência de

alguns personagens centrais nesta época (BARBIERI, 2001, p. 46-49; GIANTURCO, 2014, p. 29).<sup>11</sup> Kirzner foi reconhecido como patrono de uma delas por ter seu discurso mais alinhado ao *mainstream* (VAUGHN, 1992, p. 260; 1994, p. 5). Em especial, sua proposição é a de um Austrianismo que contemple conjuntamente as ideias de Mises e Hayek (ROBINSON, 1997, p. 6; BARBIERI, 2001, p. 81; 2008, p. 223; HORWITZ, 2010, p. 98; BOETTKE e SAUTET, 2013, p. x-xi; GIANTURCO, 2014, p. 20).

Dessa forma, é possível verificar que os esforços acadêmicos de Kirzner vão no sentido de divulgar as ideias Austríacas para o restante da profissão e, ao mesmo tempo, conciliar junto ao público Austríaco as ideias da teoria econômica tradicional com base nos trabalhos do par Mises-Hayek (CALDWELL, 1983, p. 1235; VAUGHN, 1992, p. 253; 1994, p. 101-102; JAKEE e SPONG, 2003, p. 476-477; ROSNER, 2003, p. 192; KORSGAARD *et al.*, 2016, p. 868). Isso mostra que, conquanto a importância do autor para a EA, sua relevância e influência também objetivaram maior aceitação no *mainstream* da Economia. Para Douhan *et al.* (2007, p. 214), “Kirzner’s greatest contribution, namely to bridge the gap between Austrian and neoclassical thinking”.

Outros dois episódios servem de ilustração para essa percepção acerca de Kirzner: (i) o “debate Becker-Kirzner” na década de 1960, em que Kirzner e Becker discutiram o conceito de racionalidade (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xvii); (ii) e a proposta de Makowski e Ostroy (2001) de reformular a teoria da competição perfeita valendo-se de críticas à teoria convencional, destacando, entre elas, as ideias kirznerianas sobre a atividade empresarial.

Com relação à crítica à teoria da concorrência, Blaug (1997, p. 594-595) cita Kirzner como um dos mantenedores da visão Austríaca da competição como processo ativo de descoberta e disseminação do conhecimento, em lugar de um estado final de coisas. Para Douhan *et al.* (2007, p. 214 e 222), embora tenha ficado no lado Austríaco, Kirzner contribuiu indiretamente para o desenvolvimento do *mainstream* porque, conquanto a teoria Neoclássica não tenha adotado o empresário kirzneriano, sua apresentação em linguagem comum à

---

<sup>11</sup> Kirzner dividiu o protagonismo do “*Austrian Revival*” com mais outros dois personagens, Ludwig Lachmann e Murray Rothbard. Angeli (2018, p. 693-694) descreve que Kirzner entendia a abordagem Austríaca de Rothbard como interdependente da defesa do libertarianismo, saindo das discussões puramente econômicas para misturá-las aos julgamentos de valor. No pensamento kirzneriano, embora tais desenvolvimentos possam atrair novos interessados em Economia Austríaca, esta deveria estar voltada às relações de causa e efeito na Economia. De acordo com Gianturco (2014, p. 29), o distanciamento entre Kirzner e Rothbard se dá pela ideia, defendida por Kirzner, de que é possível a atividade empresarial ocorrer sem qualquer dotação inicial de recursos. Para Boettke e Sautet (2013, p. xii), a necessidade de recursos próprios ao empresário se tornou um debate entre os seguidores da EA. Já para Barbieri (2001, p. 46-49), Kirzner distanciou-se de Rothbard por ter aceitado o problema do conhecimento proposto por Hayek, e de Lachmann por não ter avançado, como este último, em direção a um subjetivismo mais radical.

abordagem tradicional evidenciou algumas falhas nessa teoria que inspiraram pesquisas nessa temática.

Embora Kirzner tenha visto sua contribuição tocar o *mainstream* da profissão, ao, por exemplo, debater com Becker na década de 1960 (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xvii), não foi capaz de convencer seus pares sobre as limitações que apontou nessa abordagem (BOETTKE e SAUTET, 2013, p. ix-x). Em especial, é possível destacar a negligência quanto ao descontentamento kirzneriano com os agentes tomadores de preço e a competição como um estado de coisas. No lugar, Kirzner propôs que todos os indivíduos são empresários, realizando uma função empresarial, porque não atuam em uma economia equilibrada, mas em um processo de mercado onde a competição dinâmica gera sistematicamente oportunidades de lucro puro. Dessa forma, pode-se argumentar, o reconhecimento dado a Kirzner no *mainstream* ficou confinado ao mérito do autor em ter reformulado, em linguajar comum à profissão, as críticas Austríacas acerca de pontos frágeis na teoria econômica tradicional, constituindo desafio para o *mainstream* sustentar sua posição acerca das questões destacadas.

Apesar disso, as ideias de Kirzner foram, em alguma medida, absorvidas em trabalhos nas mais diversas ciências de negócios além da Economia. Uma explicação para a influência kirzneriana nessa temática pode ter sido o descobrimento dos seus trabalhos por pesquisadores interessados em discussões teóricas sobre o empreendedorismo na década de 1980, como apontado por Boettke e Sautet (2009, p. xi). Para Korsgaard *et al.* (2016, p. 871-872), a influência kirzneriana nessa temática é justificada pela ênfase de Kirzner em aspectos subjetivos da atividade empresarial, explorando o caráter imaginativo da especulação do empresário.

A ênfase nos aspectos subjetivos acerca da atividade empresarial parece ter tido início, na obra de Kirzner, na década de 1980, período que é marcado pelo direcionamento das publicações do autor aos seus críticos de dentro da EA. De fato, como nota Caldwell (1984, p. 1234-1235), há uma tentativa kirzneriana de aproximar as ideias de arbitragem, que ocorre em uma situação conhecida, com a especulação destinada a um futuro incerto. Uma iniciativa que seria diferente da proposta até então defendida por Kirzner ao longo das obras publicadas em 1970, quando apresentou a função empresarial em termos de arbitragem de preços conhecidos.

Para Caldwell (1984, p. 1235), isso decorre da busca kirzneriana por reconciliação entre sua abordagem e as ideias do Subjetivismo Radical (SR).<sup>12</sup> Korsgaard *et al.* (2016, p. 872) também percebem essa mudança na lógica argumentativa da explicação de Kirzner, e ilustram-na por meio de textos específicos do autor que seriam dirigidos a diferentes auditórios, os Neoclássicos e os Austríacos. Jakee e Spong (2003, p. 476-477) afirmam que essa distinção nas obras de Kirzner entre as décadas de 1970 e 1980 é uma questão de ênfase, em que a mesma proposta, a da atividade empresarial, utilizaria diferentes bases, entre foco na incerteza ou no equilíbrio, justamente para manter o diálogo aberto com ambas as abordagens.

Verifica-se que foram essas discussões sobre subjetivismo que tomaram conta do pensamento econômico de Kirzner até sua aposentadoria como docente em 2000. Seu livro de 1992, *“The Meaning of Market Process: essays in the development of Modern Austrian Economics”*, reuniu artigos publicados anteriormente na tentativa de caracterizar o significado do processo de mercado no Austrianismo a partir de ideias misesianas e hayekianas (KIRZNER, 1992i). Já o livro *“The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics”*, publicado no ano em que se afastou das salas de aula, também foi uma coletânea de textos já publicados, e sua divisão em temas distintos sugere uma tentativa de definir temas para a agenda de pesquisa futura na EA (KIRZNER, 2000g). Ambos os materiais compartilham uma posição intermediária entre o Neoclassicismo e o Austrianismo, permitindo a identificação de uma abordagem kirzneriana pautada no par Mises-Hayek. Uma versão teórica que utiliza a estrutura da economia tradicional a partir de uma compreensão subjetiva dos fenômenos econômicos pautada na tomada de decisão individual.

Essas considerações realçam a proposta de Korsgaard *et al.* (2016, p. 871-872), sobre a motivação de resgate das ideias kirznerianas fora do ambiente em que foram desenvolvidas, a teoria econômica, em razão do maior grau de subjetivismo expressado por Kirzner em determinadas obras. Reforço do alcance das ideias kirznerianas na área dos negócios foi a premiação de Kirzner com o recebimento do *“Global Award for Entrepreneurship Research”* em 2006.<sup>13</sup> Conquanto tenha melhor aceitação fora do *mainstream*, nem por isso Kirzner deixou de ter papel relevante na Economia. Outra premiação por seus trabalhos foi o reconhecimento de sua contribuição para a história da Economia, sendo nomeado

---

<sup>12</sup> Como se vê em Vaughn (1994, p. 114 e 134) e Barbieri (2001, p. 12 e 59; 2008, p. 220 e 228), o Subjetivismo Radical é um movimento na Economia que enfatiza a incerteza no ambiente econômico e o caráter criativo das decisões humanas. Neste sentido, essa proposta defende maior subjetividade na interpretação dos fenômenos econômicos, chegando a sugerir o abandono da noção de equilíbrio para a economia.

<sup>13</sup> Fonte: <https://www.e-award.org/wp-content/uploads/Israel-M-Kirzner-Biography.pdf> (Acesso em 14.08.2018).

“*Distinguished Fellow*” no ano de 2018 pela *History of Economics Society*.<sup>14</sup> Kirzner também teve seu nome colocado junto ao de William Baumol em 2014 na predição dos ganhadores do prêmio Nobel de Economia daquele ano pelas contribuições para a teoria do papel empresarial, mas isso não se concretizou.<sup>15</sup>

Kirzner contribuiu ativamente para o desenvolvimento do Austriano, tanto antes como depois do “*Austrian Revival*”. No último período, em particular, seu engajamento pode ser visto na busca deliberada em conjugar as ideias de Mises e Hayek como complementares, defendendo a visão Austríaca frente ao *mainstream* ao mesmo tempo que defendeu ideias da Economia tradicional para uma parcela da EA. Do “*Revival*” aos dias de hoje, período aqui denominado pós-“*Revival*”, Kirzner aprofundou-se nos debates com economistas das mais diversas correntes, bem como com seguidores de outras linhas do Austriano.

Algumas atitudes observadas na trajetória acadêmica de Kirzner impactaram simultaneamente os Austríacos e o restante da profissão, em ações que revelam o engajamento profissional do autor. Exemplo disso é a publicação do livro “*Competition and Entrepreneurship*” em 1973, que afetou ambos os grupos, seguidores ou não do Austriano. Para os Austríacos, esse livro trouxe a consolidação das ideias anteriores de Kirzner, resumindo a influência que tiveram Mises e Hayek sobre ele, dando nova visão acerca do processo de mercado. Para o restante da profissão a abordagem kirzneriana da atividade empresarial ajudou a evidenciar a negligência dos economistas com relação ao papel do empresário na teoria econômica. Com isso, contribuiu com o retorno da preocupação com relação à ênfase no estado de equilíbrio que resulta na exclusão de fatores econômicos importantes como: a ação humana, o subjetivismo, e a noção de concorrência ativa.

Kirzner foi fundamental para a Escola Austríaca por seu papel na recuperação e consolidação desta corrente do pensamento econômico, em razão do seu destaque no período que engloba o “*Austrian Revival*”, cunhado aqui do pré ao pós-“*Revival*”. Como visto, isso é devido a vários motivos, e que leva ao seguinte problema de pesquisa que norteia essa tese de doutorado: qual foi a contribuição de Israel Kirzner para a recuperação da EA? Esse problema

---

<sup>14</sup> Fonte: [https://historyofeconomics.org/wp-content/uploads/2018/06/Kirzner\\_Distinguished-Fellow-1.pdf](https://historyofeconomics.org/wp-content/uploads/2018/06/Kirzner_Distinguished-Fellow-1.pdf) (Acesso em 21.10.2018).

<sup>15</sup> Fonte: [https://www.washingtonpost.com/news/volokh-conspiracy/wp/2014/09/29/israel-kirzner-for-the-nobel-prize-in-economics/?utm\\_term=.c5b254aa7aa1](https://www.washingtonpost.com/news/volokh-conspiracy/wp/2014/09/29/israel-kirzner-for-the-nobel-prize-in-economics/?utm_term=.c5b254aa7aa1) (Acesso em 02.10.2018). Essa previsão foi realizada pela *Thomson Reuters*, que foi adquirida pela *Clarivate Analytics*, conforme informação disponível em: <https://www.prnewswire.com/news-releases/acquisition-of-the-thomson-reuters-intellectual-property-and-science-business-by-onex-and-baring-asia-completed-300337402.html>. (Acesso em 17.10.2018). A *Clarivate Analytics* mantém a lista anterior dos indicados ao Prêmio Nobel, mas sem referenciar o ano, o que está disponível em: <https://clarivate.com/hall-of-citation-laureates-2018/> (Acesso em 17.10.2018).

se justifica na medida em que vários autores destacaram o papel de Kirzner para o movimento do “*Austrian Revival*” na década de 1970, mas não se tem uma compreensão mais profunda acerca de sua participação. Adicionalmente, justifica-se a escolha do tema na medida em que, apesar de Kirzner ser um autor central para a EA e a própria Economia, o desenvolvimento de seu pensamento econômico e influência permanecem sendo pouco explorados em trabalhos que tratem da história do seu pensamento econômico.<sup>16</sup>

Pode-se argumentar que o pensamento econômico kirzneriano teve importância na medida em que Kirzner mostrou-se um profissional engajado na profissão, por não ter ficado confinado à EA, mas, antes, procurado ativamente dialogar com seus pares na Economia. Essa é a hipótese que norteia a presente tese, fundamentada na defesa kirzneriana do engajamento profissional (KIRZNER, 1989b, p. 235), postura não unânime entre os Austríacos (ANGELI, 2018, p. 692-695), bem como na preocupação de Kirzner em ter suas conclusões aceitas pela robustez científica no lugar da simples persuasão (KIRZNER, 1997d, p. 152-153).

O objetivo geral da presente tese é mostrar o pensamento econômico de Kirzner a partir do engajamento profissional com o restante da Economia. Seis objetivos específicos são derivados daí: (i) mostrar a trajetória da teoria da atividade empresarial nas obras de Kirzner até sua consolidação em 1973; (ii) discutir se há contribuição original de Kirzner para sua versão da teoria do processo de mercado; (iii) ilustrar como Kirzner utiliza um método comparativo entre teorias para defender ideias Austríacas; (iv) apresentar novos aspectos do pensamento econômico de Kirzner a partir de seus textos menos conhecidos; (v) definir os principais grupos a que Kirzner se referiu, e entender como sua teoria da atividade empresarial lhe permite responder a ambos por meio de uma diferenciação teórica; (vi) ilustrar como Kirzner situou retoricamente sua contribuição em contextos específicos.

Propõe-se que esta pesquisa seja dividida em três ensaios independentes, interligados por seu objeto comum, o pensamento econômico engajado de Kirzner.<sup>17</sup> Cada ensaio trará um problema de pesquisa original, com diferentes objetivos e as devidas justificativas, mas sempre ligados ao problema geral da tese, subsidiando a hipótese admitida.

Além deste capítulo introdutório, o restante da tese está assim dividido: o segundo capítulo traz o primeiro ensaio, que mostra a trajetória da teoria da atividade empresarial nas obras de Kirzner, de 1960 a 1973, para discutir, à luz das teorias que lhe serviram de

---

<sup>16</sup> Com apenas os trabalhos de Jakee e Spong (2003), Douhan *et al.* (2007), Gianturco (2014) e Korsgard *et al.* (2016) tratando especificamente desse assunto.

<sup>17</sup> Explicita-se o foco no pensamento econômico do autor porque Kirzner também é reconhecido como teólogo por suas atividades como Rabino e estudante do Talmude (BUTLER, 2010, p. 125).

inspiração, qual a originalidade de sua contribuição para o tema. O terceiro capítulo é destinado ao segundo ensaio, ilustrando um método específico empregado por Kirzner em parte de suas obras, uma abordagem que oferece nova perspectiva sobre seu pensamento econômico, principalmente em seus textos menos conhecidos. O quarto capítulo apresenta o terceiro ensaio, discutindo as ferramentas retóricas de Kirzner para auditórios distintos e em diferentes debates dos quais buscou participar. O quinto capítulo traz as conclusões da tese.

## 2 PRIMEIRO ENSAIO – A TEORIA DA ATIVIDADE EMPRESARIAL E O ENGAJAMENTO PROFISSIONAL DE ISRAEL KIRZNER

### RESUMO

Este ensaio investiga qual a originalidade na contribuição de Israel Kirzner para a teoria da atividade empresarial apresentada por ele. Essa indagação resulta das considerações do autor, que afirma ter apenas desenvolvido ideias presentes nos trabalhos de Mises e Hayek, enquanto parte da literatura reconhece a existência de contribuições exclusivamente kirznerianas. A pesquisa inicia com a análise da teoria da ação empresarial de Kirzner para identificar seus elementos centrais. Partindo disso, esses elementos são analisados nas teses que inspiraram o autor durante a defesa da ação empresarial, a teoria dos preços tradicional e as obras de Mises e Hayek. Esses elementos também são identificados nos trabalhos anteriores de Kirzner, tanto nos antecessores ao seu primeiro artigo defendendo a função empresarial (1960 – 1967), quanto nos posteriores que antecederam o livro que consolidou sua teoria (1967 – 1973). Por fim, é discutida a originalidade da contribuição kirzneriana, constatando que Kirzner é pioneiro em conjugar as ideias de Mises e Hayek sob o arcabouço da teoria Neoclássica dos preços, principalmente para um público não-Austríaco. Justifica-se que esse seja um resultado do engajamento profissional de Kirzner.

**Palavras-chave:** Israel Kirzner. Escola Austríaca. Atividade empresarial. Pensamento econômico. Engajamento profissional.

### ABSTRACT

This essay investigates the originality in Israel Kirzner's contribution to the entrepreneurship theory, presented by him. This inquiry comes from the author's claims that he only had developed ideas present in Mises and Hayek's works, while part of the literature recognizes the existence of exclusively Kirznerian contributions. The research begins with the analysis of Kirzner's theory of entrepreneurship to identify its central elements. From this, these elements are analyzed in the theses that inspired the author during his endorsement of the entrepreneurial action, the traditional price theory and the works of Mises and Hayek. These elements are also identified in Kirzner's earlier works, both in the predecessors to his first article defending the entrepreneurial function (1960 - 1967), and in the later ones that preceded the book in which he consolidated his theory (1967-1973). Finally, the originality of the Kirznerian contribution is discussed, stating that Kirzner is pioneer in combining the ideas of Mises and Hayek under the framework of Neoclassical price theory, mainly for a non-Austrian public. It is justified that this is an attainment of Kirzner's professional engagement.

**Keywords:** Israel Kirzner. Austrian School. Entrepreneurship. Economic thought. Professional engagement.

### 2.1 INTRODUÇÃO

Israel Kirzner é reconhecido como um dos principais nomes no movimento que ficou conhecido como “*Austrian Revival*”, o ressurgimento do Austrianismo a partir da década de 1970 após sua queda de prestígio em meados do século XX (VAUGHN, 1994, p. 92-93; CHAMILALL e KRECKÉ, 2002, p. 300; GIANTURCO, 2014, p. 20). O autor é considerado um dos líderes desse movimento, ajudando a retomar a importância do Austrianismo para a Economia, por: trazer nova atenção à teoria Austríaca do processo de mercado com a

publicação do “*Competition and Entrepreneurship*” em 1973; ter conseguido apoio institucional na NYU para os estudantes interessados na EA (BOETTKE, 1995, p. 134; BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xi); realizar um esforço intelectual e acadêmico no desenvolvimento das ideias Austríacas (RIZZO, 2002, p. 3; 2014, p. 1).

De acordo com Barbieri (2001, p. 35; 2008, p. 216-217), os esforços de Kirzner ajudaram a consolidar e avançar a agenda de pesquisa da EA de Economia na época. Esta afirmação pode ser justificada, principalmente, pelo fato de Kirzner ter proposto uma teoria da atividade empresarial para explicar o processo de mercado, colocando um novo programa de pesquisa na tradição Austríaca. Tal agenda viria a ser consolidada na publicação do livro “*Competition and Entrepreneurship*” (SALERNO, 2002, p. 117; BOETTKE e SAUTET, 2013, p. x; 2015, p. xi; 2018a, p. x). Um resultado não intencional, já que Kirzner considera ter buscado no livro apenas apresentar as ideias de Mises e Hayek para o restante da profissão (BOEHM, 1992, p. 95).

Para Boettke e Sautet (2013, p. ix), o período que antecede a publicação do “*Competition and Entrepreneurship*” foi um momento crucial para a teoria econômica, marcado pelo estudo dos agregados macroeconômicos. Kirzner, entretanto, estava imerso na microeconomia, com a teoria do capital e o processo de mercado. “Na verdade, Kirzner não se ocupava de economia em sentido estrito. Nunca lhe interessaram as principais questões geralmente tratadas pela literatura econômica *mainstream* do pós-guerra, como a inflação, o emprego, a quantificação do nível eficiente de impostos etc.” (GIANTURCO, 2014, p. 122). E isso reforçava seu isolamento porque, ao iniciar seu doutorado em 1954, a perspectiva era de que não havia uma EA, apenas existiam Mises e Hayek (KIRZNER, 1997e, p. 1).

Mas Kirzner não estava só em seu interesse por questões microeconômicas. Economistas importantes como Buchanan, Coase e Friedman persistiram estudando com base na racionalidade e no individualismo metodológico. Justamente os autores que contribuíram para a retomada da teoria dos preços (BOETTKE e SAUTET, 2013, p. ix). Só que essa visão teórica foi desenvolvida ignorando o papel do empresário e sua função no sistema econômico (BOETTKE e RIZZO, 1995, p. xiii), bem como considerou o estudo de uma teoria microeconomia essencialmente estática (RIZZO, 2014, p. 2).

Jakee e Spong (2003, p. 470) enfatizam que esse contexto, em que Kirzner inicia sua carreira, é marcado por mudanças metodológicas no ambiente profissional dos economistas, o que seria evidenciado por quatro movimentos da época: (i) ênfase na existência de um caráter científico para a Economia; (ii) forte movimento positivista; (iii) busca por separar a

Economia de outras áreas, como a sociologia e a psicologia; (iv) discussão sobre a validade da Economia normativa.

“Readers must understand the nature of the debates over market theory and the price system that Kirzner was engaged within in order to understand the reasons behind his methods and theoretical insights they provide. Kirzner’s research project aimed to fill theoretical gaps within the neoclassical research project [...]” (BOETTKE e D’AMICO, 2010, p. 88)

Conquanto a importância de Kirzner para a Escola Austríaca e seu direcionamento inicial para a discussão da teoria Neoclássica, a teoria kirzneriana da atividade empresarial não ficou confinada apenas a esses auditórios. Sua relevância foi reconhecida por pesquisas diversas para além da teoria econômica.<sup>18</sup> Para Boettke e Sautet (2009, p. xi), parte desse reconhecimento pode ser atribuído ao interesse em trabalhos teóricos sobre empreendedorismo na década de 1980. De acordo com Korsgaard *et al.* (2016, p. 871-872), o uso de Kirzner em outros campos é devido à exploração que este autor fez das características especulativas da ação empresarial.

Embora alguns trabalhos baseados no arcabouço *mainstream* reconheçam a validade das críticas kirznerianas à teoria econômica tradicional, para Boettke e Sautet (2013, p. ix-x) Kirzner não foi capaz de influenciar o corpo principal da profissão.<sup>19</sup> O motivo seria a recusa dos economistas à época, formados sob o arcabouço da teoria tradicional, em aderirem a trabalhos sem formalização matemática (BOETTKE e SAUTET, 2013, p. ix-x). Entretanto, as críticas kirznerianas serviram de evidência para algumas falhas na teoria tradicional, inspirando pesquisas nessa vertente (DOUHAN *et al.*, 2007, p. 222).

Em síntese, a teoria da atividade empresarial colocada por Kirzner se destaca pela introdução de uma função inerentemente especulativa nas decisões individuais no mercado. Essa função é responsável por identificar e explorar diferenciais de preços para um mesmo produto, permitindo um lucro puro para quem a realiza, promovendo maior coordenação econômica. Kirzner conceituou pela primeira vez essa característica da ação humana em seu artigo de 1967, “*Methodological Individualism, Market Equilibrium, and Market Process*”. As ideias desse texto seriam desenvolvidas pelo autor para constituírem uma teoria do processo de mercado em que a função empresarial assume papel central, resultando no livro

---

<sup>18</sup> Como se vê em: Yu (1999), Johannessen *et al.* (2001), Shoham *et al.* (2006), Yu e Kwan (2011), Sundqvist *et al.* (2012), Dahlqvist e Wiklund (2012), Ishii *et al.* (2014) e Cachanosky (2017).

<sup>19</sup> Em um dos poucos trabalhos neste sentido, Makowsky e Ostroy (2001) propõem uma reformulação da teoria da competição perfeita com base em algumas propostas teóricas, entre elas a de arbitragem de preços de Kirzner.

“*Competition and Entrepreneurship*” de 1973 (JAKEE e SPONG, 2003, p. 453; BOETTKE e SAUTET, 2013, p. ix; 2015, p. xi; 2018b, p. xii).

No prefácio desse livro, Kirzner (2013 [1973], p. xv) afirma lhe ser contemporânea a retomada de interesse acadêmico sobre a microeconomia. Porém, tais discussões estariam viciadas pela centralização na teoria dos preços tradicional que admite o sistema econômico em equilíbrio, ignorando a ideia do mercado como processo. Nas críticas à teoria convencional, portanto, permanecera a ênfase na situação de um mercado já coordenado, mantendo negligenciada a posição da EA. Justamente aquela que, para Kirzner, não cairia nos erros apontados entre as diversas abordagens discutidas.

Na defesa da função empresarial, Kirzner faz um contraste entre sua proposição e a microeconomia tradicional, esta última caracterizada pela necessidade de analisar a economia em equilíbrio (KIRZNER, 2013 [1973], p. ix). Suas críticas são direcionadas, principalmente: (i) ao agente admitido pela teoria convencional que teria resultado da definição da Economia feita por Lionel Robbins (KIRZNER, 2013 [1973], p. 25-26); (ii) à ideia de analisar a economia como se suas condições correspondessem ao equilíbrio, em razão das hipóteses admitidas, destacando-se a de conhecimento perfeito (KIRZNER, 2013 [1973], p. 30); (iii) ao conceito de competição assumido, entendendo-o a partir do resultado final da concorrência, o estado de equilíbrio, onde não haveria mais incentivos à rivalidade entre competidores (KIRZNER, 2013 [1973], p. 70).

Esses pontos se revestem de importância para a presente pesquisa porque aparecem em obras de Kirzner que precedem sua primeira defesa da função empresarial em 1967. Em seu primeiro livro, baseado em sua tese de doutorado orientada por Mises, Kirzner criticou a limitação de se admitir como objeto de investigação na economia o comportamento humano com base em meios escassos e fins alternativos (KIRZNER, 2009 [1960], p. 114). No seu segundo livro surgiram o empresário, a noção de competição como processo e a ideia de ajuste do mercado por meio da revisão dos planos dos agentes (KIRZNER, 2011a [1963], p. 18, 3 e 31). O processo de ajuste de planos como promotor das mudanças no mercado volta a aparecer no seu terceiro livro, junto à discussão da participação dos agentes no mercado como sua forma de aprendizado (KIRZNER, 2010a [1966], p. 17).

É possível identificar diversos trabalhos que precedem a teoria kirzneriana da ação empresarial que são apontados diretamente por Kirzner, como os de Mises, “*Human Action*” (1998 [1949]) e “*Profit and Loss*” (2008 [1951]), e o de Hayek, “*Individualism and Economic Order*” (1948b). Além desses, tem-se a antecipação de elementos centrais da teoria da ação empresarial nos três primeiros livros escritos por Kirzner, como apontado por Boettke e

Sautet (2010, p. x), embora tais materiais também tenham sido influenciados pelos trabalhos de Mises e Hayek. Adicionalmente, pode-se especular sobre trabalhos escritos por Kirzner que tenham ajudado no desenvolvimento de seu pensamento econômico acerca da ação empresarial. Especialmente entre seu primeiro livro de 1960 e a proposição da função empresarial em 1967, e entre esta e a consolidação da teoria da ação empresarial em 1973.

Logo, os trabalhos de Kirzner podem ser divididos entre os publicados antes e depois da sua primeira proposição de uma função empresarial em 1967. Segundo Jakee e Spong (2003, p. 464), os primeiros livros de Kirzner não fazem referência explícita à função empresarial. Para Boettke e Sautet (2013, p. ix), durante a década de 1960 o trabalho de Kirzner estava voltado a assuntos microeconômicos, como a teoria do capital e do processo de mercado, como em seus primeiros livros.

“If *Market Theory and the Price System* examines how relative prices adjust to changing circumstances to guide production and consumption decisions so that the coordination of economic activity results, then *An essay on Capital* focuses on the concept of the “plan”: the multiperiod production plans that actors initiate, revise in the wake of new knowledge, and sometimes leave unfinished. It is this notion of the “plan” that opens up the intellectual space for Kirzner’s **later work on entrepreneurship and his more mature understanding of the entrepreneurial market process.**” (BOETTKE e SAUTET, 2010, p. x, itálico original, ênfase adicionada)

Apesar da importância atribuída pela literatura econômica à teoria da atividade empresarial apresentada por Kirzner, bem como a existência de elementos dessa teoria em suas obras anteriores, o autor não admite que a originalidade dessa contribuição seja sua. Antes, aponta essa proposição como um desenvolvimento das ideias de Mises e Hayek acerca do processo de mercado (KIRZNER, 2015d [1967], p. 176; 2015c [1986], p. 40-42; 2015k [1995], p. 54; 1997c, p. 19 e 50). Como reconhecem Boettke e Sautet (2013, p. x): “Kirzner himself did not claim to provide anything new, but simply to elaborate on the works of Ludwig von Mises and Friedrich Hayek”.<sup>20</sup>

Porém, para Boettke e Sautet (2013, p. x) o “*Competition and Entrepreneurship*” faz mais do que desenvolver as ideias de autores que inspiraram Kirzner. Nessa leitura, a contribuição da obra consiste no fato de o autor ter “opened the door of the modern theory of

---

<sup>20</sup> Contudo, isso é feito principalmente em trabalhos posteriores ao “*Competition and Entrepreneurship*”. Porque, conquanto o artigo que originou o livro reconheça a contribuição conjunta do par Mises-Hayek (KIRZNER, 2015d [1967], p. 176), no livro de 1973 Kirzner credita suas contribuições principalmente ao desenvolvimento de ideias misesianas (KIRZNER, 2013 [1973], p. 68), referenciando Hayek poucas vezes. Kirzner chega a apontar sua obra como desenvolvimento das ideias de Mises, sem referir-se a Hayek (KIRZNER, 2012, p. 9).

market process by going beyond Mises's and Hayek's respective views. Kirzner's goal was to reconstruct market theory" (BOETTKE e SAUTET, 2013, p. xi).<sup>21</sup> Segundo Rizzo (2014, p. 2), Kirzner dá sentido ao conjunto disperso de ideias misesianas, e, de acordo com Garrison (2002, p. 343), tem tanto crédito quanto Mises pela teoria da atividade empresarial. Ainda mais, para Boettke e Sautet (2018a, p. xi), a teoria da ação empresarial kirzneriana, ao resultar no entendimento do mercado como processo, resgata o componente humano para a análise econômica que fica ignorado na perspectiva tradicional centrada no equilíbrio.

Segundo Koppl (2002, p. 20), existem evidências tanto em favor quanto em contrário à ideia de que a teoria da atividade empresarial esteja toda na obra misesiana. Com isso, se destacam duas interpretações possíveis para o papel de Kirzner na teoria da atividade empresarial. A primeira é a de que ele apenas desenvolve os *insights* encontrados nas obras de Mises, ou de Mises e Hayek, tal como o próprio Kirzner defende. A segunda é de que ele fez contribuições originais, como argumentam outros autores. Desta forma, o entendimento aqui proposto é de que a originalidade se refere a algo inédito, que não encontra contrapartida nas obras que Kirzner recorrentemente identifica como suas fontes.

Alguns autores buscaram discutir características ou implicações teóricas para a tese kirzneriana da função empresarial.<sup>22</sup> Porém, nenhum destes trabalhos procurou analisar qual é o valor adicionado por Kirzner à teoria da atividade empresarial apresentada por ele. Os autores que chegaram mais próximo disso foram Douhan *et al.* (2007), analisando brevemente o legado Austríaco na teoria de Kirzner. Porém, isso é feito de maneira complementar ao objetivo central daquele artigo, qual seja, analisar as relações teóricas entre a abordagem kirzneriana e a da Economia Neoclássica (DOUHAN *et al.*, 2007, p. 214). Logo, não há naquele trabalho a preocupação em destacar qual é a contribuição essencialmente kirzneriana.

A conclusão de Douthan *et al.* (2007), porém, serve de guia para a presente pesquisa, a saber, que a principal contribuição de Kirzner seja a de tornar acessível a teoria da atividade empresarial para um auditório mais amplo (DOUHAN *et al.*, 2007, p. 221-222). Tal hipótese encontra fundamento na percepção da postura de engajamento profissional de Kirzner,

---

<sup>21</sup> Em outra passagem: "Kirzner's theory presents a truly endogenous approach to economic change, providing an explanation for the generation of knowledge and its link to innovation in markets." (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xii)

<sup>22</sup> Como se vê em Buttos e Boettke (2002), Chamilall e Krecké (2002), Garelo (2002), Lewin (2002), Koppl (2002), Holcombe (2003), Jakee e Spong (2003), Douhan *et al.* (2007), Foss e Klein (2010), Klein e Briggeman (2010), Boettke e D'Amico (2010), Callahan (2010), Horwitz (2010), Shockley e Frank (2011), McCaffrey (2014) e Korsgaard *et al.* (2016).

posição defendida por ele (KIRZNER, 1989b, p. 235), e pela qual também é reconhecido (VAUGHN, 1992, p. 260; 1994, p. 5).

O termo “engajamento profissional” destaca que Kirzner procurou discutir tópicos diversos com o restante da profissão à luz do Austrianismo. Diferente de outros membros da EA que adotaram uma postura isolacionista (ANGELI, 2018, p. 692-695).

Portanto, uma compreensão mais profunda a respeito da contribuição específica de Kirzner à construção da teoria da atividade empresarial kirzneriana permanece como lacuna nos estudos a respeito da história da EA. Partindo disso, o presente ensaio se propõe a responder à seguinte pergunta: há originalidade na contribuição de Kirzner para a teoria da atividade empresarial? Fundamenta-se essa problemática uma vez que, como mostrado, não há consenso na literatura relacionada às contribuições do autor.

A hipótese que norteia o ensaio admite que Kirzner, enquanto profissional engajado, não mediu esforços para levar a teoria Austríaca para o restante dos economistas. Dessa forma, objetiva-se explorar as origens da contribuição do autor para essa teoria, identificadas por ele em seus trabalhos, bem como a relação dessa teoria com as obras anteriores do autor. Com isso é possível discutir em que medida Kirzner avançou com relação aos trabalhos que identificou como seus precursores na teoria do processo de mercado.

O restante deste ensaio está dividido da seguinte maneira: a segunda seção apresenta uma síntese da teoria kirzneriana da atividade empresarial, enquanto a terceira seção analisa os precursores dela que são identificados pelo próprio Kirzner. A quarta seção analisa cronologicamente o pensamento econômico kirzneriano relacionado à sua proposição teórica, e a quinta seção discute se há alguma contribuição original de Kirzner. A sexta seção e última seção traz as considerações finais do ensaio.

## 2.2 A TEORIA KIRZNERIANA DA ATIVIDADE EMPRESARIAL

Essa seção é baseada no livro “*How Markets Work: Disequilibrium, Entrepreneurship and Discovery*”, publicado por Kirzner em 1997. A escolha deste material decorre de Kirzner ter proposto nele uma síntese de sua própria tese acerca da atividade empresarial. Isso permite um resumo sobre os principais *insights* desta teoria, que são:

- (i) Sempre haverá inconsistência entre os planos dos participantes do mercado, sejam eles presentes ou futuros (KIRZNER, 1997c, p. 45).
- (ii) A incompatibilidade de planos dos agentes pode tomar a forma de sobre-otimismo. Ela ocorre quando os agentes esperam vender a um preço maior que o pago no mercado, ou

pagar menos do que o preço ali praticado, e tem seus planos frustrados. Essas situações resultam em desequilíbrio de preços no mercado, levando à reformulação dos planos (KIRZNER, 1997c, p. 45).

- (iii) A incompatibilidade de planos dos agentes pode tomar a forma de sobre-pessimismo. Ela ocorre quando os agentes vendem a um preço menor do que poderia ser obtido no mercado, ou pagam um preço superior a outro ali praticado, resultando em mais de um preço para a mesma mercadoria. Esse diferencial de preços é uma oportunidade de lucro puro. Isso poderá despertar o alerta empresarial para obtenção desse ganho, gerando a tendência de que tal oportunidade seja aproveitada, permitindo a convergência dos preços para o mesmo valor (KIRZNER, 1997c, p. 45).
- (iv) Se forem consideradas congeladas no tempo as preferências dos consumidores, os recursos disponíveis e as possibilidades técnicas, é a ação empresarial quem promove a igualdade de preços para um mesmo produto no mercado (KIRZNER, 1997c, p. 45).
- (v) No curso da correção das decisões erradas no mercado ocorre a realocação dos recursos econômicos, de usos menos produtivos para os mais produtivos, permitindo novas descobertas nesse processo (KIRZNER, 1997c, p. 46).
- (vi) “In the real world of incessant changes [...] these corrective tendencies may be partly or wholly frustrated or interrupted. In addition, these tendencies, operating in different parts of the everchanging market, may interrupt and confuse *each other*. But the direction of the powerful forces of entrepreneurial discovery will be shaped and moulded by the above-described systematic and corrective processes of error, disappointment, discovery, and surprise” (KIRZNER, 1997c, p. 46).

Com isso, verifica-se que a teoria kirzneriana da ação empresarial está preocupada com as relações econômicas que ocorrem no estado de desequilíbrio, caracterizado pela incompatibilidade dos planos entre os indivíduos no mercado. Essas relações vão se coordenando por meio da atividade empresarial, uma função derivada do estado de alerta – uma intuição individual – quanto a uma possibilidade de ganho. A atividade empresarial ocorre pela existência de um erro prévio, característica do desequilíbrio, gerando a necessidade de revisão dos planos individuais. Essa reorientação decorre de uma frustração no mercado, com relação ao que era esperado no planejamento, ou pelas ações ali realizadas não terem eliminado totalmente as oportunidades de lucro anteriormente existentes.

Logo, essa ação é uma decisão que corrige os erros verificados em momento posterior às decisões do período anterior, promovendo a realocação dos recursos na economia. Só que isso também permite a descoberta de novas possibilidades de ganho, seja por novas

percepções ou pela mudança de ação de outros indivíduos. Neste sentido, existe a tendência para que cessem as oportunidades de lucro, e, com isso, finde o espaço para a função empresarial quando todos os planos e decisões estiverem completamente coordenados, o estado de equilíbrio.

Porém, como as decisões no mundo real são tomadas em meio a mudanças contínuas, sem que haja alguém lhes coordenando, elas vão de e ao encontro uma das outras sistematicamente, impondo a impossibilidade de compatibilidade plena entre elas. Nisso, novas oportunidades vão aparecendo, levando às consecutivas revisões de planos, mantendo presente apenas a tendência de coordenação no mercado.

Portanto, podem ser considerados elementos centrais na teoria da ação empresarial de Kirzner: (1) estado de desequilíbrio, tal que existem oportunidades de lucro puro; (2) equilíbrio como compatibilidade de planos (ações e expectativas); (3) estado de alerta da função empresarial para percepção de uma oportunidade de lucro puro; (4) tendência à extinção do lucro puro (dos erros de decisão/alocação); (5) tendência de descoberta de novas oportunidades de lucro; (6) tendência ao equilíbrio na economia; (7) impossibilidade do equilíbrio no mundo real.

### 2.3 OS PRECURSORES DA TEORIA KIRZNERIANA DA AÇÃO EMPRESARIAL

Esta seção apresenta as contribuições que antecederam a teoria kirzneriana da ação empresarial apontadas pelo próprio Kirzner. Adicionalmente, incluiu-se a teoria tradicional dos preços, tal como criticada pelo autor, já que ela é utilizada como base comparativa para sua discussão. Desta forma, a seção está dividida em três subseções: (i) a descrição kirzneriana da microeconomia tradicional dos preços; (ii) a contribuição de Mises; e (iii) as ideias de Hayek. Isso se justifica porque Kirzner (2015k [1995], p. 54) aponta a existência de três caminhos para a teoria econômica a partir do subjetivismo proposto por Menger:

- (1) A “*mainstream economics*”, que lida com o subjetivismo por meio das contribuições de Robbins. Para Kirzner esse caminho é incompleto, já que, ao admitir o conhecimento perfeito, negligenciou as condições de ignorância e incerteza que predominam no mundo real. O subjetivismo dessa corrente reconhece apenas as preferências dos agentes como subjetivas, considerando existente uma estrutura individual prévia de fins e meios para eles. Com isso, o problema econômico torna-se a alocação ótima dos recursos por meio da otimização na satisfação dessas preferências a partir de fatores objetivos (KIRZNER, 2015k [1995], p. 52).

- (2) O “*radical subjectivism*”, seguido por Shackle e Lachmann, autores que teriam tomado as contribuições de Menger em sentido oposto ao *mainstream*, mas avançando muito com relação à proposição original. Ignorando o conhecimento perfeito, nesses autores as escolhas individuais não poderiam ser derivadas de uma estrutura prévia de fins e meios, ao que deveriam ser consideradas expressões das expectativas individuais. Portanto, a qualquer momento suas decisões se encontrariam objetivamente indeterminadas, já que dependeriam da interpretação subjetiva que os agentes fazem do futuro, o que leva à rejeição de uma tendência ao equilíbrio (KIRZNER, 2015k [1995], p. 53).
- (3) O “*modern Austrian revival*”, um caminho iniciado por Mises e Hayek, e retomado no último quarto do século XX. Essa versão admite a função empresarial no processo de mercado, responsável pela disseminação do conhecimento durante a competição, o que aproximaria a economia do equilíbrio. Essa versão do subjetivismo é intermediária com relação às outras duas, do *mainstream* e do radicalismo (KIRZNER, 2015k [1995], p. 54).

Desta forma, os caminhos (1) e (3) compartilhariam, além do subjetivismo, a crença de que o mercado gera forças sistemáticas na promoção da tendência ao estado de equilíbrio. Porém, quanto ao funcionamento do mercado, Kirzner (1997c, p. 18-19) entende que as visões de Mises e Hayek explicitam um novo paradigma Austríaco para a teoria dos preços, oposto ao do *mainstream*. Para Kirzner, Mises e Hayek retomaram a discussão acerca do mercado deixada de lado na década de 1930 pela teoria Neoclássica quando esta aderiu à análise do equilíbrio sob a condição de competição perfeita.

Assim, coexistiram em meados do século XX dois conceitos para o mercado. Aquele utilizado no século XIX, enquanto um lugar real onde ocorrem as trocas, e o substituto, adotado pelo *mainstream*, considerado um estado final de coisas incapaz de ser alterado pelas ações individuais. A substituição entre as duas visões seria consolidada com o advento do Keynesianismo, que defendia o bom funcionamento do mercado como um resultado particular da economia (BOETTKE e SAUTET, 2018a, p. ix).

É nesse período de transformação conceitual que surge o desenvolvimento da teoria empresarial do mercado, admitindo esse último como um processo. Além do “debate do cálculo”, Mises teria contribuído com essa proposta em seu livro “*Human Action*”, apontando o mercado como um processo resultante das ações individuais sob o sistema de divisão do trabalho. Focando no empresário, Mises explicou a dinâmica do mercado por meio dos ajustes contínuos nas decisões individuais. Outras contribuições importantes, entendendo o mercado como processo, foram as críticas de Hayek aos temas: socialismo, equilíbrio econômico e competição perfeita. Porque nas considerações hayekianas sobre eles há o papel central da

dispersão do conhecimento na sociedade para explicar os fenômenos econômicos (BOETTKE e SAUTET, 2018a, p. x).

Segundo Boettke e Sautet (2011a, p. xi; 2011b, p. 37-38), o pano de fundo das ideias kirznerianas é composto por duas visões existentes para a teoria dos preços que lhe foram apresentadas durante o doutorado.<sup>23</sup> A tradicional, baseada em Stigler [1946], e a de Mises [1949], ambas em oposição à macroeconomia Keynesiana. Conquanto o mérito de contrapor-se ao domínio macroeconômico, faltava à teoria microeconômica tradicional explicar a formação de preços em um modelo onde todos são considerados tomadores de preço. Assim, “[t]he brilliance of Kirzner rests in the way he opened the closed framework of traditional microeconomics by introducing the entrepreneurial element” (BOETTKE e SAUTET, 2011b, p. 38). Desta forma, Kirzner não só desenvolve uma teoria alternativa como também soluciona um problema da teoria Neoclássica.<sup>24</sup>

É neste sentido, de reconstrução dos conceitos de competição e mercado, que Kirzner considera conjuntamente os trabalhos de Mises e Hayek. Assim, ao interpretar o mercado como processo de competição, em detrimento da análise no equilíbrio, o entendimento do mercado estaria retornando às ideias do século XIX, da competição vista como tentativa de superação entre indivíduos na busca por lucro (BOETTKE e SAUTET, 2018a, p. x). Segundo Boettke e Sautet (2018a, p. x), “[t]his view builds on the work of Mises and Hayek, for whom the important issue was to understand the process that leads to equilibrium, not to assume equilibrium as a starting hypothesis”. E a chave disso é a forma como os agentes aprendem a partir da sua atividade no mercado. Essa participação ocorre de maneira deliberada, com base nas expectativas que antecedem sua tomada de decisão, enquanto seu aprendizado é uma consequência não intencional, resultado da realização dessas ações.

Para Boettke e Sautet (2013, p. x-xi), Kirzner toma de Mises a noção de *homo agens* e a função empresarial, ao passo que usa de Hayek a proposta de um conhecimento disperso na sociedade, em que o problema econômico é a coordenação dos planos individuais (BOETTKE e SAUTET, 2013, p. x-xi). Para Kirzner:

“In emphasising the entrepreneurial character of the Misesian market process, we are at the same time drawing indirect attention to the Hayekian mutual-discovery aspect of that very same process [...], **an entrepreneurial discovery theory of the**

---

<sup>23</sup> “I [Kirzner] knew all about modern neoclassical microeconomics, and I thought I knew Mises’s economics and the they both seemed right – yet they were contradictory.” (BOETTKE e SAUTET, 2018d, p. 726)

<sup>24</sup> “It is important to stress that the Austrian economics of Mises-Kirzner is grounded in the contributions of the early neoclassical revolution in economic thinking, and must be viewed as an extension of that tradition rather than a substitute.” (BOETTKE, 2014, p. 237)

**market process can be developed which draws on the complementarity between the Misesian and the Hayekian insights.”** (KIRZNER, 1997c, p. 51, ênfase adicionada)

É por isso que Kirzner (1997c, p. 19) defende que a teoria da descoberta empresarial é uma síntese das ideias de Mises e Hayek que se coloca de maneira distinta daquela utilizada na teoria tradicional. Logo, pode-se defender que não são apenas as contribuições misesianas e hayekianas levaram à formulação da proposta de uma função empresarial por Kirzner. Também foi importante o entendimento kirzneriano acerca do conceito de mercado adotado no *mainstream*, do qual Kirzner procurou se afastar, defendendo a ideia do processo de mercado dirigido pela ação propositada e especulativa.

### 2.3.1 A teoria tradicional sob a ótica da atividade empresarial kirzneriana

“Certainly, Ludwig von Mises as my teacher has been a major influence. But I [Kirzner] think that I would not have appreciated that influence, had I not learnt a great deal from neoclassical writers. The major neoclassical economists influenced me a great deal, partly because they explicated the universe from which the more profound Austrian insights that I learnt from Mises could be derived.” (BOEHM, 1992, p. 109-110)

A teoria tradicional é importante para Kirzner para além de sua predominância na Economia, porque o autor afirma, na apresentação da função empresarial, que a visão Austríaca e a teoria convencional compartilham um princípio metodológico. Porque ambas são abordagens teóricas consistentes com o individualismo, iniciando a análise na tomada de decisão individual para entender o resultado conjunto proporcionado por diferentes decisões no mercado (KIRZNER, 2015d [1967], p. 178). Porém, a teoria tradicional admite como ponto de partida os resultados observáveis, como preços e quantidades, enquanto para Kirzner esses são os fenômenos a serem explicados (KIRZNER, 2013 [1973], p. 1).

Kirzner apresenta a teoria econômica tradicional dos preços, de maneira geral, como uma explicação para as mudanças de alocação dos recursos no mercado a partir de eventos exógenos. Tais mudanças afetam a economia, que sai do ponto de equilíbrio admitido inicialmente para um novo estado de equilíbrio acreditado a partir das consequências esperadas das mudanças nos dados objetivos. Desta maneira, a teoria convencional acabaria por descrever as diferentes condições necessárias para que a economia transite entre os distintos pontos de equilíbrio (KIRZNER, 2015d [1967], p. 175; 2013 [1973], p. 3-4).

Nessa forma de ver a economia, Kirzner destaca três problemas fundamentais: (i) a limitação das decisões individuais aos problemas de alocação de recursos pelo agente

econômico (KIRZNER, 2015d [1967], p. 179-180; 2013 [1973], p. 25-26); (ii) o irrealismo das hipóteses admitidas para sustentar a análise econômica com base no estado de equilíbrio (KIRZNER, 2013 [1973], p. 30); (iii) o conceito de competição utilizado, em que cessam as tentativas individuais de superação entre os indivíduos, tomando como findado o processo concorrencial na situação de equilíbrio econômico (KIRZNER, 2013 [1973], p. 70).

O primeiro ponto deriva da natureza do processo decisório individual, já que o agente economizador apenas promoveria passivamente o ajuste nas decisões para conciliar seus propósitos às situações enfrentadas (KIRZNER, 2015d [1967], p. 179).<sup>25</sup> Esse agente é identificado por Kirzner como originado na proposição de Robbins sobre a alocação de recursos econômicos, que considera que fins e meios já estão dados. O problema disso seria ignorar a ação propositada nas decisões individuais, confinada à existência dos fins previamente admitidos (KIRZNER, 2015d [1967], p. 180). Desta forma, Kirzner entende que a teoria econômica tradicional considera a decisão individual como um problema computacional (KIRZNER, 2015d [1967], p. 183), excluindo aprendizado e deliberação.

Admitir os agentes como maximizadores de utilidade, como se tem no desenvolvimento da teoria tradicional dos preços a partir do agente econômico robbinsiano, não permite a introdução de novas informações no sistema econômico.<sup>26</sup> E esse seria um ponto fundamental para Kirzner, já que a atividade empresarial seria responsável pela disseminação de novas informações no processo de mercado (BOETTKE e SAUTET, 2015, p. x), durante a busca dos indivíduos por lucro em seu processo de tentativa e erro.

O segundo ponto da crítica kirzneriana para a teoria tradicional aponta para o irrealismo das hipóteses admitidas. Segundo Kirzner, a suposição do conhecimento perfeito, além de irrealista, traz consigo a admissão da presença do estado de equilíbrio na economia (KIRZNER, 2013 [1973], p. 30). Principalmente porque no equilíbrio os planos de todos os indivíduos estão convergindo, excluindo qualquer possibilidade para a realização de ganhos puros. Não há frustração ou qualquer outro tipo de surpresa, tal que não é necessário que as decisões dos agentes se coordenem na alocação dos recursos, porque elas já estariam previamente coordenadas em seus planos. Como não há ignorância, o mercado sozinho é

---

<sup>25</sup> Kirzner (2015d [1967], p. 180) utiliza o termo “economizador” para designar o comportamento que acredita caber ao agente econômico da teoria tradicional, este cuja racionalidade implica necessariamente na melhor escolha dos meios para atingir aos fins mais almejados.

<sup>26</sup> Kirzner (2013 [1973], p. 25-26) utiliza a qualificação “robbinsiano” para caracterizar o agente econômico utilizado pela teoria tradicional, que aponta ser derivado da proposta de Robbins para a Economia, aquele que é dotado de meios escassos, fins alternativos, e conhecimento sobre a forma de relacionar esses fins e meios.

completamente eficiente, independentemente da função empresarial para a mútua coordenação entre os indivíduos (KIRZNER, 2013 [1973], p. 21).

O terceiro ponto criticado por Kirzner na abordagem convencional é a conceituação da competição como um estado de coisas que encerra a concorrência entre os agentes. A teoria dos preços tradicional estaria preocupada com os possíveis estados de equilíbrio gerados por diferentes conjuntos de dados objetivos na economia (KIRZNER, 2015d [1967], p. 175). Desta forma, assumindo o estado de equilíbrio como ponto de partida, acaba por excluir a função empresarial, já que são eliminadas a possibilidade de descoberta e a criatividade, tal que não há como incorporar mudanças endógenas na sequência de eventos no mercado. Nesta perspectiva, Kirzner afirma que a única possibilidade de mudanças genuínas, não antecipáveis pelos agentes, ocorre a partir dos eventos exógenos (KIRZNER, 2013 [1973], p. 4-5).

O pensamento econômico kirzneriano entende que a teoria tradicional parte do estado de equilíbrio, exclui as oportunidades de lucro e elimina a função empresarial. Tendo entendido a teoria econômica tradicional desta maneira, e criticado os pontos acima destacados, Kirzner buscou inspirar-se nas interpretações teóricas que: (i) ampliavam o papel do agente no processo decisório; (ii) utilizavam hipóteses mais realistas e; (iii) entendiam a concorrência como um processo competitivo dinâmico. Essa percepção o levou às contribuições de Mises e Hayek, formulações teóricas para o funcionamento do mercado também opostas às da teoria convencional. Porém, segundo Vaughn (1992, p. 253), embora Kirzner tenha criticado a teoria Neoclássica, suas críticas seriam alinhadas a ela, na busca por discutir a natureza dos pontos em comum entre as duas abordagens.

### 2.3.2 A teoria misesiana sob a ótica da atividade empresarial kirzneriana

A importância de Mises para o desdobramento da teoria da atividade empresarial kirzneriana fica clara quando Kirzner aponta seu livro “*Competition and Entrepreneurship*” como um desenvolvimento de ideias misesianas (KIRZNER, 2012, p. 9). Referenciando o “*Human action*” e o “*Profit and Loss*” de Mises, Kirzner renuncia à originalidade sobre qualquer *insight* a respeito do processo de mercado. Para si fica somente o crédito pela versão da teoria tal como apresentada (KIRZNER, 2013 [1973], p. 68).

Segundo Boettke e Sautet (2015, p. ix), a economia tradicional transforma os agentes em autômatos, e as ciências sociais em “física social”. Teria sido Mises quem retornara a importância da ação humana para a teoria econômica, apontando que são os propósitos humanos que lhe caracterizam. Para Salerno (2002, p. 129), a teoria da ação empresarial de

Kirzner teria resgatado o indivíduo alerta e propositado de Mises ao enfatizar a diferenciação entre este e o agente robbinsiano alocativo que prioriza a economização/maximização.

Serão destacadas três contribuições de Mises que servem de base a Kirzner na teoria da atividade empresarial do processo de mercado: (i) a ação humana propositada do agente econômico (o *homo agens*); (ii) o conceito de mercado enquanto processo ativo de concorrência; e (iii) a ideia de função empresarial – uma ação especulativa na busca por lucros puros.

A base da teoria misesiana é a ação humana, um comportamento propositado que o indivíduo leva a cabo para alcançar seus objetivos (MISES, 1998 [1949], p. 11). A decisão de agir decorre da existência de um desconforto que se quer remover quando há expectativa de que o resultado intencionado na ação possa modificar a situação (MISES, 1998 [1949], p. 14).

Mises compara sua definição de agente econômico com relação ao que é utilizado na Economia Neoclássica. Na visão de Mises, a teoria convencional admite um agente reativo com base na estrutura de fins e meios que lhe é anterior, de modo que só cabe a ele realizar o cálculo ótimo para sua satisfação, bem como reagir às mudanças nas condições que lhe envolvem (MISES, 1998 [1949], p. 12-13). O agente misesiano, por outro lado, é o denominado *homo agens* por sua característica de agir ativamente na busca de seus propósitos, reconhecendo que suas ações se dão em um ambiente de incerteza, sem garantia de alcance dos resultados esperados (MISES, 1998 [1949], p. 13-14). Conquanto toda ação seja baseada na antecipação individual, ela está sempre sujeita a erro, já que seus resultados ocorrem em um futuro incerto, por mais próximo que esteja (MISES, 1998 [1949], p. 253). Portanto, essas ações são imbuídas de propósito e especulação por parte do próprio indivíduo no processo decisório, que reconhece a hostilidade do ambiente incerto.

Kirzner afirma que foi a ação humana na forma como explicada por Mises que lhe serviu para contrapor-se à economização robbinsiana (KIRZNER, 2013 [1973], p. 69). Para Kirzner, Mises enfatizou a ação humana na busca deliberada pela remoção do desconforto. Isso também envolve um processo economizador, mas com outros elementos, porque o:

*“Homo agens is actively seeking out the best course of action; he is venturing, innovating, exploring, searching. He is constantly testing the nature of the constraints which circumscribe him. He is not tackling a problem imposed by a given pattern of means and ends; he is seen before any given pattern of means and ends has crystallized as the relevant one.”* (KIRZNER, 2015d [1967], p. 180-181)

A defesa de Kirzner (2015d [1967], p. 180-181) é, portanto, que o *homo agens* de Mises se diferencia do *homo economicus* por sua capacidade de transformar ativamente sua

própria estrutura de fins e meios. Nessa leitura, as restrições enfrentadas pelos indivíduos quanto aos seus fins não são vistas como barreiras limitadoras da ação, mas como obstáculos a serem superados. Superação que é feita de maneira deliberada na busca por alcançar novos propósitos ao longo do tempo, em razão das possibilidades de lucro nessas oportunidades. Mises (2008 [1951], p. 155) esclarece que o lucro é uma categoria praxeológica, dada pela diferença entre os ganhos e os custos na realização de uma ação. Dessa forma, tem caráter estritamente pessoal e não quantificável.

“Profit, in a broader sense, is the gain derived from action; it is the increase in satisfaction (decrease in uneasiness) brought about; it is the difference between the higher value attached to the result attained and the lower value attached to the sacrifices made for its attainment; it is, in other words, yield minus costs. To make profit is invariably the aim sought by any action. If an action fails to attain the ends sought, yield either does not exceed costs or lags behind costs. In the latter case the outcome means a loss, a decrease in satisfaction.” (MISES, 1998 [1949], p. 286-287)

Sob a divisão do trabalho e a propriedade privada dos meios de produção, como ocorre no mercado, entretanto, é possível quantificar o lucro por meio do cálculo econômico (MISES, 2008 [1951], p. 155). Porque “[e]conomic calculation can comprehend everything that is exchanged against money” (MISES, 1998 [1949], p. 213). Assim, a ação humana no contexto do mercado fica confinada aos atos de compra e venda. Sempre que o agente busca algo que é melhor para si, comprando ao menor preço ou vendendo ao maior, está agindo para remover um desconforto. Desta forma, o ato de adquirir algo a um preço para vendê-lo por outro maior é uma atividade normal do mercado (MISES, 1998 [1949], p. 241). Disso surge a oportunidade de lucro, a partir do desajuste entre a utilização dos recursos econômicos e os desejos mais urgentes dos consumidores. Nessa leitura, o lucro torna-se uma recompensa para quem promove maior coordenação no mercado (MISES, 2008 [1951], p. 151).

No modelo misesiano, o responsável por ajustar a alocação dos recursos econômicos aos interesses dos consumidores é o empresário. Esse personagem busca atender aos consumidores da melhor maneira possível por dois motivos indissociáveis, ter lucros e evitar os prejuízos (MISES, 2008 [1951], p. 143). Porque o sistema de ganhos e perdas do mercado define quem continuará competindo, como um teste de sobrevivência, de modo que os indivíduos só se mantêm como empresários por sua própria capacidade com relação aos demais (MISES, 2008 [1951], p. 147). Mas ganhos e perdas no mercado lhes são incertos, porque o resultado de suas ações só é conhecido no futuro (MISES, 1998 [1949], p. 343).

Então, o lucro empresarial depende da correta antecipação das condições futuras do mercado (2008 [1951], p. 143).<sup>27</sup>

Mises esclarece que a atividade dos empresários consiste na tomada de decisões (MISES, 2008 [1951], p. 145). Assim, mostra que a figura do empresário é uma ilustração teórica para a função empresarial que é realizada por todos os agentes no sistema econômico. Segundo Mises (1998 [1949], p. 253), todos os indivíduos são empresários e especuladores na vida real. Desta forma, a função empresarial é uma função econômica específica de agir sob incerteza (MISES, 1998 [1949], p. 253-254). E é essa condição que faz com que a ação empresarial seja a guia do sistema econômico, por meio da busca pelo lucro (MISES, 1998 [1949], p. 297).<sup>28</sup> Embora sejam representantes da demanda, são os empresários que conduzem o processo de mercado, e o fazem com base em suas ações, que incluem inovações e especulação nas atividades de compra e venda (MISES, 1998 [1949], p. 325).

Mises (1998 [1949], p. 249) utiliza a figura do empresário como ilustração para comparar o sistema econômico em dois estágios, no equilíbrio, apresentado sob a denominação de economia uniformemente circular, e o processo de mercado. Com isso, defende que só há espaço para o empresário no segundo caso, porque no primeiro ele estaria excluído pela ausência de oportunidades para sua atuação, dada a inexistência do lucro. Kirzner (1997c, p. 16) mostra essa caracterização do equilíbrio como uma “construção imaginária” que não deixa espaço para o empresário.<sup>29</sup>

No estudo sobre as variações dos preços no mercado, para Mises, deve-se incorporar uma tendência para o equilíbrio, de modo que se possa admitir a direção para essas variações, considerando as condições sob as quais os preços param de mudar. Esse ponto é uma construção imaginária porque nunca poderá ser alcançado, mas serve para compreender os movimentos que levam às mudanças nos preços (MISES, 1998 [1949], p. 246). Para Mises, o problema dos economistas da sua época era considerar a construção imaginária do equilíbrio como uma possibilidade real de ser atingida (MISES, 2008 [1949], p. 171).

O mercado não pode ser admitido como em equilíbrio porque esse ponto nunca é alcançado, já que o processo de mercado é inerentemente competitivo. A competição é o

---

<sup>27</sup> “It is the entrepreneurial decision that creates either profit or loss. It is mental acts, the mind of the entrepreneur, from which profits ultimately originate. Profit is a product of the mind, of success in anticipating the future state of the market. It is a spiritual and intellectual phenomenon.” (MISES, 2008 [1951], p. 151)

<sup>28</sup> “These are people intent upon profiting by taking advantage of differences in prices. Quicker of apprehension and farther-sighted than other men, they look around for sources of profit.” (MISES, 1998 [1949], p. 325)

<sup>29</sup> Na teoria misesiana o método das construções imaginárias é defendido como forma de análise dos fenômenos, comparando-se as condições sob as quais ele é pressuposto e as condições existentes no mundo real. Essa defesa surge da impossibilidade de se fazer experimentos nas ciências sociais (MISES, 1998 [1949], p. 238).

processo pelo qual os indivíduos buscam superar-se aos demais na busca pelo lucro, permitindo que os mais aptos sobrevivam na realização de cada tarefa. E o resultado dessa competição, para Mises, é o mercado, entendido como um processo em que os agentes interagem na busca pela melhoria das suas condições individuais. O mercado permite, por meio da concorrência, que um agente alcance seus propósitos, ao passo que isso, ao mesmo tempo, possibilita que outros agentes atinjam os deles (MISES, 1998 [1949], p. 258-259).

Essa conceituação do mercado, tomada em contraposição à admissão da Economia Neoclássica da competição como um estado de coisas em que não há mais concorrência, será fundamental para o pensamento econômico kirzneriano. De acordo com Kirzner (2013 [1973], p. 9-10), a concretização de oportunidades no mercado depende de os competidores garantirem cada vez mais vantagens nas opções que oferecem ao longo do tempo, com cada um tentando se antecipar aos demais. Na ausência dessa competição, em um estado de coisas onde todas as decisões se complementam, como no equilíbrio, finda o processo competitivo.

De acordo com Kirzner (1997c, p. 16), o título do principal livro de Mises, “*Human Action*”, reflete a ênfase do autor na ação propositada que será sempre especulativa a partir de um julgamento individual tomado sob a consciência da condição de incerteza.<sup>30</sup> Neste sentido, Kirzner retoma de Mises a conceituação do empresário como figura especulativa, que ao agir sob a incerteza do mundo real não tem garantia dos resultados que espera no mercado.

“There is a simple rule of thumb to tell entrepreneurs from non-entrepreneurs. The entrepreneurs are those on whom the incidence of losses on the capital employed falls. Amateur-economists may confuse profits with other kinds of intakes. But it is impossible to fail to recognize losses on the capital employed.” (MISES, 2008 [1951], p. 145)

É por isso que Kirzner percebe sua contribuição como desenvolvimento das ideias de Mises, ao assumir a proposta misesiana de que toda ação humana tenha uma função analítica de especulação se tomada em um ambiente de incerteza. Assumindo esse posicionamento, Kirzner admitirá a figura imaginária do “empresário puro” para designar a parcela da decisão individual que decorre do estado de alerta, sem que nenhum recurso objetivo seja necessário ao indivíduo para sua percepção (KIRZNER 2013 [1973], p. 31). Logo, quando o agente misesiano age motivado pela possibilidade de lucro, ele está determinando o que ele viu em

---

<sup>30</sup> “For Mises the analytical unit is the human act, and the essential feature of the human act is its speculative entrepreneurial dimension.” (KIRZNER, 1997c, p. 33)

um futuro incerto. Seu sucesso dependerá de conseguir uma visão mais precisa desse futuro do que seus competidores.<sup>31</sup>

As contribuições teóricas do arcabouço misesiano utilizadas por Kirzner possuem aderência com os elementos centrais da teoria da atividade empresarial kirzneriana. Verifica-se na contribuição de Mises: (1) a existência de um estado de desequilíbrio onde existem oportunidades de lucro; (2) o equilíbrio como ajuste mútuo dos agentes no mercado pelo encerramento da competição – sem explicitar a convergência de planos/expectativas individuais; (3) a percepção de oportunidades de lucro que leva à ação humana propositada – sem destacar uma característica humana para isso, como o estado de alerta kirzneriano; (4) a tendência ao equilíbrio de mercado – enquanto ferramenta para entender o processo; e (5) a impossibilidade do equilíbrio no mundo real pela condição de incerteza.

### 2.3.3 A teoria hayekiana sob a ótica da atividade empresarial kirzneriana

A influência exercida pelos trabalhos de Hayek para a teoria da atividade empresarial se apresenta, principalmente, na conceituação do equilíbrio, no papel da dispersão do conhecimento durante o processo de mercado e na competição como um processo de descoberta.<sup>32</sup> Esta última surge em um trabalho publicado após o primeiro artigo de Kirzner sobre a função empresarial, tal que influenciará apenas a ênfase na questão da descoberta em trabalhos posteriores do autor.

Para Hayek, a teoria econômica tradicional admite o equilíbrio a partir da existência de informações objetivas para a tomada de decisão dos agentes, como tecnologia e preferências. Porém, essa visão estaria ignorando o estabelecimento de um plano individual no processo decisório do agente, que requer levar em conta as decisões que serão tomadas por outros indivíduos. Com isso, o plano é contingenciado, porque não se tem garantida a concretização dos planos de terceiros (HAYEK, 1948a, 38-39).

O equilíbrio ocorre quando há compatibilidade plena dos planos entre os agentes econômicos. Esses planos são feitos com base nas antecipações com relação ao futuro da

---

<sup>31</sup> “In so acting, the Misesian entrepreneur drives the market process which reflects the flow of new discoveries these entrepreneurial visions have uncovered.” (KIRZNER, 1997c, p. 51)

<sup>32</sup> Kirzner também foi influenciado sobre o caráter subjetivo das ciências sociais. Como também notam Boettke e Sautet (2010, p. ix), Kirzner recorrentemente cita Hayek para concordar que o avanço da Economia depende de uma ampliação na subjetividade da sua interpretação: “And it is probably no exaggeration to say that every important advance in economic theory during the last hundred years was a further step in the consistent application of subjectivism.” (HAYEK, 1955, p. 31) Hayek defende essa passagem afirmando que os conceitos econômicos só podem ser definidos relacionando-os aos propósitos humanos (HAYEK, 1955, p. 31).

economia (HAYEK, 1948a, p. 35-36). Assim, a convergência para um estado de equilíbrio depende de que todos os planos sejam capazes de prever corretamente as condições futuras do mercado (HAYEK, 1948a, p. 36-37). Logo, tais planos devem basear-se nas mesmas expectativas quanto aos eventos exógenos, bem como nas mesmas antecipações quanto aos planos dos demais participantes do mercado (HAYEK, 1948a, p. 38).

Desta maneira, o equilíbrio implica que os indivíduos tenham a mesma percepção subjetiva em suas observações econômicas. Nesta situação não há frustração de planos entre os agentes, tal que suas decisões são sempre complementares (HAYEK, 1948a, p. 40). O alcance do equilíbrio implica que os indivíduos atingiram os planos inicialmente objetivados para suas ações, e não há incentivo para modificá-las ou ao seu planejamento (HAYEK, 1948a, p. 35-36).

Esses planos individuais são pautados com base no “conhecimento relevante” de cada agente, de modo que qualquer alteração aí implique mudanças de planos, o que afeta o estado de equilíbrio (HAYEK, 1948a, p. 36-37). Ao agir, cada indivíduo está indicando à sociedade – aos demais agentes – qual é o seu plano pessoal. E isso aumenta o conhecimento dos indivíduos quanto às possibilidades existentes, uma vez que tal plano está sendo executado. Como os demais agentes também possuíam planos, essa nova informação pode fazer com que eles revisitem seu planejamento, de acordo com o alinhamento de seus próprios interesses quanto aos planos observados por meios das ações dos outros indivíduos. Essa dinâmica configura um processo de comunicação de planos entre os agentes que dissemina o conhecimento existente de maneira dispersa entre os indivíduos (HAYEK, 1948d, p. 78-79).

Hayek não aborda o conhecimento apenas como questão objetiva, na forma como acredita estar subtendido na teoria tradicional. Antes, utiliza um conceito mais largo, envolvendo também o conhecimento tácito que os agentes possuem, que muitas vezes não é passível de transmissão (HAYEK, 1948a, p. 51-52). Desta forma, Hayek defende que o conhecimento tratado por ele não é apenas científico. O conhecimento no pensamento hayekiano tem caráter contextual, de tempo e lugar, e é subjetivo, próprio do indivíduo, quanto à melhor forma de sua utilização (HAYEK, 1948d, p. 80). Isso torna esse conhecimento, muitas vezes, inacessível à observação externa.

No entendimento hayekiano os indivíduos possuem conhecimentos particulares e expectativas distintas com relação ao futuro, ao mesmo tempo que incluem as decisões esperadas de outros agentes no planejamento de suas próprias ações. Surgem planos individuais cujo sucesso depende não só da capacidade preditiva de cada agente, mas de que os outros agentes sejam bem-sucedidos na realização de seus planos. Assim, não havendo

garantia de que os planejamentos individuais sejam compatíveis entre si, ou de que todos eles venham a ser concretizados como esperado, abre-se a possibilidade de frustração de planos. Essa frustração impede a completa coordenação entre as decisões, e com isso a economia fica fora do equilíbrio. Na ausência do conhecimento perfeito o desequilíbrio é a regra, e não a exceção, diferente do que é admitido na teoria tradicional (HAYEK, 1948a, p. 35-36).

Hayek então critica a pressuposição do conhecimento perfeito, porque, a partir dela, entender como ocorre a ordem econômica torna-se um exercício de lógica. A melhor forma de utilização dos meios disponíveis para o alcance dos fins seria simplesmente uma consequência direta de tal pressuposto (HAYEK, 1948d, p. 77). O que não pode ocorrer se o conhecimento relevante é individualizado, tal que os planejamentos individuais e as ações também o sejam. Como a informação é subjetiva, não se pode esperar que os diferentes agentes a interpretem da mesma maneira (HAYEK, 1948c, p. 93-94).

Portanto, em Hayek o mercado não pode ser considerado a partir do estado de equilíbrio como faz a teoria econômica tradicional. Porque nisso estaria findado o processo de competição, o que implicaria que todo o conhecimento relevante na sociedade já estivesse disseminado para todos. Para Hayek, a interação entre ofertantes e demandantes remete ao conhecimento das oportunidades existentes para os vendedores e daquilo que é desejado pelos compradores. Como esse conhecimento é particularizado, só pode ser transmitido na dinâmica da competição de mercado com a demonstração das intenções de compra e venda (HAYEK, 1948c, p. 95-96). É por conta de assumir o estado de equilíbrio, e com isso o conhecimento perfeito, que a teoria econômica tradicional da competição perfeita não é capaz de entender o processo de concorrência (HAYEK, 1948c, p. 102).

Para Hayek, a sociedade enfrenta um problema de divisão do conhecimento que é semelhante ao da divisão do trabalho. Cada indivíduo possui um conhecimento que lhe é particular e o utiliza da maneira como acha mais conveniente para perseguir seus objetivos. Como resultado, a sociedade torna-se mais integrada, facilitando a cada agente atingir seus próprios fins. Esse processo de coordenação social ocorre espontaneamente, sem que se tenha concentrada a totalidade dos conhecimentos individuais (HAYEK, 1948a, p. 50-51).<sup>33</sup>

Para a coordenação dos planos na economia o sistema de preços exerce uma função fundamental. Ele mostra o resultado das diferentes avaliações acerca dos bens e serviços existentes, permitindo que os participantes do mercado revejam seus planos de compra e

---

<sup>33</sup> “The economic problem of society is [...] how to secure the best use of resources known to any of the members of society, for ends whose relative importance only these individuals know.” (HAYEK, 1948d, p. 77-78)

venda. Esse rearranjo independe de os agentes conhecerem as particularidades dos mercados de cada produto, ou o motivo das variações dos preços. Basta a sinalização dessas mudanças por meio dos preços para que haja incentivos à reformulação dos planos. Os preços finais carregam consigo informações intermediárias que os agentes não precisam obter diretamente, sendo suficiente utilizar os preços como sinalizadores (HAYEK, 1948d, p. 85-86).

“The most significant fact about this system is the economy of knowledge with which it operates, or how little the individual participants need to know in order to be able to take the right action. In abbreviated form, by a kind of symbol, only the most essential information is passed on and passed on only to those concerned. It is more than a metaphor to describe the price system as a kind of machinery for registering change, or a system of telecommunications which enables individual producers to watch merely the movement of a few pointers, as an engineer might watch the hands of a few dials, in order to adjust their activities to changes of which they may never know more than is reflected in the price movement.” (HAYEK, 1948d, p. 86-87)

Hayek esclarece que a competição é um processo em que as opiniões das pessoas acerca do mercado são testadas, seja de oportunidades de compra ou de venda por determinado preço. Com isso há a disseminação do conhecimento, de quais opiniões foram acertadas ou não, o que gera mudanças incessantes no processo de mercado (HAYEK, 1948c, p. 105-106). Porque tais decisões são tomadas em um ambiente de incerteza.

“The solution of the economic problem of society is in this respect always a voyage of exploration into the unknown, an attempt to discover new ways of doing things better than they have been done before. This must always remain so as long as there are any economic problems to be solved at all, because all economic problems are created by unforeseen changes which require adaptation.” (HAYEK, 1948c, p. 100-101)

Então, o problema econômico é garantir o uso eficiente dos recursos existentes quando o conhecimento relevante sob suas possibilidades de uso é disperso, particular e contextual. Logo, a sociedade se depara com a tarefa de coordenar a utilização desse conhecimento para seu melhor proveito. Isso é alcançado quando os agentes decidem individualmente a melhor utilização para seu conhecimento, que é ampliado e revisto à luz da interação com os demais agentes (HAYEK, 1955, p. 98-99).

O mecanismo que permite a ocorrência desse processo é o mercado, já que os agentes tomam suas decisões a partir do seu conhecimento particular baseados no sistema de preços. Desta forma esse sistema torna-se uma central de informações que permite aos indivíduos ajustar suas decisões no ambiente competitivo (HAYEK, 1955, p. 99). E isso gera uma tendência ao equilíbrio econômico, que na visão hayekiana nada mais é do que é uma

tendência à coordenação do conhecimento por meio do seu uso no mercado (HAYEK, 1948a, p. 55).

“In the light of our analysis of the meaning of a state of equilibrium it should be easy to say what is the real content of the assertion that a tendency toward equilibrium exists. It can hardly mean anything but that, under certain conditions, the knowledge and intentions of the different members of society are supposed to come more and more into agreement or, to put the same thing in less general and less exact but more concrete terms, that the expectations of the people and particularly of the entrepreneurs will become more and more correct.” (HAYEK, 1948a, p. 46)

Kirzner citará Hayek diretamente na definição do equilíbrio como compatibilidade de planos e expectativas entre os agentes econômicos (KIRZNER, 2015d [1967], p. 176), apontando que, embora Hayek não tenha explicitado a função empresarial no mercado, ele:

“[E]xplored the ways in which the market process made market participants aware of each other’s attitudes and prospective plans. A state of equilibrium, Hayek pointed out, is one in which market participants have somehow come to expect on the part of other participants, precisely those plans to be made which do in fact turn out to be made. All plans made in the correct expectation of corresponding plans being made by others.” (KIRZNER, 1997c, p. 17)

Assim, o equilíbrio é entendido no pensamento kirzneriano da mesma forma como defendido por Hayek. É tomado como um estado de perfeita compatibilidade de planos, em que todas as oportunidades foram exploradas e não houve nenhuma frustração. Para Kirzner, a identificação feita por Hayek do equilíbrio como um padrão de sustentação mútua de expectativas fornece o elemento necessário para que o processo equilibrador ocorra, o aprendizado (KIRZNER, 1997c, p. 17) – a aquisição mútua de conhecimento pelos participantes no mercado. Adicionalmente, as posições defendidas por Hayek permitiriam entender o padrão nas mudanças das decisões dos agentes, explicado pelo padrão de mudanças no conhecimento dos indivíduos (KIRZNER, 2015c [1986], p. 42).

Em um artigo publicado ao final da década de 1960, Hayek (1978 [1968], p. 181) defendeu a ideia de que toda informação na economia depende da sua descoberta, e que essa, por sua vez, dependerá da concorrência entre os indivíduos. Uma vez existindo competição, os resultados do mercado indicarão as oportunidades existentes diretamente por meio do sistema de preços. Logo, o indivíduo em posse de um conhecimento, que é sempre particular, estará informado pela sinalização do mercado sobre as possibilidades que ele tem disponível para uso do seu conhecimento e habilidades (HAYEK, 1978 [1968], p. 181-182). Da mesma forma, o uso desse conhecimento e/ou das habilidades informa os demais agentes econômicos

sobre seus resultados. Portanto, não há apenas o conhecimento disseminado pelo sistema de preços para todos os agentes, mas também um conhecimento que é individual e particular, sob possibilidades de uso de suas próprias atribuições. Todos eles passíveis de descoberta.

Kirzner utilizou essa mesma argumentação em seu livro de 1989, em que é central na sua proposição o entendimento do mercado como processo de descoberta.<sup>34</sup> Além de referenciar o uso do termo “*discovery procedure*” ao artigo hayekiano de 1968 (KIRZNER, 2016a [1989], p. 13), Kirzner utilizará a noção de descoberta para explicar a ação especulativa tal como defendida na sua teoria da atividade empresarial. Para Kirzner (2016a [1989], p. 86-87) a decisão empresarial é caracterizada pela existência de incerteza, sempre tomada especulando-se com relação ao futuro.

“Entrepreneurial activity represents, then, not the pursuit of the optimal course of action marked out by given circumstances and given objectives, but the pursuit of objectives revealed *by entrepreneurial decisions itself* as being worthy and capable of pursuit. **In the terminology we have adopted in this book, entrepreneurial activity expresses pure discovery.**” (KIRZNER, 2016a [1989], p. 86-87, *italico original, ênfase adicionada*)

Considerando a influência das obras de Hayek sobre o pensamento econômico kirzneriano, também é possível identificar uma relação entre as ideias hayekianas e elementos centrais da teoria da atividade empresarial de Kirzner, já que estão presentes: (1) a predominância da situação de desequilíbrio – sem enfatizar as oportunidades de lucro puro, mas colocadas como possibilidades de ganhos mútuos abertas para os agentes no mercado; (2) o equilíbrio como compatibilidade de planos – a partir de ações e expectativas; (3) a tendência ao equilíbrio – enquanto processo de coordenação econômica por meio do conhecimento; e (4) a impossibilidade do equilíbrio no mundo real.

## 2.4 CRONOLOGIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO KIRZNERIANO E A TEORIA DA ATIVIDADE EMPRESARIAL

Em alguns trabalhos anteriores ao artigo pioneiro em que apresentou o cerne da sua teoria, Kirzner antecipou alguns elementos utilizados na defesa da função empresarial no processo de mercado. Além disso, existem evidências de que trabalhos posteriores a esse

---

<sup>34</sup> “Each market transaction is the outcome of simultaneous discoveries by the parties involved. But, in addition, the total pattern of income distribution, and the total output of the market society, must both be recognized as being *discovered* outcomes.” (KIRZNER, 2016a [1989], p. 72)

artigo influenciaram o desenvolvimento do pensamento econômico kirzneriano até que a teoria fosse consolidada em seu principal livro, o “*Competition and Entrepreneurship*”.

Salerno (2002, p. 120) recorda que no primeiro livro de Kirzner já estava presente a diferenciação entre os agentes robbinsiano e misesiano para a teoria econômica, e aponta que isso é a base da teoria da atividade empresarial. Segundo Boettke e Sautet (2009, p. xvi), este livro resultou de um desenvolvimento da tese de doutorado de Kirzner, orientada por Mises na NYU. Essa obra traz consigo o reconhecimento do caráter empresarial da ação humana na direção do processo de mercado, e “establishes the foundations of his future work on the role of the entrepreneurial function, the theory of market process, and the role of capital” (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xviii-xix).

Já no segundo livro de Kirzner, “*Market Theory and the Price System*”, houve a preocupação em apresentar uma abordagem alternativa para a teoria dos preços. Para Vaughn (1994, p. 101), o conteúdo desse material integra as ideias misesianas à teoria tradicional. Esse livro é entendido por Barbieri (2001, p. 86) como uma versão Austríaca para a microeconomia. Na mesma linha, Boettke e Sautet (2010, p. x) enxergam-no como uma explicação Austríaca do ajuste dos preços relativos por meio do sistema de preços, guiando as decisões individuais em direção à coordenação econômica. Neste sentido, Boettke e Sautet (2010, p. x) tomam o terceiro livro de Kirzner, “*An Essay on Capital*”, como precursor da discussão sobre o reajuste dos planos a partir dos diferentes estágios de conhecimento individual dos agentes.

Em entrevista concedida por Kirzner em 2006, mas publicada em 2018, Boettke e Sautet perguntaram a ele se havia alguma linearidade nesses três primeiros livros. A pergunta toma como base o fato de o primeiro livro apresentar a ação humana como propositada, o que seria usado no segundo livro pela teoria dos preços que parte da ação individual, e que isso desaguaria na ideia de que os agentes agem com base em planos de ação. Segundo Kirzner, essa complementariedade estava clara em sua mente (BOETTKE e SAUTET, 2018d, p. 727).

Embora Kirzner já estudasse o processo de mercado sob a orientação de Mises, foi em 1967 que ele defendeu originalmente sua tese de uma função empresarial no mercado, durante uma palestra no encontro da *Mont Pelerin Society*, realizada em Vichy na França (BOETTKE e SAUTET, 2013, p. ix). Esse artigo, “*Methodological Individualism, Market Equilibrium, and Market Process*”, é considerado por Jakee e Spong (2003, p. 463) e Boettke e Sautet (2015, p. xi) como o primeiro trabalho de Kirzner com a ideia de função empresarial, que posteriormente daria origem ao livro “*Competition and Entrepreneurship*”. Segundo Boettke e Sautet (2013, p. ix), tal ideia seria desenvolvida até a permitir uma teoria sobre o processo

de mercado cuja centralidade está na especulação, uma característica da tomada de decisão intrínseca a todos os agentes econômicos, porque inerente a toda ação.

Assim, cabe investigar nas obras anteriores de Kirzner a existência de elementos relacionados aos pontos centrais da teoria da atividade empresarial defendida por ele. Esta seção está subdividida para ilustrar esses elementos no pensamento econômico kirzneriano: (i) apresentados antes do artigo em que surge a defesa da função empresarial no processo de mercado (1960 – 1967); (ii) entre esse artigo e a publicação do principal livro do autor que resultou na consolidação dessa teoria (1967 – 1973); e (iii) quando da teoria da atividade empresarial já consolidada em 1973 no “*Competition and Entrepreneurship*”.

#### 2.4.1 Elementos da teoria da atividade empresarial no pensamento econômico kirzneriano entre 1960 e 1967

Para o período de 1960 a 1967, iniciado com a primeira publicação acadêmica de Kirzner que se tem conhecimento, são encontrados 11 trabalhos publicados por ele: três livros, cinco artigos e três revisões de livros (e.g. BOETTKE *et al.*, 2019; BOETTKE *et al.*, 2002; BOETTKE e RIZZO, 1995).<sup>35</sup>

O primeiro elemento da teoria da atividade empresarial que aparece na obra kirzneriana é a crítica ao agente econômico de Robbins. Ela aparece no primeiro livro de Kirzner, o “*The Economic Point of View*” (2009 [1960]).<sup>36</sup> Nesta obra, Kirzner considera que o agente resultante da contribuição teórica de Robbins tem sua atividade econômica descrita por um processo de otimização, uma vez que estão admitidos fins e meios pré-estabelecidos (KIRZNER, 2009 [1960], p. 121-122).<sup>37</sup> Isso porque, na leitura kirzneriana, o comportamento econômico descrito por Robbins não escapa à atividade maximizadora, mesmo considerando múltiplos fins, porque o indivíduo teria como objetivo final uma satisfação pessoal subjetiva por meio deles.

Na leitura de Kirzner, Robbins admitiu os fins dos agentes como dados, enquanto os meios seriam recursos externos definidos na natureza. Logo, ambos seriam exógenos à ação

---

<sup>35</sup> Destes trabalhos, as revisões dos livros de Briefs (KIRZNER, 1963a) e Smyth (KIRZNER, 1964) não apresentam relação direta com a teoria da atividade empresarial.

<sup>36</sup> Citado por Kirzner no artigo “*Methodological Individualism, Market Equilibrium, and Market Process*” (KIRZNER, 2015d [1967], p. 180 e 181), e no livro “*Competition and Entrepreneurship*” (KIRZNER, 2013 [1973], p. 28).

<sup>37</sup> Porém, segundo o próprio Kirzner esse livro contribuiu apenas de maneira indireta com sua inspiração para a ideia de função empresarial (BOETTKE e SAUTET, 2018d, p. 735).

individual. Então, o escopo econômico, como admitido na visão robbinsiana, seria analisar a relação entre fins e meios (KIRZNER, 2009 [1960], p. 130). Na visão kirzneriana isso implica no problema da arbitrariedade em escolher para os agentes quais são seus fins e meios por meio da observação externa. Outra dificuldade dessa abordagem seria a atitude de considerar a ação como direcionada a fins últimos, que para o agente só são objetivos finais no contexto específico em que ocorre a ação (KIRZNER, 2009 [1960], p. 131-132). Sob outra perspectiva, portanto, tais fins podem configurar como meios nos planos individuais ao longo do tempo.<sup>38</sup>

Kirzner defende que meios e fins, bem como os meios mais adequados para determinados fins, dependem de um ponto de vista. Para o tomador de decisão, os meios são aquilo que o ajudam a atingir determinado fim, e este é caracterizado como tal enquanto for o último objetivo para o agente. Outra questão, os meios escolhidos seriam sempre apropriados para quem escolhe, de modo que os julgamentos das ações econômicas só podem ser feitos pelo próprio agente em momento posterior (KIRZNER, 2009 [1960], p. 133-134). Porque só a ele estaria acessível as motivações que o levaram às primeiras escolhas.

Assim, a análise de fins e meios sempre remete à perspectiva de quem observa, seja o tomador de decisão naquele instante, ou seu observador, ou qualquer um deles no futuro. Logo, não caberia um julgamento externo acerca da eficiência na escolha dos meios pelo indivíduo, já que sua decisão é particular e contextualizada por seu próprio plano, inacessível à observação externa.

Isso se explica pelo conceito de racionalidade admitido por Kirzner, defendido por ele na década de 1960 em respostas a Becker (KIRZNER, 1962, p. 381-382; 1963c, p. 84-85)<sup>39</sup>, a Buchanan (KIRZNER, 1965, p. 260)<sup>40</sup>, e na revisão de um livro de Shackle (KIRZNER, 1967a, p. 210)<sup>41</sup>. Nestes trabalhos, Kirzner enfatizou a necessidade de se considerar toda ação humana como racional, o que implica considerar que toda decisão econômica também o seja. Subjacente a isso está a ideia de particularidade da expectativa individual no processo decisório, só compreensível a partir do ponto de vista do agente – a pura “*logic of choice*”

---

<sup>38</sup> “By squeezing the element of purpose out of action, Robbin’s structure of ends and means is “timeless” in the sense that it ignores the fact that ends are never presented to the actor coincidentally with the means.” (KIRZNER, 2009 [1960], p. 130-131)

<sup>39</sup> Citado por Kirzner no artigo “*Methodological Individualism, Market Equilibrium, and Market Process*” (KIRZNER, 2015d [1967], p. 184).

<sup>40</sup> Citado por Kirzner no artigo “*Methodological Individualism, Market Equilibrium, and Market Process*” (KIRZNER, 2015d [1967], p. 188) e no livro “*Competition and Entrepreneurship*” (KIRZNER, 2013 [1973], p. 171 e 172). Kirzner também referencia sua resposta à Buchanan no artigo (KIRZNER, 2015d [1967], p. 188).

<sup>41</sup> Citado por Kirzner no artigo “*Methodological Individualism, Market Equilibrium, and Market Process*” (KIRZNER, 2015d [1967], p. 181 e 189), e no livro “*Competition and Entrepreneurship*” (KIRZNER, 2013 [1973], p. 28).

misesiana.<sup>42</sup> Na ausência de qualquer mudança no conjunto externo de condições com que o agente se depara, somente mudanças nas preferências ou no seu nível de conhecimento poderiam levá-lo a mudar seus planos, e com isso a direção das suas ações.

Também é possível encontrar alguns *insights* sobre a função empresarial no segundo livro de Kirzner, o “*Market Theory and the Price System*” (KIRZNER, 2011a [1963]). O autor descreve esse livro como uma forma de traduzir as ideias misesianas para um público mais amplo dentro da profissão dos economistas (KIRZNER, 1997e, p. 4).<sup>43</sup> Deste material podem ser destacados o papel do empresário, a noção de competição como processo, a coordenação do mercado por meio do reajuste dos planos individuais e o conceito de monopólio.<sup>44</sup>

Este livro é um manual de microeconomia em que Kirzner buscou apresentar uma versão Austríaca para a teoria dos preços. Assim, embora existam alguns elementos que ressurgiriam na sua teoria da atividade empresarial, esses temas são tocados superficialmente, apenas inseridos na perspectiva mais ampla de explicar o funcionamento da economia em sua tendência ao equilíbrio. O próprio Kirzner reconhece (BOETTKE e SAUTET, 2018d, p. 726) que nesse período ainda não havia compreendido a extensão das ideias de Mises, e por isso propôs-se à tarefa de alinhar as abordagens tradicional e misesiana em um mesmo arcabouço – baseado no alcance do equilíbrio.

O papel do empresário aparece com a simplificação de que os agentes econômicos possam ser divididos em três categorias: consumidores, proprietários de recursos e empresários. Essa simplificação permite a Kirzner ilustrar essas categorias como funções realizadas no mercado pelos agentes em suas decisões. Neste livro, os empresários estão confinados à atividade produtiva, atuando como representantes das preferências da demanda

---

<sup>42</sup> Kirzner (2011a, p. 8-9) entende a “*logic of choice*” como a compreensão da decisão com base no conhecimento sobre os custos de oportunidades enfrentados pelo indivíduo ao momento da escolha, possível porque o observador externo partilha com ele a mesma lógica no entendimento dos incentivos em questão.

<sup>43</sup> “I [Kirzner] was trying to make a bridge between Austrian and neoclassical microeconomics. And I tried to do the same in *Competition and Entrepreneurship*, as well.” (BOETTKE e SAUTET, 2018d, p. 727)

<sup>44</sup> Poderia ser argumentado, como faz o próprio Kirzner (1992c, p. 169), que neste material já está presente a diferenciação entre situações de sobre-otimismo e sobre-pessimismo, tal como no resumo da teoria kirzneriana da atividade empresarial (KIRZNER, 1997c, p. 45), explorada na segunda seção deste ensaio. Uma consulta à discussão existente em Kirzner (2011a [1963]) mostra que a preocupação do autor neste livro foi mostrar a tendência ao equilíbrio econômico com base na disseminação da informação. Isso ocorre a partir de duas possibilidades: (i) a existência de oportunidades de transação melhores que vão sendo descobertas (compatível com a explicação do sobre-pessimismo); ou (ii) a aprendizagem derivada da frustração dos planos resultante de preços de mercado diferentes dos esperados (compatível com a explicação do sobre-otimismo) (KIRZNER, 2011a [1963], p. 122-123). Embora as explicações sejam as mesmas nos dois materiais, Kirzner não explora no manual a função empresarial dos agentes na descoberta das oportunidades, tal que essas últimas só são explicitadas para a ênfase de que a economia possa estar em desequilíbrio. Por esse motivo, as situações descritas no manual só foram consideradas aqui como antecipação da tendência das forças de mercado em promover o equilíbrio econômico, que também seria explorada em sua teoria da atividade empresarial.

junto à produção, alinhando os interesses de consumidores e proprietários de recursos. Logo, já aparece a noção de uma atividade que é coordenadora no mercado (KIRZNER, 2011a [1963], 18), bem como o lucro puro como parte que lhe cabe na distribuição dos resultados econômicos que possam vir da produção (KIRZNER, 2011a [1963], p. 44).

A questão da competição enquanto processo também é explorada, mas não como estado final de coisas. Sua discussão da economia inicia fora das condições de equilíbrio, já que a análise de Kirzner busca apontar a existência de uma tendência para que ele seja alcançado (KIRZNER, 2011a [1963], p. 3). O ajuste do mercado com a revisão dos planos individuais aparece como explicação para essa tendência, porque os planos frustrados são revistos, promovendo maior coordenação entre os agentes econômicos (KIRZNER, 2011a [1963], p. 31). Por fim, o monopólio é apresentado por Kirzner (2011a [1963], p. 138-139) como a situação em que um indivíduo tem poder de mercado sobre um produto ao controlar a disponibilidade de um insumo necessário para produção, ficando imune à competição.

Em seu artigo “*On the Premises of Growth Economics*” de 1963, Kirzner destacará uma consideração sobre a análise normativa da economia tradicional pautada no bem-estar. O trabalho faz uma crítica à preocupação com o crescimento econômico na forma como é apresentada nos manuais de economia e na mídia (KIRZNER, 1963b). Entre os pontos destacados em seu julgamento, fica evidente a crença kirzneriana na capacidade do mercado em permitir o melhor resultado social, aquele atingido sem cercear a liberdade individual (KIRZNER, 1963b, p. 421).

Para os propósitos do presente ensaio, entretanto, mais importante nesse artigo de 1963 é a discussão kirzneriana acerca da relação entre crescimento econômico e aumento de bem-estar social que emerge da teoria econômica tradicional. Porque aí se encontra um elemento de sua teoria da atividade empresarial, a revisitação de planos individuais pelos agentes ao longo do tempo.

Conquanto ainda não esteja explicitada a mudança no nível de conhecimento, Kirzner associa as mudanças de preferências à passagem do tempo. A perspectiva kirzneriana é de que uma avaliação de bem-estar entre períodos não pode ser realizada porque o bem-estar é uma situação individual, logo, diz respeito às preferências de um único agente. Assim, mesmo levando-se isso em conta, as avaliações de bem-estar relacionadas ao crescimento econômico precisariam considerar o mesmo indivíduo em dois momentos no tempo, o que só seria possível admitindo suas preferências como constantes (KIRZNER, 1963b, p. 427). O que não pode ser feito, porque: “between persons not existing simultaneously, it seems hardly possible even to define what such a comparison should mean” (KIRZNER, 1963b, p. 427).

No terceiro livro de Kirzner, o “*An Essay on Capital*” (2010a [1966]), também está presente a ideia de revisão dos planos de acordo com a mudança nas informações com que o agente se depara.<sup>45</sup> Em paralelo a isso estão reforçados a tendência à coordenação econômica e o papel que os empresários têm junto à produção como representantes da demanda, da mesma forma como defendido em seu livro-texto de microeconomia. Outra ideia presente na obra trata da possibilidade de participar do mercado na ausência de recursos econômicos próprios.

Como os agentes formulam planos com base nas expectativas que possuem sobre o mercado, ao se depararem com condições diferentes das esperadas eles ajustam seus planos de acordo com as novas informações. Esse processo de ajuste ocorre sistematicamente, formando um padrão identificável pelo aprendizado que um indivíduo tem ao participar do mercado (KIRZNER, 2010a [1966], p. 17).

Neste livro é possível perceber a crença kirzneriana de que a economia de mercado permite a obtenção de recursos emprestados por meio de adiantamentos, possibilitando aos indivíduos perpetrarem seus objetivos mesmo na impossibilidade de autofinanciamento (KIRZNER, 2010a [1966], p. 34-35).

“Prominent among the factors that an individual must take into consideration in formulating his plans, will therefore be the *market prices* of (a) the resources that he expects to come directly into his own possession, and (b) the resources that will be required for the execution of the various plans under scrutiny. For the purposes of the analysis of *individual* multiperiod planning, one assumes that these prices are given and externally determined. The existence of these prices (in conjunction with output prices) makes possible the calculation in monetary terms of the *costs* associated with the various projects up for consideration. The relationship between the prices of future output and those of current resources determines the attractiveness of those projects feasible only through the employment of borrowed resources.” (KIRZNER, 2010a [1966], p. 35)<sup>46</sup>

Kirzner utiliza o termo “empresarial” no “*An Essay on Capital*” para explicar uma decisão de produção que tenta antecipar o desejo dos consumidores. Tal decisão faz parte de um plano, e este vai sendo modificado de acordo com a correção das expectativas, o que ocorre pelo aprendizado decorrente da participação do indivíduo no processo de mercado, onde a viabilidade do plano pode ser avaliada (KIRZNER, 2010a [1966], p. 40-41).

---

<sup>45</sup> Citado por Kirzner no artigo “*Methodological Individualism, Market Equilibrium, and Market Process*” (KIRZNER, 2015d [1967], p. 180 e 181), e no livro “*Competition and Entrepreneurship*” (KIRZNER, 2013 [1973], p. 28).

<sup>46</sup> Mesma argumentação que Kirzner utilizou para explicar que a descoberta de uma oportunidade empresarial implica, necessariamente, não só encontrar uma fonte de ganhos, mas também como cobrir os custos, já que sem essa última o indivíduo não descobre de fato uma possibilidade de lucro (KIRZNER *et al.*, 1980, p. 30).

Uma questão que ainda pode ser explorada neste terceiro livro é o papel do erro, porque nesta obra já se tem o erro empresarial resultando no desapontamento quanto às expectativas de preço, entre os preços esperado e observado, levando à revisão de planos (KIRZNER, 2010a [1966], p. 41). Justamente o papel que é atribuído por Kirzner ao erro em sua teoria da atividade empresarial, já que os erros resultam da ausência de coordenação anterior às decisões individuais, abrindo espaço para a possibilidade de lucros puros (KIRZNER, 2013 [1973], p. 56).

Assim, estariam antecipadas em seu terceiro livro as raízes da ideia de arbitragem de preços pela qual Kirzner ficou mais conhecido na literatura econômica. Porque na abordagem kirzneriana há a ideia de que o indivíduo independe da posse de capitais prévios para realizar uma atividade econômica, a busca empresarial pelo atendimento às preferências dos consumidores, bem como a oportunidade de ganho na correção de erros prévios.<sup>47</sup>

Por fim, no último trabalho antecedendo seu artigo pioneiro sobre a função empresarial, Kirzner enfatizará o empresário misesiano que lhe servirá de inspiração. O artigo “*Divergent Approaches In Libertarian Economic Thought*” de 1967 objetivou apresentar as diferenças entre o que Kirzner denominou de Escola de Chicago e os misesianos (KIRZNER, 1967b, p. 101). Das distinções apontadas no artigo, aqui são destacadas: (i) o papel do equilíbrio na teoria econômica; e (ii) o conceito de monopólio (KIRZNER, 1967b, p. 103).

O empresário surge na discussão quando Kirzner diferencia a abordagem entre os seguidores de Chicago e os misesianos. No pensamento kirzneriano, uma vez que a Escola de Chicago assume a existência do equilíbrio para a análise econômica, estaria excluindo a possibilidade de o empresário realizar sua função, tornando-o “periférico” na teoria econômica. Na perspectiva misesiana, por outro lado, assume-se a economia em desequilíbrio, de modo que o empresário é o personagem responsável por promover a competição, colocando o mercado em movimento (KIRZNER, 1967b, p. 105-106).<sup>48</sup>

Já a diferenciação do conceito de monopólio mostra que este é entendido pelos seguidores de Chicago como advindo do poder de mercado, enquanto para Mises depende da posse exclusiva de um recurso indispensável à produção de um bem (KIRZNER, 1967b, p. 107-108). Conquanto isso não seja fundamental para a teoria da atividade empresarial

---

<sup>47</sup> Objeto de desacordo na EA a partir das diferentes teses de Kirzner e Rothbard (GIANTURCO, 2014, p. 29).

<sup>48</sup> “Here the entrepreneur, the initiator of change, searching for the profit opportunities spawned by disequilibrium conditions, performs the most essential role of all. [...] **It is he who occupies the center of analytical attention.**” (KIRZNER, 1967b, p. 106, ênfase adicionada)

kirzneriana, essa distinção dos significados de monopólio ilustra diferentes visões sobre a ideia de competição.

Embora a discussão do monopólio não apareça no artigo de 1967, será uma das comparações utilizadas por Kirzner no livro de 1973. Porque neste material ele também busca mostrar que o monopólio é uma situação alcançável dentro do processo de mercado competitivo, por meio da percepção empresarial de que a posse total de um determinado recurso conferirá uma fonte de lucro (KIRZNER, 1967b, p. 107-108; 2013 [1973], p. 82-83).

Kirzner (1997e, p. 4) afirma que a ideia da função empresarial defendida em 1973 não afetou seus primeiros livros, porque tal *insight* só lhe ocorreria após a conclusão desses. Porém, verifica-se que as obras que antecedem a defesa kirzneriana da função empresarial no processo de mercado, quando tomadas conjuntamente, já contemplam os elementos centrais para a teoria de Kirzner. Estão presentes: (1) o estado de desequilíbrio que permite oportunidades de lucro puro; (2) o equilíbrio como compatibilidade de planos (ações e expectativas); (3) o papel empresarial de perceber uma oportunidade de lucro – sem explicitar o estado de alerta; (4) uma tendência à extinção do lucro puro; (5) uma tendência ao equilíbrio na economia; (6) a função empresarial como promotora de mudanças no mundo real.

Adicionalmente, é possível destacar outros componentes que não encontram aderência com aqueles principais, citados a partir do resumo da teoria kirzneriana na segunda seção deste capítulo, mas que são encontrados na versão consolidada da proposição, em especial: (i) a possibilidade de as atividades econômicas independermos da posse prévia de capitais por parte de seus executores; (ii) a tendência ao equilíbrio na economia ser originada pelo processo empresarial de correção dos erros, com base na revisão dos planos individuais; e (iii) a divisão dos agentes econômicos em três categorias de acordo com suas funções.

#### 2.4.2 Elementos da teoria da atividade empresarial no pensamento econômico kirzneriano entre 1967 e 1973

Para o período de 1967 a 1973, iniciando com a publicação do primeiro artigo em que Kirzner discorreu sobre a função empresarial que se tem conhecimento, são encontrados oito

trabalhos publicados pelo autor: cinco artigos e três revisões de livros (e.g. BOETTKE *et al.*, 2019; BOETTKE *et al.*, 2002; BOETTKE e RIZZO, 1995).<sup>49</sup>

A primeira defesa de uma função empresarial no processo de mercado é feita por Kirzner em seu artigo “*Methodological Individualism, Market Equilibrium, and Market Process*” de 1967. Kirzner (2015d [1967], p. 175-176) inicia-o esclarecendo que sua preocupação é contrapor o foco no equilíbrio identificado na teoria econômica tradicional. O posicionamento kirzneriano é de que a análise econômica deve voltar-se ao padrão de ajustes a partir do processo de mercado emergente do desequilíbrio na economia. Nessa análise o equilíbrio aparece apenas como caso de interesse teórico, cuja ocorrência não é pressuposta, mas entendida como ponto final do processo de mercado.

Kirzner recusa a ideia de que existam estruturas pré-definidas de fins e meios para o agente, tal como admitido na utilização do agente robbinsiano. Para Kirzner, a atividade economizadora não pode começar antes da formação dessa estrutura pelo próprio indivíduo. Isso perpassa a identificação contextual de quais são seus fins e os meios disponíveis e adequados para alcançá-los. Da mesma forma, Kirzner argumenta que qualquer mudança nas condições externas permite uma nova situação econômica, o que requer uma nova identificação de fins e meios, bem como uma decisão diferente por parte do agente. Porque a nova configuração entre fins e meios só surgirá depois que ocorrerem as mudanças nas condições externas (KIRZNER, 2015d [1967], p. 182), não existindo a priori para o indivíduo de maneira contingenciada. Portanto, a concepção de uma estrutura de fins e meios na escolha individual ocorre em cada decisão tomada pelo agente.

“And it at this point that the relevant aspect of the “Austrian” concept of the individual decision comes clearly into vision. By endowing the individual not only with the propensity to mould *given* means to suit *given* ends, but with the drive and alertness necessary for their discovery as well, the “Austrian” view points to the possibility of an entire logically-unified *sequence* of decisions, each one relevant to a pattern of ends-means as seen by the individual, that is the logical consequence of the experiences resulting from the earlier decisions.” (KIRZNER, 2015d [1967], p. 183)<sup>50</sup>

A ênfase kirzneriana é de que o processo de mercado é colocado em movimento porque na economia prevalece uma situação de desequilíbrio. Nesse cenário, a ausência de

---

<sup>49</sup> Destes trabalhos, o artigo “*Altruism, Social Responsibility, and the Market Economy*” (KIRZNER, 2018f [1972]) não apresenta relação direta com a teoria da atividade empresarial, e a revisão “*On Man-Made Tighropes*” do livro J. R. Rueff, revisado em 1968, não pôde ser acessada.

<sup>50</sup> O estado de alerta surge como explicação para a identificação orgânica de fins e meios. Segundo Boettke e Sautet (2018b, p. xi-xii), é essa característica que permite ao empresário sair do mundo determinístico, levando-o a executar sua função empresarial e colocando em funcionamento o processo de mercado.

coordenação entre os agentes permite a descoberta dos erros cometidos no período anterior, que se tornam oportunidades de ganho a partir da realocação dos recursos. Essa descoberta faz com que os agentes refaçam seus planos para obter o lucro descoberto. Uma vez que se admita começar a análise econômica considerando a economia em equilíbrio, não haveria erros a serem descobertos e corrigidos, de modo que o papel empresarial estaria excluído (KIRZNER, 2015d [1967], p. 185).

Mas o empresário é fundamental para Kirzner, que novamente descreve o sistema na teoria dos preços tradicional a partir da identificação de três agentes distintos sob a ótica da tomada de decisão: (i) consumidor, que usa sua renda para comprar no mercado; (ii) proprietário de recursos, que vende sua dotação inicial de recursos no mercado; (iii) empresário, ou empresário-produtor, que compra combinações de recursos e vende produtos. Os dois primeiros participam do mercado buscando extrair o maior valor para aquilo que eles têm a oferecer. O terceiro, por outro lado, busca no mercado a maior diferença de preços entre aquilo que compra e o que vende. Ou seja, o empresário não está oferecendo nada ao mercado, seja em recursos ou em renda, apenas explorando aquilo que já existe na oportunidade que ele descobre: um diferencial de preços (KIRZNER, 2015d [1967], p. 186).<sup>51</sup>

É por isso que Kirzner defende a independência da ação empresarial pura com relação à posse de quaisquer meios, derivando apenas do estado de alerta dos indivíduos para essa diferença de preços ou oportunidades originadas nas mudanças do mercado. Ela é a capacidade de antecipar que algo possa ser adquirido por um preço menor e vendido a um preço maior. Decorre disso a identificação kirzneriana do estado de alerta como o elemento empresarial (KIRZNER, 2015d [1967], p. 187), já que todos os indivíduos o possuem, embora em diferentes graus de precisão, e seu uso na identificação de uma oportunidade de lucro independe de qualquer custo econômico.

Depois do artigo de 1967, Kirzner ainda publicou cinco trabalhos antes do livro de 1973, alguns deles referenciados nesse último. Esse é o caso das revisões do livro de Dewey [1969] (e.g. KIRZNER, 2013 [1973], p. 74, 162 e 189) e do livro editado por Manne [1969] (e.g. KIRZNER, 2013 [1973], p. 45 e 70). Porém, mais esclarecedora que a referência a esses materiais é o uso corrente dos termos atividade empresarial e empresário, bem como a discussão de sua função no sistema econômico a partir dos mais diversos temas.

---

<sup>51</sup> “They buy in order to sell. [...] The essence of the **entrepreneurial role** is precisely to discover and exploit price situations hitherto unexploited.” (KIRZNER, 2015d [1967], p. 186, ênfase adicionada)

Na revisão do livro de Dewey [1969], Kirzner (1970a, p. 489) concordará com diversas críticas da obra quanto à teoria da competição imperfeita. Em especial, Kirzner (1970a, p. 489-490) destaca a importância de se abandonar o estado de equilíbrio como centro de análise nas teorias dos preços. Para Kirzner, faltaria à teoria microeconômica considerar a atividade empresarial que fica negligenciada na admissão do estado de equilíbrio já que este exclui as oportunidades de lucro e a concorrência ativa no mercado. A proposta kirzneriana, nessa revisão, é de que o mercado seja entendido como um processo e não como um estado.

Já o artigo “*The “POWER” Problem on Campus*” traz a discussão da democratização da administração das universidades. Também publicado em 1970, neste texto Kirzner defende que ser um empresário é uma questão de escolha. Basta, para isso, convencer os proprietários de recursos acerca de algum empreendimento (KIRZNER, 1970b [1970], p. 478), de modo que se independe da posse inicial de algum recurso econômico para a realização da atividade empresarial. Disso emerge a visão kirzneriana percebida em suas primeiras obras, do empresário como um representante da demanda junto a oferta – aqui representada pelos proprietários de recursos. Porém, agora, com a explicitação da responsabilidade última sobre os lucros e prejuízos, já que é a quem os recursos estão destinados por seus proprietários (KIRZNER, 1970b [1970], p. 479).<sup>52</sup> Ou seja, são relevantes para a conceituação da função empresarial o poder e a responsabilidade últimos sobre a alocação de recursos econômicos.

Outra publicação de Kirzner na época foi a revisão de um livro composto por textos de diferentes autores e editado por Manne [1969]. Do capítulo de Demsetz, Kirzner reconhece a importância em diferenciar duas noções de competição, com e sem a admissão da rivalidade entre os concorrentes, ou seja, assumindo ou não o estado de equilíbrio como foco da análise. Nos capítulos de Alchian e Williamson faltariam, no pensamento kirzneriano, a inclusão da atividade empresarial, em diferentes graus e níveis, e a exclusividade de sua ocorrência em situações de desequilíbrio (KIRZNER, 1971a, p. 468). Portanto, a análise dos textos é permeada pela visão empresarial de Kirzner sobre o sistema econômico.

A importância do empresário e sua função no sistema econômico também são defendidas por Kirzner no capítulo “*Entrepreneurship and the Market Approach to Development*”, publicado em um livro ainda em 1971. Essa importância é justificada à luz da teoria econômica tradicional, que excluiu o papel do empresário da literatura ao mesmo tempo que o considera relevante para o desenvolvimento econômico (KIRZNER, 1971b, p. 194-195). O objetivo admitido por Kirzner no artigo é uma “attempt to reconsider the role of the

---

<sup>52</sup> Da mesma forma como colocado por Mises no “*Profit and Loss*” (MISES, 2008 [1951], p. 145).

entrepreneur in the theory of developing market economy” (KIRZNER, 1971b, p. 195), já que essa teoria é desenvolvida com base no empresário schumpeteriano.

Neste texto, Kirzner retoma pontos importantes da sua argumentação na ação empresarial, como a insatisfação com a economização na teoria econômica tradicional; a necessidade de entender a decisão para além do seu caráter alocativo; o entendimento do estado de alerta como o elemento empresarial na decisão individual; a condição de desequilíbrio econômico; a relação entre conhecimento e eficiência da decisão; o descontentamento com o modelo de competição perfeita; a insatisfação com a pressuposição do equilíbrio na teoria econômica (KIRZNER, 1971b, p. 196-197); a existência de lucros puros na situação de desequilíbrio; a exploração de oportunidades de lucro puro como ação empresarial, motivada pelo elemento empresarial na tomada de decisão (KIRZNER, 1971b, p. 198); a atividade empresarial como coordenadora, tanto na análise de um único período como em múltiplos períodos (KIRZNER, 1971b, p. 200); e a relativização do equilíbrio com relação à informação existente na economia (KIRZNER, 1971b, p. 204).

Porém, o que fica mais claro neste trabalho com relação aos demais é a atividade empresarial como uma antecipação que o indivíduo faz com relação às decisões dos outros agentes na economia, originada na percepção subjetiva do próprio empresário.<sup>53</sup> Logo, a função empresarial é entendida como coordenadora, porque o agente percebe uma oportunidade de lucro que acredita existente e a explora, eliminando-a do mercado e tornando este mais coordenado (KIRZNER, 1971b, p. 198-199). Isso é feito com base em uma argumentação que será repetida no “*Competition and Entrepreneurship*”, com a ênfase kirzneriana na diferenciação entre seu empresário e o de Schumpeter, na dicotomia coordenador *versus* descoordenador (KIRZNER, 1971b, p. 199; 2013 [1973] p. 63-65).

Outro esclarecimento deste texto é quanto à diferenciação entre a versão que Kirzner está defendendo para a análise da decisão individual – não denominada como sua ou Austríaca, mas do processo de mercado – e a adotada na economia tradicional de economização. Conquanto demonstre recorrentemente sua insatisfação com essa última em trabalhos desde a publicação de seu primeiro livro em 1960, neste artigo o autor a apresentará de maneira mais didática, quando Kirzner (1971b, p. 204) afirma que a decisão individual deve ser analisada a partir de dois pontos: (i) a descoberta do melhor meio para o alcance de um fim, um problema de cálculo enfrentado pelo indivíduo; (ii) a garantia de que o melhor

---

<sup>53</sup> “Awareness of this element [estado de alerta] in human action leads to the recognition that knowledge by the outside observer of the “data” surrounding a decision-making situation is not sufficient to yield a prediction of the decision that will be made.” (KIRZNER, 1971b, p. 196-197)

meio seja de fato escolhido pelo agente. Para o autor, a economia tradicional só leva em conta o primeiro aspecto, pressupondo que o segundo ocorra automaticamente. Kirzner defende, entretanto, que o indivíduo possa não ter a informação relevante para a escolha do melhor meio, algo que é alcançado através do elemento empresarial, com a aprendizagem ao longo do tempo.

Exemplo disso é a ilustração do elemento empresarial em dois níveis, individual e de mercado, mostrando como em ambos os casos ele é responsável pela aquisição de novo conhecimento, permitindo uma maior coordenação que reflete a tendência ao equilíbrio:

“In the market system the existence of opportunities is signalled by profit opportunities in the form of price differentials. Now signals may not always be seen – but the kernel of market theory is that a tendency exists for them to be seen. The profit incentive is viewed as the attractive force. It is a force which not only provides the incentive to grasp the opportunities once perceived, but which ensures a tendency for these opportunities to be perceived. Entrepreneurship is seen as the responding agency; the alertness of the entrepreneur to profit possibilities is seen as the social mechanism ensuring the capture by society of the possibilities available to it. **What the “entrepreneurial” element in individual decision-making is to the individual, the entrepreneur himself is to the market economy.**” (KIRZNER, 1971b, p. 205, sublinhados no original, ênfase adicionada)

Por fim, no último trabalho antecedendo a publicação do “*Competition and Entrepreneurship*”, o “*Advertising*” de 1972 (e.g. BOETTKE *et al.* 2019; BOETTKE *et al.*, 2002; BOETTKE e RIZZO, 1995), Kirzner discutirá o papel da publicidade na teoria econômica. Nesse trabalho ele defenderá a função empresarial da propaganda (KIRZNER, 1972, p. 518); retomará o conceito Austríaco de monopólio (KIRZNER, 1972, p. 519); mostrará a impossibilidade de diferenciar custos de produção e de venda (KIRZNER, 1972, p. 520-521); e defenderá a atividade empresarial como independente da propriedade de recursos (KIRZNER, 1972, p. 525). Quatro pontos que ele repetirá por meio das mesmas argumentações no “*Competition and Entrepreneurship*” (KIRZNER, 2013 [1973]).

No artigo, a função do empresário é realocar os recursos econômicos, da produção de bens menos desejados pelos consumidores para os mais cobiçados. Porém, essa avaliação empresarial é especulativa, com base no lucro esperado dessa mudança alocativa (KIRZNER, 1972, p. 517). Para Kirzner, assumindo-se uma economia de livre mercado, a concorrência assegura que o equilíbrio econômico não seja alcançado, porque os agentes estarão sempre competindo para se superarem. Desta forma, buscam antecipar-se uns aos outros porque “if anyone believes that he can produce something that can serve consumers’ wants more faithfully, he can try to do it” (KIRZNER, 1972, p. 518).

Mas essa tentativa não ocorre apenas via preço, entra também a qualidade, porque a concorrência ocorre com o empresário oferecendo algo que acredita ser uma oportunidade melhor para os consumidores. Logo, não havendo um agente que possua a totalidade de um recurso essencial para a produção de um determinado bem, este não poderá ser monopolizado (KIRZNER, 1972, p. 519), estando sujeito à competição.

Para Kirzner (1972, p. 520-521), não há como separar os custos de produção dos custos de venda, como teria proposto Chamberlin. Porque ambos os dispêndios ocorrem com a finalidade última de vender o produto, tornando qualquer separação entre eles arbitrária. “It depends entirely on the value judgements of the outside observer. [Porque] [...] a consumer’s needs are defined by no one else other than himself” (KIRZNER, 1972, p. 521-522).

Portanto, a publicidade é encarada por Kirzner como um acessório à função empresarial – ou seu resultado –, qual seja, o de despertar a consciência do consumidor para a existência de uma oportunidade à sua disposição – um esforço de venda. A propaganda é o meio pelo qual o empresário informa as pessoas da existência do produto específico que ele está oferecendo (KIRZNER, 1972, p. 524). É uma forma de materializar sua função empresarial no sistema econômico.

Uma vez que se tenha a consciência, ou o palpite, de que um consumidor está disposto a pagar um preço maior do que o necessário para o fornecimento de uma determinada mercadoria, configurará como empresário alguém que aproveite essa oportunidade. Porque a atividade empresarial refere-se ao lucro puro, um ganho em troca de nada. O diferencial de preços esperado pelo empresário já contabiliza todos os custos a serem incorridos para fornecer o bem em questão. Porém, realizar essa arbitragem de preços implica mais que produzir ou disponibilizar um produto (KIRZNER, 1972, p. 525). É necessário dar-lhe publicidade.

“The entrepreneur puts it in the ground in a form that the consumer recognizes. To do this requires much more than fabrication. It requires communication. It requires more than simple information. It requires more than writing a book, publishing it, and having it on a library shelf. It requires more than putting something in a newspaper in a classified ad and expecting the consumer to see it. You have to put it in front of the consumer in a form that he *will* see. Otherwise, you’re not performing your entrepreneurial task.” (KIRZNER, 1972, p. 525)

Assim, verifica-se que todos os elementos da teoria da atividade empresarial apresentados na síntese de 1997 por Kirzner (1997c, p. 45-46) já se encontram desenvolvidos nos trabalhos publicados entre o artigo de 1967 e o livro de 1973. Cabe destacar a presença dos elementos: (1) estado de desequilíbrio, tal que existem oportunidades de lucro puro; (2)

equilíbrio como compatibilidade de planos (ações e expectativas); (3) estado de alerta da função empresarial para percepção de uma oportunidade de lucro puro; (4) tendência à extinção do lucro puro (dos erros de decisão e alocação); (5) tendência de descoberta de novas oportunidades de lucro; (6) tendência ao equilíbrio na economia; (7) impossibilidade do equilíbrio no mundo real.

Embora presente, pode-se discutir que a quinta ideia, sobre a descoberta, não recebeu a mesma ênfase comparando-se o intervalo 1967-1973 e o período posterior. Isso é justificado porque a ideia hayekiana do mercado como procedimento de descoberta apareceu originalmente em 1968, de modo que só passa a ser amplamente explorada e referenciada nas obras kierznerianas após o “*Competition and Entrepreneurship*”.

Aqui também é possível destacar outros componentes que não encontram aderência com aqueles destacados no resumo da tese kierzneriana da segunda seção deste capítulo, mas que irão permear o principal livro de Kirzner: (i) a possibilidade de as atividades econômicas independem da posse prévia de capitais por parte de seus executores; (ii) a tendência ao equilíbrio na economia ser originada pelo processo empresarial de correção dos erros, com base na revisão dos planos individuais; (iii) a divisão dos agentes econômicos em três categorias de acordo com suas funções; (iv) o uso da definição misesiana de monopólio; (v) a insatisfação com as teorias de competição imperfeita; (vi) o contraste entre o empresário proposto e aquele defendido por Schumpeter; e (vii) a propaganda como manifestação da função empresarial.

#### 2.4.3 A consolidação de uma teoria da atividade empresarial no pensamento kierzneriano

Kirzner publica sua principal obra em 1973 como uma teoria da atividade empresarial para explicar como o processo de mercado é guiado pela função empresarial dos indivíduos (BARBIERI, 2001, p. 35; 2008, p. 224-225). De acordo com Vaughn (1994, p. 101), esse livro constitui a primeira tentativa de Kirzner em fazer uma contribuição Austríaca à teoria tradicional.<sup>54</sup> Para o autor, o livro é uma tentativa de elaborar uma teoria do mercado e dos preços que seja baseada no entendimento do mercado como um processo (KIRZNER, 2013 [1973], p. 1), fundamental no Austriano para compreender a economia fora das condições de equilíbrio.

---

<sup>54</sup> No prefácio do “*Competition and Entrepreneurship*”, Kirzner afirma que o livro “can be viewed as a critique of contemporary price theory from an “Austrian” perspective; or it may be viewed as an essay on the theory of entrepreneurship, or on the theory of competition.” (KIRZNER, 2013 [1973], p. xv)

A versão teórica defendida por Kirzner parte das mesmas atividades econômicas existentes na teoria tradicional dos preços (KIRZNER, 2013 [1973], p. 4) – compra, posse de recursos e produção. Porém, nesta fase da tese kirzneriana não há ênfase no equilíbrio, e com isso elimina-se a preocupação com os valores de preços e quantidades que correspondem a ele. Antes, o objeto de interesse é a mudança que ocorre dentro do sistema de preços, com foco no processo de ajuste (KIRZNER, 2013 [1973], p. 5).

Uma oportunidade de lucro, explica Kirzner, decorre da ignorância dos participantes no mercado, por não perceberem a possibilidade de comprar um bem a preço menor do que é possível vendê-lo. As condições básicas para que essa oportunidade seja descoberta são: (i) a capacidade de aprendizagem sobre o processo de acertos e erros; (ii) o estado de alerta para as oportunidades de compra e venda (KIRZNER, 2013 [1973], p. 11-12).

“The pattern of decisions in any period differs from the pattern in the preceding period as market participants become aware of new opportunities. As they exploit these opportunities, their competition pushes prices in directions which gradually squeeze out opportunities for further profit-making.” (KIRZNER, 2013 [1973], p. 12)

Por isso o elemento empresarial no comportamento dos indivíduos é identificado no estado de alerta, que lhes permite a capacidade de perceber oportunidades de ganho no mercado (KIRZNER, 2013 [1973], p. 12). Mas a atividade empresarial pura, explicada por Kirzner como um recorte analítico dentro do processo decisório, só ocorre na ausência da dotação inicial de recursos porque ela é a observação de uma oportunidade de compra e venda, o que permite um lucro em troca de nada. Se não há dependência de recursos prévios, todos os indivíduos – tomadores de decisão – podem ser empresários (KIRZNER, 2013 [1973], p. 12). Disso resulta que nenhuma atividade realizada em um mercado livre possa ser protegida da concorrência, já que a existência do processo de mercado implica sempre a possibilidade de competição empresarial (KIRZNER, 2013 [1973], p. 12-13).

A existência de uma oportunidade de ganho no mercado decorre de uma descoordenação que é anterior à tomada de decisões dos indivíduos em análise. Esse desequilíbrio é caracterizado por Kirzner (2013 [1973], p. 54-55) como resultado da ignorância dos agentes, justificativa para essas oportunidades de lucro não terem sido anteriormente exploradas. Desta forma, é possível melhorar a alocação de recursos na economia, o que representa a existência de um espaço para a atividade empresarial.

Para Kirzner (2013 [1973], p. 188), do ponto de vista normativo, uma situação de desequilíbrio caminha para o estado de equilíbrio quando há uma movimentação da

informação imperfeita para o conhecimento completo. E esse movimento é gerado nas ações empresariais por tornarem o mercado mais coordenado. É neste sentido, afirma Kirzner (2013 [1973], p. 189), que o processo de mercado competitivo gera uma tendência ao equilíbrio, pela correção dos erros anteriores por meio da revisão de planos dos agentes econômicos.

A consolidação de uma teoria da atividade empresarial no pensamento econômico kirzneriano pode ser verificada na composição do livro “*Competition and Entrepreneurship*” em 1973. Embora seu primeiro capítulo faça um resumo de todo o livro (KIRZNER, 2013 [1973], p. 1-23), cada um dos capítulos subsequentes resgatará algo que já fora anteriormente apresentado pelo autor em outras obras.

No segundo capítulo Kirzner faz um detalhamento da teoria da função empresarial, colocando o empresário como o agente responsável por interligar o sistema econômico. Além de apresentar sua ideia de empresário como inspirado no agente misesiano, critica a versão de Schumpeter, contrastando as duas quanto ao papel coordenador ou descoordenador no sistema econômico (KIRZNER, 2013 [1973], p. 24-69). Ou seja, repete e elabora os tópicos encontrados em seus artigos anteriores (KIRZNER, 1967b; 1970b; 1971b; 1972). Além disso, sua caracterização do empresário serve de subsídio ao argumento de Salerno (2002, p. 129), de que o empresário kirzneriano é derivado da ênfase na ação propositada que Kirzner defendeu em seu primeiro livro. De fato, Kirzner (2009 [1960]) sugere neste material um avanço no escopo econômico quando se muda da definição robbinsiana para a conceituação misesiana sobre o foco da Economia, já que esta última centra-se na ação propositada.

O terceiro capítulo define o conceito de monopólio, baseado em uma perspectiva Austríaca, mas visto a partir da ação empresarial (KIRZNER, 2013 [1973], p. 70-107). Desta forma, está retomando o conceito como anteriormente utilizado em outros trabalhos, que só não está sujeito à concorrência empresarial quando garantido pela posse exclusiva de um recurso econômico indispensável à produção (KIRZNER, 2011a [1963]; 1967b; 1972).

No quarto capítulo é discutida a impossibilidade teórica de diferenciação não arbitrária dos custos de produção e de venda. Kirzner a utiliza para defender o caráter empresarial da publicidade como forma de despertar o estado de alerta dos consumidores (KIRZNER, 2013 [1973], p. 108-149). Conquanto tenha dado maior ênfase à função empresarial, bem como discutido o estado de alerta também para os consumidores no livro, este capítulo vale-se da mesma argumentação e referência a Chamberlin existentes no “*Advertising*” de 1972 (KIRZNER, 1972).

A discussão do quinto capítulo trata da diferenciação subjetiva entre curto e longo prazo no Austrianismo, cuja definição é contextual e particular para o indivíduo com relação

aos seus planos futuros de ação (KIRZNER, 2013 [1973], p. 150-169). Kirzner tangenciou brevemente o tema dos planos multiperíodo em seu artigo de 1963, ao passo que lhe deu extenso tratamento no livro sobre a teoria do capital em 1966 (KIRZNER, 1963b; 2010a [1966]). Isso também ocorre no texto de 1971 para mostrar como a coordenação plena na economia torna-se ainda mais irrealista quando o tempo é inserido na análise econômica (KIRZNER, 1971b).

Por fim, o último capítulo do livro traz uma discussão da análise do bem-estar na teoria econômica à luz da atividade empresarial, uma abordagem normativa para o processo de mercado (KIRZNER, 2013 [1973], p. 170-194). É aí que se encontram as maiores semelhanças entre o livro e o artigo de 1967 que foi pioneiro na defesa da função empresarial no sistema econômico (KIRZNER, 2015d [1967]).<sup>55</sup>

Porém, o descontentamento kirzneriano com a visão normativa da economia tradicional, utilizada como base para a proposta Austríaca, já fora antecipado em seu livro de 1960 e no artigo de 1963 sobre crescimento econômico. No artigo, em especial, Kirzner (1963b, p. 426-427) tratou da dificuldade em comparar o bem-estar intergeracional, o que tem implicações diretas para a política econômica. Principalmente porque os ganhos esperados são avaliados com base nas expectativas subjetivas que os indivíduos possuem no presente, que podem diferir para eles próprios no futuro ou para as próximas gerações.

Da mesma forma como o conjunto de trabalhos publicados por Kirzner entre 1967 e 1973 já compreendem todos os componentes da teoria da atividade empresarial resumida pelo autor em 1997, isso também ocorre no livro que consolidou sua proposição teórica.

No livro de 1973 o pensamento econômico kirzneriano sobre a atividade empresarial encontra-se materializado, o que é ilustrado pela utilização de ideias que vinha expondo em trabalhos anteriores na formação da sua proposta teórica e na aplicação a temas diversos. A exceção é a ênfase na percepção empresarial de uma oportunidade de lucro como ato de descoberta empresarial, associação que só será reforçada em trabalhos posteriores, como em seu livro de 1989 (KIRZNER, 2016a [1989]). Considerada a totalidade dos trabalhos de Kirzner entre 1960 e 1967, encontram-se dispersos quase todos os elementos da teoria da atividade empresarial, da mesma forma com que todos eles já aparecem unificados nos trabalhos entre 1967 e 1973.

---

<sup>55</sup> Tal constatação ajuda a explicar o fato de Hayek ser recorrentemente citado no artigo de 1967, mas é pouco referenciado durante os cinco primeiros capítulos do livro de 1973.

Também é possível notar na trajetória do pensamento kirzneriano rumo à consolidação da sua teoria da atividade empresarial, entre os anos 1960 e 1973, a mudança de postura por parte de Kirzner acerca de alguns elementos da sua teoria, em especial para o equilíbrio e o empresário. Conforme discutido, Kirzner reconhece não ter compreendido no início da carreira o alcance das ideias de Mises, o que pode justificar a alteração na forma como tratou desses dois temas nesse período.

Sobre o papel do equilíbrio, conquanto em todos os textos haja o reconhecimento do desequilíbrio como caso predominante, nos primeiros textos, em especial em seu manual de microeconomia, há uma ênfase em mostrar como o equilíbrio é alcançado. A ideia de processo de mercado está presente, por tirar a centralidade do ponto de repouso da economia e dar importância para a dinâmica da concorrência. Porém, é possível perceber o destaque ao equilíbrio como lugar relevante para o qual o mercado caminha. Situação que muda, especialmente no artigo seminal de 1967, onde se reconhece a diferença do papel atribuído ao equilíbrio com relação ao *mainstream*, uma vez que nessa fase Kirzner passa a usá-lo como ferramenta de análise. Logo, há nesse percurso uma transição da proposta kirzneriana, da explicação de como ocorre o equilíbrio para como funciona o processo de mercado.

Acerca da figura do empresário, ela revela a consistência do pensamento kirzneriano em admitir a soberania do consumidor, mostrando como a demanda guia a oferta na economia. Porém, nos primeiros textos Kirzner parece enfatizar o empresário como um representante da demanda inserido no lado da oferta, especialmente em seus livros de 1963 e 1966 na ideia de “empresário-produtor”. Concepção que começa a mudar no artigo de 1967, ao retomar a dicotomia entre os agentes econômicos baseados em Robbins e Mises para mostrar que o elemento empresarial, o estado de alerta, é inerente a toda tomada de decisões.

Como se constata na evolução do pensamento de Kirzner, a função empresarial é estendida da produção para todas as áreas, do consumo à posse de recursos, como se verifica no livro de 1973. Algo que já é enfatizado nos artigos publicados no começo da década de 1970, em especial naquele sobre a publicidade, em que se esclarece sobre a necessidade de despertar o estado de alerta do consumidor para uma oportunidade. Portanto, a atividade empresarial permanece coordenadora em todos esses trabalhos, ao alocar melhor os recursos de acordo com os desejos dos consumidores, mas transita no pensamento econômico de Kirzner ao longo do tempo, da produção para as demais atividades econômicas.

## 2.5 A CONTRIBUIÇÃO DE KIRZNER PARA A TEORIA DA ATIVIDADE EMPRESARIAL

Uma vez que se considere a proposição central do “*Competition and Entrepreneurship*” como uma versão consolidada da teoria da atividade empresarial de Kirzner, cabe discutir qual é o valor adicionado pelo autor à sua própria obra. Isto é relevante na medida em que Kirzner aponta apenas ter desenvolvido as ideias de Mises e Hayek conjuntamente para a teoria da atividade empresarial (e.g. KIRZNER, 2015d [1967], p. 176; 2015c [1986], p. 40-42; 2015k [1995], p. 54; 1997c, p. 19 e 50). Como recorda Koppl (2002, p. 19), Kirzner afirma que sua teoria da atividade empresarial está na obra de Mises, repetindo a frase “[i]t’s all in Mises”. Porém, outras interpretações sugerem que Kirzner faça mais do que apenas desenvolver ideias que lhe são anteriores.

Algumas dessas interpretações limitam-se a contrariar que Kirzner esteja apenas desenvolvendo as ideias misesianas. Koppl (2002, p. 20) aponta que uma interpretação possível é que Mises esteja restrito à análise de indivíduos com escala de valores baseadas em seu conhecimento pessoal, ao passo que Kirzner estaria acrescentando um elemento praxeológico para a mudança desse conhecimento, e, conseqüentemente, alterações na hierarquia de valores. Para Boettke (2014, p. 234), Kirzner dedicou sua carreira ao estudo das ideias misesianas, mas não ficou restrito a isso, propondo-se também a desenvolvê-las. Rizzo (2014, p. 2) defende que Kirzner é original em promover uma teoria coerente a partir das ideias de Mises, enquanto Garrison (2002, p. 343) afirma que Kirzner tem tanto mérito quanto Mises no desenvolvimento de uma teoria da atividade empresarial.

Outras interpretações buscam mostrar que Kirzner transcende à conjugação das ideias de Mises e Hayek. Boettke e Sautet (2013, p. xi-xii) argumentam que Kirzner apresenta uma teoria capaz de explicar as mudanças endógenas na economia por meio da geração e dispersão do conhecimento nos mercados. Desta forma, a teoria da atividade empresarial de teria solucionado o problema hayekiano do conhecimento, leitura que também é feita por Horwitz (2010, p. 97). Nessa interpretação, contribuição kirzneriana atenderia como explicação para a coordenação dos indivíduos por meio da disseminação do conhecimento, explicando a emergência de uma ordem social. Boettke e Sautet (2018a, p. xi) ainda defendem que se credite à teoria de Kirzner a readmissão do elemento humano na Economia, suprimido na teoria tradicional em sua ênfase nas condições de equilíbrio.

Conforme as evidências apresentadas na terceira seção deste capítulo, nem as contribuições individuais de Mises e Hayek, ou mesmo a insatisfação de Kirzner com a teoria

tradicional, é suficiente, de maneira isolada, para contemplar todos os elementos da teoria da atividade empresarial. Ao mesmo tempo, a quarta seção deste ensaio mostrou como os trabalhos anteriores de Kirzner anteciparam todos os aspectos dessa proposição teórica, seja de maneira dispersa entre 1960 e 1967, ou de maneira unificada entre 1967 e 1973. Essa constatação pode levar à intuição de que existem contribuições teóricas propriamente kirznerianas à teoria da atividade empresarial, mas não é o caso.

Os primeiros trabalhos de Kirzner, apontados como antecipando elementos da defesa da função empresarial, também são influenciados pelo par Mises-Hayek, como pode ser observado em seus três primeiros livros.

O primeiro é derivado da tese de doutorado de Kirzner orientada por Mises, e conclui pela defesa de que a análise econômica seja voltada para a lógica da ação humana, uma ideia originalmente misesiana na Economia (KIRZNER, 2009 [1960], p. 169). O segundo foi um livro-texto de microeconomia baseado na versão Austríaca do processo de mercado em oposição aos manuais da Escola de Chicago e do MIT (BOETTKE e SAUTET, 2011a, p. xii). Mas sem afastar-se totalmente da teoria tradicional (VAUGHN, 1994, p. 101).<sup>56</sup> Kirzner (1997e, p. 4) reconhece que esse livro buscou levar as ideias de Mises para o restante da profissão dos economistas e para os alunos de graduação. Logo, não há como escapar à influência das ideias de Mises e Hayek nesse material. Principalmente porque:

“As Kirzner explained in an interview in 2006, in the book he was trying to bridge a gap between the neoclassical view of the market and what he understood Mises as saying about the market process. No one at the time really grasped Mises’s view of entrepreneurship or what Hayek meant regarding the role of knowledge.” (BOETTKE e SAUTET, 2011a, p. xiv)

Já no terceiro livro, Kirzner faz uma junção das ideias de Böhm-Bawerk e Mises para a explicação do capital e dos juros (BOETTKE e SAUTET, 2010, p. x). Nesta obra, Kirzner afirma que sua proposta para o entendimento do capital segue uma abordagem que “sees economic theory as the extensively worked out *logic of acts of individual choice*” (KIRZNER, 2010a [1966], p. 16). Desta maneira, Kirzner assume uma perspectiva misesiana na análise, ao passo que também faz referência ao trabalho de Hayek sobre a formulação de planos e a subjetividade na interpretação dos dados objetivos (KIRZNER, 2010a [1966], p. 26).

---

<sup>56</sup> O que é explicado quando o próprio Kirzner reconhece que no livro-texto há uma ênfase no estado de equilíbrio que ele abandonaria depois. Porque no manual se explora uma explicação hayekiana de como o processo de mercado converge para o equilíbrio, enquanto em obras posteriores é enfatizada a atividade empresarial para mostrar como o processo de mercado é dirigido (BOETTKE e SAUTET, 2018d, p. 733).

Da mesma forma, Kirzner enxerga seu quarto livro, o de 1973, como uma tentativa de levar as ideias de Mises e Hayek para o restante da profissão. Repetindo algo que Kirzner afirma ter tentado fazer em seu livro-texto de 1963: construir uma ponte entre as abordagens Austríaca e Neoclássica para a microeconomia (BOETTKE e SAUTET, 2018d, p. 727).

“I [Kirzner] did hope by writing that book to explain to the economics profession what Mises, particularly, was saying. It always seemed to me that Misesian ideas were ideas which economists in general ought to appreciate and which for some reason they were not able to appreciate. There was a communication barrier, and I saw my book as a way of somehow piercing that barrier and transmitting the Misesian and Hayekian ideas to the profession at large.” (BOEHM, 1992, p. 95)

Portanto, conquanto a validade das duas posições existentes na literatura sobre a contribuição kirzneriana, aquela assumida por Kirzner ou a demais autores destacados, argumenta-se aqui pela possibilidade de integrar essas diferentes visões. Apesar de ser um posicionamento reconhecido na literatura que Kirzner conjuga as ideias de Mises e Hayek, sua iniciativa não foi tomada como uma contribuição originalmente kirzneriana para a própria teoria da atividade empresarial. Com isso, a interpretação ora oferecida é de que só existe uma teoria da atividade empresarial pela presença simultânea das contribuições misesianas e hayekianas contrastadas com a microeconomia Neoclássica.

Assim, a principal originalidade na proposição kirzneriana foi adotar as abordagens de Mises e Hayek como complementares sob um mesmo arcabouço, este último desenhado com base na teoria tradicional e na correção das falhas apontadas por Kirzner. Defende-se que é a mistura desses três elementos sob a ótica kirzneriana que permite simultaneamente todos os aspectos da teoria da ação empresarial. Como afirma Kirzner:

“By freeing microeconomic analysis from the constrictions of the equilibrium state, Austrian theory is able to recognize the speculative element in all individual decision making, and to incorporate the activity of the real world business man into a **theoretical framework** that provides understanding of the market process.” (KIRZNER, 2000c [1997], p. 15, ênfase adicionada)

Essa questão se reveste de importância pela própria percepção que Kirzner oferece dos caminhos teóricos seguidos por Mises e Hayek. No pensamento econômico kirzneriano, Mises não deu atenção ao processo de aprendizagem dos indivíduos, ao passo que Hayek não tratou do caráter especulativo que tem a função empresarial (KIRZNER, 1997c, p. 18). Embora Kirzner trate dessas negligências a partir dos diferentes aspectos que esses autores buscaram enfatizar em suas obras, fato é que, sob esse ponto de vista específico, as abordagens de Mises e Hayek são distintas.

O reconhecimento dessa distinção leva Kirzner (1997c, p. 18) a afirmar que “[i]n terms of the positive theory of entrepreneurial discovery, the differences between Mises's understanding of the dynamic market process and Hayek's understanding of that same process, are less important than the congruence of these two ways of understanding markets”. Menos importantes, mas não inexistentes. O que é condizente com a especulação feita por Jakee e Spong (2003, p. 473-474), de que Kirzner tenha buscado resolver problemas da Economia tradicional com base na teoria Austríaca para poder conciliar as distintas visões metodológicas de Mises e Hayek.

Para Kirzner, os trabalhos de Mises e Hayek diferem em diversos aspectos, mas com possibilidade de complementariedade no processo de mercado. Mises enfatizando o caráter empresarial da ação humana e Hayek o papel do conhecimento. Tomar essas contribuições conjuntamente é o que permite o reconhecimento do cerne da atividade empresarial “the kind of processes involving the pure discovery of knowledge” (BOEHM, 1992, p. 110). E esse resultado é, para Kirzner (1997e, p. 7), mais importante do que as diferenças que ele vê entre as abordagens misesiana e hayekiana.

Neste sentido, a teoria da atividade empresarial colocada por Kirzner faz com que a teoria do processo de mercado avance para além das posições individuais que foram assumidas por Mises e Hayek, como defendido por Boettke e Sautet (2013, p. x). Ao mesmo tempo, a teoria kirzneriana é realmente um desenvolvimento das ideias de Mises e Hayek, como propõe Kirzner. Assim, “Kirzner has pushed beyond Mises in several instances to the point of making the Misesian theories his own” (GARRISON, 2002, p. 343).

Porém, a principal contribuição de Kirzner pode ser atribuída à sistematização de uma versão teórica do processo de mercado alinhando os elementos teóricos misesianos e hayekianos, tomando “these two ways of articulating a theory of market process turn out to be two sides of the same coin” (KIRZNER, 1997c, p. 18). O que é condizente com a perspectiva de Kirzner sobre sua teoria da atividade empresarial, enquanto uma versão própria da teoria do processo de mercado (KIRZNER, 2013 [1973], p. 68).

Essa seria uma versão Austríaca para o sistema de preços e o funcionamento do mercado construída em contraponto à teoria tradicional. Uma contraposição que mantém o individualismo metodológico e a distinção entre classes/agentes no sistema econômico para dar foco na função que é realizada por cada um na tomada de decisão. Uma sistematização que é apresentada em formatação específica, os moldes da teoria tradicional.

Como Kirzner afirmou: “I claim, indeed, that the “alertness” view of entrepreneurship enables us to have the best of both worlds: we *can* incorporate entrepreneurship into the

analysis without surrendering the heart of microeconomic theory” (KIRZNER, 2015b [1985], p. 146-147). O próprio Kirzner reconhece essa complementariedade, quando afirma que: “[h]aving a neoclassical background on the one hand and yet having a fell that Mises was seeing things that others hadn’t seen; I [Kirzner] tried to come to grips with it” (BOETTKE e SAUTET, 2018d, p. 728).

Segundo Boettke e Sautet (2018b, p. xi), Kirzner estaria utilizando a lógica da estrutura de mercado existente na teoria microeconômica tradicional dos preços para substituir o *homo economicus* pelo *homo agens*.<sup>57</sup> Para Boettke e D’Amico (2010, p. 89), com isso Kirzner fornece uma base científica para o processo de mercado a partir dos mesmos elementos que legitimam a teoria do mercado e do sistema de preços sob o arcabouço Neoclássico.

Poderia ser argumentado que a definição do estado de alerta é uma contribuição originalmente kirzneriana. Conquanto seja verificável que o conceito aparece inicialmente nas obras de Kirzner, a ideia está amplamente dispersa nas considerações de Mises sobre a função que o empresário realiza no sistema econômico ao agir sob a condição de incerteza.

Neste sentido, há um esforço kirzneriano em sintetizar essa atribuição na forma de um elemento que é apresentado como inerente a todos os indivíduos na tomada de decisão. Uma categorização analítica da função responsável por identificar fins e meios, e, com isso, oportunidades de ganho. Essa contribuição faz avançar a noção do agente econômico, daquele baseado em Robbins, para o derivado da concepção misesiana, o *homo agens* que é dotado de pelo menos duas capacidades adicionais: propensão à descoberta e ao aprendizado (KIRZNER, 2013 [1973], p. 12).

Essa consideração permite a Kirzner reunir as ideias que recupera de Mises e Hayek, respectivamente, sobre a ação propositada do empresário no mercado incerto e o aprendizado não intencionado pela participação na atividade econômica. No pensamento kirzneriano isso ilustra o entendimento de ambos os autores sobre a competição, colocada por eles de maneira distinta daquela proposta na teoria tradicional, o que caracteriza o processo de mercado.

Mas Kirzner mantém o entendimento convencional da concorrência como acessório na sua argumentação. Porque é nele que fica mais evidente como o agente econômico robbinsiano permaneceria indefinidamente em uma situação inicial de desequilíbrio por ser incapaz de descobrir ou aprender. Situação a que o *homo agens*, dotado de um estado de

---

<sup>57</sup> “Kirzner built his theory of entrepreneurship by opening up the framework of choice that defines human action, while keeping the system within the boundaries of rational choice theory.” (BOETTKE e SAUTET, 2018b, p. x)

alerta, não está sujeito porque “recognition of human purposefulness permits us to see the actions of people, the phenomena of social interaction, in terms of a calculus of choice” (KIRZNER, 1979c, p. 31). Logo, embora critique recorrentemente a tomada de decisão da teoria tradicional por ficar confinada ao cálculo ótimo, Kirzner não ignora que o processo de escolha perpassa o cálculo econômico, mas reforça seu caráter subjetivo.

É essa nova caracterização do agente econômico nos moldes tradicionais que permite o entendimento do mercado como um processo, ligando dois instantes no tempo por fatores endógenos na economia. Admite-se que os acontecimentos em um período, especialmente os erros cometidos na tomada de decisão, influenciam, sem determinar, aquilo que ocorre posteriormente. O que decorre da revisão de planos que é colocada em movimento pela existência de novas oportunidades de ganho a partir da descoordenação econômica do período anterior (KIRZNER, 1979c, p. 30). Assim, há uma tentativa kirzneriana em mostrar que a dinâmica econômica também é colocada em movimento por questões internas, derivadas do caráter imprevisível da ação humana propositada.

Adicionalmente, pode-se defender que após sistematizar uma teoria do processo de mercado com base na função empresarial em 1973 Kirzner tenha feito contribuições marginais à sua teoria (VAUGHN, 1992, p. 253; JAKEE e SPONG, 2003, p. 461-462). A ênfase na existência de diferentes tipos de erro a que a ação empresarial está sujeita, como nos casos de excesso de otimismo ou pessimismo (KIRZNER, 1997c, p. 45);<sup>58</sup> e a diferenciação entre tipos de dados no sistema econômico (KIRZNER, 1992h [1990], p. 42). Exemplos que não aparecem de maneira explícita no livro de 1973.

A leitura aqui sugerida, de que a originalidade na contribuição de Kirzner para a teoria da atividade empresarial seja a de formatar uma versão para a teoria do processo de mercado, encontra aderência nos trabalhos de Douhan *et al.* (2007) e Korsgaard *et al.* (2016).

Para Douhan *et al.* (2007, p. 221-222), a principal contribuição kirzneriana foi ampliar o público para a teoria da ação empresarial – e com isso aumentar o espaço para as ideias Austríacas. Segundo Korsgaard *et al.* (2016, p. 868), Kirzner conseguiu esse público maior por apresentar uma teoria embasada no arcabouço Neoclássico. Isso pode ser reforçado quando se considera que Kirzner é tomado como um dos principais expoentes do “*Austrian Revival*” por ter sua abordagem associada à da Escola Neoclássica (VAUGHN, 1992, p. 260; 1994, p. 05). De acordo com Vaughn (1994, p. 102), Kirzner utilizou deliberadamente uma linguagem que era familiar ao *mainstream* no seu livro de 1973. Para Vaughn (1992, p. 253),

---

<sup>58</sup> Sobre esse ponto, ver a nota de rodapé nº 44 na presente tese (p. 52).

Kirzner estruturou esse livro com dois objetivos: (i) reformular a teoria microeconômica dos preços; e (ii) aproximar essa reformulação dos próprios economistas Neoclássicos.

Essa interpretação ganha mais importância se se considera os caminhos seguidos pela EA após a década de 1950. Como mostra Boettke (1995, p. 134), após o debate econômico do cálculo sob o socialismo existiam duas visões sobre o Austrianismo: já ter sido absorvido pelo *mainstream* ou deixado de existir. Ou seja, após o debate do cálculo a percepção é de que não existia algo que caracterizasse a EA como abordagem particular com contribuições singulares relevantes. Parte disso em razão de uma barreira de comunicação, uma vez que alguns conceitos utilizados pelos Austríacos remetem a diferentes ideias daquelas usadas pelas demais abordagens econômicas. Assim, a postura de Kirzner em levar as ideias de Mises para o restante da profissão de maneira engajada pode ser lida como parte do “*Austrian Revival*” porque ajudou a estabelecer o diálogo com o restante da Economia do pré ao pós-“*Revival*”.

Não é difícil notar que a explicação da função empresarial sempre remete à teoria tradicional dos preços, já que ambas são pautadas no individualismo metodológico. Adicionalmente, Kirzner utiliza as três classes econômicas da teoria tradicional, destrincha analiticamente o processo decisório, admite a existência de um estado de equilíbrio e da tendência para que ele seja alcançado.

Essa aproximação entre as ideias de Kirzner sobre o processo de mercado e a teoria econômica tradicional dos preços pode ser lida para além do compartilhamento do mesmo objeto e de um pilar metodológico se se toma como base a uma postura de engajamento profissional por parte de Kirzner. Com isso quer se destacar a tentativa do autor em aproximar as ideias Austríacas tanto do arcabouço didático quanto das ideias utilizadas no *mainstream*. Uma ideia que tem sido defendida por Kirzner e outros seguidores da EA.

Kirzner (1989b, p. 235) acredita que a discussão entre diferentes correntes econômicas leva ao progresso científico. O autor defende (1997d, p. 152-153) que sua preocupação não é de que a teoria seja amplamente aceita para alcançar maior público, mas de que tenha validade em suas conclusões científicas.

Vaughn (1994, p. 178) também propôs o caminho do compartilhamento de ideias entre Austríacos e demais correntes heterodoxas. Já Koppl (2006, p. 237-238) afirma ser necessária a participação Austríaca no debate econômico entre as escolas heterodoxas porque, para ele, é daí que surgirá uma nova ortodoxia. Boettke (2011, p. 22), na mesma linha de Kirzner, considera importante que os Austríacos busquem bases teóricas comuns com outras abordagens para progredir no entendimento econômico. Ainda mais porque, nessa

perspectiva, se o Austrianismo reconhece a importância de Mises e Hayek para a Economia deve levar suas ideias para um público maior, e não confiná-las aos seus seguidores.

Como mostra Angeli (2018, p. 692-695), parte dos integrantes da EA adota uma postura de isolamento, dialogando somente com os integrantes desta corrente do pensamento econômico, sem se engajar com o restante da profissão no debate econômico. Mas a literatura sobre Kirzner já evidencia que ele foi um profissional engajado com sua teoria da atividade empresarial por diversos motivos.

Vaughn (1992, p. 253) credita a Kirzner ter constituído sua obra como forma de aproximação dos principais economistas da época. Koppl (2002, p. 11) defende que Kirzner contribuiu com a teoria econômica ao apresentar uma teoria da atividade empresarial. Rizzo (2002, p. 51) acredita que Kirzner tem uma teoria que vai além da ação empresarial, configurando uma teoria da própria Economia. Horwitz (2010, p. 102), na mesma linha, afirma que a solução do problema hayekiano por Kirzner é uma contribuição para a teoria econômica de maneira geral. Para Douhan *et al.* (2007, p. 222), Kirzner mostrou para o restante da profissão a importância do papel do empresário. Korsgaard *et al.* (2016, p. 868) defendem que o autor buscou apresentar sua função empresarial em um arcabouço compatível com a Economia Neoclássica, tornando-a acessível a um público maior.

A maior parte dos trabalhos de Kirzner discutidos até aqui também corroboram que o autor foi realmente um profissional engajado na discussão teórica. Seu livro de 1963 buscou servir de alternativa à microeconomia tradicional (KIRZNER, 2011a [1963]). O artigo publicado no mesmo ano procurou fazer um contraponto às hipóteses sobre o crescimento econômico (KIRZNER, 1963b). Seu livro de 1966 resgatou temas da “Controvérsia de Cambridge” sob um ponto de vista Austríaco-misesiano (KIRZNER, 2010a [1966]). No artigo de 1967, sobre as abordagens libertárias no pensamento econômico, esclareceu as diferenças entre misesianos e membros da Escola de Chicago, enquanto seu trabalho mais conhecido daquele ano diferenciou as análises normativas *mainstream* e Austríaca (KIRZNER, 1967b; 2015d [1967]). No texto de 1971 Kirzner discutiu as implicações para a teoria do desenvolvimento econômico quando se admite o processo de mercado e o empresário Austríaco (kirzneriano) no lugar da teoria tradicional com o empresário schumpeteriano (KIRZNER, 1971b). Seu artigo sobre a publicidade em 1972 busca responder as diversas críticas ao tema, bem como se contrapor às proposições de Chamberlin (KIRZNER, 1972). As respostas a Becker e Buchanan, bem como as revisões dos livros de Briefs, Smyth, Shackle, Dewey e Manne mostram a disposição de Kirzner em inserir-se nas

discussões econômicas de vários temas da época sob um ponto de vista Austríaco (KIRZNER, 1962; 1963a; 1964; 1963c; 1965; 1967a; 1970a; 1971a).

Da mesma forma, seu livro de 1973, a contribuição teórica pela qual Kirzner é mais conhecido, tem múltiplas motivações, em especial o resgate da figura do empresário na teoria econômica e o debate sobre a teoria dos preços na época (KIRZNER, 2013 [1973], p. xv).

Portanto, o engajamento profissional de Kirzner com relação à teoria da atividade empresarial pode ser entendido como segue: concordando com a ausência do empresário na teoria econômica tradicional, Kirzner encontra-o misturado ao papel da produção dentro das três classes econômicas admitidas nessa abordagem, consumidores, produtores e proprietários de recursos. Dividindo analiticamente o papel do produtor, entre seu papel produtivo e a atividade especulativa, expurga daí uma função empresarial que é inerente a todo processo decisório. Uma divisão que é analítica, tal qual a realizada pela teoria convencional entre consumo, produção e propriedade de recursos. Nessa identificação, Kirzner mostra que tal função está excluída da análise econômica em razão da admissão do estado de equilíbrio na economia, em que só cabe o papel produtivo porque já está antecipada toda a informação necessária para as decisões dos agentes econômicos.

Flexibilizando as hipóteses da Economia para um caso mais próximo da realidade, abandonando o conhecimento perfeito e a situação de equilíbrio, Kirzner explicita a origem da dinâmica econômica: a função empresarial, um elemento da ação humana. Sob a condição de falibilidade e dispersão do conhecimento, inerentes à incerteza do desequilíbrio, o empresário kirzneriano, ou a função empresarial dos agentes, dissemina informações e coordena a economia. Isso permite à teoria do processo de mercado poder explicativo mais abrangente que o da Economia tradicional, já que esta última está confinada ao equilíbrio, enquanto a Austríaca admite o caso mais geral do desequilíbrio. Com isso, Kirzner fornece a explicação para a tendência ao equilíbrio, seja ela vista sob o processo de mercado ou sob a Economia tradicional, a concorrência empresarial entre os agentes econômicos.

## 2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio procurou investigar se existem contribuições originais de Kirzner para a teoria da atividade empresarial que ele defende, com base nas diferentes interpretações existentes na literatura econômica sobre o papel do autor. Para isso, foram identificados sete elementos centrais na teoria da atividade empresarial na forma com que foi resumida por Kirzner: (1) estado de desequilíbrio, onde existem oportunidades de lucro puro; (2) equilíbrio

como compatibilidade de planos (ações e expectativas); (3) estado de alerta da função empresarial para percepção de uma oportunidade de lucro puro; (4) tendência à extinção do lucro puro (dos erros de decisão/alocação); (5) tendência de descoberta de novas oportunidades de lucro; (6) tendência ao equilíbrio na economia; e (7) impossibilidade do equilíbrio no mundo real.

A partir dessa identificação foi investigada a existência desses elementos nas obras que Kirzner recorrentemente cita como base para a formulação da sua versão da teoria empresarial do processo de mercado: os pontos que considera frágeis na teoria econômica tradicional dos preços e os trabalhos de Mises e Hayek. Mostrou-se que apenas as críticas à teoria *mainstream* são insuficientes para a proposição da teoria da atividade empresarial, e que os elementos centrais dessa última só são encontrados parcialmente nas obras de Mises ou Hayek quando a contribuição de cada autor é tomada individualmente.

Seguiu-se com a análise das obras que antecedem a defesa kirzneriana da função empresarial no artigo “*Methodological Individualism, Market Equilibrium and the Market Process*”, logo, publicadas entre 1960 e 1967. Após isso analisou-se o material publicado por Kirzner entre o artigo mencionado e seu principal livro, o “*Competition and Entrepreneurship*”, que apareceram, desta forma, no período entre 1967 e 1973. Verificou-se que todos os elementos da teoria da atividade empresarial são antecipados por Kirzner nessas publicações. Anteriores, portanto, tanto ao livro em que consolidou a tese como ao artigo em que ela surge de maneira inédita. Apesar disso, foi ponderada a influência de Mises e Hayek nessas obras, considerando que também afetaram o pensamento kirzneriano desse período.

Com base na discussão da conjunção das ideias de misesianas e hayekianas na teoria da atividade empresarial, concluiu-se que a originalidade de Kirzner consiste na reunião dos elementos teóricos dessas contribuições sob um mesmo arcabouço, semelhante ao do *mainstream*, objeto de seu descontentamento, apesar de o autor reconhecer diferentes ênfases nas proposições teóricas de Mises e Hayek.

Essa conclusão permanece mesmo reconhecendo-se que Kirzner fez algumas adições com relação às contribuições aqui apontadas como base de sua contribuição, ao, por exemplo, conceituar a ideia de estado de alerta ou incluir posteriormente avanços em sua tese. Porque, sob o ponto de vista de uma teoria do processo de mercado, a teoria da atividade empresarial kirzneriana progride com relação as abordagens misesiana e hayekiana quando estas são tomadas individualmente, mas seus principais elementos estão dispersos nessas duas contribuições quando admitidas conjuntamente.

A versão kirzneriana da teoria do processo de mercado é capaz de explicar, ao mesmo tempo, tanto a ação propositada como a disseminação do conhecimento na economia por meio da função empresarial dos indivíduos. Tudo isso tendo como pano de fundo um sistema econômico teórico como aquele utilizado na teoria tradicional para explicar o sistema de preços, colocando a teoria da atividade empresarial do processo de mercado em formato comum ao corpo geral dos economistas.

A originalidade da contribuição kirzneriana foi justificada com base na postura de engajamento profissional percebida nos trabalhos publicados por Kirzner no período pré-“*Revival*”, especificamente entre 1960 e 1973. Sua teoria da atividade empresarial foi apontada como reflexo da teoria do processo de mercado em uma sistematização baseada na teoria econômica dos preços convencional. Essa formatação teve o mérito de permitir uma maior disseminação das ideias Austríacas, principalmente sobre a atividade empresarial, para economistas de outras vertentes por estar alicerçada na mesma estrutura e linguagem que as utilizadas na microeconomia tradicional.

### 3 SEGUNDO ENSAIO – A ABORDAGEM COMPARATIVA E O ENGAJAMENTO PROFISSIONAL DE ISRAEL KIRZNER A PARTIR DE TEXTOS MENOS CONHECIDOS

#### RESUMO

Este ensaio apresenta o pensamento econômico de Kirzner expresso em uma parcela menos conhecida de sua obra: as revisões de livros, comentários e respostas que ele escreveu ao longo da carreira. A proposta do ensaio é investigar e sistematizar as características do pensamento econômico do autor que emergem nesse material: sua relação com a praxeologia misesiana, o tratamento conjunto de Mises e Hayek, e sua percepção de diferentes correntes econômicas. Essa proposta visa, além de destacar tais aspectos, mostrar a abordagem comparativa utilizada pelo autor, um estilo argumentativo que é reflexo da ilustração do seu pensamento econômico com base em outras abordagens. Justifica-se que essa busca resulte do engajamento profissional de Kirzner em participar de discussões econômicas para se aproximar de outras escolas de pensamento. Foi concluído que o autor utiliza a abordagem comparativa, tanto em seus principais textos como naqueles menos conhecidos. Também se verificou que Kirzner: sugere que a teoria Austríaca seja mais geral que a teoria tradicional; prefere a ideia de processo de mercado com relação à praxeologia; mantém uma definição de Escola Austríaca baseada em Mises e Hayek; e admite a função empresarial como ingrediente passível de ser aplicado em outras visões econômicas.

**Palavras-chave:** Israel Kirzner. Escola Austríaca. Abordagem comparativa. Pensamento econômico. Engajamento profissional.

#### ABSTRACT

This essay presents the economic thought of Kirzner expressed in a lesser-known installment of his work: the book reviews, commentaries, and responses he has written throughout his career. The purpose of the essay is to investigate and systematize the characteristics of the author's economic thought that emerge in this material: its relationship with the Misesian praxeology, the joint account of the differences between Mises and Hayek, and its perception of different economic currents. This proposal aims mainly to highlight such aspects, to show the comparative approach employed by the author, an argumentative style that reflects the illustration of his economic thinking based on other approaches. It is justified that this pursuance counts from Kirzner's professional engagement in participating in economic discussions to get closer to other schools of thought. It was also found that Kirzner: suggests that Austrian theory is more general than traditional theory; he prefer the idea of market process over praxeology; maintains an Austrian School definition based on Mises and Hayek; and admits the entrepreneurial function as an ingredient that can be applied to other economic views.

**Keywords:** Israel Kirzner. Austrian School. Comparative approach. Economic thought. Professional engagement.

#### 3.1 INTRODUÇÃO

Israel Kirzner é um personagem central para a EA de Economia. Seus trabalhos contribuíram para a retomada de interesse e expansão teórica nessa corrente do pensamento econômico (BARBIERI, 2001, p. 35; 2008, p. 216-217). Fato que por si só merece crédito, mas cuja importância merece destaque quando se considera que o Austrianismo ficou por

mais de 20 anos no ostracismo, entre as décadas de 1950 e 1970, até o episódio denominado “*Austrian Revival*”. Vaughn (1994, p. 92-93) reconhece Kirzner como uma das três figuras que se destacaram como protagonistas nesse movimento.

Portanto, além do mérito pelas contribuições teóricas para o Austrianismo, Kirzner ainda configura como um dos principais nomes no ressurgimento dessa abordagem econômica no último quarto do século XX. Em boa parte, por ser reconhecido como um economista engajado na profissão, buscando discutir com seus pares os diversos temas econômicos a partir de um ponto de vista Austríaco (VAUGHN, 1992, p. 253; DOUHAN *et al.*, 2007, p. 222). Atitude oposta ao isolacionismo, aquela de se confinar nas discussões econômicas junto aos pares na EA, adotada por alguns dos integrantes dessa corrente do pensamento econômico (ANGELI, 2018, p. 692-695).

Ao longo de suas principais obras, Kirzner defendeu consistentemente a teoria Austríaca para o entendimento dos fenômenos econômicos pautando-se nas contribuições do par Mises-Hayek (KIRZNER, 2011a [1963]; 2013 [1973]; 1979d; 1992i; 2000g). Porém, muita ênfase foi dada, inclusive pelo próprio autor, a sua proposição da função empresarial no processo de mercado, sendo a atividade empresarial o campo de estudo em que Kirzner é considerado uma das principais referências (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xi). O tema chegou a ser apreciado por ele na discussão de outras questões na Economia, como os pré-requisitos para o desenvolvimento econômico e a justiça distributiva (BOETTKE e RIZZO, 1995, p. xiii). Para Douhan *et al.* (2007, p. 217-220) é possível relacionar a atividade empresarial de Kirzner a um leque de áreas ainda maior na obra do autor, como a formulação de políticas econômicas, liberdade, justiça e crescimento econômico.

Embora tenha se aposentado da carreira de professor na NYU em 2000, Kirzner continua academicamente ativo, sendo possível encontrar trabalhos recentes do autor, como se vê em suas publicações mais atuais (e.g. KIRZNER, 2017; 2018m; 2018v). Ao longo da carreira escreveu 11 livros, editou outros cinco sobre economia Austríaca, e já publicou mais de uma centena de artigos (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xi). Sua obra é ampla e diversificada como se vê na listagem mais recente de seus trabalhos (e.g. BOETTKE *et al.*, 2019). São livros de autoria própria, livros editados, artigos científicos e de jornal, respostas a críticas recebidas, comentários e revisões de trabalhos de terceiros. Adicionalmente, verifica-se que seu posicionamento nesses materiais é sempre pautado na teoria Austríaca.

Nas suas obras, e em especial os seus livros, Kirzner parece utilizar recorrentemente de comparações entre o ponto de vista que está defendendo e aquele que está criticando, para que as diferenças sirvam de ilustração do seu ponto de vista. Isso foi apontado por Pfouts

(1968), Barreto (1986), Moser (1992), Blaug (1993), Robertson (1993) e Rosner (2003), autores que revisaram algum livro específico do autor. Mas tais autores não atentaram para isso como estratégia mais geral de comparação, enquanto um estilo próprio de argumentação por parte de Kirzner. O que parece ter sido percebido por Caldwell, para quem Kirzner busca comparar sua visão com aquela que quer criticar, por estar analisando o fenômeno econômico sob um ponto de vista Austríaco.<sup>59</sup> Esse estilo argumentativo está sendo denominado aqui de “abordagem comparativa”.

As estruturações dos livros de Kirzner corroboram esse *insight*. Por exemplo, seu primeiro livro, “*The Economic Point of View*” (KIRZNER, 2009 [1960]), divide-se entre capítulos que comparam diferentes interpretações do objeto na ciência econômica ao longo do tempo. Seu terceiro livro, “*An Essay on Capital*” (KIRZNER, 2010a [1966]), procura defender uma perspectiva Austríaca-misesiana para a teoria do capital e dos juros, contrastando-a tanto com uma visão Austríaca alternativa quanto com outras visões presentes na “Controvérsia de Cambridge”. Em seu quarto e principal livro, “*Competition and Entrepreneurship*” (KIRZNER, 2013 [1973]), Kirzner faz uma defesa da teoria da ação empresarial em capítulos que a contrastam com as visões *mainstream* da teoria dos preços, das estruturas de mercado e do equilíbrio geral.

Como em tais exemplos, a estratégia de se valer de comparações na argumentação afetou outros materiais escritos pelo autor, principalmente naqueles sobre temas específicos, motivados por uma discussão anterior, caso dos textos selecionados no presente ensaio.

Este ensaio segue a sugestão de Caldwell, admitindo como hipótese que Kirzner utiliza essa forma de argumentação ao longo de sua obra. Assim, o objetivo geral aqui é contribuir para o aprofundamento da compreensão do pensamento econômico de Kirzner. De modo mais restrito, propõe-se dois objetivos específicos. O primeiro é investigar e sistematizar tanto as características do pensamento econômico de Kirzner que emergem em trabalhos pouco conhecidos do autor. O segundo é analisar a maneira pela qual Kirzner buscava nesses textos aproximar e comparar sua própria abordagem Austríaca às contribuições de outros autores.

Os textos a que se faz referência são revisões de livros, comentários e respostas que foram dirigidos aos trabalhos de outros autores, propícios ao estilo argumentativo que aqui se

---

<sup>59</sup> Mauro Boianovsky, presidente do comitê de nomeação ao “*Distinguished Fellow Award*” de 2018 da *History of Economics Society*, em carta explicando a escolha de Kirzner, aponta que Caldwell teria endossado a designação de Kirzner ao prêmio mostrando que o autor se vale da HPE para comparar a abordagem que defende com relação às demais. A carta de Boianovsky está disponível em: [https://historyofeconomics.org/wp-content/uploads/2018/06/Kirzner\\_Distinguished-Fellow-1.pdf](https://historyofeconomics.org/wp-content/uploads/2018/06/Kirzner_Distinguished-Fellow-1.pdf) (Acesso em 21.10.2018).

denominou de “abordagem comparativa”.<sup>60</sup> Será mostrado que essa abordagem serve a Kirzner como forma de apresentar e defender sua própria perspectiva Austríaca acerca dos temas tratados nos materiais analisados por ele. Esse material permitiu a Kirzner aproximar seu pensamento econômico ao de outras correntes, do começo da carreira até os dias de hoje, compreendendo, portanto, esforços iniciados ainda no período pré-“*Revival*” e que continuaram no pós-“*Revival*”

Por sua importância para a teoria Austríaca, e em especial para a teoria da atividade empresarial, Kirzner teve suas obras escrutinadas em diversos trabalhos. Porém, é possível verificar que os que trataram da teoria do autor<sup>61</sup>, ou que o utilizaram para discutir temas adjacentes<sup>62</sup>, não objetivaram esclarecer sobre seu pensamento econômico acerca de questões não relacionados de algum modo à teoria da atividade empresarial ou ao Austrianismo. Tal ausência deixou uma lacuna na literatura, acerca do pensamento econômico de Kirzner sobre outros temas diversos que ele também discutiu em textos que foram menos explorados.

Suprir essa ausência torna-se relevante para a compreensão da contribuição teórica de um autor de tamanha importância, bem como da escola de pensamento que ele ajudou a recuperar, permitindo um entendimento melhor acerca de ambos. Logo, justifica-se analisar esse conjunto selecionado dos trabalhos de Kirzner por quatro razões: (i) o autor viu-se incitado a escrever sobre temas que não compunham necessariamente sua agenda de pesquisa, pela necessidade de revisar, comentar ou responder algum material prévio; (ii) parte dos trabalhos discutidos influenciou suas obras, já que constam nestas como referências, o que será apontado; (iii) esse material não é comumente utilizado nas pesquisas sobre o seu pensamento econômico ou sua teoria da atividade empresarial; (iv) tais textos podem ser lidos à luz da tentativa de Kirzner em aproximar-se de outras escolas econômicas, reflexo de seu engajamento profissional.

Propõe-se que a análise do material escolhido seja dividida por temas, a fim apresentar os resultados da investigação realizada. Apesar da diversidade de assuntos encarados por Kirzner nos trabalhos selecionados, foi possível identificar alguns por aparecerem recorrentemente. Assim, atendendo ao primeiro objetivo específico deste ensaio é apresentado

---

<sup>60</sup> Vale notar que Boettke e Sautet, organizadores da coleção “*The Collected Works of Israel M. Kirzner*”, deram atenção especial a esses materiais. Além de incluir algumas revisões e respostas escritas por Kirzner, também adicionaram alguns dos textos que as motivaram, como se vê em Boettke e Sautet (2009; 2016; 2018a; 2018b).

<sup>61</sup> Como se vê em: Burckzak (2002), Lewin (2002), De León (2002), Sautet (2002), Jakee e Spong (2003), Douhan *et al.* (2007), Klein e Briggeman (2010), Boettke (2014), Gianturco (2014) e Korsgaard *et al.* (2016).

<sup>62</sup> Como se vê em: Barbieri (2001; 2008), Koppl (2002), Holcombe (2003), Boettke e Coyne (2003), Boettke e D’Amico (2010), Callahan (2010), Foss e Klein (2010), Horwitz (2010) e McCaffrey (2014).

o pensamento econômico kirzneriano que emerge sobre eles, que são: (1) a relação do autor com a praxeologia misesiana; (2) sua forma de compreensão e utilização conjunta de Mises e Hayek; e (3) a percepção kirzneriana com relação a distintas correntes econômicas.

Defende-se que o estilo argumentativo que se quer apontar na obra de Kirzner, para cumprir o segundo objetivo específico neste ensaio, resulte da importância atribuída ao engajamento profissional no pensamento econômico do autor. O que se revela na sua predisposição em debater os diversos temas econômicos à luz do Austrianismo, no lugar de ficar confinado à discussão e desenvolvimento da teoria Austríaca exclusivamente. Essa interpretação aponta que esse estilo de argumentação lhe permite superar as barreiras existentes entre as diferentes correntes de pensamento econômico.

Logo, a apreciação kirzneriana da obra de terceiros aparece como ponto de partida para Kirzner defender a teoria que quer sustentar. Isso é percebido na sua disposição em revisar, comentar e responder textos e autores das mais diversas correntes, não se restringindo ao Austrianismo ou ao *mainstream*. Essa é uma atitude defendida pelo próprio Kirzner, que acredita ser vantajosa a discussão teórica entre diferentes perspectivas para o progresso científico (KIRZNER, 1989b, p. 235). Algo que não está só na defesa do autor, mas também em sua atitude profissional, já que tem sua obra reconhecida como destacada no “*Austrian Revival*” pela proximidade com o *mainstream* (VAUGHN, 1992, p. 260; 1994, p. 5). Um sucesso que pode ser creditado a essa postura de engajamento, já que para Douhan *et al.* (2007, p. 221) “Kirzner’s most important contribution may be that he has made the Austrian school intelligible to other economics scholars”.

Essa postura de engajamento tem sido incentivada na história recente do Austrianismo. Por exemplo, Vaughn (1994, p. 178) afirma que existe um conjunto de ideias mantidas vivas no pensamento Austríaco à revelia da “hostilidade do *mainstream*”. Para a autora, tal conjunto não deve ser mantido isolado em um pensamento unicamente Austríaco, mas ser partilhado pelas correntes heterodoxas que possuam pontos de vista semelhantes. Koppl (2006, p. 237-238), na crença da emergência de uma nova ortodoxia econômica, baseada no que denomina “*mainstream* heterodoxo”, defende que os economistas Austríacos devam participar ativamente desse movimento, trabalhando junto a outras correntes. Boettke (2011, p. 21) afirma que mesmo Mises e Hayek já buscavam ativamente interagir com seus pares, recusando isolar-se do restante da profissão. Com isso, Boettke (2011, p. 22) defende que os economistas Austríacos busquem bases teóricas comuns com os demais economistas para progredir na discussão dos problemas econômicos. Para o autor, admitir o brilhantismo de Mises e Hayek deveria incentivar a disseminação de suas ideias, e não o seu confinamento.

Este ensaio é composto de duas contribuições, e isso se reflete na divisão geral do trabalho. A primeira contribuição é a identificação da “abordagem comparativa” na obra de Kirzner, que é apresentada, explicada e ilustrada na segunda seção. A segunda contribuição é exploração do pensamento econômico kirzneriano a partir de materiais menos conhecidos, o que é feito da terceira à quinta seção. Essas duas contribuições são interdependentes. A ilustração da abordagem comparativa serve de motivação e justificativa para a análise desse conjunto particular da obra de Kirzner, ao passo que tais obras também evidenciam o estilo argumentativo particular do autor. Como pano de fundo para ambas, há como ponto de partida a iniciativa kirzneriana de engajamento na profissão de economista, buscando aproximar-se das outras escolas de pensamento na discussão de temas diversos a partir do Austrianismo.

O restante deste ensaio está dividido da seguinte maneira. Sua segunda seção apresenta um mapeamento das obras de Kirzner, apresentando indícios de que a abordagem comparativa seja um estilo argumentativo existente na exposição do pensamento econômico do autor. Isso também serve para justificar a escolha do conjunto dos textos analisados no ensaio. Na terceira seção discute-se a relação de Kirzner com a praxeologia misesiana, enquanto a quarta seção apresenta como ele explora de maneira conjunta as diferenças entre Mises e Hayek. A quinta seção sintetiza o pensamento kirzneriano acerca das teorias em diferentes escolas econômicas. Por fim, a sexta seção traz as considerações finais do ensaio.

### 3.2 O PAPEL DA ABORDAGEM COMPARATIVA NA OBRA DE KIRZNER

Com o termo “abordagem comparativa” este ensaio quer identificar um estilo de argumentação específico na discussão de um determinado tema. Esta forma de tratar um assunto se manifesta quando o autor apresenta seu ponto de vista com base em outra perspectiva sobre um mesmo objeto. Assim, no lugar de discutir diretamente o tema em questão, apresentando aquilo que pensa sobre ele, a discussão inicia com o resgate de uma ou mais perspectivas, geralmente predominantes, antes de se passar à análise com base no próprio ponto de vista que se quer defender.<sup>63</sup>

---

<sup>63</sup> McCloskey (1998b [1985], p. 14) afirma que os economistas empregam narrativas para dar sentido lógico aos mecanismos que querem explorar de causa e consequência. Assim, aqueles que seguem diferentes escolas irão discordar sobre as conclusões, já que o resultado econômico dependerá daquilo que acontece durante a narrativa, justamente o que muda entre as escolas. Isso é associável ao que se está propondo como “abordagem comparativa” por sugerir uma explicação para Kirzner resgatar uma visão sobre determinado fenômeno antes de passar à sua própria abordagem. Nesta interpretação, há uma tentativa kirzneriana de mostrar como é possível partir de um mesmo objeto e chegar a conclusões diferentes daquelas inicialmente apontadas.

A retomada de uma versão alternativa para interpretar o mesmo assunto permite a Kirzner atender a objetivos diversos, tais como: (a) situar o leitor em uma base comum sobre o tema antes de reivindicar uma perspectiva própria; (b) apontar alguma falha na argumentação da proposta inicial para mostrar como sua correção leva à adoção do ponto de vista que se quer defender; (c) utilizar a visão comumente admitida sobre o tema como forma de promover o próprio posicionamento na discussão; etc. Independentemente da leitura que é feita sobre a motivação no uso desse estilo de argumentação, todas convergem para o fato de o autor debruçar-se sobre uma interpretação teórica antes de levá-la à própria consideração.

Uma sugestão para interpretar a utilização dessa abordagem comparativa e sua importância na obra de Kirzner é considerar sua postura de engajamento na profissão. Por meio dessa atitude, o autor supera as barreiras existentes entre diferentes correntes de pensamento econômico para discutir os mais diversos temas em debate. A literatura acerca de Kirzner já o reconhece como um profissional engajado na Economia. Vaughn (1992, p. 260; 1994, p. 5), por exemplo, afirma que Kirzner destacou-se de seus pares na EA por estar mais alinhado à Escola Neoclássica. Para Koppl (2002, p. 11), Kirzner apresentou uma teoria da atividade empresarial para todo o restante da profissão, enquanto Douhan *et al.* (2007, p. 222) leem a contribuição kirzneriana como evidenciando para os economistas sua negligência do papel do empresário. Rizzo (2002, p. 51) vai além, e afirma que Kirzner fornece para os economistas, por meio da teoria da atividade empresarial, uma nova teoria econômica.

Se isso é verdadeiro, e Kirzner é de fato um profissional engajado no debate da teoria econômica, a parcela de sua obra analisada neste ensaio pode ser lida como uma tentativa de aproximar-se de diferentes temas a partir das obras de outros autores. Exemplo disso é a defesa que Kirzner faz do engajamento com o restante da profissão em dois materiais que se encontram nesse mesmo conjunto de seus textos. Em 1989 o autor defendeu que os seguidores do Austrianismo saíssem do isolamento para debater com outras abordagens econômicas em prol do progresso científico na Economia (KIRZNER, 1989b, p. 235). Já em 1997, Kirzner explicitará sua crença de que o Austrianismo não venha a ser a corrente predominante na economia (KIRZNER, 1997d, p. 153), de modo que essa não deva ser a preocupação entre os integrantes da EA. Então, o objetivo deve ser, para Kirzner (1997d, p. 152-153), que se busque no corpo geral da profissão a validade das conclusões científicas.

Não existem outros trabalhos que tenham apontado para essa particularidade no estilo de argumentação de Kirzner, mas três indícios corroboram sua existência. O primeiro é uma carta de Caldwell em 2018, endossando a indicação de Kirzner para o “*Distinguished Fellow Award*” da “*History of Economics Society*” no mesmo ano. Em segundo tem-se um conjunto

de revisões de livros do autor que fazem menção à estratégia kirzneriana de comparar sua abordagem às alternativas sobre o tema. O terceiro é a forma como Kirzner estruturou alguns de seus livros, principalmente aqueles publicados no início de sua carreira. Esses indícios sustentam a hipótese que norteia a investigação deste ensaio: Kirzner utiliza uma abordagem comparativa para defender seu ponto de vista. Se isso é verdadeiro, pode-se especular sobre novas características do seu pensamento econômico em materiais propícios ao uso desse estilo argumentativo, tornando relevantes os textos de Kirzner que são menos conhecidos.

Quanto ao primeiro indício, existente na carta de Caldwell, surge com a justificativa para a importância de Kirzner no campo da HPE. De acordo com Boianovsky: “[a]s put by Bruce Caldwell, precisely because he works within the Austrian tradition, Kirzner often draws on history **to make comparisons between the view he endorses and those he criticizes**, and often the criticisms are methodological” (ênfase adicionada).<sup>64</sup>

Quanto ao segundo indício, este é encontrado nas revisões de livros de Kirzner feitas por Pfouts (1968), Barreto (1986), Moser (1992), Robertson (1993) e Rosner (2003). Todos esses autores apontaram para o fato de a obra revisada estar buscando uma comparação com outra abordagem econômica.

Pfouts (1968, p. 196), ao revisar o “*An Essay on Capital*”, afirma que Kirzner apresenta sua visão acerca da teoria do capital para “avaliar e criticar” outras teorias sobre o tema. Barreto (1986, p. 529), na revisão do livro “*Discovery and the Capitalist Process*”, considera que a teoria da atividade empresarial serve a Kirzner como defesa do caminho intermediário entre as visões Neoclássica e do Subjetivismo Radical para a teoria econômica. Moser (1992, p. 721), Blaug (1993, p. 757) e Robertson (1993, p. 557-558), revisando o “*The Meaning of Market Process*”, também perceberam a busca kirzneriana por abordar a teoria do processo de mercado em contraste com as versões Neoclássica e do Subjetivismo Radical. Para Rosner (2003, p. 192-193), revisando o livro “*The Driving Force of The Market*”, “[t]he main topic of all the essays is the presentation of the Austrian view against mainstream economics and some clarification within this school [...]”.

Por fim, o terceiro indício de que há uma abordagem comparativa nos textos de Kirzner é a estruturação utilizada pelo autor em uma parcela de seus livros. Uma verificação dessas obras sugere que a abordagem comparativa é uma ferramenta importante na exposição

---

<sup>64</sup> Fonte: [https://historyofeconomics.org/wp-content/uploads/2018/06/Kirzner\\_Distinguished-Fellow-1.pdf](https://historyofeconomics.org/wp-content/uploads/2018/06/Kirzner_Distinguished-Fellow-1.pdf) (Acesso em 21.10.2018).

das suas ideias, utilizando o contraste entre teorias estabelecidas e suas posições próprias para a defesa do arcabouço Austríaco misesiano-hayekiano.

Nesta perspectiva, este ensaio sugere dividir os livros de Kirzner entre os que contiveram ou não conteúdo original na sua publicação. Porque, embora a maior parte das obras de Kirzner possa ser tomada como coletâneas de textos (BOETTKE e SAUTET, 2013, p. ix), naqueles que tiveram conteúdo predominantemente original as ideias são mais interdependentes ao longo de cada obra. Situação que é diferente para os livros em que o autor publicou artigos independentes, já publicados anteriormente.<sup>65</sup>

Assim, esse ensaio considera que os livros de Kirzner com conteúdo original são: “*The Economic Point of View*” (KIRZNER, 2009 [1960]), “*Market Theory and the Price System*” (KIRZNER, 2011a [1963]), “*An Essay on Capital*” KIRZNER, (2010a [1966]), “*Competition and Entrepreneurship*” (KIRZNER, 2013 [1973]), “*Discovery, Capitalism and Distributive Justice*” (KIRZNER, 2016a [1989]), “*How Markets Work*” (KIRZNER, 1997c)<sup>66</sup> e “*Ludwig Von Mises*” (2001c). Os demais livros estão sendo tomados como publicações de conjuntos artigos independentes, cuja maioria fora publicada anteriormente, como é o caso das obras: “*Perception, Opportunity, and Profit*” (KIRZNER, 1979d)<sup>67</sup>, “*Discovery and the Capitalist Process*” (KIRZNER, 1985a), “*The Meaning of Market Process*” (KIRZNER, 1992i), “*Essays on Capital and Interest*” (KIRZNER, 2010b [1996])<sup>68</sup> e o “*The Driving Force of the Market*” (KIRZNER, 2000g).

Dos livros de Kirzner que trouxeram conteúdo original, dois deles não têm seu conteúdo apresentado ou defendido por meio de comparações com abordagens distintas. É o caso dos livros “*Market Theory and the Price System*” (KIRZNER, 2011a [1963]) e “*Ludwig von Mises: the man and his economics*” (KIRZNER, 2001c). A abordagem diferenciada desses materiais pode ser explicada por sua natureza distinta com relação aos demais livros publicados pelo autor. O primeiro é um manual de microeconomia baseado na teoria

---

<sup>65</sup> Justamente aquela parcela de livros cuja maior parte já teve apontada a intenção de Kirzner em comparar sua perspectiva com a de outras abordagens pelas revisões realizadas por Barreto (1986), Moser (1992), Blaug (1993), Robertson (1993) e Rosner (2003).

<sup>66</sup> Na introdução deste trabalho, Kirzner (1997c, p. 9) se refere a ele como um artigo, da mesma forma como o material é encarado por Boettke e Sautet (2018a, p. xii-xiii) durante a reorganização dos textos de Kirzner no “*The Collected Works of Israel M. Kirzner*”. Porém, o material aparece referenciado como livro na lista mais recente das obras de Kirzner (BOETTKE *et al.*, 2019, p. 232), e optou-se por seguir essa última interpretação, já que o texto foi publicado individualmente e de maneira impressa.

<sup>67</sup> Embora o “*Perception, Opportunity, and Profit*” tenha trazido quatro textos originais, os outros nove capítulos são artigos já publicados anteriormente pelo autor (KIRZNER, 1979d, p. xiii- xiv), justificando sua inclusão no segundo grupo.

<sup>68</sup> Republicação do “*An Essay on Capital*” de 1966, com a adição de uma introdução e dois artigos anteriormente publicados, justificando o livro aparecer nas duas listas, em sua forma original e após a adição de conteúdo.

Austríaca do processo de mercado.<sup>69</sup> Já o segundo apresenta um pouco da história e da teoria de Mises.<sup>70</sup> A proposta desses materiais se afasta das dos demais livros publicados por Kirzner, o primeiro servindo de material de treinamento em Economia e o segundo tratando da vida e obra de um personagem específico na HPE.

Assim, estão excluídos da investigação aqui pretendida os livros classificados no grupo de conteúdo predominantemente não-original quando da sua publicação e os dois livros destacados por seus objetivos particulares em relação às demais publicações de Kirzner. Uma análise da estrutura e do objetivo de cada um dos demais livros do autor ajudará a ilustrar a importância da abordagem comparativa no seu pensamento econômico.

O primeiro livro nessa seleção é também o primeiro livro publicado por Kirzner, o “*The Economic Point of View: An Essay in the History of Economic Thought*”, publicado em 1960 (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xi). O material resultou de um desenvolvimento de sua tese de doutorado em Economia, orientada por Mises na *New York University* (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xiv).

De acordo com Grampp (1961, p. 170), Kirzner tenta mostrar nesse livro como a definição de Economia, enquanto ciência, depende historicamente do “ponto de vista” assumido pelos cientistas em cada época. O objetivo seria apontar como cada uma dessas perspectivas carrega consigo uma natureza particular na sua definição. Zingler (1961, p. 357-358), na mesma linha, afirma que o livro revisa as sucessivas definições que os economistas deram ao seu objeto de estudo ao longo do tempo, com base na natureza de definição adotada em cada uma delas. Com isso, a busca kirzneriana seria defender um “ponto de vista” definitivo para a Economia, porque mais geral, o da praxeologia.

Para Boettke e Sautet (2009, p. xv), Kirzner propõe neste livro que a Economia inicia com um reconhecimento e um enigma. Reconhece a existência de forças sistemáticas no mercado que produzem ordem social, enquanto o enigma é saber como isso acontece na ausência de um controle sobre essa ordem. Kirzner estaria fornecendo, por meio de uma revisão histórica, “the path that led economics to become the science of human action” (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xv). Para Mises, o livro faz uma revisão na história das ideias, mostrando as tentativas de definição epistemológica da Economia, passando de ciência da riqueza para a ciência da ação humana (MISES, 2009 [1960], p. xxv). Tanto Mises (2009

---

<sup>69</sup> Do prefácio do livro: “The author’s excuse for adding yet another book to the elementary literature in this field [microeconomia] is that his approach, while in no sense original, presents the subject in an entirely different light” (KIRZNER, 2011a [1963], p. xvii).

<sup>70</sup> Do prefácio do livro: “What I have sought to present [...] is the *story of Mises in his role of economist*” (KIRZNER, 2001c, p. xi).

[1960], p. xxvi) quanto Boettke e Sautet (2009, p. xvi) a partir dele, destacam a relevância de se comparar os diferentes estados teóricos da Economia ao longo do tempo como forma de apontar erros e acertos no desenvolvimento da disciplina.

Ao apresentar sua narrativa histórica da evolução da Ciência Econômica nesse livro, Kirzner (2009 [1960], p. 1) define como “ponto de vista” da Economia aquilo que é o objeto de investigação da disciplina. Daí, segue para analisar os diferentes objetos de pesquisa assumidos como pontos de vista ao longo do tempo: da riqueza ou do bem-estar (KIRZNER, 2009 [1960], p. 20-21); da avareza, seja ela motivada por auto interesse pecuniário ou como resultado de um padrão de comportamento que configura o princípio econômico (KIRZNER, 2009 [1960], p. 55); das trocas enquanto fenômeno social, independentemente de se considerar a atividade da troca como central ou secundária no arcabouço teórico (KIRZNER, 2009 [1960], p. 76); da moeda, em sua função de medida de riqueza, permitindo a observar os fenômenos econômicos a partir dos movimentos monetários (KIRZNER, 2009 [1960], p. 97); do comportamento humano, que se depara com fins alternativos e meios escassos (KIRZNER, 2009 [1960], p. 114); e da ação humana propositada (KIRZNER, 2009 [1960], p. 151).

“Probably the most significant differences are not those among the specific definitions arrived at, but the disagreements among writers concerning the kind of entity that they are seeking to define and the very direction in which they are to begin their search. Definitions of economic science have time and again **required preliminary discussions** resolving around the question whether the discipline concerned a kind of object, a kind of activity, a kind of man, or a kind of satisfaction or welfare.” (KIRZNER, 2009 [1960], p. 6, ênfase adicionada)

Para Kirzner (2009 [1960]), cada “ponto de vista” na HPE constituiu um desenvolvimento com relação ao anterior. O objetivo do livro é defender a emergência de uma visão praxeológica da Economia, como uma ciência da ação humana, tal qual defendida por Mises (KIRZNER, 2009 [1960], p. 151-152; MOSS, 2009 [1975], p. xxi; BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xviii). Para chegar a essa conclusão, Kirzner vai condicionando cada “ponto de vista” identificado na HPE ao antecedente, comparando-os para apresentar o subsequente como uma forma desenvolvida do anterior. Assim, cada “ponto de vista” parece não só uma nova perspectiva, mas também mais completa, que compreende uma visão capaz de incluir o objeto de investigação precedente.

Logo, cada “ponto de vista” na HPE conteria um elemento de ação humana sob alguma restrição, tal que o “ponto de vista” praxeológico seria o caso mais geral, e, portanto, mais completo. Isso é concluído comparando-se cada “ponto de vista” com seus antecessores e sucessores, bem como contrastando cada um ao caso praxeológico. A análise realizada por

Kirzner (2009 [1960]) de cada “ponto de vista” permite enxergá-los sob a mesma ótica, a partir da ação humana propositada. Portanto, pode-se apontar a defesa kirzneriana da generalidade do “ponto de vista” praxeológico, mostrando, com base na comparação, como ele esteve presente em cada um dos “pontos de vista” assumidos ao longo do tempo.

O segundo livro da seleção é o terceiro livro publicado por Kirzner, “*An Essay on Capital*” de 1966, republicado em 1996. De acordo com Pfouts (1968, p. 196), nesta obra Kirzner admite os bens de capital como parte dos planos que os precederam, tal que os bens de capital só podem ser entendidos com base nos planos multiperíodo dos quais resultaram. É isso que permite compreender o capital como um meio para a produção futura. Na mesma linha, Blaug (1969, p. 158) mostra que Kirzner trata os bens de capital sob um ponto de vista Austríaco, percebidos como a materialização dos planos individuais ainda não concretizados.

Boettke e Sautet (2010, p. xii) reconhecem que há algo na obra que sugere um isolamento teórico de Kirzner, como se estivesse em uma pesquisa individual, não engajada nos debates da época. Porém, os autores indicam que o livro pode ser lido de outra forma, como uma tentativa de resgatar as teorias do capital concorrentes para lançar luz sobre debates contemporâneos a Kirzner, como a “Controvérsia de Cambridge”. Reforço disso é a própria menção a esse debate na introdução inserida por Kirzner (2010b [1996], p. 2-3) quando da republicação do livro – o que já mostra sua intenção, pelo menos posterior, de contrastar sua visão teórica com as da controvérsia.

De acordo com Kirzner (2010b [1996], p. 2-3), o debate das duas Cambridge admitiu a influência do Austrianismo por meio das contribuições de Böhm-Bawerk para a teoria do capital e dos juros. Porém, essa não seria a única versão Austríaca dos temas, já que havia a proposição desenvolvida por Mises, originalmente proposta por Fetter, seguindo os caminhos subjetivistas colocados por Menger. Tal negligência, para Kirzner, tornou o debate incompleto e inconclusivo, já que a teoria de Mises para o capital e os juros não incorreria nas falhas deixadas pelas demais propostas.

Independentemente da leitura que é feita da obra, sua estruturação aponta para a importância da abordagem comparativa na argumentação utilizada por Kirzner no livro. O material originalmente publicado é dividido em quatro capítulos que tratam, respectivamente: dos planos inacabados dos indivíduos (KIRZNER, 2010a [1966], p. 15-49); da conceituação de estoque e fluxo (KIRZNER, 2010a [1966], p. 50-74); da relação entre capital e espera (KIRZNER, 2010a [1966], p. 75-100); e da medição do capital (KIRZNER, 2010a [1966], p. 101-133). Todos temas que poderiam ser analisados pelo autor de maneira independentemente das outras abordagens, dada a interdependência existente entre eles como integrantes de uma

única teoria Austríaca do capital para o processo de mercado. Porém, esses assuntos são discutidos por meio de comparações com outras propostas existentes na literatura. E isso é condizente com o objetivo de Kirzner, explorar uma teoria Austríaca do capital alternativa.

Assim, a abordagem comparativa é importante neste livro não apenas para explorar o tema de cada capítulo, mas como pano de fundo para seu objetivo principal, a defesa de uma teoria Austríaca do capital mais subjetiva, que não cairia nos erros apontados por Kirzner (2010a [1966]) nas demais propostas. Nessa subjetividade reside a generalidade da teoria Austríaca para o capital apresentada pelo autor, já que a nova compreensão permite, no pensamento kirzneriano, imunidade em relação às objeções levantadas durante a “Controvérsia de Cambridge”.

O terceiro livro selecionado é o quarto livro de Kirzner, o “*Competition and Entrepreneurship*” de 1973, a principal contribuição do autor, onde apresentou e defendeu sua teoria atividade empresarial. A tese central da obra é que há uma propensão humana à ação empresarial que promove o processo de mercado (KIRZNER, 2013 [1973], p. 190). Para Boettke e Sautet (2013, p. ix-x), conquanto a importância do livro no cenário de sua publicação, ele teve pouco impacto sobre o *mainstream* pela recusa dos economistas treinados na teoria tradicional em aderir a uma proposta sem formalização matemática. Uma possibilidade que os autores apontam ter sido predita por Klein (1975, p. 1308), que ao revisar o livro na época apontou que: “[b]ecause of its peculiar methodology and language, this book is unlikely to have a large impact on the profession”.

Embora não tenha tido sucesso em fazer prevalecer a versão do processo de mercado Austríaca sobre a análise do equilíbrio tradicional, a estruturação utilizada neste livro parece ter objetivado aceitação no corpo principal da profissão, como nota Vaughn (1992, p. 253). O livro é apresentado por Kirzner (2013 [1973], p. ix-x) tomando como pano de fundo a teoria tradicional, procurando apresentar a versão Austríaca-kirzneriana como visão mais geral da Economia que a alternativa *mainstream*.<sup>71</sup> Embora o primeiro capítulo do “*Competition and Entrepreneurship*” faça um resumo de todo o livro, os demais tem sua apresentação voltada às comparações com outras abordagens.

No segundo capítulo Kirzner traz sua principal contribuição, a defesa de uma função empresarial na ação humana (KIRZNER, 2013 [1973], p. 24-69). Seu terceiro capítulo apresenta os significados de competição e monopólio para a teoria Austríaca, comparando-os com seus correspondentes, tanto na teoria ortodoxa como na visão de Schumpeter

---

<sup>71</sup> Como reforça a citação direta a este material disponível na nota de rodapé nº 54 da presente tese (p. 63).

(KIRZNER, 2013 [1973], p. 70-107). O quarto capítulo propõe um avanço com relação à teoria tradicional da competição, apresentando outras estratégias de concorrência entre empresas existentes na literatura (KIRZNER, 2013 [1973], p. 108-149). O quinto capítulo diferencia o curto do longo prazo com base na teoria da ação empresarial, defendendo que essa separação na teoria tradicional não explica decisões e resultados individuais com base nos planos de ação tal como no Austriano (KIRZNER, 2013 [1973], p. 150-169). Por fim, no sexto capítulo Kirzner faz uma abordagem normativa do processo de mercado. Mostra como a teoria do bem-estar tradicional, embasada no estado de equilíbrio preexistente, não é capaz de apontar as alterações necessárias para a coordenação econômica à luz das mudanças sistemáticas que ocorrem no mercado (KIRZNER, 2013 [1973], p. 170-194).

Neste livro, Kirzner (2013 [1973]) busca comparar o tema de cada capítulo à versão correspondente na teoria tradicional, e adicionalmente a outras abordagens de grande relevância à época. A generalidade da posição Austríaca na proposta kirzneriana se coloca na apresentação da teoria do processo de mercado como caso mais geral da concorrência, por não estar presa às condições de equilíbrio como a teoria Neoclássica. Ao partir do desequilíbrio, a discussão Austríaca permite a compreensão do caráter subjetivo que guia a economia, a revisão dos planos dos agentes a partir da aprendizagem derivada da experimentação desses planos no mercado por meio da ação empresarial.

O quarto livro escolhido é o “*Discovery, Capitalism and Distributive Justice*” (2016a [1989]), sétimo livro publicado por Kirzner. Conquanto a estrutura do livro não pareça voltada à abordagem comparativa, certamente seu conteúdo é apresentado desta maneira do terceiro ao sexto capítulo. Principalmente pelo objetivo da obra em adicionar uma nova visão econômica sobre a justiça distributiva, tema em debate na época (BOETTKE e SAUTET, 2018d, p. 726).

No capítulo três deste livro, Kirzner faz uma revisão da literatura sobre a justiça distributiva. O autor propõe buscar deliberadamente o tratamento do lucro puro nas bases econômicas que sustentam as teorias revisadas, as dos autores: de John Bates Clark, Hawley, Frank Knight, Schumpeter e Mises. Assim, mostra que, à exceção de Mises, esses autores não incorporam o papel do lucro puro no sistema econômico, seja na teoria econômica ou na discussão da justiça distributiva. Com base nisso, Kirzner defende que a teoria misesiana é a mais adequada para a compreensão da justiça distributiva no capitalismo, por sua capacidade de explicar o lucro puro, e, portanto, compreender adequadamente o funcionamento da economia (KIRZNER, 2016a [1989], p. 46-71).

No quarto capítulo, Kirzner propõe a abordagem do processo de mercado para o entendimento da economia, no lugar da utilização da teoria econômica convencional. O autor mostra como o arcabouço preferido é capaz de explicar as situações do mundo real, em que a ausência de coordenação total entre os agentes permite a descoberta das oportunidades de lucro puro (KIRZNER, 2016a [1989], p. 72-94). Nos capítulos cinco e seis, Kirzner apresenta e defende a regra “*finders-keepers*” para a avaliação ética, defendendo-a como princípio para explicar a justiça dos ganhos no sistema capitalista.<sup>72</sup> O autor compara essa sua proposta com a de nomes importantes nessa discussão, como John Locke, John Rawls e Robert Nozick, aproximando-se da teoria da justiça desse último para defender e justificar a regra ética para a avaliação do capitalismo proposta no livro (KIRZNER, 2016a [1989], p. 95-158).

A abordagem comparativa serve a Kirzner (2016a [1989]) neste livro como forma de mostrar que só na teoria misesiana há explicação teórica para o lucro puro, bem como mantém sua defesa da regra “*finders-keepers*” *pari passu* com a teoria do direito de Nozick para legitimá-la. A generalidade da teoria Austríaca se apresenta na possibilidade de explicação desse lucro puro, através do aspecto de descoberta na teoria da ação empresarial. Teoria que, na visão kirzneriana, é a única que permite compreender o funcionamento do mercado.

Por fim, o último livro selecionado é o nono publicado por Kirzner, o breve “*How Markets Work*” (1997c), em que o autor buscará maior ênfase na diferenciação entre sua proposição de uma teoria da ação empresarial e o *mainstream*. Toda a composição desse material é feita contrapondo a perspectiva Austríaca do processo de mercado, bem como sua proposição do empresário, à teoria microeconômica tradicional e demais propostas no *mainstream*. É interessante considerar essa estratégia para a apresentação do material porque o autor se propõe a escrever: “in non-technical terms, an 'Austrian' view of how a market economy works” (KIRZNER, 1997c, p. 9). Mesmo assumindo esse objetivo, Kirzner ainda resgata a teoria tradicional como base de comparação, o que pode ser explicado pelo lugar comum que a “abordagem comparativa” assume na abordagem kirzneriana.

Assim, persiste nesse livro a busca do autor por mostrar a abordagem Austríaca como mais abrangente que a teoria tradicional.<sup>73</sup> Embora seja um material curto, o livro é relevante porque, publicado em 1997, discute em que medida os avanços teóricos da microeconomia,

---

<sup>72</sup> Kirzner (2016a [1989], p. 19) utiliza o termo “*finders-keepers*” para designar o princípio ético que julga válida a apropriação de algo até então desconhecido – e, portanto, sem dono – por quem o encontre. No Brasil a ideia equivalente seria dada pela expressão “achado não é roubado”.

<sup>73</sup> “The paper's objective is to set forth an alternative 'Austrian' theoretical approach, grounded in the economics of entrepreneurial discovery, to explain a mystery left unresolved by mainstream theory - how and why markets work.” (KIRZNER, 1997c, p. 10)

notadamente a incorporação da informação assimétrica, não respondem as críticas que Kirzner colocou ainda na década de 1970. Também merece destaque o breve desenvolvimento da sua visão normativa da economia, discutindo os efeitos do arranjo institucional para facilitar a descoberta e exploração das oportunidades de lucro no processo de mercado.

Esse livro é dividido em capítulos que fazem: (i) uma introdução, apontando o objetivo de apresentar a visão Austríaca de como o mercado funciona, porque a teoria *mainstream* só seria capaz de explicar um mercado já coordenado (KIRZNER, 1997c, p. 9-11); (ii) uma revisão na HPE, mostrando um início compartilhado e o momento histórico da diferenciação entre as versões Austríaca e Neoclássica para a teoria dos preços (KIRZNER, 1997c, p. 12-20); (iii) uma exposição das críticas à teoria tradicional dos preços, pelo irrealismo das hipóteses assumidas que excluem os elementos da economia real que promovem o processo de mercado (KIRZNER, 1997c, p. 21-30); (iv) uma defesa da descoberta empresarial Austríaca, feita a partir do contraste com a Economia Neoclássica, já que esta última excluiria a criatividade/descoberta/surpresa em sua abordagem (KIRZNER, 1997c, p. 31-53); (v) uma discussão das novas perspectivas de análise que emergem quando a teoria Neoclássica é deixada de lado em favor da teoria Austríaca do processo de mercado (KIRZNER, 1997c, p. 54-75); (vi) uma conclusão que aponta para o maior poder explicativo do mercado pela teoria Austríaca com relação ao *mainstream* (KIRZNER, 1997c, p. 76), permitindo interpretar que a segunda teoria pode ser tomada como caso particular da primeira.

Seguindo o que foi feito em seus livros anteriores, Kirzner (1997c) utiliza da abordagem comparativa sobre o funcionamento do mercado para explicar a teoria Austríaca com base na versão Neoclássica para a teoria dos preços. A diferença, neste sentido, é o que permite a generalidade da teoria Austríaca: a inclusão de elementos do mundo real que são subtraídos pela teoria tradicional em sua análise do mercado, da concorrência e dos preços.

Até aqui buscou-se ilustrar a importância da abordagem comparativa nas obras kirznerianas. Constata-se que na maior o Kirzner toma como pano de fundo a teoria econômica tradicional, de modo a explicitar como a versão Austríaca difere dela. Nesta diferenciação, Kirzner apresenta as vantagens ou avanços que o Austrianismo teria promovido no entendimento do funcionamento do mercado com a utilização da noção de processo e maior subjetivismo. Tais avanços podem ser entendidos como um aumento na capacidade de explicar o mercado pela teoria Austríaca com relação à abordagem Neoclássica, tornando a primeira mais geral que a segunda.

### 3.2.1 O pensamento econômico de Kirzner a partir da abordagem comparativa

Aceito o papel da ferramenta comparativa na abordagem kirzneriana, pode-se passar à análise do pensamento econômico de Kirzner com relação a temas específicos, presente nos materiais escritos por ele em razão de alguma provocação anterior. Isso permitirá ilustrar a importância desse estilo de argumentação a partir do conjunto de textos que permitiram a Kirzner iniciar a discussão de temas em um determinado campo teórico antes de considerá-los sob a perspectiva Austríaca. Antes disso, porém, é necessário justificar a escolha dos materiais a serem analisados adiante neste ensaio, por serem menos conhecidos.

Kirzner publicou e editou vários livros, além de ter escrito mais de uma centena de artigos. Boettke *et al.* (2019) fizeram a listagem mais recente dos materiais publicados por Kirzner em Economia. Uma análise dessas publicações mostra que a obra econômica deste autor se divide mais precisamente em livros de autoria própria, livros editados, capítulos em livros de terceiros, artigos científicos, artigos de jornal, revisões de livros, respostas e comentários a outros autores. Por falta de acesso, nem todos os materiais de interesse listados na publicação mencionada puderam ser encontrados, e por isso estão ausentes da revisão bibliográfica realizada neste ensaio.<sup>74</sup>

Foram analisados 55 trabalhos, divididos em 36 revisões de livro, oito respostas e 11 comentários escritos por Kirzner. A escolha deles para exame segue o entendimento de que nesses materiais o autor encontrou-se defronte a necessidade de lidar com temas que não compunham necessariamente sua preocupação acadêmica, e isso permite duas possibilidades: (i) entender que eles aparecem como oportunidade para o uso da abordagem comparativa, já que, provocados por outros trabalhos, tiveram seus temas inicialmente considerados na perspectiva de outros autores até que fossem considerados por Kirzner sob sua própria abordagem; (ii) explorar o ponto de vista de Kirzner com relação a questões que não estiveram necessariamente relacionadas ao seu objeto de pesquisa, embora possam ter lhe servido de referência futura em outros trabalhos. Neste último caso, quando da existência de alguma conexão explícita, a investigação apontará por meio das notas de rodapé aqueles materiais em que se sabe que Kirzner utilizou os textos revisados como referência.

---

<sup>74</sup> De acordo com as publicações que tratam da bibliografia publicada por Kirzner, Boettke *et al.* (2019), Boettke *et al.* (2002) e Boettke e Rizzo (1995), não foram encontradas quatro revisões de livros escritas por Kirzner, referentes às obras dos autores: Rueff, revisado em 1968; Hicks, revisado em 1975; Hicks e Weber, também revisados em 1975; e Galbraith, revisado em 1977.

Este ensaio sugere que o material revisado possa ser dividido em três grupos, correspondentes às três próximas subseções, respectivamente: (1) a relação de Kirzner com a praxeologia misesiana; (2) a forma como Kirzner compreende e utiliza conjuntamente as ideias de Mises e Hayek mesmo admitindo diferenças entre elas; e (3) a visão de Kirzner sobre distintas abordagens econômicas.<sup>75</sup>

### 3.3 RELAÇÃO COM A PRAXEOLOGIA

A primeira característica que emerge do pensamento econômico de Kirzner nesse conjunto analisado de suas obras é a relação do autor com a praxeologia misesiana. Jakee e Spong (2003, p. 463-464) notam que Kirzner não faz referência explícita a ela em trabalhos sobre a atividade empresarial, embora tenha lhe utilizado como base para defender a Economia como ciência na década de 1960 com base na racionalidade envolvida no propósito da ação humana. Embora não explicitado, é notório o uso feito por Kirzner da ação humana como resultado propositado.

Como se viu, em seu primeiro livro, Kirzner defendeu a praxeologia como estudo da ação humana (KIRZNER, 2009 [1960], p. 185).<sup>76</sup> Neste sentido, seria um campo mais geral que a própria Economia, enquanto esta última seria apenas um dos seus ramos (KIRZNER, 2009 [1960], p. 186). Assim, a visão praxeológica admitiria que a teoria econômica surge da observação de uma faceta particular da ação humana. Com isso, Kirzner defende que a Economia, “that has alone successfully sought to harness the element of human action to the scientific explanation of social phenomena” (KIRZNER, 2009 [1960], p. 156).

O assunto surge, nos trabalhos analisados neste ensaio, em um artigo de Kirzner no “debate Becker-Kirzner”, episódio assim denominado por Boettke e Sautet (2009, p. xvii). Para os autores, as respostas kirznerianas a Becker ilustram uma abordagem praxeológica na metodologia defendida por Kirzner, pela forma como ele explica a racionalidade econômica. De acordo com Kirzner (1962, p. 380), Becker [1962] quis defender a utilização da hipótese

---

<sup>75</sup> Dos 55 textos analisados, 33 não fizeram contribuições sobre estes temas, embora alguns trabalhos tenham servido de referência a outros trabalhos de Kirzner. Uma lista destes textos, com as respectivas utilizações posteriores por Kirzner, é oferecida no apêndice desta tese (p. 231-232).

<sup>76</sup> É interessante notar que literatura reconhece o primeiro livro de Kirzner como advindo da sua tese de doutorado em Economia, orientada por Mises, reconhecidamente propositor da praxeologia (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xiv). Porém, em entrevista concedida em 2006, Kirzner esclarece que o livro é uma versão desenvolvida desta tese, já que nesta última a análise histórica se encerraria por volta dos anos 1900, tal que os desdobramentos teóricos posteriores, em especial a defesa da praxeologia, aparecem apenas no livro (BOETTKE e SAUTET, 2018d, p. 725).

de racionalidade na teoria econômica porque as conclusões teóricas nesse campo estariam sendo criticadas por uma aparente dependência deste pressuposto.<sup>77</sup> A estratégia de Becker para essa defesa estaria baseada em demonstrar como os resultados dos teoremas econômicos permaneceriam válidos mesmo suprimindo-se a hipótese de racionalidade.

Como forma de ilustrar isso, Becker teria mostrado que a curva de demanda no mercado é negativamente inclinada independentemente da racionalidade dos agentes. Esse seria um resultado objetivo, considerando que toda a renda concentrada poderia adquirir quantidades cada vez menores conforme os preços fossem aumentando. O que possibilitaria a emergência de um preço de equilíbrio na economia. Porém, argumenta Kirzner, Becker não explica a razão dessa inclinação negativa, já que na falta de racionalidade não se poderia afirmar nada sobre o comportamento dos preços, o que também invalidaria qualquer interação entre as curvas de demanda e oferta (KIRZNER, 1962, p. 380-381).

Kirzner aponta que a teoria tradicional considera o preço de equilíbrio a partir da intersecção entre oferta e demanda por uma razão implícita. Quando os preços esperados pelos indivíduos são diferentes dos de equilíbrio ocorre uma frustração nos planos dos agentes, levando à sua revisão até que o equilíbrio seja atingido (KIRZNER, 1962, p. 381).<sup>78</sup> Com isso, Kirzner busca esclarecer o papel do erro na frustração das expectativas: o erro seria o responsável por garantir que os participantes do mercado revisem seus planos, permitindo a tendência ao equilíbrio. Como na ausência de racionalidade não há revisão de planos, perde-se a certeza da emergência de um preço de equilíbrio (KIRZNER, 1962, p. 382).

Assim, no pensamento kirzneriano não há como remover a hipótese de racionalidade dos agentes na Economia, uma vez é racional toda a ação propositada, em que os indivíduos agem deliberadamente para alcançar um fim previamente estabelecido.

Becker teria respondido a Kirzner no ano seguinte buscando mostrar que seu argumento permanecia verdadeiro apesar das críticas kirznerianas. Porém, segundo Kirzner, Becker interpretou a crítica como uma discussão sobre a estabilidade do equilíbrio, quando na verdade a discussão estava centrada no movimento iniciado na situação fora das condições necessárias ao equilíbrio (KIRZNER, 1963c, p. 84).

---

<sup>77</sup> O primeiro artigo de Becker [1962] foi utilizado por Kirzner como referência nos textos “*Methodological Individualism, Market Equilibrium, and Market Process*” (KIRZNER, 2015d [1967]) e “*On the method of Austrian economics*” (KIRZNER, 2015e [1976]).

<sup>78</sup> “The essence of this market process, it will be observed, is the systematic way in which plan revisions are made as a consequence of the disappointment of earlier plans. Such systematic revisions of plans, it is clear, depend on very assumed patterns of rational action.” (KIRZNER, 1962, p. 381)

O cerne da discussão, no pensamento kirzneriano, era sobre a possibilidade de alcançar o equilíbrio por meio da revisão de planos dos agentes, com a necessidade intrínseca de alguma racionalidade nos indivíduos (KIRZNER, 1963c, p. 84). Novamente, segundo Kirzner, Becker teria falhado em apresentar a motivação que leva os agentes à revisão de planos na ausência de alguma racionalidade. Assim, Kirzner sugere que, possivelmente, Becker tenha assumido de maneira implícita alguma racionalidade em seu modelo, por considerar que os agentes econômicos revisam seus planos na tomada de decisão (KIRZNER, 1963c, p. 84-85) – o que ocorre, no pensamento kirzneriano, na realização de ações propositadas.

O “debate Becker-Kirzner” ilustra como Kirzner (1962; 1963c) utiliza a abordagem comparativa para a defender o ponto de vista praxeológico. Uma vez que Becker tenha tentado mostrar a independência da validade dos teoremas econômicos com relação à hipótese de racionalidade, Kirzner mostra como uma definição mais geral e subjetiva para a esta última é imprescindível na Economia. Assim, nota-se nesta discussão que os dois lados divergem sobre o conceito de racionalidade. Por isso Becker estaria em posição de tentar excluí-la, lhe admitindo enquanto comportamento específico de maximização. Porém, como mostrou Kirzner, não se pode ignorar a racionalidade como propensão humana à revisão dos meios para o alcance dos fins, proposição que serve de base à praxeologia misesiana.

Se a praxeologia pode ser entendida como método de análise econômica a partir da ação humana, Kirzner também a defendeu implicitamente na revisão do livro de Briefs [1960]. A inclinação kirzneriana neste texto se volta à defesa do método da teoria pura, que acredita condizente com a teoria econômica, independentemente das ferramentas matemáticas. Para Kirzner, é suficiente conceber a intencionalidade na ação humana para a interpretação dos fenômenos sociais (KIRZNER, 1963a, p. 615).

Essa defesa metodológica será novamente encontrada em outro artigo de Kirzner na década de 1960. A motivação deste artigo é a publicação de um discurso de Buchanan [1964] sobre a função do economista.<sup>79</sup> No texto, Buchanan teria defendido que os economistas mudassem seu foco de análise dos problemas de alocação para as discussões cataláticas, ou

---

<sup>79</sup> Kirzner utiliza o texto de Buchanan como referência nos artigos “*Divergent Approaches in Libertarian Economic Thought*” (KIRZNER, 1967b), “*Knowing about Knowledge: A Subjectivist View of The Role of Information*” (KIRZNER, 2018t [1979]), “*Methodological Individualism, Market Equilibrium, and Market Process*” (KIRZNER, 2015d [1967]), “*Calculation, Competition, and Entrepreneurship*” (KIRZNER, 2018h [2006]) e no livro “*Competition and Entrepreneurship*” (KIRZNER, 2013 [1973]). Kirzner também usa seu comentário ao texto de Buchanan como referência no artigo “*Methodological Individualism, Market Equilibrium, and Market Process*” (KIRZNER, 2015d [1967]).

seja, sair das preocupações com a eficiência alocativa para entender os resultados da propensão humana à troca.<sup>80</sup> Isso porque discutir a alocação só teria sentido na decisão individual, em que um agente isolado se depara com um problema a ser solucionado. Essa discussão não caberia na economia de mercado porque os seus resultados emergem das interações sociais de vários agentes decidindo isoladamente (KIRZNER, 1965, p. 257).

Segundo Kirzner, Buchanan identifica a preocupação com a alocação na proposta do problema econômico colocado por Robbins, considerando meios escassos e fins alternativos. Porém, Buchanan teria falhado na percepção de que Robbins não propusera que a Economia resolvesse o problema da alocação, seja para um indivíduo isolado ou para o mercado. No entendimento kirzneriano, a Economia pensada por Robbins seria o estudo de como os homens resolvem o problema econômico, para explicar os fenômenos resultantes desse processo. Então, o núcleo da proposta robbinsiana seria caracterizado por uma posição metodológica, analisar uma característica especial da atividade humana, a partir da qual se extrairiam leis e teorias para o entendimento das regularidades observadas no mundo real (KIRZNER, 1965, p. 258-259).

Deste modo, Buchanan estaria considerando apenas um aspecto particular na proposta de Robbins, ignorando a ideia de “*logic of choice*” que complementa essa proposição. Para Kirzner, isso implica na incapacidade de objetar completamente a proposta robbinsiana. Tal objeção poderia ser feita colocando-se em perspectiva os planos individuais dos agentes, tal como feito por Mises e Hayek, que também teriam concluído, como Buchanan, pela necessidade de mudar o foco da Economia (KIRZNER, 1965, p. 258-259).

Assim, Kirzner sustenta sua posição afirmando que existem duas visões concorrentes na Economia sobre o conhecimento gerado na análise econômica. A primeira seria o grupo dominante, que admite a Economia como um campo empírico, cujo desenvolvimento perpassa a identificação de regularidades nos fenômenos econômicos, levando aos avanços teóricos. Nesta vertente, o conhecimento é possibilitado por meio dos mesmos métodos utilizados nas ciências físicas. Já a segunda visão seria defendida por um grupo menor, entendendo que a Economia permite um conhecimento do mundo real a partir dos resultados lógicos das ações propositadas sob as mais diversas influências. Tal vertente acredita ser capaz de avançar com relação aos métodos existentes nas ciências físicas por permitir

---

<sup>80</sup> Cataláxia é o termo usado por Mises para designar o estudo das trocas na ciência geral da ação humana, a praxeologia (MISES, 1998 [1949], p. 3). Sobre a praxeologia, ver a nota de rodapé nº 8 na presente tese (p. 15).

conhecimento sobre questões não observáveis, ao considerar que há aspectos subjetivos a serem compreendidos na ação humana (KIRZNER, 1965, p. 260).

Essa segunda forma é apresentada por Kirzner como a visão praxeológica, que entende como foco de análise da Economia os planos individuais que os agentes estabelecem, considerando a alocação de recursos como atividade necessária para alcançar seus propósitos. Essa proposta, que para Kirzner é originada nas ideias de Mises e Robbins, não seria passível das críticas feitas por Buchanan, ao mesmo tempo que manteria as vantagens na busca por substituir o foco da Economia, da alocação para a cataláxia (KIRZNER, 1965, p. 260).

Verifica-se neste artigo que Kirzner (1965) vale-se da abordagem comparativa para defender a praxeologia misesiana, ao reinterpretar a definição econômica de Robbins e associá-la à visão de Mises. Isso permite a Kirzner atingir dois objetivos, embora só o primeiro esteja declarado: (i) responder as críticas de Buchanan; e (ii) defender o método praxeológico como forma de compreensão dos fenômenos sociais pela Economia, avançando com relação ao que é observado empiricamente.

Outra oportunidade que Kirzner utilizou para defender a praxeologia foi na revisão do livro de Shackle [1966].<sup>81</sup> Nela, discute como Shackle considera o ambiente de incerteza transformador da decisão humana. A inclusão dessa condição mudaria o processo de escolha na teoria econômica: do cálculo mecânico, determinado pelo conjunto de informações, para a atividade imaginativa e criativa que não guarda relação com o passado (KIRZNER, 1967a, p. 209). Porém, a revisão aponta que a posição adotada por Shackle não invalidaria a análise da pura “*logic of choice*”, já que esta é, no plano da mente, como se o indivíduo se deparasse com opções que conhecesse com certeza. Então, para Kirzner, o economista não precisa conhecer os fatores psicológicos que antecedem ou perpassam a escolha para o sucesso da análise. Basta conhecer o propósito do tomador de decisão (KIRZNER, 1967a, p. 210).

Desta forma, Kirzner (1967a) utiliza a revisão do livro de Shackle para defender a praxeologia dividindo analiticamente a decisão entre formação e realização, para contrastar seu resultado com o objetivo inicialmente assumido pelo indivíduo. Assim, Kirzner acaba por limitar o grau de subjetividade a ser admitido no entendimento do processo decisório. Conquanto admita buscar maior compreensão do fenômeno por meio do subjetivismo, demonstra não ser necessário avançar ao ponto de conhecer as características mentais que

---

<sup>81</sup> Utilizado por Kirzner como referência nos livros “*Competition and Entrepreneurship*” (KIRZNER, 2013 [1973]) e “*Discovery, Capitalism, and Distributive Justice*” (KIRZNER, 2016a [1989]), e nos textos: “*Methodological Individualism, Market Equilibrium, and Market Process*” (KIRZNER, 2015d [1967]), e “*Hedgehog or Fox? Hayek and the idea of plan-coordination*” (KIRZNER, 2000d [1999]).

atuam na escolha. Portanto, neste texto a abordagem comparativa serve a Kirzner como forma de mostrar a aderência entre a proposta de Shackle e a pura “*logic of choice*” decorrente da visão praxeológica da Economia.

Nesse conjunto de textos, Kirzner retomará a defesa da praxeologia em trabalhos na década de 1980, ao tratar da adoção de hipóteses nos modelos econômicos durante a revisão do livro de Lepage [1978]. Segundo Kirzner, para Lepage um grupo teria se destacado na defesa do livre mercado na Economia por apresentar as bases científicas para tanto, os “*new economists*”, porque eles teriam demonstrado empiricamente a validade do *homo economicus*. Assim, seria somente com a contribuição desse conjunto de profissionais que houvera a demonstração da validade científica do capitalismo, avançando por não dependerem da retórica ou da fé em sua sustentação (KIRZNER, 1982a, p. 34-35).

Kirzner aponta seu descontentamento por Lepage ter relacionado o tratamento do capitalismo pelos “*new economists*” com o livro “*Human Action*” de Mises, ao comparar a racionalidade dos primeiros com a praxeologia do segundo. Com isso, Kirzner assume que a racionalidade considerada por Lepage dependeria de se considerar a ação como propositada. Porém, no pensamento kirzneriano, há incompatibilidade entre as duas versões porque na racionalidade utilizada pelos “*new economists*”, também defendida por Lepage, depende-se de quais fins são almejados na ação, não sendo suficiente apenas a sua existência. Para Kirzner, o grande motivo de crítica é o fato de uma defesa do capitalismo, como a promovida pelos “*new economists*”, ter como base uma argumentação tão frágil, aceita por Lepage em decorrência da capacidade preditiva (KIRZNER, 1982a, p. 35).

Na revisão do livro de Lepage, Kirzner (1982a) utiliza a abordagem comparativa para contrastar a diferença de significado entre o conceito de racionalidade para os “*new economists*” e o defendido por Mises. A definição da qual partem os primeiros seria dependente de fins pré-concebidos da ação individual, porque sua racionalidade dependeria da eficiência na decisão para alcançar o objetivo assumido. Já no conceito misesiano, advindo da visão praxeológica da Economia, a racionalidade só seria avaliada pela consistência entre fins e meios, tornando-a independente do alcance de um fim admitido pela observação externa.

Outro material em que Kirzner defende a praxeologia nesse período é na revisão do livro de Blaug [1980].<sup>82</sup> Na interpretação kirzneriana, Blaug teria analisado erroneamente o Austrianismo por ter se pautado apenas em critérios científicos que pessoalmente acredita

---

<sup>82</sup> Utilizado por Kirzner como referência no livro “*Ludwig von Mises: the man and his economics*” (KIRZNER, 2001c).

válidos, o monismo metodológico e o falseacionismo, concluindo que a EA seria dogmática e estrita (KIRZNER, 1984, p. 5).<sup>83</sup>

Kirzner se propõe a defender a praxeologia discutindo um teorema Austríaco, baseado no método praxeológico, que assevera a tendência de os preços de um mesmo bem convergirem para um preço único quando o mercado é livre. Para Kirzner, embora essa seja a base para a Lei da Indiferença de Jevons, ela não passaria no critério falseacionista, por exemplo, pelas constantes mudanças verificadas no mundo real. Assim, tal Lei estaria empiricamente falseada, embora poucos economistas aceitem lhe retirar da teoria econômica, conquanto não passe no teste aceito por Blaug (KIRZNER, 1984, p. 6).

“The truth surely is that the postulation of a tendency-towards-a-single-price simply express our understanding of the systematic ways in which **purposeful human beings revise their plans upon the discovery that they have hitherto overlooked attractive available opportunities**. The market regularities that may be based upon such systematic plan revisions are *manifestations* of more abstract regularities that are able to be grasped *quite apart from their particular empirical manifestations*.” (KIRZNER, 1984, p. 6, itálico original, ênfase adicionada)

De acordo com Kirzner, a EA encontra relações lógicas e sistemáticas que são geradas por ações propositadas dos agentes. Então, a existência de fenômenos que por sua natureza não podem ser compreendidos nas posições metodológicas admitidas por Blaug deveriam colocar em perspectiva a validade dessa metodologia. Kirzner afirma que Blaug negou arbitrariamente a validade da posição Austríaca de desenvolver teoria econômica com base na praxeologia. Tal arbitrariedade seria decorrente da atitude metodológica de Blaug em discutir fenômenos regulares que não sejam verificáveis por meio de métodos que dependem exclusivamente de observações empíricas (KIRZNER, 1984, p. 6-7).

Com isso, a comparação promovida nessa revisão permite a Kirzner (1984) mostrar o maior poder de investigação da praxeologia com relação ao falseacionismo, por dar conta tanto dos fatores observáveis como dos não observáveis. Neste sentido, o primeiro método é colocado como mais geral que o segundo. Isso ocorre pelo avanço do subjetivismo, que na perspectiva kirzneriana aumenta a capacidade do economista em compreender as ações que os agentes tomam e os fenômenos econômicos daí emergentes.

---

<sup>83</sup> Kirzner o esclarece o significado desses dois aspectos para Blaug antes de passar para sua própria visão metodológica. Segundo Kirzner, o monismo metodológico é a negação da necessidade de métodos específicos para as ciências naturais e as ciências sociais, e o falseacionismo a ferramenta de validação científica que requer que as previsões teóricas sejam passíveis de testes empíricos (KIRZNER, 1984, p. 5).

Já nos anos 2000, Kirzner voltará a assumir uma posição praxeológica ao admitir a ação propositada como característica central do agente econômico na revisão do livro de Bauer [1957]. Kirzner mostra que as críticas enfrentadas por Bauer nas discussões sobre desenvolvimento econômico são as mesmas que geralmente se direcionam à economia tradicional, em resumo, que os indivíduos não estão buscando sempre maximizar ganhos pecuniários. Há por detrás dessa discussão a percepção da diferença entre o comportamento humano e aquele esperado do *homo economicus*. Mas, para Kirzner, quando se considera que as ações do agente econômico são propositadas, tornam-se irrelevantes as características que lhe forem atribuídas como egoísmo ou auto interesse (KIRZNER, 2005b, p. 468).

Kirzner então reinterpreta a análise econômica tradicional para permitir que ela fique imune a essas críticas, tomando-a como o estudo da propensão humana na busca por alcançar seus objetivos deliberadamente por meio dos recursos disponíveis. Portanto, considerando a existência de propósito nas decisões individuais, os resultados do processo de mercado continuariam válidos independentemente de os indivíduos serem egoístas ou altruístas. Isso porque tais agentes manteriam sua propensão empresarial à identificação das possibilidades de ganho (KIRZNER, 2005b, p. 467). Logo, Bauer estaria certo em sua afirmação de que as diferentes atitudes nos países em desenvolvimento não invalidam a teoria econômica básica, independentemente das diferenças contextuais existentes (KIRZNER, 2005b, p. 468).

Ao final dessa revisão, Kirzner faz uma sistematização da ação propositada, caracterizada por ele em três pontos: (i) escolha de objetivos; (ii) consistência na busca por alcançá-los, mesmo que se modifiquem os meios no processo; (iii) estado de alerta para as novas possibilidades de alcançar os fins objetivados. No pensamento econômico kirzneriano a ação propositada é uma característica de todos os seres humanos, não sendo específica do *homo economicus*, mas comum ao *homo sapiens* (KIRZNER, 2005b, p. 469).

Nesta revisão, Kirzner (2005b) mostra como o comportamento propositado prevalece em diferentes ambientes e contextos. Sua perspectiva é apresentada em comparação com a posição defendida por Bauer, com quem concorda sobre a universalidade da teoria econômica básica. Dessa concordância emerge a reinterpretação kirzneriana da análise econômica, permitindo uma hipótese mais geral sobre o comportamento humano. Qual seja, a de que o propósito na ação individual não seja uma característica do agente no mercado, mas um atributo que é comum a toda espécie humana, tal qual afirmado na praxeologia misesiana.

Se os materiais propícios à abordagem comparativa entre as décadas de 1960 e os anos 2000 mostram Kirzner defendendo a praxeologia frente à teoria econômica tradicional, embora sem ênfase na explicitação, não é isso que se encontra em um trabalho publicado pelo

autor em 2010. Na resposta dirigida a um artigo de Klein e Briggeman [2010], Kirzner tem de priorizar a teoria misesiana do processo de mercado ou o método praxeológico de Mises, porque na visão desses autores Kirzner teria lhes tomado como inseparáveis (KIRZNER, 2010d, p. 56-69). Em sua resposta, Kirzner afirma que tem tentado desde seus primeiros trabalhos mostrar como é possível separar “Mises’s understanding of economic processes from the epistemological framework in which Mises himself developed that understanding” (KIRZNER, 2010d, p. 58).

No pensamento kirzneriano, é possível entender e admitir o processo de mercado elaborado por Mises independentemente de se aceitar a praxeologia. Kirzner esclarece que foi essa percepção que o levou, bem como a outros seguidores do Austrianismo, a entender como Hayek, embora não aceitando a praxeologia misesiana, chegara na mesma concepção de Mises sobre um mercado competitivo dinâmico. Nessa discussão, Kirzner aproveita para esclarecer que a EA Moderna não segue Mises e Hayek na praxeologia, antes, o faz no interesse sobre a natureza do processo de mercado (KIRZNER, 2010d, p. 58-59).

Assim, neste último trabalho em que resgata a praxeologia, Kirzner (2010d) compara sua forma de enxergar a obra de Mises com a visão de Klein e Briggeman, esclarecendo seu pensamento econômico quanto à importância do método praxeológico na EA. Sua defesa é de que a praxeologia, enquanto metodologia de pesquisa, não é unânime no Austrianismo, que se une, antes, pela teoria do processo de mercado. Com isso, Kirzner defende a possibilidade de separar a teoria misesiana de sua abordagem praxeológica.

Nos trabalhos anteriores a esse de 2010 verifica-se a busca kirzneriana por elementos que corroborem a importância das assertivas praxeológicas frente à teoria econômica tradicional. Nesta resposta, entretanto, Kirzner (2010d) está preterindo a praxeologia em favor da teoria do processo de mercado de Mises, tornando a última acessível mesmo para quem rejeite o método praxeológico.

Assim, no conjunto de textos discutido nessa seção viu-se que Kirzner defendeu a praxeologia misesiana por diferentes ângulos e a partir de diferentes temas. Ele a defende como baseada na hipótese mais básica de que toda ação humana é racional, porque derivada da escolha de meios para o alcance de fins anteriormente estabelecidos (KIRZNER, 1962; 1963c; 2005b). Essa racionalidade independe das motivações que guiam essas decisões (KIRZNER, 1967a), ou de alguma natureza intrínseca ao comportamento humano (KIRZNER, 2005b). Racionalidade essa que é contrastável com aquela admitida na teoria econômica tradicional, porque na versão praxeológica existe uma independência com relação aos fins (KIRZNER, 1982a; 2005b).

Enquanto metodologia, a admissão kirzneriana da praxeologia segue o entendimento presente em seu primeiro livro, de que permite maior grau de subjetividade na interpretação dos fenômenos econômicos, aumentando a capacidade de compreendê-los (KIRZNER, 1960; 1963a; 1965). O mérito do método praxeológico é independê-lo daquilo que é empiricamente observável ou concebido a partir da análise matemática (KIRZNER, 1963a; 1965; 1984).

O questionamento que surge, portanto, é a motivação por trás da hierarquização, no pensamento econômico kirzneriano, entre os temas praxeologia e processo de mercado que se verifica nesta parcela da sua obra. A defesa realizada em 2010, de que seja possível separar a metodologia misesiana da visão de Mises sobre a teoria do processo de mercado, não causa estranheza, mas incomoda à luz da incessante defesa da praxeologia que Kirzner fez em face das comparações com a teoria econômica convencional.

Essa diferença entre os textos é interessante porque confunde sobre a importância da praxeologia no pensamento kirzneriano. Quando discutindo a teoria econômica tradicional, a tentativa de Kirzner foi utilizar da “abordagem comparativa” para defender os princípios da praxeologia, baseados na ação humana propositada. Na defesa da teoria Austríaca, entretanto, priorizou a tese do processo de mercado, separando a teoria do método misesiano para enfatizar a primeira enquanto tema mais geral.

Uma possibilidade, neste sentido, é separar o entendimento kirzneriano acerca da praxeologia enquanto método de construção teórica e meio de análise econômica, tal como Kirzner fez para o pensamento misesiano. Sua defesa de que o foco da Economia seja a ação humana propositada, ou de que a racionalidade dos agentes econômicos esteja na escolha de meios para o alcance dos fins, não significa aderir à praxeologia para realizar a análise econômica.<sup>84</sup> Antes, são ferramentas que permitem maior subjetividade ao cientista, que aumentam seu poder de compreender o fenômeno econômico, tal como expresso por Kirzner.

Ao aceitar separar teoria e método na obra de Mises, o pensamento kirzneriano expressa essa divisão acerca do seu próprio entendimento da praxeologia, enquanto forma de criação teórica e ferramenta de análise. Assim, na utilização da “abordagem comparativa”,

---

<sup>84</sup> Reforço disso é a explicação que Kirzner forneceu em 1967 ao distinguir os misesianos dos membros da Escola de Chicago com base em seus ideais metodológicos. Para Kirzner (1967b, p. 106), há uma diferença entre o tipo de conhecimento que é gerado teoricamente por meio da praxeologia daquele obtido empiricamente. Com isso, aponta que a ideia de confirmação teórica com base na validação empírica não é possível e nem necessária. Impossível porque não há como controlar as mudanças de apenas uma variável no mundo real. Desnecessária porque os próprios modelos econômicos já são estabelecidos por meio de hipóteses sobre as condições em que ocorrem os fenômenos.

Kirzner assume parcialmente a praxeologia, ao admitir alguns de seus *insights*, sem integrá-la à totalidade da teoria econômica, da mesma forma como Kirzner a enxerga na obra de Mises.

Não é objeto de investigação deste ensaio apontar se a abordagem kirzneriana é ou não praxeológica, mas é possível afirmar algo acerca disso a partir dos trabalhos consultados. Kirzner utiliza a praxeologia como ferramenta de trabalho de maneira geral, mas sem se prender a ela ou defender sua exclusividade. Isso é percebido na incessante defesa da “*logic of choice*”, sob a ótica da praxeologia para a análise econômica, bem como no entendimento da ação humana, sob a ótica da construção teórica, conquanto não explicita a praxeologia em seus trabalhos. Tal defesa serve a Kirzner como forma de aproximar-se das outras abordagens teóricas, ao utilizar o entendimento da racionalidade humana, que utiliza como princípio praxeológico, enquanto denominador comum entre as visões econômicas. Mas sem afastar-se dos Austríacos, que rejeitam a praxeologia como metodologia, mantendo a aproximação com os dois grupos.

#### 3.4 O TRATAMENTO CONJUNTO DE MISES E HAYEK

A segunda característica que emerge do pensamento econômico kirzneriano nesse conjunto de materiais é a forma de interpretar conjuntamente as ideias de Mises e Hayek admitindo a existência de diferenças entre eles. Vários trabalhos reconhecem que Kirzner é o promotor da união delas na formulação de sua teoria da atividade empresarial (BARBIERI, 2001, p. 81; 2008, p. 223; JAKEE e SPONG, 2003, p. 473-474; BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xii; 2013, p. x-xi; 2018a, p. xi; BOETTKE e D’AMICO, 2010, p. 89; HORWITZ, 2010, p. 97). E o próprio Kirzner defende isso (KIRZNER, 2015d [1967], p. 176; 2015c [1986], p. 40-42; 1997c, p. 19).

Porém, os trabalhos analisados neste ensaio permitem observar essa relação a partir do entendimento kirzneriano acerca das diferenças existentes entre Mises e Hayek, deliberadamente pomenorizadas por Kirzner em razão das similitudes vistas por ele entre esses autores. Embora Kirzner já tenha tangenciado essa relação teórica, não assumiu o tratamento dessas diferenças como objetivo principal nessas ocasiões.<sup>85</sup> Da mesma forma, os trabalhos aqui analisados não procuraram somente distanciar ou aproximar as contribuições

---

<sup>85</sup> Como se vê nos trabalhos de Kirzner: “*Ludwig von Mises and Friedrich von Hayek: The Modern Extension of Austrian Subjectivism*” (KIRZNER, 2015c [1986]), “*Hayek, Knowledge, and Market Processes*” (KIRZNER, 1979c), “*Reflections on the Misesian Legacy in Economics*” (KIRZNER, 2000f [1996]) e na introdução ao terceiro volume da coleção “*Classical in Austrian Economics*” (KIRZNER, 2018c [1994]).

misesianas e hayekianas, mas, por meio das referências a elas, é possível sistematizar como Kirzner as compreende, unifica e utiliza.

O tratamento conjunto de Mises e Hayek aparece inicialmente no artigo de Kirzner (1965) acerca da proposta de Buchanan [1964], já discutido anteriormente. Como visto, Buchanan estaria propondo a revisão do objeto da Economia, colocando a cataláxia no lugar do problema alocativo originado na definição robbinsiana do problema econômico. Para Kirzner, entretanto, essa é apenas uma forma de ver a sugestão de Robbins, que também pode ser entendida como a investigação daquilo que resulta de um aspecto particular da ação humana, a propensão a agir. Na visão kirzneriana, a crítica de Buchanan seria adequadamente complementada admitindo-se a “*logic of choice*”, a ideia de que as decisões individuais derivam de planos previamente estabelecidos pelos agentes (KIRZNER, 1965, p. 258-259).

Neste texto, Kirzner aproxima Mises e Hayek por considerar que suas ideias convergem para a admissão de que os agentes econômicos estabelecem planos de ação para a tomada de decisões (KIRZNER, 1965, p. 258-259). Logo, encontram complementariedade na análise da “*logic of choice*”, sendo possível relacionar cada escolha individual aos objetivos admitidos nos planos que as originaram. Kirzner compara essa ideia à sugerida por Buchanan da mudança de foco na Economia. Essa última, conquanto alicerçada na crítica no problema econômico sugerido a partir de Robbins, poderia ser mais bem fundamentada por meio das ideias misesianas e hayekianas. Porque elas permitiriam objetar a questão alocativa sem desconsiderar a característica da propensão humana à ação existente na ideia robbinsiana.

No segundo momento em que Kirzner reúne ideias de Mises e Hayek nesse conjunto de textos, ele as destaca pelo maior realismo das hipóteses no entendimento econômico com relação à economia tradicional. Essa junção é feita na revisão já citada do livro de Lepage [1978]. Uma vez que Lepage estaria promovendo a visão dos “*new economists*”, Kirzner critica tal abordagem pelo irrealismo de suas hipóteses (KIRZNER, 1982a, p. 35-36).

No pensamento kirzneriano, Mises e Hayek teriam um entendimento econômico mais próximo da realidade por terem “a simple realistic understanding of how men choose, how they err, and how they learn – an understanding that has proved remarkably convincing and fertile” (KIRZNER, 1982a, p. 36). Por meio da comparação entre a visão defendida por Lepage, baseada naquela dos “*new economists*”, com a de Mises e Hayek, Kirzner reúne esses dois últimos em uma visão simplificada da Economia, baseada em mudanças do processo decisório, sem que com isso haja afastamento da realidade econômica.

Outra oportunidade em que Kirzner tratou conjuntamente de Mises e Hayek foi na revisão do livro de Langlois [1985], que traria um contraste entre o “*Knowledge Project*” de

Machlup e a proposta praxeológica de Mises.<sup>86</sup> A revisão kirzneriana apresenta Machlup e Hayek como seguidores de Mises em Viena, cujas trajetórias seguiram para a discussão do papel do conhecimento em Economia (KIRZNER, 2018j [1985], p. 228-229).

Isso permite a Kirzner resgatar que as ideias hayekianas se destacariam, com relação a Machlup, pela admissão da noção de processo. Uma diferença que é explicada no pensamento kirzneriano por motivos históricos, já que as discussões da EA em Viena não teriam desenvolvido a noção de processo senão ao final da década de 1930. Um resultado das contribuições conjuntas de Mises e Hayek, conquanto Kirzner reconheça que o primeiro não explicitou a questão da comunicação do conhecimento (KIRZNER, 2018j [1985], 229-230).

Neste trabalho, Kirzner (2018j [1985]) mostra como Mises e Hayek entendiam a economia da mesma maneira a partir do final da década de 1930. Esse entendimento toma como base a perspectiva de uma competição dinâmica, desenvolvida por ambos no mesmo período a partir da noção de processo. Até aí, conquanto Mises fosse o mentor de Hayek, suas ideias pareciam semelhantes ao corpo geral da profissão, sem uma distinção que os colocasse unificados em contraste aos demais economistas. Apesar da convergência para uma ideia de processo, permaneceu entre Mises e Hayek a diferença quanto ao papel do conhecimento nas abordagens, já que somente na visão hayekiana sua disseminação é explicitada.

Kirzner voltou a associar historicamente Mises e Hayek em sua distinção na Economia ao comentar um capítulo escrito por Boehm [1990], que teria tratado da tradição Austríaca a partir dos trabalhos de Mises e Schumpeter.<sup>87</sup> Kirzner compara sua perspectiva para a EA no período 1930-1950 com a adotada por Boehm. Novamente, no pensamento kirzneriano, nesta época a EA não tinha características próprias que a diferenciassem do *mainstream*. Mas Kirzner reconhece a existência de *insights* nos trabalhos de Menger, latentes nas contribuições misesianas e schumpeterianas, que seriam recuperados à época do “*Austrian Revival*” (KIRZNER, 1990 p. 244).

A diferença com relação ao *mainstream* só começaria ser percebida por Mises e Hayek na década de 1940, em razão do debate do cálculo (KIRZNER, 1990, p. 246). E o cerne do

---

<sup>86</sup> De acordo com o próprio Langlois (1985, p. 232-233), o “*Knowledge Project*” foi a tentativa que Machlup propôs de sistematizar e esclarecer os diferentes conceitos do termo “conhecimento” utilizados pelos economistas. Machlup buscava apresentar as implicações do conhecimento na Economia, o que seria realizado em uma coleção sobre o assunto dividida em dez volumes.

<sup>87</sup> Utilizado por Kirzner como referência no livro “*Ludwig von Mises: the man and his economics*” (KIRZNER, 2001c), na introdução ao terceiro volume da coleção que editou, “*Classical in Austrian Economics*” (KIRZNER, 2018c [1994]), e no artigo “*Creativity and/or Alertness: A Reconsideration of the Schumpeterian Entrepreneur*” (KIRZNER, 2000b [1999]), valendo-se, nestes dois últimos, não só do texto de Boehm, mas também do comentário que escreveu sobre ele (KIRZNER, 1990).

distanciamento seria a percepção de que, diferentemente do restante da profissão, o Austrianismo pautava-se no desequilíbrio econômico para entender o mercado, e não no estado de equilíbrio (KIRZNER, 1990, p. 247). Porém, conquanto compartilhassem o protagonismo no rompimento com o paradigma dominante do equilíbrio, Mises e Hayek o teriam feito por motivos distintos. Segundo Kirzner, Mises por ter entendido a Economia como ciência da ação humana, e Hayek por ter percebido a deficiência da análise econômica quando centrada no estado de equilíbrio (KIRZNER, 1990, p. 247-248).

Neste comentário, Kirzner (1990) compara diferentes interpretações acerca da trajetória de Mises e Schumpeter, de acordo com as perspectivas históricas assumidas por ele e Boehm. Nisso, volta a apontar Mises e Hayek como promotores da diferenciação da EA com relação ao *mainstream* da época em 1940 no debate do cálculo econômico. Porém, conquanto a consideração de que esses autores estivessem empenhados na mesma tarefa, a raiz da insatisfação com relação à teoria tradicional seria distinta. Mises estaria descontente com a negligência do papel humano no processo decisório, enquanto Hayek teria mostrado as limitações quanto ao entendimento do mercado em uma situação hipotética de equilíbrio.

Kirzner também aglutinou as ideias de Mises e Hayek como base teórica para a EA Moderna, o que fez em um capítulo comentando o texto de Ricketts [1992] que foi crítico à sua teoria da atividade empresarial (KIRZNER, 1992a, p. 85).<sup>88</sup>

Neste texto, Kirzner (1992a, p. 101) considera que é a partir da ênfase misesiana no caráter subjetivo da decisão que o Austrianismo pôde mudar sua concepção de agente econômico, permitindo compreender a extensão do elemento humano na tomada de decisões. Com isso, a teoria Austríaca teria se tornado capaz de substituir o agente econômico, do robbinsiano tradicional pelo *homo agens* de Mises. Esse novo entendimento teria permitido admitir a capacidade de percepção dos fins e meios por parte dos indivíduos, algo que antecede o ato de escolha e é negligenciado na teoria tradicional. Juntando isso à proposta de Hayek sobre a dispersão e disseminação do conhecimento, e a teoria Austríaca se torna, no pensamento kirzneriano, capaz de entender o funcionamento dos mercados e sua tendência ao equilíbrio por meio da ação empresarial.

Então, enfatizando que a EA Moderna se baseia no entendimento do processo de mercado, Kirzner (1992a) especifica o papel desempenhado por seus maiores expoentes, Mises e Hayek. As interpretações deles acerca do mercado são tomados como

---

<sup>88</sup> Utilizado por Kirzner como referência nos artigos “*Entrepreneurship*” (KIRZNER, 2018o [1994]) e “*Entrepreneurial Discovery and the Competitive Market Process: An Austrian Approach*” (KIRZNER, 2000c).

complementares sob a possibilidade de enxergar a ação a partir dois primas: (i) o agente econômico misesiano não se limita a fins e meios pré-estabelecidos, o que muda a concepção acerca do processo decisório; e (ii) tal agente recebe e dissemina informações por meio da sua participação no mercado competitivo, o que resulta no processo hayekiano de disseminação do conhecimento.

Kirzner terá nova oportunidade de aproximar Mises e Hayek na revisão do livro editado por Birner e Van-Zijp [1994] sobre a obra de Hayek. As ideias misesianas e hayekianas são mais uma vez tomadas como complementares por partirem de um mesmo conceito de mercado. Desta vez, a compatibilidade entre elas decorre, para Kirzner, por Hayek ter admitido que o mercado competitivo gera ordem espontânea, enquanto Mises vê a competição como empresarialmente dirigida pelos indivíduos que agem em meio à incerteza (KIRZNER, 1995b, p. 1243).

Mais precisamente, Kirzner conjuga o par Mises-Hayek na ideia da descoberta enquanto um resultado ação. Para Kirzner, conquanto haja uma diferença de terminologia entre os dois autores, “the dynamic entrepreneurial process central to the Misesian theory of the market *is* simply that very process of competitive discovery through which, for Hayek, the market solves its knowledge problems” (KIRZNER, 1995b, p. 1244). Papel empresarial este que estaria na raiz das críticas desses autores durante o debate do cálculo econômico, com Mises explicitando-a quanto à possibilidade de realização do cálculo, e Hayek associando-o ao papel do conhecimento. No pensamento kirzneriano, ambas as análises tratam da mesma questão, uma crítica ao cerceamento da possibilidade da “descoberta empresarial”, com cada autor observando um aspecto particular do mesmo problema (KIRZNER, 1995b, p. 1244).

Kirzner (1995b) utiliza sua abordagem comparativa nessa revisão para contrastar sua perspectiva com relação a dos editores do livro quanto a Hayek, aproximando a abordagem deste último à de Mises. Isso é feito, principalmente, considerando-se a função empresarial dos agentes no mercado, a principal contribuição kirzneriana em Economia, mostrando como Mises e Hayek teriam enfatizado um aspecto particular desse fenômeno. Desta forma, além de aproximar os dois autores, Kirzner reconhece, mas minimiza, as diferenças entre eles.

Outro trabalho em que Kirzner pôde tratar da relação entre Mises e Hayek foi na revisão do livro editado por Kresge e Weanar [1994].<sup>89</sup> Mais uma vez Kirzner compara sua própria perspectiva acerca de Hayek com relação à dos editores do livro, por considerar que

---

<sup>89</sup> Utilizado por Kirzner como referência no comentário “*Hayek's Theory of the Coordination of Markets: A Commentary to Accompany the Facsimile edition of Hayek's Preise und Produktion*” (KIRZNER, 2018r [1995]), e no livro “*Ludwig von Mises: the man and his economics*” (KIRZNER, 2001c).

eles negligenciaram a relação intelectual entre Mises e Hayek. Para Kirzner, esse é um fator importante pelo reconhecimento hayekiano de que Mises foi o economista com quem mais aprendeu (KIRZNER, 1995a, p. 57-58).

Segundo Kirzner, no lugar de destacar a aproximação entre Mises e Hayek, os editores teriam preferido destacar outras questões, como o desentendimento entre eles e a possibilidade de diferenciá-los quanto à argumentação sobre a impossibilidade do cálculo econômico sob o socialismo. Kirzner reconhece que é possível distanciá-los pela questão do apriorismo como metodologia, já que, no “*Economics and Knowledge*” [1937], Hayek teria assumido postura metodológica diferente da defendida por Mises. Porém, para Kirzner, quando se observa o papel da descoberta e seus efeitos, ambos compartilharam a mesma perspectiva sobre o mercado (KIRZNER, 1995a, p. 57-58).

Nessa revisão, Kirzner (1995a) compara sua posição a algumas adotadas no livro, novamente procurando tratar como secundário o distanciamento entre Mises e Hayek. No lugar, busca priorizar a complementariedade entre suas obras, principalmente à luz do papel teórico desempenhado pela descoberta no processo de mercado. Porém, Kirzner reconhece que há um rompimento metodológico entre Mises e Hayek, já que percebe a oposição hayekiana à visão apriorística de Mises sobre a metodologia da Economia.

Nova oportunidade para aproximar Mises e Hayek se apresenta para Kirzner quando ele fica responsável por escrever um comentário de acompanhamento à nova edição impressa em alemão do livro “*Prices and Production*” de Hayek [1995]. Neste texto, Kirzner assume a missão de analisar os componentes teóricos da obra, e nesta tarefa aproveita para esclarecer a relação entre os trabalhos do par Mises-Hayek (KIRZNER, 2018r [1995], p. 185).

Para Kirzner (2018r [1995], p. 185), da mesma maneira que o debate do cálculo econômico serviu de inspiração para o aprimoramento das ideias de Mises e Hayek sobre o processo de mercado, o contexto de 1931 ajuda a entender o papel do “*Prices and Production*” na principal agenda de pesquisa hayekiana, a revisão de planos no processo de mercado. Kirzner defende que no livro Hayek desenvolve as ideias misesianas sobre a teoria Austríaca dos ciclos. Mas tal desenvolvimento seria feito sob outro prisma, na “perspective on the role of knowledge sharply *diverged* from the views of Mises” (KIRZNER, 2018r [1995], p. 189).

Em uma nota nesta revisão, Kirzner cita o trabalho editado por Kresge e Wearar [1994] que ele também revisou, como visto acima. Nesta nota, reafirma que o “*Economics and Knowledge*” de 1937 foi uma tentativa em que Hayek procurou mostrar a Mises que este estaria errado sobre a natureza equilibradora do processo de mercado (KIRZNER, 2018r

[1995], p. 193). Assim, neste comentário, Kirzner (2018r [1995]) persiste minimizando as diferenças metodológicas entre Mises e Hayek para aproximá-los no entendimento do processo de mercado. Porém, pela primeira vez no conjunto de textos analisados, Kirzner trata disso retornando à teoria do capital de ambos, anterior, portanto, à discussão do cálculo econômico de onde emerge a ideia de processo de mercado, que é onde Kirzner comumente aproxima os autores.

Kirzner também uniu as ideias misesianas e hayekianas ao revisar o livro de O'Driscoll e Rizzo [1985].<sup>90</sup> Segundo Kirzner (1994e, p. 40-41), há nesta obra dois erros importantes: (i) acreditar que a criatividade na ação humana é contraditória à teoria Austríaca convencional, mesmo ocorrendo sob o que os autores defendem como “tempo real”; (ii) aceitar que exista um padrão de coordenação que não seja afetado pela incerteza radical. Estes equívocos implicariam na negação da característica sistemática do processo de mercado em promover a tendência ao equilíbrio, o que, no pensamento kirzneriano, vai na contramão das contribuições deixadas por Mises e Hayek acerca do funcionamento do mercado.

Kirzner esclarece que em Mises o dinamismo de mercado decorre do caráter empresarial das decisões, e, embora Hayek não tivesse enfatizado tal característica, ela seria totalmente compatível com a proposta hayekiana do mercado como um “*discovery procedure*” competitivo (KIRZNER, 1994e, p. 40-41). Logo, é possível conciliar, no pensamento kirzneriano, a criatividade da ação humana e os efeitos da incerteza com a tendência ao equilíbrio no processo de mercado, as duas falhas apontadas na obra revisada.

**“The conventional Austrian position (identified with the work of Mises and Hayek) has been that the recognition of the spontaneity of human action and discovery, while it drastically diminishes the relevance of equilibrium models, does not, to put it mildly, rule out the possibility of the possible systematic process of market coordination.”** (KIRZNER, 1994e, p. 41, ênfase adicionada)

---

<sup>90</sup> Utilizado como referência por Kirzner nos livros “*Discovery, Capitalism, and Distributive Justice*” (KIRZNER, 2016a [1989]) e “*How Markets Works*” (KIRZNER, 1997c), nos textos “*Ludwig von Mises and Friedrich von Hayek: The Modern Extension of Austrian Subjectivism*” (KIRZNER, 2015c [1986]), “*Roundaboutness, Opportunity, and Austrian Economics*” (KIRZNER, 2015f [1986]), “*The Austrian School of Economics*” (KIRZNER, 1992g [1987]), “*Entrepreneurial Discovery and the Competitive Market Process: An Austrian Approach*” (KIRZNER, 2000c), “*The Driving Force of the Market: The idea of “competition” in contemporary economic theory and in the Austrian theory of the market process*” (KIRZNER, 2000h [1997]), “*Creativity and/or Alertness: A reconsideration of the Schumpeterian entrepreneur*” (KIRZNER, 2000b [1999]), e no “*Remembrance and Appreciation Roundtable Professor Ludwig M Lachmann (1906-1990)*”, do qual Kirzner é um dos coautores (BOEHM *et al.*, 2000), e na introdução ao segundo volume da coleção que editou, “*Classical in Austrian Economics*” (KIRZNER, 2018b [1994]).

O'Driscoll e Rizzo, na utilização da incerteza genuína para abandonar a tendência ao equilíbrio, e este como estado final de referência, estariam, para Kirzner, recusando implicitamente uma posição que fora assumida explicitamente por Mises e Hayek (KIRZNER, 1994e, p. 42-43).

A reflexão que emerge da comparação entre a proposta dos autores com a visão de Kirzner (1994e) nessa revisão versa sobre a natureza do Austrianismo. Na perspectiva kirzneriana, é a junção das ideias misesianas e hayekianas sobre o processo de mercado que fundamenta a EA. Desta forma, o afastamento da tendência ao equilíbrio proposto por O'Driscoll e Rizzo configuraria um distanciamento das ideias de Mises e Hayek, e, por extensão, do Austrianismo tradicional. Kirzner explicita seu descontentamento com a obra revisada, apontando que nela há uma interpretação errônea das ideias Austríacas. Como consequência, O'Driscoll e Rizzo estariam propondo uma visão que afasta a atividade empresarial, justamente a que une, na visão kirzneriana, o par Mises-Hayek.

Por fim, Kirzner considerou Mises e Hayek conjuntamente no artigo já mencionado em que respondeu a Klein e Briggeman [2010]. Para Kirzner, os autores não teriam compreendido a proposta dele em juntar as contribuições misesianas e hayekianas (KIRZNER, 2010d, p. 55-56). Então esclarece que as ideias de Mises e Hayek são complementares porque chegaram ao mesmo conceito de mercado competitivo dinâmico, embora só na versão misesiana isso decorra de um desenvolvimento praxeológico (KIRZNER, 2010d, p. 58-59).

No entendimento kirzneriano, o legado do par Mises-Hayek para a EA Moderna é o entendimento acerca do processo de mercado e sua natureza (KIRZNER, 2010d, p. 59). Kirzner (2010d, p. 58-59) afirma que seu próprio entendimento do processo de mercado é fortemente influenciado pelas ideias hayekianas, assumindo que elas lhe deram maior compreensão da proposta de Mises sobre o mercado empresarialmente dirigido.

Nesse ponto, Kirzner volta a esclarecer que Mises e Hayek diferenciaram-se quanto ao escopo da Economia, já que eles teriam discordado quanto ao nível de informação empírica a ser admitido na teoria econômica. Enquanto Mises teria iniciado de sentenças estritamente a priori, posição condizente com a praxeologia, Hayek baseara-se na observação empírica (KIRZNER, 2010d, p. 61).

Apesar das diferenças metodológicas, entretanto, no pensamento kirzneriano Mises e Hayek teriam concordado que a teoria econômica deriva de axiomas necessariamente verdadeiros (KIRZNER, 2010d, p. 61-62). Para ilustrar isso, Kirzner cita Hayek sobre o equilíbrio como compatibilidade de planos, para mostrar a admissão hayekiana de um axioma

que versa sobre a reformulação de planos dos agentes econômicos a partir da experimentação no mercado. Também cita a admissão misesiana de um axioma sobre a ação empresarial, como tentativa da melhor antecipação dos preços futuros na busca por lucro, ideia que, para Kirzner, independe da utilização do método praxeológico (KIRZNER, 2010d, p. 61-62).

Este último trabalho serve a Kirzner (2010d) como forma de comparar sua perspectiva sobre a EA Moderna com relação a Klein e Briggeman. Kirzner sustenta sua defesa de que é o alinhamento das ideias de Mises e Hayek que resulta na teoria do processo de mercado. Para isso, admite não ser a praxeologia, também rejeitada por Hayek, aquilo que reúne o Austrianismo contemporâneo, embora sustente a existência de axiomas apriorísticos tanto nas contribuições misesianas como nas hayekianas.

No conjunto de textos discutidos nessa seção, a junção de Mises e Hayek é feita por diversos motivos que permitem esclarecer o pensamento kirzneriano sobre a relação histórica desses personagens e a identificação dos pontos de convergência e divergência entre eles.

Historicamente os autores são reunidos porque Hayek fora inicialmente um seguidor de Mises (KIRZNER, 2018j [1985]), tendo apontando-o como o autor com quem mais aprendeu (KIRZNER, 1995a). Para Kirzner, inclusive, é possível interpretar a teoria hayekiana do capital como desenvolvimento da teoria dos ciclos misesiana, e reconhecer que em ambas já estava presente a ideia de que os agentes formulam planos de ação (KIRZNER, 2018r [1995]) – um ponto de convergência entre os autores que surge, nessa interpretação, em momento anterior à ideia de processo de mercado.

Mises e Hayek também foram conjuntamente os expoentes do lado Austríaco no debate do cálculo econômico (KIRZNER, 1990; 1995b), desenvolvendo nessa época a noção de processo de mercado (KIRZNER, 2018j [1985]) – e por isso são merecedores do crédito pelo Austrianismo tradicional. No pensamento kirzneriano, a teoria Austríaca convencional é pautada nas contribuições de Mises e Hayek sobre a tendência de coordenação do mercado de maneira espontânea, por meio da ação humana que resulta na descoberta (KIRZNER, 1994e). De legado para a EA Moderna, tais autores teriam deixado a ideia de processo de mercado. Mises por mudar a concepção de agente econômico, ao enfatizar uma etapa anterior à decisão para a identificação de fins e meios, e Hayek por mostrar o paralelo entre competição e disseminação do conhecimento (KIRZNER, 1992).

Para Kirzner, são pontos de convergência entre o pensamento econômico de Mises e Hayek: partirem de axiomas considerados necessariamente verdadeiros (KIRZNER, 2010d); admitirem que os modelos tradicionais de teoria econômica devem iniciar com hipóteses simplificadoras, mas realistas (KIRZNER, 1982a); proporem que o foco da Economia deveria

sair das questões alocativas (KIRZNER, 1965) para considerar o padrão de mudanças no processo decisório (KIRZNER, 1982a), iniciando a análise econômica a partir da situação de desequilíbrio (KIRZNER, 1990); considerarem o estabelecimento de planos pelos agentes econômicos na tomada de decisões (KIRZNER, 1965), de onde desenvolvem a noção de processo de mercado (KIRZNER, 2018a [1985]), partindo da mesma concepção de mercado dinâmico (KIRZNER, 1995b; 2010d) como resultado da concorrência ativa (KIRZNER, 2010d); admitirem que o estado de equilíbrio, enquanto estágio final do processo competitivo, é um ponto para o qual tende o mercado, servindo como ferramenta de análise para referência teórica (KIRZNER, 1994e).

Kirzner (1995b) conjugará esses pontos de concordância entre os autores afirmando que a direção empresarial do mercado misesiana soluciona o problema hayekiano de como a sociedade faz o melhor uso do conhecimento disperso. Desta forma, é possível interpretar de Kirzner (1994e) que nos trabalhos do par Mises-Hayek está latente uma teoria da atividade empresarial pela compatibilidade entre o caráter empresarial da decisão, enfatizado por Mises, e o procedimento de descoberta no processo competitivo destacado por Hayek.

Conquanto apresente os pontos comuns entre Mises e Hayek, Kirzner não se furta a admitir que há diferenças entre os autores: a metodologia, porque apenas Mises teria aderido à praxeologia, o que faz com que os Mises e Hayek tenham distintas visões acerca do escopo econômico, diferenciando-se com relação à admissão da informação empírica na teoria (KIRZNER, 2010d); uma diferenciação que já teria sido indicada por Hayek em seu artigo seminal de 1937, quando teria contestado o apriorismo metodológico então defendido por Mises (KIRZNER, 1995a); o que resultará em uma discordância a respeito da natureza do equilíbrio, que no pensamento misesiano decorre da lógica das ações humanas, enquanto é uma característica econômica empiricamente verificável na interpretação hayekiana sobre o conhecimento (KIRZNER, 2018r [1995]).

Tais evidências também resultariam em diferentes interpretações para os autores quanto à teoria econômica tradicional e o papel do empresário. Para Kirzner (1990), Mises teria rompido com a teoria dominante por admitir a economia como uma ciência da ação humana, e Hayek por considerar limitado o entendimento proposto na Economia tradicional do mercado baseado na situação de equilíbrio. Quanto ao papel empresarial, Kirzner (1995b) afirma que Mises o enfatizou na possibilidade de realizar o cálculo econômico, enquanto Hayek o destacou pela disseminação do conhecimento.

Porém, todas essas diferenças são pormenorizadas no pensamento econômico kirzneriano quando se considera que os pontos comuns geram a noção do processo de

mercado, independentemente das diferenças destacadas – principalmente metodológicas. Isso fará com que Kirzner defenda que ambos os autores estivessem tratando implicitamente, de maneira contingenciada, do mesmo objeto, o papel empresarial. Assim, para Kirzner (2018j [1985]), o par Mises-Hayek tem o mesmo entendimento sobre o papel dinâmico da concorrência e seu resultado, embora Mises não tenha explicitado a disseminação do conhecimento como fez Hayek.

Nessa interpretação, as contribuições de Mises e Hayek teriam como pano de fundo a função empresarial que coordena o mercado, com o indivíduo agindo propositadamente sob incerteza e valendo-se do conhecimento existente na economia e o modificando. E esse resultado teórico independe de se aderir à base metodológica misesiana ou hayekiana, o que aumenta o alcance e generalidade da tese Austríaca do processo de mercado.

Conquanto a importância das ideias de Mises e Hayek, elas teriam ficado em segundo plano no ambiente acadêmico depois do debate do cálculo, situação que se reverteria quando redescobertas no “*Austrian Revival*”. O pensamento econômico kirzneriano admite que o pertencimento ou continuidade da tradição Austríaca depende da incorporação da noção de processo de mercado. Kirzner utiliza não só questões que foram centrais para Mises e Hayek individualmente, ação humana propositada e equilíbrio como coordenação de planos. Kirzner recupera, principalmente, aquilo que defende unir essas propostas, o lucro como decorrência do desequilíbrio do mercado, descoberto pela atividade empresarial no decorrer dinâmico do processo de mercado. O que independe das diferenças apontadas por Kirzner entre as teorias misesiana e hayekiana.

O que se verifica da análise do pensamento de Kirzner quando da junção entre Mises e Hayek é que o elemento empresarial é denominador comum entre as contribuições dos dois autores. Dessa constatação emerge o que parece ser um desenho proposto por Kirzner para a EA Moderna, embora não explicitado, interpretar os dois autores a partir de uma teoria da atividade empresarial para o processo de mercado. Tal como o próprio Kirzner fez em seu principal livro, “*Competition and Entrepreneurship*”, mas sem destacar a ampliação metodológica provida nessa interpretação (KIRZNER, 2013 [1973]).

Aqui retorna, ainda que de maneira subjacente, a hierarquização entre praxeologia e processo de mercado por Kirzner. Porque o autor torna dispensável a metodologia de Mises, a praxeologia, para conciliar o entendimento misesiano, do processo de mercado competitivo, com o de Hayek, que fora alcançado por meio de outra base metodológica. É por isso que há em Kirzner uma superação das diferenças entre as ideias misesianas e hayekianas, para

permitir a partir delas a conciliação quanto à noção da competição e seu papel coordenador da economia, verificável via praxeologia ou empiricamente.

É interessante notar a postura de Kirzner em diminuir a importância da praxeologia frente à teoria do processo de mercado, na tentativa de definir o Austrianismo ou conciliar os seguidores da EA. Porque, enquanto a praxeologia é preterida neste fim, dispensável para aceitar a tese da atividade empresarial no processo de mercado, foi a noção praxeológica de racionalidade, como visto na seção anterior, que Kirzner utilizou para aproximar-se de outras abordagens.

### 3.5 ENTENDIMENTO DE OUTRAS PROPOSTAS NA TEORIA ECONÔMICA

A terceira característica que emerge do pensamento econômico de Kirzner nesse conjunto analisado de suas obras é seu entendimento acerca de outras abordagens econômicas que não a Neoclássica, já que esta é recorrentemente tratada por ele em seus principais textos.<sup>91</sup> Nos trabalhos aqui analisados emerge a proposta kirzneriana de como a função empresarial é necessária na compreensão Austríaca ou tem espaço em outras abordagens econômicas, independentemente do arcabouço metodológico com que foram propostas.

Nos materiais consultados neste ensaio, isso começa na revisão do livro de Smith [1988], obra que teria sido proposta como baseada no Austrianismo. Kirzner aponta que a tese central desse material é a defesa de que a sociedade estaria priorizando preocupações de curto prazo e, com isso, permitindo problemas futuros. Smith teria sugerido resolver isso com reformas institucionais para incentivar o planejamento de longo prazo (KIRZNER, 1989a, n.p).

Para Kirzner, Smith entende que a utilização da renda pelos indivíduos reflete suas preferências temporais. Porém, Smith parece ter aceitado a proibição do exercício destas por vias institucionais, o que não seria admissível do ponto de vista Austríaco, segundo Kirzner, porque isso refletiria falta de confiança no livre mercado, por não creditar a ele a conciliação entre interesses presentes e futuros. Embora o livro de Smith acredite tomar o Austrianismo como base, Kirzner afirma que falta nele a compreensão Austríaca sobre a alocação temporal. No pensamento kirzneriano, diferente de Smith, a designação intertemporal dos recursos não tem relevância pela possibilidade de acumular riqueza ao longo do tempo, mas por atender a preferências presentes sobre o futuro (KIRZNER, 1989a, n.p).

---

<sup>91</sup> Como visto na segunda seção deste capítulo durante a análise das estruturas dos livros de Kirzner (p. 84-94).

Outro ponto criticado por Kirzner é que Smith estaria admitindo a Lei de Say em sua proposta como parte do pensamento Austríaco, considerando que a oferta guia as possibilidades de demanda. Segundo Kirzner, o Austrianismo não admite essa interpretação, porque, ao contrário, percebe a demanda como condutora da oferta. Smith estaria sendo induzido ao erro pela admissão Austríaca do *insight* de impossibilidade de superprodução existente na Lei de Say, o que, para Kirzner, não implica necessariamente aceitar a totalidade dessa proposição (KIRZNER, 1989a, n.p).

Nessa revisão, Kirzner (1989a) utiliza a abordagem comparativa para ilustrar sua perspectiva acerca do Austrianismo com relação à de Smith. A partir daí, resgata duas ideias que considera inerentes à EA, conciliação intertemporal das preferências e impossibilidade de superprodução, mostrando que a tentativa de controlar as decisões individuais por meios institucionais não é passível de defesa no Austrianismo.

Novo contraste entre a visão kirzneriana da EA com relação a outros autores surge na revisão já mencionada de O'Driscoll e Rizzo [1985]. O ponto importante levantado nessa revisão a esse respeito versa sobre a possibilidade da tendência ao equilíbrio na economia. Kirzner retoma sua defesa da existência dessa tendência, embora aceite que o equilíbrio nunca seja alcançável. Com isso, afirma que o livro, ao adotar o Subjetivismo Radical, admitiu uma volatilidade tamanha para os dados econômicos básicos que torna disruptivas as decisões dos agentes. Isso implicaria ignorar a possibilidade de forças econômicas que promovem padrões no mercado, resultando na inexistência de uma tendência coordenadora na economia (KIRZNER, 1994e, p. 39-30).

Kirzner destaca que Mises e Hayek partiram de um entendimento de mercado dinâmico por seu caráter competitivo (KIRZNER, 1994e, p. 40-41). E mesmo isso permitiria uma tendência ao equilíbrio econômico. Então, para Kirzner (1994e, p. 42-43), O'Driscoll e Rizzo acabam por rejeitar as contribuições misesianas e hayekianas em defesa da tendência ao equilíbrio. Um estado que não é tomado como alcançável nem por Kirzner, e, segundo ele nem por Mises ou Hayek, mas como ponto de referência teórico para a análise econômica.

Kirzner concede sobre uma proposta dos autores no livro sobre a relevância de diferenciar aspectos típicos e únicos no futuro. Afirma que é possível concordar que muito da ação empresarial é uma tentativa de antecipar resultados dos eventos típicos, mais do que dos eventos únicos. Porém, para Kirzner, os autores não teriam mostrado os elementos de que dependeria o padrão de coordenação proposto na obra, por negarem o papel coordenador da função empresarial. Assim, haveria uma lacuna na explicação desse fenômeno econômico na obra dos autores. Também teria ficado em aberto explicar a motivação que os levou a negar a

posição que Kirzner considera convencional na teoria Austríaca, a da atividade empresarial, se ela poderia cumprir esse papel de explicar a coordenação (KIRZNER, 1994e, p. 42-43).

A reflexão que emerge da abordagem comparativa de Kirzner (1994e) nessa revisão versa sobre a base do Austrianismo na perspectiva kirzneriana, a junção das ideias de Mises e Hayek sobre o processo de mercado. Desta maneira, pode-se argumentar que em Kirzner a adoção de uma posição que se afaste da conjugação das ideias misesianas e hayekianas, como o abandono da tendência ao equilíbrio, é o mesmo que afastar-se do Austrianismo. Adicionalmente, mostra que, mesmo tomando como base uma parte da abordagem do livro revisado, cabe nessa versão Austríaca a sua proposta de atividade empresarial como explicação para a coordenação econômica por meio do processo de mercado.

Novo descontentamento kirzneriano com uma proposta de visão Austríaca é encontrada na revisão do livro de Cordato [1992].<sup>92</sup> Segundo Kirzner, Cordato define a cataláxia como ordem social emergente do mercado quando os indivíduos agem propositadamente. A eficiência econômica aí é julgada pela capacidade institucional de garantir a propriedade privada e disseminar corretamente as informações. Com base nisso, a preocupação de Cordato teria se voltado para a avaliação do ambiente institucional que deve facilitar a ação propositada (KIRZNER, 1993b, p. 145).

O problema surge, para Kirzner, quando fica subentendida a possibilidade de usar políticas para aumentar a eficiência do mercado. No pensamento kirzneriano isso representa uma mudança, da avaliação das condições institucionais em que ocorre o processo de mercado para a avaliação dos resultados do próprio mercado (KIRZNER, 1993b, p. 146-147).

De acordo com Kirzner, o critério de eficiência catalática de Cordato é uma excelente ferramenta de análise, passível de ser inserida na perspectiva Austríaca se ficar limitada às questões das condições institucionais. Mas, na forma como utilizada por Cordato, para Kirzner, corre-se o risco de extrapolar esses limites (KIRZNER, 1993b, p. 147).

“It is with some diffidence that I suggest [...] the following modification of the way in which Cordato’s catalactic efficiency criterion is presented. I believe that the criterion is presented. I believe that the criterion will gain in understandability and will carry more conviction if presented explicitly in terms of the *coordination* of individual decisions in respect of exchange. What is mean bay coordination, in this context, refers, it must be emphasized, strictly to the *process* through which

---

<sup>92</sup> Utilizado como referência por Kirzner nos textos “*Entrepreneurial Discovery and the Competitive Market Process: An Austrian Approach*” (KIRZNER, 2000c), “*Austrian Economics, The Coordination Criterion and Classical Liberalism*” (KIRZNER, 1998a), “*Coordination as a Criterion for Economic “Goodness”*” (KIRZNER, 1998b), “*The Limits of The Market: The real and the imagined*” (KIRZNER, 2000j [1994]) , e no “*Calculation, Competition, and Entrepreneurship*” (KIRZNER, 2018h [2006]).

individuals, between whom exist the potential for mutually gainful exchange, *come to be made aware of this mutually gainful possibility*. Once it is made clear that “efficiency” is being discussed solely in terms of the promotion of gainful trade, there is little danger that demonstrated absence of “inefficiency”, will be interpreted as implying a claim that we live in the best of all possible worlds.” (KIRZNER, 1993b, p. 147-148)

Nessa revisão, Kirzner (1993b) vale-se da abordagem comparativa para distinguir seu critério de eficiência daquele adotado por Cordato. O critério de eficiência catalática deste último seria baseado no nível de descoordenação, enquanto para Kirzner ele deveria se basear na frustração/interrupção dos planos. Embora Cordato também tenha admitido esse aspecto, teria feito isso para afirmar que a frustração de planos tem efeitos descoordenadores. Já Kirzner admite a inconsistência sistêmica de planos entre os agentes como fator coordenador da economia. Por isso Cordato teria encarado a o desapontamento de planos como ineficiente, enquanto Kirzner aponta-o como gerador da eficiência catalática (KIRZNER, 1993b, p. 148-149). Na visão kirzneriana é a possibilidade de erros e a sua identificação que permitem o caráter empresarial da dinâmica competitiva.

Por fim, Kirzner também se colocará contrário à proposta de complementariedade entre as visões Austríaca e Clássica na revisão do livro de Reisman [1999]. Reisman teria proposto uma visão Austro-Clássica para defender o capitalismo a partir de elementos da teoria econômica existentes no período pré-1870. As críticas kirznerianas focam na ideia de retomar posições abandonadas durante a revolução marginalista, por já terem sido descartadas por Menger (KIRZNER, 1999c, p. 81). A proposta Austro-Clássica, em resumo, tentaria juntar uma visão objetiva das magnitudes econômicas com as ideias subjetivas do Austrianismo para compreender a economia. Adicionalmente, o material serviria de defesa do capitalismo contra as ideias Marxistas e teorias influenciadas por elas no século XX (KIRZNER, 1999c, p. 84).

Para Kirzner, Reisman se afasta da definição subjetiva da riqueza no Austrianismo, que é dada em termos de preferências dos consumidores potenciais, para considerá-la em termos objetivos da promoção do bem-estar. Isso leva a um entendimento, no pensamento kirzneriano, de que a Economia deva orientar políticas públicas para a geração dessa riqueza, e não para a satisfação das necessidades manifestadas pelos indivíduos (KIRZNER, 1999c, p. 85). Conquanto Reisman tenha reconhecido afastar-se das abordagens econômicas pós-revolução marginalista, Austríaca e Neoclássica, acreditaria integrar Austríacos e Clássicos através das contribuições de Mises e Hayek (KIRZNER, 1999c, p. 85-86).

Kirzner ilustra, por meio de alguns pontos que acredita centrais ao Austrianismo, que Reisman estaria ignorando as propostas de Robbins e Mises para a definição da Economia. Esses pontos são: (i) a explicação da compatibilidade dos planos entre múltiplos agentes que formam expectativas e tomam suas decisões individualmente; (ii) o entendimento de como os indivíduos são bem-sucedidos na antecipação das decisões dos demais, bem como no descobrimento e usufruto das oportunidades de lucro que o mercado apresenta; (iii) o esclarecimento do processo de equilíbrio na economia por meio da aprendizagem e descoberta (KIRZNER, 1999c, p. 86-87); (iv) a identificação dos lucros como resultado das ações empresariais; e (v) a percepção da precedência do consumo sobre a produção (KIRZNER, 1999c, p. 88-89).

Com essa última revisão de uma nova proposta baseada na visão Austríaca, Kirzner (1999c) utiliza sua abordagem comparativa para mostrar os elementos que acredita centrais no Austrianismo. Isso atende ao que parece ser o objetivo kirzneriano, mostrar como Reisman, embora acreditando aproximar-se da EA na utilização de algumas de suas ideias, está se afastando dela por minimizar aspectos fundamentais no entendimento kirzneriano. Adicionalmente, conquanto a ênfase dada em Mises e Hayek, surge a preocupação de Kirzner em manter a fidelidade às contribuições de Menger, pela aversão ao resgate de ideias contemporâneas ao autor que ele mesmo já teria descartado.

Kirzner também expressou seu pensamento econômico acerca da abordagem Marxista. Isso aparece inicialmente na revisão do livro Ioannides [1992], que teria proposto uma crítica às novas abordagens Austríacas, valendo-se de uma perspectiva Marxista para o sistema de mercado.<sup>93</sup> Kirzner considera que as críticas providas pelo material são injustas ou incompreensíveis para um não-marxista (KIRZNER, 1994c, p. 44-45).

Exemplo dessa injustiça ocorre, para Kirzner, quando o livro recupera a crítica Austríaca sobre a intervenção do governo para contrastá-la com o entendimento, defendido no Austrianismo, de que o resultado do fenômeno é desconhecido por conta da incerteza. Assim, se existe tal imprevisibilidade econômica, não haveria como posicionar-se em contrário a uma política cujo resultado é, no mínimo, desconhecido. Essa posição seria injusta porque, segundo Kirzner, Ioannides estaria considerando a incerteza do resultado para além da imprevisibilidade, ao utilizar a contribuição de Lachmann sobre a incerteza como total

---

<sup>93</sup> Utilizado por Kirzner como referência nos artigos: “*Entrepreneurial Discovery and the Competitive Market Process: An Austrian Approach*” (KIRZNER, 2000c), no “*Hedgehog or Fox? Hayek and the idea of plan-coordination*” (KIRZNER, 2000d [1999]), e na introdução ao primeiro volume da coleção que editou, “*Classical in Austrian Economics*” (KIRZNER, 2018a [1994]).

indeterminação dos acontecimentos. E isso ocorre mesmo com o reconhecimento no livro de que essa versão não é a visão dominante no Austrianismo moderno. Então, a crítica de Ioannides aos Austríacos, com base na incerteza, não recairia sobre uma característica essencial da EA como afirmado na obra (KIRZNER, 1994c, p. 45).

Outra característica recorrente que Kirzner julga injusta seria a negligência da perspectiva dinâmica na proposta Austríaca, uma vez que Ioannides defende ser possível prever os resultados de mercado sobre a distribuição de propriedade. Segundo Kirzner, essa posição é justificada pela visão Marxista de que há uma dinâmica objetiva no uso do capital, excluindo o entendimento subjetivo das decisões econômicas.<sup>94</sup> Para Kirzner, isso resulta de uma interpretação equivocada do papel do capital no mercado, como se ele reproduzisse de maneira determinista as condições econômicas da sociedade (KIRZNER, 1994c, p. 45-46).<sup>95</sup>

Essa revisão permite a Kirzner (1994c) esclarecer seu entendimento sobre os conceitos de incerteza e dinâmica econômica no Austrianismo, ao defendê-los das críticas de Ioannides. Sobre a incerteza, mostra que ela não deve ser admitida como em Lachmann, já que não seria essa versão radical aquela adotada no principal arcabouço Austríaco, derivado do par Mises-Hayek. Quanto à dinâmica econômica, Kirzner mostra como uma noção subjetiva acerca do capital e seu uso levam a um entendimento diferente quanto aos resultados econômicos, em comparação à posição Marxista de encarar o capital e sua reprodução de maneira objetiva.

Kirzner também tratou da abordagem Marxista na resposta a Burczak [2002], que teria criticado a proposta kirzneriana de uma regra ética baseada na lógica “*finders-keepers*” para defender a justiça no sistema capitalista. Burczak estaria criticando o capitalismo pela falta de acesso ao crédito dos agentes econômicos que não possuem capital prévio, comprometendo a capacidade desses indivíduos em aproveitar lucros percebidos no mercado. Logo, isso tornaria ilegítima qualquer oportunidade de lucro usufruída, já que apenas uma parte da sociedade poderia disputá-la. Porém, Kirzner defende-se recuperando que sua proposta da ação empresarial independe da posse de recursos, uma vez que só depende da descoberta (KIRZNER, 2002b, p. 93-94).

Kirzner utiliza a abordagem comparativa nessa revisão para esclarecer seu entendimento acerca da decisão empresarial na utilização do capital, onde explicita seu

---

<sup>94</sup> Uma forma de ver a reprodução econômica da qual Kirzner buscou se afastar no início da carreira, apontando como equívoco ver os recursos futuros como consequência intrínseca dos materiais disponíveis no presente, como se independentes dos cursos de ação escolhidos pelo indivíduo (KIRZNER, 2010a [1966], p. 29-30).

<sup>95</sup> Interpretação que Kirzner (2015a [1979], p. 132) creditou aos Clássicos, que teriam admitido as regularidades econômicas como independentes da tomada de decisão por ignorarem a necessidade de ações propositadas na produção.

pensamento sobre o Marxismo neste tema. Segundo Kirzner, a crítica à justiça distributiva do capitalismo pela abordagem Marxista é fundamentada na visão, compartilhada com os Clássicos, de que o lucro é um retorno automático pelo capital empregado na produção (KIRZNER, 2002b, p. 94). Nessa visão, o capital se reproduziria de maneira cumulativa, favorecendo seus proprietários de maneira indefinida.

Kirzner (2002b, p. 94), entretanto, aponta que o erro dessa visão é negligenciar o caráter de descoberta na utilização do capital, uma vez que toda decisão, mesmo a de uso do capital, é feita no ambiente de incerteza, sem garantia de retornos. É por isso que se reveste de importância a diferenciação feita por Kirzner entre a produção e a descoberta. Porque o ato puro da produção, objetivando lucro, “*can no longer be seen as an act of pure discovery or “creation”*”. Those who do not possess capital assets simply cannot “produce” profit [...]” (KIRZNER, 2002b, p. 94). Assim, Kirzner recoloca sua divisão analítica entre a função empresarial e a função de produzir no processo decisório dos agentes.

Por último, tem-se a interpretação kirzneriana da teoria de Keynes. Isso surge inicialmente na revisão já mencionada em que Kirzner compara sua visão de Austrianismo à de Smith [1988]. Como é acessória nessa revisão, a discussão sobre Keynes é breve, mas permite a Kirzner apontar dois erros que via na proposição teórica deste autor. O primeiro seria a possibilidade de insuficiência da demanda agregada na situação de equilíbrio econômico, e o segundo a admissão da poupança como algo com valor em si mesmo, tornando-a fim último de uma decisão (KIRZNER, 1989a, n.p).

Essa revisão permite a Kirzner (1989a) esclarecer seu ponto de vista Austríaco com relação a essas duas características, demanda agregada no equilíbrio e o conceito de poupança. No pensamento econômico kirzneriano, não há como existir demanda agregada insuficiente no estado de equilíbrio porque este último é o estado de repouso da economia, quando todos os planos individuais estão coordenados, sem possibilidade de melhora – o que impede a existência de uma de demanda agregada maior que não prejudique essa situação de total coordenação. Sobre a poupança, Kirzner reconsidera seu significado, porque a entende como reflexo de uma decisão de consumo maior no futuro em relação às possibilidades de consumo no presente. Logo, os agentes econômicos não lhe poderiam tomar como fim último no processo decisório, tal que só pode ser objetivo intermediário, aquele que permite a realização de outro fim almejado na escolha, um consumo futuro mais elevado.

Outra oportunidade em que Kirzner discute brevemente a teoria de Keynes é na revisão do livro de Skousen [1990]. O entendimento kirzneriano é de que o livro busca criticar duas abordagens teóricas: (i) a crença Keynesiana de que as forças de mercado não

promovem a tendência ao pleno emprego; (ii) a crença de Clark e Knight na possibilidade de ignorar a estrutura temporal do estoque de capital na análise econômica. Para Kirzner, conquanto Skousen tenha sido bem sucedido ao refutar a segunda abordagem, não foi capaz de desacreditar a primeira por falta de base teórica para tanto. Para isso, no pensamento kirzneriano, seria necessário considerar o dinamismo do processo de mercado que identifica empresarialmente os recursos ociosos para melhores alocações (KIRZNER, 1991a, p. 1762).

Então, nessa revisão Kirzner (1991a) defende que a crítica à abordagem Keynesiana perpassa a consideração da função empresarial no mercado. Com isso, mostra que a propensão à busca por ganhos dos agentes promove o movimento de alocação de recursos para as melhores utilizações percebidas. Essa dinâmica, de identificação e realocação, permite, no pensamento kirzneriano, uma tendência ao pleno emprego dos recursos.

Com base no material revisado nesta seção, em que Kirzner expressou seu pensamento econômico acerca de outras propostas teóricas que não a sua abordagem particular de Austrianismo ou sua visão do *mainstream*, é possível distinguir duas características. Em primeiro lugar emerge sua forma de interpretar as diferentes abordagens econômicas com que se deparou, outras versões do Austrianismo, o Marxismo e a teoria de Keynes. Em segundo há uma preocupação em mostrar como a consideração da função empresarial em cada uma dessas correntes econômicas leva ao resultado teórico mais próximo do seu entendimento – uma abordagem kirzneriana da EA. Porém, cabe notar que isso é feito sem qualquer referência às bases metodológicas dessas correntes.

Para a primeira característica, da interpretação das diferentes visões econômicas, é possível notar que Kirzner recusa admitir para o Austrianismo as propostas de políticas públicas que privem a liberdade individual. Seja para a alocação intertemporal de recursos (KIRZNER 1989a), seja para buscar maior eficiência do mercado (KIRZNER, 1993b). Tais políticas devem permitir o melhor funcionamento do mercado para a satisfação das necessidades que os indivíduos manifestam (KIRZNER, 1999c), porque o livre mercado sozinho é, no pensamento kirzneriano, capaz de manter a liberdade individual e coordenar ao longo do tempo os desejos dos agentes (KIRZNER, 1989a). Isso porque, em Kirzner, é a descoordenação dos planos que gesta os incentivos à coordenação do mercado por meio da atividade empresarial (KIRZNER, 1993b).

Sobre diferentes correntes ou propostas para o Austrianismo, Kirzner ainda destaca a necessidade de manter fidelidade às contribuições de Mises e Hayek. Porque ambos apontaram que o caráter empresarial gera o dinamismo do mercado, e embora isso promova a agitação nas condições econômicas, é justamente o que permite a tendência ao equilíbrio

(KIRZNER, 1994e). E nisso há motivo para Kirzner enfatizar novamente sua própria proposta de uma função empresarial que promove o processo de mercado e sua respectiva tendência à coordenação econômica.

Acerca do Marxismo, Kirzner toma-o como admitindo a reprodução econômica de maneira determinística, com base na distribuição inicial dos recursos. Assim, o processo de capital permitiria um resultado de acumulação que privilegiaria aqueles que já possuem posses prévias (KIRZNER, 1994c; 2002). Já o entendimento kirzneriano acerca da teoria de Keynes dá destaque às ideias de: (i) insuficiência de demanda agregada no equilíbrio (KIRZNER, 1989a); (ii) ociosidade de recursos (KIRZNER, 1991a); e (iii) poupança como decisão econômica com fim em si mesma (KIRZNER, 1989a).

Já a segunda característica, sobre como a função empresarial encaixa-se nessas diferentes abordagens econômicas, aproxima o resultado teórico de cada visão apresentada ao entendimento kirzneriano do processo de mercado. A partir das diferentes interpretações sugeridas para o Austrianismo é possível ver como a função empresarial sozinha é capaz de: adequar a alocação de recursos ao longo do tempo (KIRZNER, 1989a); coordenar o mercado atuando sobre a incompatibilidade dos planos dos agentes econômicos (KIRZNER 1993b); gerar riqueza independentemente de políticas voltadas para esse fim (KIRZNER, 1999c).

Quando tratando da abordagem Marxista, Kirzner mostra como o processo de capital pode ser compreendido por meio do caráter subjetivo da tomada de decisão que ocorre em meio à incerteza. Essa perspectiva torna possível a percepção de que não há reprodução automática da riqueza no capitalismo, de modo que a distribuição inicial dos recursos não pode, sozinha, explicar o resultado futuro do mercado. Na perspectiva kirzneriana, deve ser considerada a função empresarial para a compreensão do processo de descoberta em cada resultado, que pode ser falível ao frustrar expectativas, não havendo ganhos garantidos (KIRZNER, 1994c; 2002b).<sup>96</sup>

Por fim, discutindo a teoria de Keynes à luz da função empresarial, Kirzner mostra que não há possibilidade de insuficiência da demanda agregada porque a propensão individual aos ganhos promoveria a alocação dos recursos econômicos ociosos (KIRZNER, 1989a, 1991a). Já a poupança não é vista como fim da decisão empresarial, mas como meio no processo decisório, por ser o ato de buscar maior provimento de recursos no futuro com relação ao que é possível no presente (KIRZNER, 1989a).

---

<sup>96</sup> Uma ideia que Kirzner credits a Mises, ao considerar todos os agentes como empresários, de modo que mesmo os capitalistas, em sua função de adiantamento de fundos prévios, estão sujeitos às perdas em suas decisões de uso do capital (KIRZNER, 2010c [1976], p. 145-146).

É possível notar nas revisões desta seção: (i) a fidelidade de Kirzner ao conjunto das contribuições misesianas e hayekianas; (ii) a tentativa de aproximação e correção das visões teóricas discutidas por meio da proposta da atividade empresarial; e (iii) que a comparação com outras abordagens econômicas independe de discussões metodológicas.

Com base na abordagem comparativa, Kirzner apresenta a proposição teórica do material revisado para dar sua interpretação sobre ele, bem como, na maioria das vezes, simular teoricamente o resultado obtido na admissão da função empresarial. Mas, vale notar, as ideias de Mises e Hayek são resgatadas em razão da noção de processo de mercado, sem mencionar suas bases metodológicas. Também não se discute a metodologia necessária ou inerente ao Austrianismo, nem mesmo quando Kirzner está colocando em perspectiva sua própria abordagem. Toda proposta kirzneriana é centrada na ideia de atividade empresarial, relembrando a hierarquia entre os temas praxeologia e processo de mercado no pensamento de Kirzner. Isso é reforçado quando se observa que o autor também não propõe discussões metodológicas ao comparar sua proposta com a de distintas abordagens econômicas, sejam as correntes Austríacas, o Marxismo ou a teoria de Keynes.

### 3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio buscou ilustrar a utilização da “abordagem comparativa” por parte de Kirzner. Por meio das revisões dos livros deste autor, da análise sobre a forma como ele os estruturou, e do conjunto específico de textos analisados neste ensaio, verificou-se a utilização da “abordagem comparativa”. Foi mostrado que ela serve a Kirzner como forma de aproximar seu pensamento econômico ao de outras abordagens. Como discutido, o autor apresenta seu ponto de vista de maneira relacionada a uma visão alternativa sobre o tema que pretende discutir. Assim, confirma-se a hipótese inicialmente admitida, de que tal abordagem está presente nas obras de Kirzner como forma de desenvolver, defender e divulgar suas ideias.

Em específico, o ensaio procurou apresentar e sistematizar as contribuições de Kirzner existentes na parcela particular de sua obra que foi revisada neste ensaio. Embora sejam textos menos conhecidos, foram escolhidos por serem propícios ao uso da abordagem comparativa que se queria evidenciar: as revisões de livros, respostas e comentários a outros autores das mais diversas correntes do pensamento econômico. Nesse material foi possível identificar três grandes temas que não são tratados de maneira sistemática por Kirzner em seus principais trabalhos, mas que apareceram recorrentemente nessa parcela analisada de sua obra: sua

relação com a praxeologia misesiana; o tratamento conjunto de Mises e Hayek; e sua interpretação acerca de diferentes visões econômicas.

Na relação com a praxeologia foi possível observar que Kirzner lhe defende de diferentes formas, embora isso seja feito de maneira implícita na maioria dos textos, já que o autor resiste ao uso do termo. A defesa do método praxeológico pôde ser vista no pensamento kirzneriano auxiliando a análise econômica, ao aumentar a compreensão dos fenômenos na economia pelo maior grau de subjetivismo. Enquanto a praxeologia como ferramenta de construção teórica é defendida nas discussões que envolvem a racionalidade da ação humana. Constatou-se nos textos aqui analisados que Kirzner a utiliza de ambas as maneiras. Em especial, percebeu-se como a utilização kirzneriana da praxeologia, enquanto ideia de racionalidade da ação humana na revisão de planos, permite a Kirzner aproximar-se de outras correntes de pensamento econômico, utilizando tal princípio como ponto de partida comum entre elas e a visão Austríaca.

Kirzner é conhecido e autodeclarado seguidor das ideias misesianas, e apresenta sua principal contribuição teórica, a teoria da atividade empresarial, como desdobramento conjunto das ideias de Mises e Hayek. No material consultado percebeu-se a utilização conjunta desses autores pelos mais diversos motivos, desde o compartilhamento histórico e teórico até ao desentendimento quanto a questões metodológicas. Porém, mesmo partindo de diferentes métodos, esses autores teriam, para Kirzner, admitido que a teoria econômica parte de axiomas e chegado na mesma definição de mercado.

É possível afirmar que Kirzner entende as ideias misesianas e hayekianas como complementares para além da consideração dos pontos de convergência entre elas, costurando também as suas divergências, já que nesse conjunto estaria contingenciada a teoria da ação empresarial. No pensamento econômico de Kirzner, essas ideias ganhariam força no período do “*Austrian Revival*”, a partir de onde constituiriam o núcleo da continuidade do pensamento Austríaco. Foi relevante a percepção de que nessa discussão, particular dos Austríacos, Kirzner coloca a praxeologia em segundo plano, minimizando a questão metodológica para enfatizar o processo de mercado.

Por fim, foram discutidas as interpretações de Kirzner acerca de novas abordagens sugeridas para o Austríacismo, bem como para o Marxismo e a teoria de Keynes. Foi mostrado como o pensamento kirzneriano mantém-se fiel às ideias de Mises e Hayek na composição de um movimento Austríaco, que ele torna dependente da teoria empresarial do processo de mercado. Ao tratar do Marxismo, Kirzner posicionou tal visão econômica como centrada no objetivismo e determinismo das relações econômicas, mostrando como ignoram

questões caras à EA como o papel especulativo e subjetivo das decisões individuais. Sobre Keynes, Kirzner mostra seu descontentamento quanto ao tratamento do desequilíbrio e da poupança, cujos significados divergem daqueles assumidos no Austrianismo.

Para todas as três abordagens, versões Austríacas, Marxismo e Keynesianismo, o pensamento econômico kirzneriano é capaz de apresentar uma versão empresarial do processo de mercado. E isso é feito por Kirzner independentemente das diferentes metodologias utilizadas entre ele e os autores a que se dirigiu, ao fazer suas conclusões teóricas convergirem para aquelas defendida por ele.

Na discussão inicial da “abordagem comparativa”, ao se revisar a estruturação dos livros de Kirzner, notou-se que o pensamento kirzneriano inclina-se para a generalidade da teoria Austríaca com relação a teoria tradicional. Como se a segunda fosse um caso particular da primeira, já que dá conta de tratar do caso mais amplo do desequilíbrio no lugar de ficar confinada a discussão das condições necessárias para a ocorrência do equilíbrio.

No tratamento dos três grandes temas surgidos na revisão feita neste ensaio esteve subjacente a hierarquia que Kirzner parece ter em seu pensamento econômico, entre o entendimento misesiano do mercado e a metodologia que lhe deu origem. Como a proposta teórica kirzneriana também abraça as ideias hayekianas, nascidas de outras bases metodológicas, a defesa do processo de mercado aparece de maneira central nos textos, deixando preterida a praxeologia.

Como recordam Jakee e Spong (2003, p. 470), havia na década de 1960 um debate sobre a metodologia em Economia, e a tentativa de uma defesa dos ideais praxeológicos por Kirzner aparece nos materiais publicados nessa época que foram consultados neste ensaio. Porém, como também notam Jakee e Spong (2003, p. 463-464), o termo “praxeologia” deixa de ser usado para dar lugar à defesa de suas ideias e implicações, ao que Kirzner a amarra na ideia racional de revisitação dos planos. Isso pode ser lido como uma mudança na forma de aproximar-se das diferentes visões econômicas, da transição do significado da praxeologia para a ideia de processo de mercado. É interessante notar, entretanto, o duplo uso que Kirzner faz da praxeologia nos trabalhos investigados, com sua utilização servindo para aproximar-se das abordagens não-Austríacas, e sua negação para juntar-se ao movimento Austríaco.

Possivelmente, por conta desse debate e da difícil inserção da praxeologia na época, incluindo aí a discussão na própria EA, há nos materiais consultados a defesa kirzneriana da noção de processo de mercado como tema unificador nesta escola de pensamento. Uma posição que tem sua importância observada quando se percebe que Kirzner não abandonou o método praxeológico, de modo que sua atitude pode ser interpretada com base no

engajamento profissional do autor. E isso pode ser observado na postura de preferir a ideia de processo de mercado à praxeologia, manter-se fiel às ideias de Mises e Hayek sobre o processo de mercado como base para o Austrianismo e na definição da EA Moderna, bem como na sua aproximação a outras abordagens com base em sua tese da atividade empresarial.

Portanto, dos textos menos conhecidos de Kirzner publicados ao longo de toda a sua carreira, do pré ao pós-“*Revival*”, emergem novas considerações acerca de seu pensamento econômico. Foram destacados neste ensaio: a “abordagem comparativa”; a generalidade da teoria Austríaca; a relação com a praxeologia; a forma de unificação mais ampla das ideias de Mises e Hayek, ao envolver as diferenças entre os autores; e a perspectiva de Kirzner para distintas visões acerca da Economia. Tais considerações são importantes não só pela revelação de novos aspectos do pensamento kirzneriano, mas por servirem de guia complementar para a leitura das obras de Kirzner, permitindo uma compreensão mais profunda acerca da sua contribuição.

## 4 TERCEIRO ENSAIO – A RETÓRICA COMO FERRAMENTA DE ENGAJAMENTO PROFISSIONAL POR PARTE DE ISRAEL KIRZNER

### RESUMO

Este ensaio analisa a argumentação de Kirzner a partir da identificação de dois auditórios nas obras do autor, representados pelos grupos com quem mais estabeleceu contato ao longo da carreira, a Escola Neoclássica e os Subjetivistas Radicais. Para tanto, avança-se com relação à literatura existente sobre a retórica kirzneriana propondo uma sistematização de tais abordagens com base no pensamento econômico de Kirzner. Isso permite estabelecê-las como pontos de referência para melhor compreensão da teoria da atividade empresarial do processo de mercado. A retórica kirzneriana voltada a esses grupos também analisada, mostrando a construção deles enquanto auditórios na argumentação utilizada por Kirzner, o que é ilustrado em dois exemplos: (i) no uso da Lei da Indiferença de Jevons, como forma de aproximação com a Economia Neoclássica na defesa de uma tendência ao equilíbrio econômico; e (ii) na discussão sobre o papel econômico da publicidade, mostrando as mudanças cronológicas que Kirzner promoveu em sua argumentação de acordo com o debate em que se via inserido. O ensaio conclui que a estratégia argumentativa de Kirzner atende a dois objetivos, permitir que se mantenha engajado na promoção do pensamento Austríaco junto ao restante da profissão e sustentar junto à Escola Austríaca a posição teórica de que existe uma tendência ao equilíbrio no mercado.

**Palavras-chave:** Israel Kirzner. Escola Austríaca. Retórica. Pensamento econômico. Engajamento profissional.

### ABSTRACT

This essay analyzes Kirzner's argumentation from the identification of two auditoriums in the author's works, represented by the groups with whom he most established contact throughout his career, the Neoclassical School and the Radical Subjectivists. Therefore, it goes forward regarding to the existing literature on Kirzner's rhetoric proposing a systematization of such approaches based on the economic thought of Kirzner. This allows them to be established as reference points for a better understanding of the entrepreneurial theory of the market process. Kirznerian rhetoric aimed at these groups is also analyzed, showing their construction as audiences in Kirzner's argument, which is illustrated in two examples: (i) the use of Jevons' Law of Indifference as a way of approaching Neoclassical Economics in defense of a tendency toward economic equilibrium; and (ii) in the discourse about the economic role of advertising, showing the chronological changes that Kirzner made in his argument according to the debate in which he was inserted. The essay concludes that Kirzner's argumentative strategy serves two purposes, to enable him to remain engaged in promoting Austrian thinking throughout the profession and to support the Austrian School's theoretical position that there is a tendency for equilibrium in the market.

**Keywords:** Israel Kirzner. Austrian School. Rhetoric. Economic thought. Professional engagement.

### 4.1 INTRODUÇÃO

Na década 1970 a EA ressurgiu no ambiente acadêmico da Economia. Isso ocorreu após um período de mais de duas décadas sendo considerada encerrada na HPE ou

completamente absorvida pelo *mainstream* da profissão (BOETTKE, 1995, p. 134).<sup>97</sup> A primeira interpretação, de ser julgada extinta, derivou do entendimento da época que a considerou o lado perdedor no debate do cálculo econômico sob o socialismo (VAUGHN, 1994, p. 103; 2000, p. 40). A segunda interpretação, da ausência de especificidades que a caracterizassem como grupo distinto em meio aos economistas, é devida a uma falha de diálogo, já que não havia compatibilidade entre o que os Austríacos propunham e o que disso era entendido (BOETTKE, 1995, p. 134). Boettke (1995, p. 134) chamou este ruído na comunicação de “dificuldades de tradução”.

Esse fenômeno de recuperação da EA, conhecido como “*Austrian Revival*” (VAUGHN, 1994, p. 92-93), teve várias de suas causas apontadas na literatura econômica. Entre elas, diversas destacam o protagonismo de Israel Kirzner, então professor na NYU cujo doutorado havia sido orientado por Mises na mesma instituição (KIRZNER, 1997c, p. 8; BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xiv), principalmente porque Kirzner reconhece e é reconhecido por ter tomado como missão profissional levar as ideias misesianas para os demais economistas (VAUGHN, 1994, p. 5; KIRZNER, 1997e, p. 1; BOETTKE, 2014, p. 234). Em entrevista a Boehm (1992, p. 95), Kirzner afirma ter feito esse esforço por perceber uma barreira de comunicação entre aquilo que Mises e Hayek propuseram e o entendimento disso pelo restante da profissão. Para Garrison (2002, p. 343), a carreira de Kirzner é marcada pela tradução e avanço na agenda de pesquisa de seu orientador.

A importância de Kirzner para a reinserção da EA na Economia também foi reconhecida por outros motivos. Desde a condução de uma vertente acadêmica mais próxima ao corpo principal dos economistas (VAUGHN, 1992, p. 260; 1994, p. 5), passando pela integração das ideias de Mises e Hayek em uma teoria unificada (BARBIERI, 2001, p. 81; 2008, p. 223; BOETTKE e SAUTET, 2013, p. x-xi), que viria a constituir novo campo de pesquisa na EA (SALERNO, 2002, p. 117; BOETTKE e SAUTET, 2018a, p. x), até a constituição de uma rede de apoio institucional na NYU para interessados no Austríanismo (BOETTKE, 1995, p. 134-135; RIZZO, 2002, p. 3; BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xi).

Os trabalhos de Kirzner ainda tiveram o êxito de alcançar o restante da profissão. O autor tem parte do mérito pelo despertar dos economistas para a negligência da figura do empresário e o papel empresarial na Economia (BOETTKE e RIZZO, 1995, p. xiii-xiv). As ideias kirznerianas também foram consideradas fundamentais para a maior compreensão

---

<sup>97</sup> Embora, segundo Vaughn (1994, p. 93-103), datem desse período contribuições seminais que ajudaram no ressurgimento do Austríanismo na década de 1970.

teórica do empreendedorismo (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xi), sendo possível verificar o surgimento de pesquisas nessa área que utilizam sua contribuição (KORSGAARD *et al.*, 2016, p. 871-872), e trabalhos que propuseram aplicações empíricas de suas ideias.<sup>98</sup> Outro reconhecimento é que Kirzner ajudou a manter viva na Economia a tradição Austríaca de considerar a competição como processo (BLAUG, 1997, p. 594-595), no lugar de mantê-la limitada ao estado de coisas decorrente do equilíbrio.

Esses exemplos evidenciam que a postura kirzneriana não pode ser considerada isolacionista, posição adotada por parte dos economistas Austríacos, como mostrou Angeli (2018, p. 692-695). No lugar do isolamento teórico junto à EA, Kirzner tomou ao longo da sua carreira uma atitude inversa, aqui denominada de “engajamento profissional”, que é evidenciada por seus esforços em debater junto a outras escolas econômicas.

Essa dupla capacidade contributiva por parte de Kirzner, com suas ideias servindo tanto aos Austríacos quanto ao grupo mais largo da profissão, já foi reconhecida na literatura. Para Korsgaard *et al.* (2016, p. 868), isso decorre da distinção retórica que Kirzner promoveu em seus textos para dialogar tanto com o *mainstream* quanto com o Austrianismo. Segundo Jakee e Spong (2003, p. 478), é possível separar os trabalhos kirznerianos em dois momentos: até 1970 na discussão do paradigma econômico da época, o agente econômico robbinsiano, e de 1970 a 1980 na defesa da tendência ao equilíbrio frente aos Austríacos.

No cerne dessas duas visões, pode-se argumentar, está a atitude de Kirzner em conduzir seu discurso de acordo com o público que pretende influenciar, reflexo dos seus esforços em engajar-se junto ao restante da profissão – o que ajuda a explicar aquela que foi considerada por Douhan *et al.* (2007, p. 221) a maior contribuição kirzneriana: tornar a EA inteligível para um auditório mais amplo.

Portanto, já existem evidências de que Kirzner se direciona academicamente para divulgar a posição Austríaca acerca dos fenômenos econômicos junto ao conjunto maior da profissão. Da mesma forma, é reconhecido que ele busca levar a uma parcela do Austrianismo algumas ideias utilizadas na teoria econômica tradicional que encontram correspondência nas obras de Mises e Hayek. Essas interpretações são encontradas em trabalhos que revisaram alguma parte da obra de Kirzner, como Caldwell (1984, p. 1235), Vaughn (1992, p. 253; 1994, p. 101-102), Jakee e Spong (2003, p. 476-477) e Korsgaard *et al.* (2016, p. 868).

A ideia de que os economistas procuram diferenciar sua argumentação em razão da audiência que pretendem atingir não é nova. Em 1983 os trabalhos de Arida e McCloskey

---

<sup>98</sup> Como aqueles listados na nota de rodapé nº 18 da presente tese (p. 27).

chamaram a atenção dos economistas para suas atitudes díspares com relação ao método científico, entre a metodologia oficial que defendem e a que de fato seguem (ARIDA, 1983, p. 14-15; MCCLOSKEY, 1983, p. 484).

Por isso McCloskey propôs que o método econômico fosse algo mais livre, para permitir melhor diálogo entre os seguidores de diferentes metodologias (MCCLOSKEY, 1983, p. 513-515; 1998b [1985], p. 168). Como ilustração, mostrou como o trabalho de economistas importantes é carregado de retórica para fins de convencimento, tal como os de Samuelson, Becker e Solow (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 35-51), bem como colocou em perspectiva retórica os métodos matemáticos, estatísticos e econométricos utilizados em Economia (MCCLOSKEY, 1983, p. 505; 1998b [1985], p. 100-111 e 112-138).

Considerar a influência que tem o auditório sobre a forma de conversação permitiu que alguns trabalhos analisassem a estratégia retórica empregada por economistas importantes. Bianchi e Salviano Junior (1996 [1984], p. 164-165) mostraram como Prebisch [1950] formatou sua argumentação no texto de fundação da CEPAL em razão do público misto de seu auditório, entre apoiadores ou não de políticas industriais.<sup>99</sup> Em outro exemplo, Bianchi (2003, p. 231) contrastou esse mesmo documento com outro discurso de Prebisch [1949], também pró-industrialização da América Latina e alinhado às ideias cepalinas, mas cuja audiência era mais unânime neste ideal. Por sua vez, Fernández e Pessali (2003, p. 205) analisaram as mudanças de argumentação promovidas por Williamson para a consolidar a “Economia dos Custos de Transação” (ECT) como sua agenda de pesquisa. Já Vieira (2007, p. 101) escrutinou a “Teoria Geral” (TG) de Keynes para mostrar como ele utilizou de argumentos retóricos para construir, defender e disseminar suas ideias na Economia.

Quanto às obras de Kirzner, percebe-se que ele oscila entre se aproximar ou se distanciar da teoria dominante, como se nota na diferenciação retórica de suas obras. Exemplo disso é que, em 1973, durante a discussão contemporânea da teoria dos preços, o autor parece sugerir complementariedade entre sua abordagem e a da Economia tradicional (KIRZNER, 2013 [1973]). Em 1997, entretanto, após o avanço da teoria da informação assimétrica, Kirzner parece romper ligações entre sua posição e a versão convencional (KIRZNER, 1997c). Porém, não há clareza sobre a motivação do autor na diferenciação do seu discurso, se teórica ou contextual. Isso se reveste de importância quando se considera a recusa de Kirzner de que as ideias econômicas convençam pelo discurso e não pelo mérito científico das conclusões (KIRZNER, 1997d, p. 152-153).

---

<sup>99</sup> CEPAL: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe.

Assim, a estratégia retórica de Kirzner pode ter diferentes causas, em razão do auditório pretendido ou do contexto da publicação. No caso do auditório, uma retórica kirzneriana específica pode ser identificada na diferenciação de ênfase que é dada a determinados elementos, como percebem Korsgaard *et al.* (2016, p. 868). No caso do contexto, a mudança argumentativa pode ser contrastada com os diferentes grupos com quem Kirzner debateu, como notam Jakee e Spong (2003, p. 478). Comum a essas distinções retóricas é a atitude kirzneriana de diferenciar o público-alvo que queria influenciar, em especial os adeptos do Subjetivismo Radical (SR) e seguidores da Escola Neoclássica (EN).<sup>100</sup>

Com base nisso, este ensaio adota o seguinte problema de pesquisa: qual é o papel da retórica de Kirzner para o seu engajamento profissional? Essa investigação se justifica na medida em que a obra kirzneriana já é reconhecida pela busca em dialogar nos termos comuns ao auditório pretendido (KORSGAARD *et al.*, 2016, p. 868), bem como pela tentativa de inserir-se nos debates de sua época (JAKEE e SPONG, 2003, p. 478).

A hipótese que direciona a pesquisa é de que Kirzner utilizou as ferramentas retóricas como forma de engajamento com o restante da profissão, buscando pontos comuns às abordagens com que se relaciona em seus textos. Isso encontra fundamento quando se considera a existência de um problema de tradução entre os Austríacos e o restante dos economistas (BOETTKE, 1995, p. 134), algo que Kirzner parece ter notado ao buscar traduzir para estes últimos as ideias de Mises (KIRZNER, 1997e, p. 1; BOETTKE, 2014, p. 234). Uma posição que é defendida pelo próprio Kirzner quando afirma ser importante a aproximação entre as diferentes escolas econômicas (KIRZNER, 1989b, p. 235).

O objetivo geral desse trabalho é analisar como a missão de Kirzner em levar as ideias misesianas para um público mais amplo pode ser entendida como postura de engajamento profissional do autor. Para tanto, é revista a retórica kirzneriana como ferramenta para diferenciação, quando da definição dos grupos a que se distingue, ou para aproximação, quando da argumentação escolhida em comum a audiência a que se dirige.

Como objetivo específico, busca-se identificar a criação de Kirzner, por meio da definição, dos dois principais grupos a que se dirigiu, o SR e a EN. Para tanto, são adotadas duas hipóteses: (i) a exposição de um autor a determinados grupos é uma estratégia de aproximação àqueles cuja opinião é considerada importante (e.g. FERNÁNDEZ, 2003, p. 141); da mesma forma que (ii) é possível definir um grupo para apresentar-se como superação a ele (e.g. VIEIRA, 2007, p. 105). Isso permite mostrar como a teoria da atividade empresarial

---

<sup>100</sup> O Subjetivismo Radical foi definido na nota de rodapé nº 12 na presente tese (p. 21).

se propõe a responder as críticas dessas duas correntes econômicas que estão definidas no discurso kirzneriano, embora Kirzner se apresente como intermediária a elas. Para tanto, resgata-se a “tese de Garrison” proposta por Kirzner (1992d, p. 3) para recuperar como estão posicionados o SR, a EN e a teoria da atividade empresarial no pensamento kirzneriano.

Outro objetivo específico do trabalho é mostrar como os esforços kirznerianos podem ser compreendidos, simultaneamente, como forma solução das “dificuldades de tradução” e participação ativa nos debates econômicos de sua época. Para tanto, toma-se como base a proposta de McCloskey (1983; 1998b [1985]) sobre a construção de uma audiência por parte do orador na sua retórica. Logo, busca-se mostrar como Kirzner cria, por meio da argumentação, os dois auditórios a que se fez referência, o SR e a EN. Isto é realizado oferecendo-se duas ilustrações: (i) a tentativa de Kirzner em conciliar as ideias de tendência ao equilíbrio entre o Austrianismo e a EN por meio da Lei da Indiferença de Jevons (LIJ); e (ii) a participação de Kirzner no debate econômico sobre o papel da publicidade, para expor as mudanças na argumentação kirzneriana sobre o tema ao longo do período 1972-1997 em razão dos debates específicos com a EN e o SR.

O restante do ensaio está dividido do seguinte modo. A segunda seção apresenta a proposta de análise retórica na Economia, algumas aplicações dela a outros autores e a revisão da literatura sobre o discurso kirzneriano. A terceira seção mostra como Kirzner constrói os grupos SR e EN, para distinguir a teoria da atividade empresarial com relação a eles. A quarta seção ilustra com dois exemplos como Kirzner cria as duas audiências às quais se dirige, o SR e a EN, por meio da diferenciação retórica que promove em seus textos. Por fim, a quinta seção faz as considerações finais.

## 4.2 RETÓRICA NA ECONOMIA

A publicação do artigo “*The Rhetoric of Economics*” por McCloskey em 1983 foi um marco na ilustração de que os economistas buscam persuadir uns aos outros com base em métodos contrários à metodologia tida como tradicional em Economia (FERNÁNDEZ, 1996, p. 144; 2003, p. 122). Essa publicação refletiu um movimento maior, de recuperação da ideia de retórica nas ciências sociais (ARIDA, 1996, p. 11-12; FERNÁNDEZ, 1996, p. 158). De fato, como também notou Fernández (1996, p. 158; 2003, p. 144), foi neste mesmo ano que Arida (1983, p. 17) defendeu no Brasil que as controvérsias econômicas na HPE foram resolvidas com base no convencimento por meio de estratégias retóricas.

McCloskey, em seu artigo seminal, propôs uma análise retórica da Economia (MCCLOSKEY, 1983). Posteriormente, em 1985, a autora publicou um livro com o desenvolvimento dessas ideias, adicionando novo conteúdo e aplicando sua proposta na apreciação de textos de alguns economistas importantes (MCCLOSKEY, 1998b [1985]).

Ambos os materiais, artigo e livro, carregam em si, desde os títulos dos capítulos até os nomes das seções, diversas figuras de linguagem, exatamente as expressões daquilo que a autora quer apontar como existente nos trabalhos de seus pares na profissão de economista. No prefácio à segunda edição do livro, McCloskey (1998a, p. xii) chega a afirmar que todas as ciências são literárias, porque feitas por seres humanos com base na persuasão. Como a Economia não escapa a essa regra, McCloskey (1998a, p. xiv) defende a importância de se estudar a forma de conversação dos economistas, sua retórica.

Como qualquer grupo, os economistas possuem um jeito próprio de diálogo, pressupondo o uso de um vocabulário comum e ferramentas diversas para se fazerem entender da melhor maneira possível. Dar atenção a esse fato não torna a Economia uma ciência menor, porque apenas esclarece sobre a importância da audiência para a qual os discursos econômicos são dirigidos (MCCLOSKEY, 1983, p. 482-483; 1998b [1985], p. xix).

Isso é relevante na medida em que todo anúncio científico tem por objetivo persuadir para se fazer aceito, e enquanto atitude implica na escolha de mecanismos específicos para tal (FERNÁNDEZ e PESSALI, 2003, p. 207-209). Assim, a retórica é vista como o uso econômico da linguagem, a melhor aplicação dos meios para o alcance dos fins (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. xx).<sup>101</sup> Admite-se, portanto, que o orador é o indivíduo auto interessado que adota os mecanismos que aumentam a adesão da audiência às suas ideias (FERNÁNDEZ e PESSALI, 2003, p. 210).<sup>102</sup>

A análise da retórica permite fazer investigações diversas. Entre elas podem-se destacar aquelas sobre: os fins objetivados na construção do discurso (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 5-6); a relação entre autor e conteúdo; o conhecimento acerca da literatura prévia (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 7); qual a audiência se está pretendendo atingir (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 7-8); a autoridade da qual o autor se reveste (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 11); o uso de argumentos de autoridade; o apelo à

---

<sup>101</sup> “Rhetoric [...] is the proportioning of means to desires in speech.” (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. xx)

<sup>102</sup> “The paying of attention to one’s audience is called “rhetoric” [...]” (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. xix)

introspecção (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 24-27); a distinção na forma de argumentação para atender a diferentes auditórios (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 77-78); entre outros.<sup>103</sup>

McCloskey sugere que várias crenças econômicas dos próprios economistas resultem mais de artifícios retóricos que do método científico oficial (MCCLOSKEY, 1983, p. 493), e para isso fornece algumas evidências de utilização retórica no discurso econômico. Por exemplo: mostra o emprego de técnicas de convencimento por Samuelson que fogem à regra que ele considera científica (MCCLOSKEY, 1983, p. 500-501; 1998b [1985], p. 35-37); ilustra a utilização de metáforas por Becker quando este aplica ideias econômicas fora da Economia (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 42); sinaliza o apelo metafórico na função de produção de Solow quando vários objetos heterogêneos são reduzidos às variáveis utilizadas no modelo (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 49-50); discute como as ideias de Muth eram convincentes, mas justifica que foram negligenciadas por conta da obscuridade da sua apresentação (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 58-59); defende que Fogel foi retoricamente agressivo para convencer simultaneamente dois auditórios, utilizando um vocabulário específico para se revestir de cientificidade (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 77-78); destaca a capacidade de convencimento de Coase mesmo na ausência da metodologia científica considerada oficial na Economia (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 87-89); entre outros.<sup>104</sup>

Assim, McCloskey (1983, p. 484; 1998b [1985], p. 141) mostra que os economistas, de maneira geral, têm atitudes díspares entre o que defendem em seu discurso oficial sobre a ciência e aquilo que de fato fazem na prática científica. Na concepção da autora (1998b [1985], p. 156) cabe uma objeção fundamental à adoção de uma metodologia estrita: seu

---

<sup>103</sup> Também é possível verificar: a orientação política/ideológica do orador (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 7); a posição a que o autor está inclinado, conquanto possa estar adotando uma técnica de impessoalidade (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 9-10); a obscuridade para diferentes interpretações, buscando aumentar o alcance do convencimento (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 18); o apelo aos fatos com pretensão de confirmação do argumento, como dados históricos e repetição de ideias (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 24-27); as características de escrita (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 35-36); a conjectura acerca dos efeitos logicamente esperados quando da discussão de eventos que não sejam/estejam passíveis de testes empíricos, dando caráter de evidência à especulação; a extrapolação de resultados de modelos simplificados para a complexidade do mundo real; o uso de analogias (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 37); a utilização de exemplos e metáforas associativas (MCCLOSKEY, 1983, p. 502-503; 1998b [1985], p. 40); a criação de um público implícito ao qual o texto se dirige, envolvendo o leitor como parte dele (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 84); a apelação repetida aos fatos para o convencimento (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 91-92); a escolha deliberada de um valor como parâmetro de comparação, influenciando no julgamento quantitativo sobre uma magnitude (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 100-101).

<sup>104</sup> McCloskey também: mostra que a Lei da Demanda é aceita, para além da validação empírica, em razão dos motivos históricos, de repetição, enquanto argumento de autoridade e introspecção (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 24-27); questiona a escolha deliberada dos parâmetros que determinam os valores como grandes ou pequenos pelos economistas adeptos dos métodos quantitativos (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 100-101); esclarece sobre a diferença entre significância estatística e significância científica, uma distinção que a autora afirma permanecer oculta na maior parte das discussões sobre os resultados empíricos dos economistas (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 113-115).

resultado impositivo de um conjunto de regras metodológicas que confinam as possibilidades do conhecimento científico. Uma oposição, portanto, às restrições metodológicas. Para Fernández (1996, p. 149-150), essa postura busca impedir o monopólio do conhecimento.

Seguindo a perspectiva de McCloskey (1998b [1985], p. 161), a tentativa de ter um método unívoco para a Economia é ainda mais prejudicial quando se considera a interrupção do diálogo que isso promove entre quem adere ou não a essas regras. Outro problema dessas regras, destacado pela autora (1998b [1985], p. 186), é que seu conjunto pressupõe a busca de algo que precede a própria ciência, e isso implicaria na contradição de admitir que já se sabe uma coisa antes que ele venha a ser conhecida. Para McCloskey (1983, p. 488) essa postura impede o avanço do conhecimento científico ao torná-lo incapaz de lidar com as anomalias.

Logo, adotar um pacote de regras para adquirir conhecimento tornaria o procedimento de descoberta anterior ao próprio descobrimento. Porém, como ninguém sabe o que se revelará no futuro, não há sentido em confinar as possibilidades de ampliação do conhecimento científico a regras estreitas (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 186). Para McCloskey (1983, p. 514-515; 1998b [1985], p. 162). A boa ciência é a boa conversação, de modo que o mais relevante é a tentativa de contribuir para o diálogo, e não seguir um procedimento predeterminado.

Em resumo, McCloskey (1983, p. 509) está se opondo ao autoritarismo metodológico em favor da democracia acadêmica. Principalmente porque, para a autora (1998b [1985], p. 168), a maior parte do conhecimento econômico não está embasada nos meios cuja pretensão seja a objetividade. Justamente porque McCloskey (1983, p. 492; 1998b [1985], p. 180) admite que os critérios de julgamento sobre a verdade são definidos pelos próprios cientistas.

Assim, “[r]hetoric is not a new methodology. It is antimethodology. It points out what we actually do, what seems to persuade us, and why” (MCCLOSKEY, 1998b [1985], p. 184). Nesta linha, Fernández (2003, p. 141) defende a abordagem de McCloskey como pluralista ao atribuir-lhe um caráter não elitista. Para ele, dentro da proposta retórica se considera que o orador está exposto ao julgamento daqueles que compartilham algo a que se atribui importância, tornando relevante a sua opinião sem, com isso, fechar os ouvidos aos demais.

Porém, como destacado em Fernández (1996, p. 152; 2003, p. 125), isso não implica recusar a busca pela verdade. Antes, é considerar como mais larga a forma pela qual o conhecimento pode ser alcançado em Economia. Portanto, para McCloskey (1983, p. 509), o engajamento retórico é uma atitude racional ao permitir a expansão de algum argumento, rompendo os limites aos quais, de outro modo, a ideia ali contida estaria confinada.

Alguns trabalhos seguem a proposta de McCloskey (1983; 1998b [1985]), considerando a retórica de economistas importantes, como é o caso de Bianchi e Salviano Junior (1996), Bianchi (2003), Fernández e Pessali (2003) e Vieira (2007).

Para Bianchi e Salviano Junior (1996 [1984], p. 164-165), analisando a retórica de Prebisch [1950], o autor moldou sua argumentação no documento de fundação da CEPAL em razão da orientação ideológica mista do auditório para o qual o texto seria apresentado. Ainda investigando a retórica de Prebisch, Bianchi (2003, p. 231-234) compara a argumentação do autor neste texto de criação da CEPAL com a que foi empregada anteriormente pelo teórico [1949] junto a um público de ideologia mais unânime no desejo de industrializar a América Latina. No primeiro discurso, de 1949, Prebisch teria priorizado a discussão da fundamentação teórica que justificava as políticas industrializantes, enquanto no segundo texto, de 1950, a ênfase da sua exposição repousaria na demonstração empírica de seu argumento.

No trabalho de Fernández e Pessali (2003) é observado como Williamson vai “lançando seu programa de pesquisas na Economia dos Custos de Transação (ECT)” (FERNÁNDEZ e PESSALI, 2003, p. 205). É mostrado o esforço de Williamson para dar sentido conjunto aos três livros apontados por ele como sua trilogia, embora tais materiais derivem de artigos publicados anteriormente com fins diversos (FERNÁNDEZ e PESSALI, 2003, p. 205). Nisso, é possível observar o papel atribuído às introduções acrescentadas por Williamson às obras, com a missão de tornar esses textos coesos ao tema de cada volume e em seu lugar ao longo da trilogia. É principalmente com base nessas introduções que a retórica dele é analisada (FERNÁNDEZ e PESSALI, 2003, p. 206).

Assim, Fernández e Pessali (2003) verificaram como Williamson, no exercício retórico de ampliar sua audiência durante a publicação dos diferentes volumes vai: tornando sua contribuição mais interdisciplinar (FERNÁNDEZ e PESSALI, 2003, p. 211-214); mantendo relações com o corpo geral da profissão e demais escolas econômicas (FERNÁNDEZ e PESSALI, 2003, p. 215-220); reconsiderando seus antecedentes na Economia para resgatar maior número de abordagens (FERNÁNDEZ e PESSALI, 2003, p. 221-223). Fatores relevantes porque, para Fernández e Pessali (2003, p. 224), a retórica de Williamson pode ter contribuído para o sucesso da ECT – destacando o papel da persuasão engajada.

Já Vieira (2007) propõe uma investigação da retórica na TG de Keynes que não fica confinada à verificação do alinhamento da argumentação do autor junto ao seu auditório, como fazem Bianchi e Salviano Junior (1996 [1984]) e Bianchi (2003). Mais próximo da

investigação realizada por McCloskey (1998b [1985]) e Fernández e Pessali (2003), Vieira (2007, p. 101) quer mostrar como a retórica de Keynes foi uma importante ferramenta na construção, defesa e disseminação do paradigma Keynesiano.

Em Vieira (2007) há o reconhecimento de que: (i) antes da publicação da TG Keynes já dialogava com auditórios distintos através de meios de comunicação específicos (VIEIRA, 2007, p. 105); (ii) existem afirmações na TG que não possuem outra razão senão para o convencimento (VIEIRA, 2007, p. 102); (iii) Keynes selecionou cuidadosamente o auditório pretendido na TG (VIEIRA, 2007, p. 102-103). Fatores relevantes porque, segundo Vieira (2007, p. 141), a retórica de Keynes ajuda a explicar um episódio fundamental na HPE, a revolução Keynesiana – destacando-se aí o papel da persuasão engajada.

Embora Vieira (2007) destaque diversas estratégias empregadas por Keynes, uma merece destaque pelo papel que teve de permitir à TG um *status* de novidade no ambiente acadêmico da época. Esta é a de criação, por Keynes, de um objeto para suas críticas, ao sintetizar várias ideias existentes na época, denominando tal conjunto de “economia clássica”. Ou seja, para Vieira (2007, p. 106 e 112-113) há um esforço inicial de Keynes em convencer seu público das ideias que constituem tal grupo do pensamento econômico antes de passar-se aos ataques à sua fundamentação.

A importância da investigação retórica foi defendida por McCloskey (1983; 1998b [1985]) em razão das possibilidades de ampliação metodológica na Economia. Em Fernández (2003) há o reconhecimento de que o auditório pretendido na retórica é aquele cuja opinião é relevante para o orador. Para Fernández e Pessali (2003) destaca-se o esforço retórico na criação de um movimento teórico particular. Com Vieira (2007), admitir a estratégia no discurso permitiu maior compreensão acerca de um dos episódios mais importantes na HPE.

É possível defender a relevância da análise retórica para o entendimento das peculiaridades nas diferentes escolas de pensamento econômico porque, como apontado por Boettke (1995, p. 134), umas das causas de a EA ter sido considerada findada no período entre 1950-1970 foi um problema de comunicação. Boettke denominou “dificuldades de tradução” o fato de os Austríacos não conseguirem se fazer entender sobre a estrutura temporal em sua teoria econômica frente aos demais economistas na metade do século XX.

A proposta do presente ensaio é mais restrita que as de McCloskey (1983; 1998b [1985]), de Fernández e Pessali (2003) e a de Vieira (2007), que buscam capturar nuances retóricas nos textos analisados. Antes, aqui se considera que Kirzner se deparou com distintos grupos/auditórios, em razão de ideias com eles compartilhadas ou de debates com eles em contextos específicos. Assim, busca-se identificar como tais grupos estão caracterizados no

pensamento econômico kirzneriano, e mostrar como Kirzner procurou estabelecer contato com eles por meio da sua argumentação. Isso mostrará a estratégia retórica do autor, enquanto ferramenta para seu engajamento profissional, na divulgação das ideias Austríacas por meio da diferenciação ou aproximação com o Subjetivismo Radical e a Economia Neoclássica.

#### 4.2.1 A retórica kirzneriana na literatura econômica

A existência de uma estratégia retórica nas obras de Kirzner para dialogar com diferentes auditórios não passou despercebida na literatura econômica. Korsgaard *et al.* (2016), Jakee e Spong (2003), e autores que revisaram livros de Kirzner, ou utilizaram parte de sua obra, evidenciam a existência da retórica kirzneriana.

De acordo com Korsgaard *et al.* (2016, p. 868), é possível dividir os trabalhos de Kirzner sobre a função empresarial em dois grupos de acordo com a audiência pretendida pelo autor na argumentação: os economistas Neoclássicos e os economistas Austríacos.<sup>105</sup>

Ao primeiro auditório, Neoclássico, a tentativa de Kirzner seria compatibilizar sua teoria da atividade empresarial com o arcabouço de equilíbrio da teoria tradicional. Para isso, o autor teria feito com que a ênfase do argumento repousasse no processo de mercado movido por forças que atuem a partir dos dados objetivos (KORSGAARD *et al.*, 2016, p. 869). Para este público estariam suprimidos os efeitos do tempo e da incerteza, permitindo simultaneidade entre atos de descoberta e exploração das oportunidades de lucro, originadas na descoordenação, o que torna a ação empresarial compatível com a arbitragem de preços (KORSGAARD *et al.*, 2016, p. 869-870). Nessa abordagem, a descoberta não poder ser premeditada pelo indivíduo, o que a permite ser encarada como surpresa, tornando as oportunidades de ganho preexistentes às decisões empresariais (KORSGAARD *et al.*, 2016, p. 879).

Ao segundo auditório, Austríaco, a explicação de Kirzner teria procurado aprofundar o papel realizado pelo empresário dentro do processo de mercado como entendido no Austrianismo. Kirzner teria enfatizado na sua argumentação o caráter especulativo da ação empresarial, por sua capacidade criativa de afetar o estado futuro da economia. Para este público o tempo e a incerteza são apresentados como fatores fundamentais na explicação da função empresarial, esta que promove a exploração intertemporal das oportunidades de lucro

---

<sup>105</sup> “The difference between the two views [...] appears to be the result of Kirzner addressing two distinct audiences and engaging in two different discussions.” (KORSGAARD *et al.*, 2016, p. 872)

e promove maior grau de coordenação econômica. Nessa ótica, a descoberta é resultado da especulação empresarial, tornando o estado de alerta responsável por concretizar um futuro compatível com as expectativas do empresário (KORSGAARD *et al.*, 2016, p. 871-872).

Revisando um capítulo escrito por Kirzner, Caldwell (1984) também discutiu diferentes atribuições do autor para o estado de alerta, apontando para uma diferenciação no tratamento dado ao tema no trabalho então revisado com relação a textos anteriores do autor. Para Caldwell (1984, p. 1234-1235), até o capítulo revisado os trabalhos de Kirzner apresentavam o estado de alerta de maneira alinhada à ideia de arbitragem, enquanto no referido capítulo ele é apresentado como atividade especulativa capaz de criar lucros futuros. Caldwell (1984, p. 1235) sugere que a mudança de postura no tratamento da atividade empresarial seja decorrente de uma tentativa de Kirzner em alinhar-se ao subjetivismo extremado de Shackle. Logo, esse novo objetivo seria manter na teoria o caráter coordenador da função empresarial mesmo considerando-se um futuro inerentemente indeterminado.

A proposta de Jakee e Spong (2003, p. 478), entretanto, chama a atenção para os motivos contextuais de diferenciação retórica por Kirzner em razão dos objetivos distintos do autor entre as décadas 1960 e 1970 e aqueles verificados entre as décadas de 1970 e 1980. No primeiro período Kirzner estaria tentando solucionar um problema teórico da época, qual seja, a incapacidade do processo de maximização robbinsiano explicar endogenamente as mudanças decisórias dos indivíduos na ausência de eventos exógenos. No segundo período Kirzner estaria encarando a influência de Lachmann sobre a teoria do processo de mercado.

Então, Jakee e Spong (2003, p. 476-477) também consideram o peso distinto na atribuição kirzneriana para o papel da incerteza nesses diferentes contextos. Porque uma parte das obras de Kirzner voltou-se à defesa dos resultados da função empresarial no ambiente incerto, mas mantendo sua defesa da tendência ao equilíbrio em contraposição às críticas recebidas de outros Austríacos e de Subjetivistas Radicais.

O “*The Meaning of the Market Process*”, livro publicado por Kirzner em 1992, foi escrutinado por revisões que apontaram características retóricas na sua composição. Moser (1992, p. 721) aponta como a primeira parte é dirigida a duas audiências, a do equilíbrio Neoclássico e a do Subjetivismo Radical, e Robertson (1993, p. 557-558) reconhece a busca de Kirzner em comparar sua teoria a ambos os grupos. Para Blaug (1993, p. 757), o livro se posiciona entre essas duas versões teóricas como forma de defender a posição intermediária da EA em meio a elas. Uma atitude por parte de Kirzner que também é percebida em Rosner (2003, p. 192), na revisão do livro “*The Driving Force of the Market*”, explicada pela forma de mostrar o Austrianismo como alternativa ao *mainstream*, mas mantendo as diferenças com

relação a Lachmann e Rothbard – o que pode ser interpretado como forma de uma definição própria da agenda de pesquisa para a EA por Kirzner.

Também é possível encontrar a percepção de uma estratégia retórica kirzneriana em trabalhos que utilizaram parte das obras de Kirzner como referência. Vaughn (1992, p. 253) afirma que o “*Competition and Entrepreneurship*” foi estruturado com duas intenções, reformular a teoria tradicional dos preços em bases Austríacas e aproximar-se da EN. Em outro trabalho, Vaughn (1994, p. 101) nota que Kirzner tenta dialogar com os economistas Neoclássicos no começo da carreira, destacando os livros do autor, o “*Market Theory and the Price System*” de 1963 e o próprio “*Competition and Entrepreneurship*” de 1973. Nessa perspectiva, em ambos há uma apreciação da teoria microeconômica tradicional com base nas ideias misesianas. De fato, para Vaughn (1994, p. 5), Kirzner foi um seguidor do Austrianismo que buscava, a partir dessa tradição, corrigir as falhas da teoria Neoclássica, o que a autora conclui ao considerar o aceite kirzneriano da ideia de equilíbrio econômico.

Para Foss e Klein (2010, p. 148), também é possível interpretar a teoria kirzneriana da atividade empresarial como uma explicação para o processo de equilíbrio e justificativa das conclusões da teoria tradicional sobre o bem-estar. Segundo os autores (2010, p. 153), Kirzner acredita sintetizar as ideias misesianas acerca da relação entre lucros e capacidade empresarial em sua proposta de estado de alerta. E isso é útil porque os autores consideram que “Kirzner’s objective, of course, is not to characterize entrepreneurship per se, but to explain the tendency for markets to clear” (FOSS e KLEIN, 2010, p. 157).

De fato, Boettke e Sautet (2011b, p. 38) concordam que a proposição kirzneriana sobre a atividade empresarial permite explicar a formação dos preços no sistema econômico, mas de uma maneira distinta da visão tradicional. Como mostram os autores (2011b, p. 40), com base na teoria de Kirzner é possível explicar o movimento econômico do desequilíbrio para o equilíbrio.

Assim, reside aqui uma diferença sutil entre a argumentação desses autores para a teoria da atividade empresarial kirzneriana. Para Vaughn (1992; 1994) e Foss e Klein (2010), Kirzner procurou corrigir a microeconomia Neoclássica na explicação do equilíbrio. Boettke e Sautet (2011b), entretanto, argumentam que a tese kirzneriana é capaz de fazer disso – mas não apontam esse como sendo necessariamente um objetivo de Kirzner. O próprio Kirzner (1997e, p. 5) discorda da interpretação de que tenha tentado corrigir a teoria Neoclássica. Antes, acredita ter mostrado o papel teórico do equilíbrio e, por meio dele, as relações entre a Economia Neoclássica e o Austrianismo.

Conquanto o próprio Kirzner tenha feito um apelo sobre a importância validade das conclusões científicas em detrimento ao convencimento pelo discurso (KIRZNER, 1997d, p. 152-153), parte do seu reconhecimento na literatura econômica é devido a sua retórica. Douhan *et al.* (2007 p. 213) apontam como um dos méritos kirznerianos ter feito a análise econômica Austríaca mais próxima da Economia *mainstream*. Para esses autores (2007, p. 214), a maior contribuição kirzneriana foi diminuir a distância entre essas duas abordagens.<sup>106</sup>

#### 4.3 A RETÓRICA DE KIRZNER NA CRIAÇÃO DE DOIS GRUPOS POR MEIO DA DEFINIÇÃO: O SUBJETIVISMO RADICAL E A ESCOLA NEOCLÁSSICA

No início da década de 1980 foi proposto por Garrison (1982) que a Economia Austríaca fosse considerada uma posição intermediária entre extremos teóricos na interpretação de alguns temas econômicos. Para Garrison (1982, p. 132-133), quando a Economia Neoclássica está em um extremo com relação a eles, seu correspondente simétrico – não caracterizado pelo autor, apenas sugerido implicitamente – representa sua total negação.<sup>107</sup> Com isso, seria possível situar o Austrianismo entre essas duas posições limites.

Um exemplo usado por Garrison (1982, p. 131) é o do conhecimento. Se em um extremo há a suposição de que ele é completo na economia, no entendimento inverso se assumiria sua total ignorância. Além de ilustrar as posições teóricas limite a que o autor se refere, isso esclarece sobre como a EA, pressupondo um conhecimento incompleto, fica no meio do caminho entre elas. Kirzner (1992d, p. 3-4) denominou essa proposição de “tese de Garrison” para reafirmar que a Economia Austríaca ocupa posição intermediária com relação a pressupostos sobre o conhecimento e a propensão do mercado à coordenação econômica.

Porém, como notado, Garrison (1982) não explicitou quem ocupa a posição inversa ao *mainstream* no outro extremo. Mas Kirzner (1992d, p. 3-4) o fez, atribuindo-a àqueles “who are profoundly sceptical concerning both the meaningfulness and the real world relevance of the equilibrium models of mainstream theory”. Kirzner (1992d, p. 6) ainda recorda neste texto já ter utilizado essa interpretação anteriormente, referenciando o capítulo de um livro publicado por ele em 1985. Neste material, Kirzner (2015b [1985], p. 144) foi mais preciso na

---

<sup>106</sup> “Kirzner’s most important contribution may be that he has made the Austrian school intelligible to other economics scholars. By aligning Austrian thinking to neoclassicism, the issues and problems have become visible to a much broader audience.” (DOUHAN *et al.*, 2007, p. 221)

<sup>107</sup> O trabalho de Garrison (1982) é um capítulo de livro revisando outro que foi publicado na mesma obra, o texto de Loasby (1982), e neste também não existem indicações de qual seja a posição teórica que esteja no extremo oposto ao da Escola Neoclássica.

definição do extremo não identificado por Garrison (1982), ao comparar duas visões para o papel do empresário na teoria econômica: a Neoclássica, baseada em T.W. Schultz, e a “alternativa”, representada por G.L.S. Shackle.<sup>108</sup>

Com base em Boettke e Sautet (2009, p. xvi; 2018b, p. x-xi), também é possível afirmar que essas duas visões teóricas, de maneira geral, sejam, respectivamente, a Escola Neoclássica e o Subjetivismo Radical, abordagens entre as quais Kirzner buscou situar sua teoria da atividade empresarial. Logo, quando este autor posicionou sua proposta teórica com relação a esses diferentes grupos, precisou caracterizá-la com relação a eles.

A maneira pela qual Kirzner identificou tais correntes econômicas encontra-se dispersa ao longo de sua obra. Mas, como mostraram Korsgaard *et al.* (2016) e Jakee e Spong (2003), Kirzner empreendeu uma distinção na forma de tratamento da sua própria atividade empresarial de acordo com a audiência objetivada. Partindo disso, é possível afirmar que, como Kirzner elegeu duas audiências com as quais procurou estabelecer canais de comunicação, o *mainstream* e os Austríacos, elas são passíveis de definição por meio do pensamento econômico kirzneriano.

Esta seção procura contribuir com um aumento na compreensão do pensamento de Kirzner ao propor uma sistematização do tratamento dado por ele a esses dois grupos. A organização proposta busca facilitar, inclusive cronologicamente, o entendimento da proposta kirzneriana para o papel da atividade empresarial. Assim, esse esforço avança com relação à literatura existente ao resgatar como Kirzner entendia cada um dos grupos a que se dirigiu e como a teoria da atividade empresarial ocupa a posição intermediária entre eles.

Neste sentido, quer se destacar a existência de dois grupos específicos no pensamento econômico kirzneriano com base nas definições que lhe foram dadas por Kirzner. O recorte deles aqui é mais específico que aqueles considerados por Korsgaard *et al.* (2016) e Jakee e Spong (2003). No lugar de caracterizar os Austríacos de maneira geral e o *mainstream*, o corpo mais largo da Economia, são estabelecidos no pensamento kirzneriano os Subjetivistas Radicais e a Escola Neoclássica. Essas definições, SR e EN, mais focalizadas com relação à literatura existente, são baseadas no discurso kirzneriano que, como será visto, nomeia esses dois grupos durante sua arguição.

Para tanto, são levadas em consideração duas estratégias retóricas expressas por McCloskey (1998b [1985], p. 77-78): (i) a do estabelecimento de um contato direto do autor

---

<sup>108</sup> Embora Loasby (1982, p. 19 e 29) cite Schackle diretamente, o texto não discute o Subjetivismo Radical, e Garrison (1982) referencia apenas trabalhos de Hayek para discutir o papel do conhecimento incompleto.

com cada um dos grupos a que se dirige; e (ii) a consideração de ambos sob um mesmo arcabouço para respondê-los simultaneamente. Isso ilustra a estratégia retórica de buscar alcançar um auditório pretendido, como discutem McCloskey (1998b [1985], p. 7-8), Fernández (2003, p. 141), Fernández e Pessali (2003, p. 207) e Vieira (2007, p. 102-103). Logo, a partir da argumentação kirzneriana busca-se entender quais são os dois objetos construídos por Kirzner para suas críticas, a exemplo do que: (i) Fernández (2003, p. 141) afirma ser uma forma de exposição e aproximação aos pares cuja opinião é considerada relevante; e (ii) Vieira (2007, p. 105) mostra ter sido realização de Keynes na construção da “economia clássica”.

Isso é relevante porque, conquanto o SR e a EN se opusessem em vários aspectos, Kirzner não adotou a postura conveniente de se alinhar exclusivamente a um desses grupos para fundamentar suas críticas. Kirzner posicionou-se de maneira parcialmente contrária tanto ao SR quanto a EN em diversos aspectos, apontando falhas em ambos, sempre embasado na contribuição teórica do par Mises-Hayek. Da mesma forma, Kirzner não se furtou à atitude de resgatar algumas propostas dessas abordagens. Isso se revela no uso de ideias comuns ao SR no debate com a EN, bem como na recuperação das ideias compartilhadas com a EN durante a discussão com o SR.

Logo, apesar das diferenças entre as visões, Kirzner tentou resgatar o que julgava o melhor delas, a saber, os pontos que via em comum com as ideias misesianas e hayekianas usados por ele na teoria da ação empresarial. Só que isso implicou na necessidade de posicionar sua visão de maneira consistente mesmo quando defronte a esses diferentes auditórios. Isso merece destaque pelo reconhecimento de Fernández e Pessali (2003, p. 215), de que situar-se em uma abordagem estabelecida não requer posicionamento teórico por parte de um autor, já que seu público é familiarizado com suas ideias. Assim, ao propor uma nova abordagem, Kirzner teve de estabelecer uma posição teórica própria. Esse posicionamento é aquele que Kirzner (2015b [1985], p. 144; 1992d, p. 3-4) atribuiu ao seu entendimento da Escola Austríaca enquanto posição intermediária a partir da “tese de Garrison”.

#### 4.3.1 O Subjetivismo Radical por Kirzner: a indeterminação do resultado econômico

Ao revisar um importante material sobre a EA na década de 1980, Kirzner faz referência a um debate interno nesta corrente, discutindo a possibilidade de compatibilizar a

incerteza genuína e a sistematicidade no processo de mercado.<sup>109</sup> No pensamento kirzneriano dessa época, a conciliação dessas duas características deveria ser objeto de discussão no Austrianismo, para responder como é possível existir um processo de mercado sistemático em meio à incerteza que lhe é inerente (KIRZNER, 1994e [1985], p. 44).

Esse debate é contextualizado por diferentes visões acerca do que constituiria a EA que tomava forma no período pós-“*Revival*” (VAUGHN, 1992, p. 251; 1994, p. 8-9 e 127; 2000, p. 42; BARBIERI, 2001, p. 118-119; 2008, p. 216).<sup>110</sup> Pode-se entender a partir de Vaughn (1994, p. 114 e 134) e Barbieri (2001, p. 120-121; 2008, p. 119-220 e 228) que os participantes nesse debate tem suas diferenças marcadas principalmente por se oporem quanto ao nível de subjetivismo a ser adotado na teoria econômica.

De fato, mais de 20 anos depois, em entrevista concedida a Boettke e Sautet em 2006, Kirzner faz menção a esse debate, afirmando que durante as décadas de 1980 e 1990 discutia-se internamente na EA a possibilidade da tendência ao equilíbrio (BOETTKE e SAUTET, 2018d, p. 744). Sobre esse período, os entrevistadores recordam um texto de Kirzner publicado na década de 1990, em que o autor teria usado uma abordagem diferente para a teoria da atividade empresarial, com a especificidade de diferenciar os dados econômicos entre “Variáveis Subjacentes” (VS) e “Variáveis Induzidas” (VI). As VS sendo as preferências, disponibilidade de recursos e tecnologias, e as VI os preços, métodos de produção, quantidade e qualidade dos produtos (KIRZNER, 1992h [1990], p. 42). Kirzner defende não ter trazido nisso nenhuma novidade, apontando ser essa apenas uma

---

<sup>109</sup> O livro “*The Economics of Time and Ignorance*” de O’Driscoll e Rizzo. De acordo com Vaughn (1992, p. 251-252; 1994, p. 135-137; 2000, p. 43) e Barbieri (2001, p. 119-120; 2008, p. 228), a publicação deste material reflete as controvérsias existentes na EA na década de 1980, e ele pode ser interpretado como uma tentativa de conciliação entre as visões de Kirzner e Lachmann a respeito do processo de mercado.

<sup>110</sup> Vaughn (1992, p. 251) situa seu artigo sobre as diferentes visões sobre ordem econômica no debate corrente à época protagonizado por Kirzner e Lachmann. Em Vaughn (1994, p. 139) esses autores são colocados como líderes acadêmicos do “*Revival*”, que podem ser diferenciados, respectivamente, por sua atitude de aproximação ou afastamento com relação à Economia Neoclássica. Barbieri (2001, p. 36; 2008, p. 215-216) associa essa tensão à tentativa de solução do problema hayekiano sobre o conhecimento.

argumentação diferenciada que foi motivada pelo debate da época (BOETTKE e SAUTET, 2018d, p. 745).<sup>111</sup>

Nesses dois casos, tanto na década de 1980 quanto no início dos anos 2000, Kirzner está tratando deste debate interno na EA. Porém, Kirzner oscila em reconhecer a parcela mais subjetivista com quem debateu, os adeptos do SR, como integrantes do Austrianismo. Em um texto de 1987, Kirzner situa-os com um dos cinco grupos passíveis de serem compreendidos pelo termo EA, cujo ponto em comum seria a recuperação das ideias de Menger, desenvolvidas nas obras de Mises e Hayek, rejeitando o uso feito do equilíbrio pela teoria tradicional (KIRZNER, 1992g [1987], p. 68). Em 1989, entretanto, Kirzner separa os seguidores do SR dos Austríacos ao incluir os primeiros no conjunto de correntes econômicas que critica o uso do equilíbrio na teoria econômica (KIRZNER 1989b, p. 234). Já em 1995 não há uma diferenciação entre SR e Austrianismo, mas entre o SR e o “*modern Austrian revival*”, separados pelo nível de subjetivismo adotado na análise econômica (KIRZNER, 2015k [1995], p. 53-54). Porém, em 1997, Kirzner passa a tratar do SR como parte da EA Moderna (KIRZNER, 2000c [1997], p. 26-27).

Kirzner aponta o SR como avanço de uma tradição subjetivista em Economia iniciada por Menger (KIRZNER, 1992g [1987], p. 68; 2015k [1995], p. 53). Disso resulta a importância da incerteza radical defendida nessa abordagem (KIRZNER, 1992d, p. 3-4). Para Kirzner (1992g [1987], p. 68-69), dessa característica deriva a interpretação de que as decisões individuais, e por extensão os resultados do mercado, estejam previamente indeterminadas. Assim, segundo Kirzner (1992d, p. 15), no SR essa incerteza implica na inexistência de realidades objetivamente subjacentes na economia que determinem parcialmente as decisões – com todas estando sujeitas a mais ampla e repentina volatilidade.

A preocupação de Kirzner com a total indeterminação das decisões afirmada pelos adeptos do SR remonta pelo menos à década de 1960. No pensamento kirzneriano, a proposta desse grupo de admitir a incerteza radical no processo decisório considerado pela Economia tradicional transforma a decisão: da realização do cálculo mecânico, determinado por um

---

<sup>111</sup> É provável que Kirzner também tenha se inspirado em Garrison nessa proposição. Garrison (1982, p. 133) utiliza o termo “dados subjacentes” para considerar conjuntamente preferências, disponibilidade de recursos e tecnologia, afirmando que, na visão da EN, se essas variáveis são constantes o equilíbrio econômico é alcançado. Kirzner (1992h [1990], p. 42-44) utilizou o termo “variáveis subjacentes” para designar o mesmo conjunto de dados, apontando que as diferentes interpretações acerca da tendência ao equilíbrio dependem do nível de volatilidade atribuído a eles. Assim, por entender que na interpretação da EA esses dados mudam lentamente, afirmou que o Austrianismo assume a existência da tendência ao equilíbrio, e, por isso, está em posição intermediária com relação ao SR e a EN. Quando Kirzner (1992d, p. 3) voltou a defender o fato de EA não ocupar posição extrema na teoria econômica com relação à propensão à coordenação, referenciou o texto de Garrison (1982), atribuindo essa conclusão, da EA como abordagem intermediária, como a “tese de Garrison”.

conjunto prévio de informações, para uma atividade imaginativa e criativa que não guarda relação com o passado (KIRZNER, 1967a, p. 209).

A indeterminação das decisões faz com que as ações humanas sejam consideradas imprevisíveis pelo SR (KIRZNER, 2015e [1976], p. 3), principalmente porque o comportamento individual nesta abordagem é caracterizado por uma liberdade cujo grau permite aos indivíduos determinar suas próprias preferências (KIRZNER, 2015j [1992], p. 63). Por isso cada decisão é considerada expressão das expectativas que o agente possui no momento da ação (KIRZNER, 2015k [1995], p. 53), o que expressa a total autonomia da mente humana no processo decisório (KIRZNER, 2015k [1995], p. 57).

Intimamente relacionado à indeterminação da decisão individual, porque resultado desta, é o não-determinismo da escolha empresarial no SR. Porque nesta corrente, segundo Kirzner (1967a, p. 209-210), o empresário deixa ser a figura que soluciona os problemas encontrados no mercado para transformar-se no responsável por perseguir a inovação no ambiente em que atua. Assim, mostra Kirzner (2015d [1967], p. 189), tal personagem também tem sua decisão considerada indeterminada e, portanto, imprevisível.

Por isso Kirzner (2015b, [1985], p. 144) atribui ao SR a interpretação do empresário como promotor espontâneo de novidades, responsável por modificar as condições existentes de maneira imaginativa. Mas, pondera Kirzner (2015b [1985], p. 145), isso faz mais que libertar o empresário do mecanicismo imposto pela teoria tradicional. Disso resulta um impedimento para a construção teórica que busque interpretar o mercado a partir da sequência de fenômenos econômicos.

Outro resultado da indeterminação da decisão é a total indeterminação do futuro. Como discute Kirzner, sem se considerar a possibilidade de integrar o conjunto de escolhas em um período àquelas escolhas verificados ao longo do tempo não há como perceber regularidades nos fenômenos econômicos (KIRZNER, 1979c, p. 26-27). Assim, se todas as decisões são indeterminadas, não há nenhuma determinação do futuro com base no presente (KIRZNER, 1979c, p. 26-27; 1992d, p. 23). Uma vez que o futuro é inerentemente incerto, independente do presente, as condições de preferências e escassez que se esperam nele serão, no tempo presente, apenas expectativas (KIRZNER, 1992d, p. 31). Disso resulta a impossibilidade de uma ação especulativa se mostrar errada, porque, não existindo um futuro correto, não haveria como errar com relação a ele (KIRZNER, 1992d, p. 22).

Essa indeterminação do futuro manifesta a impossibilidade de uma tendência ao equilíbrio, situação que coloca em questionamento o próprio significado econômico deste conceito no SR (KIRZNER, 2000c [1997], p. 27-28). Porque esta abordagem aponta que as

realidades subjacentes, a partir das quais o equilíbrio econômico é previamente definido, deixam de ser fatos no futuro, já que estão sujeitas a mudanças diversas, desde as exógenas até aquelas causadas pelas ações realizadas no presente (KIRZNER, 1992d, p. 20).

A impossibilidade de uma tendência ao equilíbrio para o SR ocorre, segundo Kirzner (1994e [1985], p. 39; 1992h [1990], p. 50-51; 1992d, p. 5, 2000c [1997], p. 19), porque admite-se uma volatilidade constante nos dados econômicos. Isso gera um efeito disruptivo sobre a convergência no mercado, impedindo o direcionamento para qualquer ponto de repouso. Para Kirzner (2015k [1995], p. 58), da mesma forma como há indeterminação dos resultados das decisões individuais, há imprevisibilidade das consequências do mercado. O reconhecimento disso impede, no subjetivismo mais radical, que os empresários formem expectativas com base no presente, impedindo que se relacionem, por meio de um processo de coordenação, as realidades subjacentes do presente a um equilíbrio futuro.

Para ilustrar isso, é possível resgatar a proposta de Kirzner (1992h [1990], p. 42) em sistematizar o funcionamento do mercado por meio da identificação de dois tipos de variáveis a partir dos dados econômicos, VS e VI. Com base nisso, Kirzner (1992h [1990], p. 42-43) propõe a existência de forças estabilizadoras e desestabilizadoras no mercado, porque: (I) as VS são responsáveis por definir as VI ao longo do tempo, algo desequilibrador porque as mudanças nas VS resultarão em alterações nos valores das VI; e (II) as VI são aquelas que refletem os valores de dadas VS, algo equilibrador porque os ajustes no mercado permitem a correspondência entre VI e VS.

O SR, por admitir a indeterminação das decisões, bem como a ampla liberdade dos agentes econômicos nas definições de suas próprias preferências, estaria admitindo tamanha volatilidade para as VS que impediria que as VI viessem a refleti-las. Logo, neste sentido, a tendência gerada em (I), a força desestabilizadora, seria maior que aquela gerada em (II), a tendência ao equilíbrio, resultando na impossibilidade de um processo de coordenação no mercado (KIRZNER, 1992h [1990], p. 42-43). Essa indeterminação do mercado ainda é afetada no SR porque as decisões individuais podem ser criativas e/ou equivocadas em relação à dinâmica dos preços (KIRZNER, 2015j [1992], p. 66).

Outra forma de se considerar a impossibilidade da tendência ao equilíbrio na visão do SR é admitir que os empresários podem cometer erros, porque estão atuando sob a condição de incerteza. Desta forma, suas vias de ação não garantem a redução da ignorância do mercado, invalidando a existência da coordenação (KIRZNER, 1992d, p. 19). Também pode-se considerar a possibilidade de os resultados de diferentes decisões erradas interagirem, aumentando o tamanho e a chance de novos erros (KIRZNER, 2015j [1992], p. 78).

Sistematizado o pensamento econômico kirzneriano sobre o Subjetivismo Radical, que se encontra definido pelo autor em diferentes passagens de sua obra, é possível retornar à discussão de qual é a relação existente entre o SR e a EA para Kirzner.

A definição kirzneriana de Austrianismo, Moderno ou não, recai inicialmente sobre uma metodologia comum. Esta tem, entre outras características, a ênfase no subjetivismo e o descontentamento com o foco nas condições de equilíbrio, essa última qualificada pela exclusão da noção de processo (KIRZNER, 2015e [1976], p. 1). O desenvolvimento da tradição Austríaca é baseado, para Kirzner, na ampliação do subjetivismo no entendimento econômico (KIRZNER 2015c [1986], p. 30). Desta forma, as escolhas individuais são encaradas frente à condição de incerteza que as envolve, transformando-as em atos especulativos, já que podem divergir mesmo defronte o mesmo conjunto de circunstâncias objetivas (KIRZNER, 2015c [1986], p. 31-32; 2000c [1997], p. 15).

Desta forma, há aderência entre os Austríacos e Subjetivistas Radicais por concordarem que os resultados de mercado se alteram de acordo com as mudanças no conhecimento dos agentes (KIRZNER, 2015j [1992], p. 75). Nisso reside o caráter de indeterminação do mercado, porque diante da condição de incerteza abre-se a possibilidade de constantes mudanças no conhecimento e nas expectativas individuais (KIRZNER, 1993b, p. 144). Isso explica a possibilidade de surpresas e descobertas durante a dinâmica econômica, porque, não havendo predeterminação das decisões, não há um equilíbrio imediato, ou a tendência a um pré-determinado (KIRZNER, 2000i [1994], p. 91).

Mas, no pensamento kirzneriano, o Austrianismo faz necessário aceitar a existência de uma tendência à coordenação, mesmo que seu estado final seja previamente desconhecido. A possibilidade dessa condição de equilíbrio, embora apenas pressuposta como ferramenta teórica, é fundamental como o destino último da expansão do conhecimento (KIRZNER, 2000i [1994], p. 91). Essa visão permite enxergar como o mercado dissemina as informações entre os indivíduos. Nessa interpretação, a competição entre os agentes tem a função de permitir as descobertas que separam uma situação de ignorância daquela de conhecimento total, onde a economia se encontra plenamente coordenada, o equilíbrio. Com base nisso, o processo econômico é visto por Kirzner como o mecanismo social de expansão desse conhecimento (KIRZNER, 2000i [1994], p. 92).

Ainda no começo da década de 1980, Kirzner (1982c, p. 156-157) advertia que a recusa aos modelos econômicos de equilíbrio deveria ser calcada na admissão da incerteza ou, da mesma forma, na rejeição da totalidade do conhecimento. Porém, isso não deveria implicar

naquilo que Kirzner acreditava ser também outro erro verificado nesses modelos, o de ignorar a geração de forças de mercado sistemáticas por meio das ações empresariais.

Desta forma, é possível sugerir um esclarecimento acerca do pensamento econômico kirzneriano sobre o Subjetivismo Radical: não configura como fiel seguidor da tradição Austríaca. Segundo Kirzner (1994e [1985], p. 40; 2015b [1985], p. 148; 2015j [1992], p. 70-71), negar a tendência ao equilíbrio significa rejeitar o caráter sistemático do processo de mercado, e é isso que o Kirzner (1992d, p. 11-12) considera ir na contramão do Austrianismo, um custo que o SR assume ao aumentar o nível de subjetivismo na análise econômica.

Para Kirzner (1992d, p. 17-18), o SR assume uma postura não-teleológica na exclusão do equilíbrio e perde, com isso, a possibilidade de relacionar os fenômenos econômicos ao estado para o qual o mercado caminha enquanto ferramenta de análise econômica. Em Kirzner (1992d, p. 14) isso implica rejeitar a noção Austríaca de eficiência social, a melhor satisfação das preferências dos consumidores. Reforço desse afastamento entre o SR e a tradição Austríaca pode ser encontrado na posição de Kirzner (2015k [1995], p. 57) em considerar que a versão mais extremada do subjetivismo rompe com a proposta de Menger que admite a escolha como um resultado, já que os Subjetivistas Radicais insistem em admitir apenas o ato de criação mental envolvido na decisão.

Não se quer afirmar aqui que Kirzner não aceite os adeptos do Subjetivismo Radical como parte da Escola Austríaca. Antes, ao se referir ao SR, Kirzner acaba lhe identificando como um movimento teórico independente do próprio Austrianismo, o que permite a existência de uma abordagem Austríaca que seja mais subjetivista. Assim, os SR seguidores do Austrianismo acabam constituindo um subconjunto particular da EA no pensamento kirzneriano. Kirzner, entretanto, defende uma abordagem para a Escola Austríaca que é sustentada pela ideia de processo de mercado, constituída com base nas ideias de Menger, Mises e Hayek. Estas são diferenciáveis do SR, no pensamento kirzneriano, por aceitarem a decisão como parcialmente determinada, admitir menor nível de subjetivismo, aceitar o equilíbrio e a tendência a ele. Portanto, é possível afirmar que o SR não preenche aqueles requisitos que Kirzner enfatiza como constituintes necessários da Escola Austríaca Moderna promovida por Mises e Hayek .

#### 4.3.2 A Escola Neoclássica por Kirzner: a determinação do resultado econômico

O descontentamento de Kirzner com a EN remonta ao início da sua carreira. Embora tenha tido seu primeiro contato com a ideia de mercado a partir dela, enquanto um lugar ou

estado de coisas, posteriormente se viu convencido pela proposta misesiana de considerar o mercado como um processo. Foi por isso que Kirzner buscou a orientação de Mises para sua tese de doutorado em Economia na NYU (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xiii-xiv). Quando publicou este material na forma de livro, Kirzner o ampliou para incluir uma crítica ao agente econômico admitido na teoria tradicional, buscando defender o método praxeológico, misesiano, para o entendimento das decisões econômicas (KIRZNER, 2009 [1960], p. 114 e 169; BOETTKE e SAUTET, 2018d, p. 725).

No pensamento kirzneriano, a característica que melhor descreve a EN é a centralidade atribuída ao equilíbrio econômico nessa abordagem. Kirzner geralmente recorre a este tema para destacar as diferentes interpretações entre teorias convencional e Austríaca. Exemplo dessa importância, no primeiro trabalho em que Kirzner dá tratamento analítico à função empresarial (JAKEE e SPONG, 2003, p. 453; BOETTKE e SAUTET, 2015, p. xi), apresenta a EN como uma teoria simplificada dos preços que enfatiza a condição do equilíbrio (KIRZNER, 2015d [1967], p. 177).<sup>112</sup>

Mas Kirzner reconhece a utilidade dos modelos *mainstream*, mesmo que centrados na ideia de equilíbrio, para explicar como as forças de mercado atuam sob a determinação dos preços (KIRZNER, 2016a [1989], p. 48).<sup>113</sup> Para o autor, essa é uma teoria cuja sofisticação passou pela admissão de ferramentas geométricas e algébricas para a análise econômica, tornando-se cada vez mais rigorosa em termos de resultados teóricos. Porém, Kirzner considera que o custo desse desenvolvimento tenha sido a substituição da investigação daquilo que ocorre no mercado pela discussão das condições necessárias ao equilíbrio econômico (KIRZNER, 1990, p. 247). Esse estado de perfeita coordenação teria se tornado o ponto de referência para o qual a EN olha na tentativa de explicar como funciona o mercado, revelando a posição teleológica dessa corrente (KIRZNER, 1992d, p. 17-18).

Historicamente, a EN também é situada no pensamento kirzneriano como vertente econômica influenciada pelo subjetivismo de Menger, mesmo que tal influência tenha sido menor. Kirzner (2015c [1986], p. 31-32) denominou “estático” o subjetivismo admitido na teoria econômica tradicional, por assumir como subjetivas somente as preferências que os

---

<sup>112</sup> Cujá simplificação pode ser útil “[f]or many purposes, especially where attention is focused on a small part of the market, it is an excusable simplification for analysis to proceed as if these forces of market adjustment have indeed already fully completed their tasks.” (KIRZNER, 2018n [1983], p. 86)

<sup>113</sup> “There is no doubt that for many important analytical purposes this way of seeing the world as being always close to errorless equilibrium was extremely helpful. For many purposes the ability to abstract from error and from process of error-correction permitted economists to arrive at simple and reasonably correct understandings of economic phenomena.” (KIRZNER, 1999b [1983], p. 129)

agentes possuem para os mais diversos fins. Segundo Kirzner (2015k [1995], p. 51-52), isso resultou da influência robbinsiana. A proposta de Robbins teria considerado como subjetivas apenas as preferências dos agentes para que os fins individuais pudessem ser ignorados da análise econômica – permitindo à Economia focar em um tipo de comportamento a ser considerado como econômico.

Esse comportamento é, no pensamento de Kirzner, o que fundamenta a teoria da tomada de decisão que serve de base ao arcabouço teórico da EN (KIRZNER, 2009 [1960], p. 115). Kirzner interpreta como contribuição robbinsiana para a EN a identificação desse comportamento, que se vê naturalizado pela condição de escassez: a escolha ótima entre meios escassos para o alcance dos fins alternativos (KIRZNER, 2009 [1960], p. 115-116). Na obra kirzneriana isso fica denominado economização, uma atitude racional e propositada que os indivíduos levam a cabo, mas qualificada por Kirzner pela particularidade de se considerarem identificados os meios, os fins e as possíveis relações entre eles (KIRZNER, 1971b, p. 196; 1992b [1984], p. 154; 2015c [1986], p. 37-38; 2015j [1992], p. 67).

Como vista por Kirzner, a EN tem na tomada de decisão o seu centro analítico de investigação, e com base no pensamento kirzneriano é possível separar dois aspectos desse processo decisório: motivação e execução.

A motivação da tomada de decisão é a necessidade de o agente econômico alocar da melhor maneira os recursos escassos entre fins alternativos, subentendendo-se o propósito da ação ao admitir que o indivíduo tenha objetivos que queira atingir. Logo, está postulada a estrutura de fins e meios para cada tomada de decisão individual (KIRZNER, 2015d [1967], p. 180; 1979b, p. 147; 2016a [1989], p. 86).<sup>114</sup>

Nessa perspectiva, Kirzner percebe que a decisão se torna uma tarefa logicamente posterior à existência das opções disponíveis (KIRZNER, 2018p [1976], p. 129). Essa motivação pode ser descrita por meio de um plano, concebido pelo indivíduo com base na estratégia de atingir a melhor situação possível com relação aos fins objetivados e a preferência entre eles, já consideradas as restrições com que se depara (KIRZNER, 1992b [1984], p. 154).

Essa simplificação para o processo decisório é possível porque Kirzner entende que na EN há um conjunto de hipóteses que exclui a incerteza, o que leva consigo a possibilidade de criação de expectativas, a imaginação e os erros (KIRZNER, 2015j [1992], p. 67). Ignora-se

---

<sup>114</sup> “Economizing consists in so managing the available means, that their dispositions reflects the given relative importance of the various ends.” (KIRZNER, 2015d [1967], p. 180)

que os agentes possam falhar na identificação dos meios ou dos fins que lhe são mais relevantes, ou ainda na melhor relação entre fins e meios.

Assim, a admissão de uma estrutura pré-determinada de fins e meios acaba por confinar o processo decisório. O indivíduo na EN fica “livre” apenas para relacioná-los da melhor maneira através das suas escolhas, mas estas já estão condicionadas pela própria estrutura a que estão sujeitas (KIRZNER, 2015j [1992], p. 63). Logo, a iniciativa robbinsiana de observar um aspecto específico do comportamento humano acabou, segundo Kirzner, simplificada na ideia de que o agente realiza uma maximização sujeita a restrições (KIRZNER, 2000e [1999], p. 258-259) – a economização.

Já a execução da decisão na EN, na interpretação kirzneriana, deve respeitar o aspecto econômico do comportamento, buscar o melhor proveito de uma situação marcada por recursos escassos. Uma vez que a EN considera a existência prévia da condição em que ocorre o processo decisório, a estrutura individual de fins e meios, o agente econômico acaba por ter suas escolhas confinadas ao ajuste passivo entre propósitos e restrições verificadas em cada decisão (KIRZNER, 2015d [1967], p. 179; 2018n [1983], p. 84-85 ).

Deste modo, a escolha individual na EN torna-se, para Kirzner, exclusivamente uma atividade alocativa (KIRZNER, 2018p [1976], p. 127; 1979b, p. 147; 2016a [1989], p. 86), cuja eficiência é reduzida à realização da melhor alocação, pressupondo-se que o indivíduo tenha o conhecimento necessário para tanto (KIRZNER, 1979b, p. 147). Disso resulta que, se as decisões dos agentes econômicos são consideradas independentes, a complementariedade de suas escolhas no mercado deve ocorrer automaticamente (KIRZNER, 2105e [1992], p. 65). Porque não há na teoria tradicional um mecanismo que integre as diferentes estruturas individuais de fins e meios. Segundo Kirzner, por isso a decisão na EN torna-se um exercício matemático de solucionar o problema de maximização sujeito a restrições (KIRZNER, 2016a [1989], p. 86; 2015j [1992], p. 67).

Kirzner ilustra sua percepção acerca da tomada de decisão na EN ao considerá-la como solução de um problema computacional (KIRZNER, 2015d [1967], p. 183).<sup>115</sup> Esse confinamento do processo decisório ao comportamento computacional de alocação dos

---

<sup>115</sup> “Mainstream microeconomics deals with choice strictly in the sense in which a well-programmed computer can “choose” the optimum route through which to travel to a given destination.” (KIRZNER, 2015j [1992], p. 69-70)

recursos é associado à ideia que a EN tem da racionalidade, qual seja, realizar a melhor escolha, aquela mais eficiente (KIRZNER, 2015j [1992], p. 72-73).<sup>116</sup>

Essa definição de racionalidade é explicada na teoria tradicional, segundo Kirzner (1979b, p. 145), como a simplificação do comportamento humano verificado no mundo real: a tentativa de fazer o melhor proveito para si das situações. Mas, desta forma, Kirzner (2016a [1989], p. 33) considera que o agente econômico da EN acaba tornando-se imune ao erro, porque sempre escolhe a melhor via de ação de acordo com as circunstâncias com que se depara.

Então, na EN o indivíduo fica protegido de equívocos em seu processo decisório porque seu ambiente econômico é simplificado na exclusão da incerteza. Na visão kirzneriana isso implica admitir que os indivíduos estejam munidos de um conhecimento completo, de modo a possuírem todas as informações relevantes na tomada de decisão (KIRZNER, 2015d [1967], p. 181; 2015j [1992], p. 70). Nessa visão, os agentes econômicos respondem de maneira automática às condições objetivas existentes, por meio da sua atividade alocativa, uma vez que possuem conhecimento pleno dos desdobramentos originados por mudanças no ambiente econômico (KIRZNER, 2015k [1995], p. 56).

Mesmo o refinamento teórico promovido pela EN com a tese da informação assimétrica não mudou o pensamento kirzneriano de que essa abordagem considera um conhecimento completo, como se vê em Kirzner (1999b [1983], p. 129; 1992b [1984], p. 157; 2016a [1989], p. 29-30). Porque nesse avanço a EN presume a possibilidade de aquisição das informações, o que implica conceber ao menos duas coisas: (i) a existência concreta do conhecimento que se quer adquirir; (ii) que se saiba com precisão alguma coisa sobre seu conteúdo antes da compra. Neste sentido, para Kirzner (2016a [1989], p. 30-31), a própria busca por informação é uma decisão realizada sem que haja possibilidade de erro, retornando a exclusão da incerteza. Portanto, argumenta Kirzner (2016a [1989], p. 29-30), os indivíduos no arcabouço da EN conhecem com exatidão a extensão da própria ignorância.<sup>117</sup>

No pensamento kirzneriano, a admissão do conhecimento perfeito corresponde ao aceite de que a economia esteja no equilíbrio (KIRZNER, 1992d, p. 3-4) – ou muito próximo

---

<sup>116</sup> “[T]his task of allocation – itself essentially a computational task – is often described as *choice*. The selection of an optimal program of resource use with respect to a given ranking of goals is described as *choice*.” (KIRZNER, 1979b, p. 147)

<sup>117</sup> Isso fica mais bem ilustrado no papel do sistema de preços que será discutido adiante. É possível defender que no pensamento kirzneriano a onisciência da informação se refira mais ao observador externo que à totalidade dos agentes econômicos. Porque, para Kirzner (2016a [1989], 13-14), na economia tradicional a informação completa pode ser substituída pela sinalização que o mercado realiza via sistema de preços.

dele. A base kirzneriana para essa consideração reside na percepção de que na EN o equilíbrio não decorre das interações humanas, mas daquilo que é suposto acerca do comportamento da própria economia (KIRZNER, 2015j [1992], p. 66). Porque a EN enxerga o mundo em permanente estado de condição ótima, ao definir a racionalidade como alcance da melhor opção individual, resultando, por extensão, que todos os agentes na economia decidam da melhor maneira, promovendo a condição de equilíbrio (KIRZNER, 2000e [1999], p. 267).

Esse estado de coordenação é a situação em que cessam os incentivos aos ajustes econômicos porque os indivíduos já alcançaram a melhor posição possível, sem espaço para que um par de agentes consiga obter maior benefício negociando por meio do mercado. Principalmente porque, na admissão da consciência universal sobre as informações existentes, o conceito de racionalidade não permite a existência e/ou continuidade de duas decisões incompatíveis entre si, ocasionando o equilíbrio (KIRZNER, 2000e [1999], p. 267-268).

Porém, esclarece Kirzner (2018n [1983], p. 84), o foco que os economistas deram à alocação a partir da proposta robbinsiana fez com que esse critério alocativo fosse aplicado como métrica a situações em que não cabe discutir a alocação. E o teriam feito indevidamente, porque Kirzner entende que Robbins descreveu uma atividade inerentemente individual de alocação (KIRZNER, 2018n [1983], p. 84), na medida em que o agente isolado tem controle sobre as ações relacionadas aos fins e meios, cabendo preocupar-se com a forma de alocação dos recursos. Controle esse que a sociedade como um todo não possui, porque não tem, de forma isolada, a totalidade dos recursos, fins ranqueados a serem atingidos, e nem controle total das relações entre fins e meios.

Uma dificuldade imposta pela admissão do equilíbrio, ou grande proximidade a ele, é o fato de a economia encontrar-se em tal estado de coordenação que os agentes não são mais capazes de afetá-la, transformando a todos em tomadores de preço. Kirzner (1962, p. 383) discute que a validade de tal cenário reside na aceitação de que essa condição, de proximidade ou existência do estado de repouso, já esteja alcançada, porque tal modelo seria apenas descritivo da situação de repouso, sem explicar como as condições necessárias a ele são alcançadas.

Nessa linha, Kirzner (2000c [1997], p. 10-11) recupera a consideração de Arrow [1959, p.43] sobre o modelo de competição: quando todos são tomadores de preço não há ninguém que mude endogenamente o preço. No pensamento kirzneriano, isso ilustra que

mesmo na EN, por meio de um de seus maiores expoentes, se reconhece a falta de uma explicação sobre como o equilíbrio é atingido nessa corrente.<sup>118</sup>

O papel central do equilíbrio na EN fica ainda mais claro quando considerada a função exercida pelo sistema de preços nesse arcabouço, porque “[i]n the special case of equilibrium [...] the given market price does not engender any disappointments. Economizing buyers and sellers successfully carry out their plans; no changes in constraints occur” (KIRZNER, 2015d [1967], p. 185). Desta forma, a função do sistema de preços é entendida como meio de sinalização das oportunidades existentes, promovendo, com isso, maior integração das decisões dos agentes (KIRZNER, 1992e [1984], p. 139-140). Os preços de equilíbrio são coordenadores porque sinalizam informações sobre demanda e oferta, de modo que todos os dispostos a comprar e vender àqueles preços realizam suas intenções e ninguém tem incentivos para revisar suas decisões (KIRZNER, 1992e [1984], p. 143).

Assim, uma vez instaurados os preços de equilíbrio, a economia encontra-se em condição ótima por já estar coordenada ou próxima disso. Nessa situação os indivíduos irão ajustar-se automaticamente para satisfazer suas preferências de acordo com o que está indicado nos preços, tal que suas ações se tornam totalmente complementares (KIRZNER, 1992b [1984], p. 160; 2016a [1989], p. 13-14). Logo, o sistema de preços atende ao mercado como um facilitador das decisões individuais, porque permite a revisão das decisões de compra e venda mediante a variação dos preços (KIRZNER, 2006a, p. 411) – mas isso implica aquela admissão de que aos indivíduos só cabe o papel passivo de rever suas alocações conforme a dinâmica do mercado (KIRZNER, 2006a, p. 413).

Uma consequência imediata dessa forma de interpretar o mercado, baseada na situação que permite ao sistema de preços atender às condições necessárias ao equilíbrio, é a exclusão dos diferenciais de preços. Para Kirzner (1979b, p. 140-141), não existem ganhos de arbitragem no equilíbrio por dois motivos: (i) todos os participantes do mercado são felizes na execução de seus planos, já que toda informação necessária para isso está transmitida nos preços; (ii) uma vez que os preços de equilíbrio tornam as decisões individuais complementares, não há par de participantes no mercado que possa melhorar sua posição negociando diretamente entre si por meio de preços diferentes dos de equilíbrio. Desta forma, a possibilidade de realização de lucros puros está negada na EN, para Kirzner (2016a [1989],

---

<sup>118</sup> Kirzner (2000c [1997], p. 10-11) afirma que foi essa insatisfação que levou Arrow ao desenvolvimento de uma teoria dinâmica da competição que resulta em um estado de equilíbrio.

p. 48), como decorrência das próprias hipóteses simplificadoras que este arcabouço teórico assume.

Essa eliminação do lucro puro tem como contrapartida a negligência da atividade empresarial na EN, já que no entendimento kirzneriano o empresário é figura analítica responsável pela exploração de diferenciais de preços no mercado (KIRZNER, 2015d [1967], p. 186).<sup>119</sup> Disso emerge a interpretação da EN para o processo de escolha do empresário: ele decide como todos os demais agentes econômicos, passivamente.

Ainda na década de 1960, Kirzner (2015d [1967], p. 187) preocupava-se em destacar o empresário como personagem na teoria econômica para mostrar como a EN não era capaz de descrever a função que ele realiza no mercado. Principalmente porque, tal como os demais agentes econômicos nessa abordagem, só seria dotado de capacidade computacional, sem nenhum elemento na decisão que explicasse a identificação de oportunidades de ganho. Kirzner (2015b [1985], p. 144) atribui ao empresário da EN apenas a reação passiva às condições do mercado, tal que presta o serviço de realocar serviços, e por isso é remunerado de acordo com o preço estabelecido na interação entre a oferta e a demanda por eles.

“At any given time [...] the “right” quantity of entrepreneurial services is forthcoming, that is, the “right” quantity of the service of dealing with disequilibria is at all times being appropriately deployed. [...] This neoclassical approach has, it seems, merely squeezed the real-world entrepreneur back into the neoclassical full-equilibrium box.” (KIRZNER, 2015b [1985], p. 144-145)

Essa forma de ver o empresário ocorre por meio de uma simplificação ainda maior, ignorando, sob o ponto de vista do processo decisório, qualquer diferenciação entre os agentes econômicos. Desta forma, a todos caberia a reação passiva às condições do equilíbrio, enquanto meros integrantes de um mercado já coordenado, cujas decisões satisfazem àquelas condições necessárias para o equilíbrio. Isso faz com que, conquanto se possa distinguir entre consumidores, proprietários de recursos e empresários, o processo decisório desses agentes ainda é o mesmo: a economização, em que se consideram dadas todas as informações relevantes para a escolha ótima (KIRZNER, 2015d [1967], p. 186).<sup>120</sup>

Portanto, na EN os agentes econômicos são vistos sob a consideração de que compartilham o mesmo processo decisório, a economização, seja por possuírem o

---

<sup>119</sup> “The essence of the entrepreneurial role is precisely to discover and exploit price situations hitherto unexploited.” (KIRZNER, 2015d [1967], p. 186)

<sup>120</sup> “Equilibrium condition imply that so much essential market data are *already* known to all relevant market participants, that their actions can be described as being wholly determined by the surrounding circumstances [...]” (KIRZNER, 2016a [1989], p. 93-94)

conhecimento completo ou por dele desfrutarem por meio do sistema de preços. Assim, Kirzner (2018n [1983], p. 90) entende que a decisão individual se encontra previamente determinada, resultado das condições econômicas em que está sendo tomada. A deliberação aí é confundida com o ato alocativo, computacional, de modo que a melhor escolha, já implícita, também é pressuposta na teoria Neoclássica. E, se é determinístico o resultado de cada uma das decisões no mercado, também o é o resultado do próprio mercado.

A sistematização promovida por Kirzner (1992h [1990], p. 42) entre as Variáveis Subjacentes e Induzidas ilustra a determinação que o autor aponta existir dos fenômenos econômicos na EN. Porque no pensamento kirzneriano a teoria tradicional pressupõe que as VI refletem a todo momento as VS, com correspondência imediata e automática, negligenciando o processo de tradução das VS nas VI. Assim, Kirzner (2015j [1992], p. 62-63) está afirmando que na visão *mainstream* os resultados econômicos encontram-se determinados nas realidades objetivas: preferências, disponibilidade de recursos e tecnologia.

Essa determinação decorre de duas ideias que Kirzner vê admitidas na EN com relação às decisões: (i) elas encontram-se completamente determinadas pelas preferências individuais; (ii) elas estão previamente conciliadas às de outros agentes econômicos. Desta forma, a função do mercado acaba por ser apenas a de subsidiar a compatibilidade, ou complementariedade, entre o conjunto dispersos de decisões, já que o equilíbrio emerge automaticamente da interação entre dotação de recursos e preferências (KIRZNER, 2015j [1992], p. 65).

Desta forma, a determinação do resultado econômico na EN está garantida, transformando o mercado em um reflexo do condicionamento das preferências dos agentes econômicos às restrições aos quais estão sujeitos (KIRZNER, 1992i, p. ix). Para Kirzner, essa visão considera os dados de mercado já existentes, tal que a alocação ótima está implícita na disponibilidade dessas informações (KIRZNER, 2000i [1994], p. 91).<sup>121</sup>

Na interpretação kirzneriana, portanto, há na EN simultaneidade entre o equilíbrio econômico e seus determinantes. Essa coincidência é permitida pelo mercado enquanto mecanismo responsável pela melhor alocação dos recursos, porque o determinismo do resultado econômico é uma extensão da determinação das decisões individuais. Assim, é importante destacar que Kirzner interpreta essa extensão, da escolha individual para o resultado social por meio do mercado, como algo que está implícito no postulado tradicional de uma tendência ao equilíbrio.

---

<sup>121</sup> “In this sense the system is a closed one, strictly circumscribed by its data.” (KIRZNER, 2000i [1994], p. 91)

Porém, segundo Kirzner (2015j [1992], p. 73-74) falta à EN uma explicação interna ao seu arcabouço teórico de como os elementos admitidos em suas hipóteses se ligam à determinação do equilíbrio. Ou seja, falta esclarecer o porquê, ignorando-se a sincronia entre equilíbrio e seus determinantes, de a sociedade caminhar para a coordenação.

Assim, no pensamento kirzneriano, a EN carece de uma explicação simples: apontar como os resultados do mercado são alcançados sem o mecanismo automático que traduz as hipóteses inicialmente admitidas nas próprias conclusões teóricas dessa corrente. Ou, colocando de outra forma, a EN não apresenta a natureza do processo econômico que permite entender como o mercado funciona e gera as forças sistemáticas em direção aos resultados teoricamente apontados. Porque, para Kirzner (1979b, p. 143-144), o equilíbrio econômico implica total acerto da antecipação que cada agente faz com relação ao estado futuro da economia. Para além da falta de aderência dessa situação com aquilo que se verifica no mundo real, também fica ignorada nessa visão a propensão da economia à coordenação na ausência de um estado de equilíbrio que lhe seja prévio.<sup>122</sup>

Com base no que foi visto até aqui, chega-se à consideração dos problemas que Kirzner vê na EN. Uma primeira problemática é que, como proposta de uma teoria dos preços, centra-se na investigação das condições necessárias para que o equilíbrio seja alcançado, ignorando-se a forma pela qual isso ocorre. Isso é ilustrado por meio do uso da estática comparativa na abordagem tradicional, em que se admite um estado de equilíbrio prévio e as mudanças que resultam a partir de algum fenômeno que leve a novo ponto de repouso (KIRZNER, 2015d [1967], p. 175). E isso mostra, no pensamento kirzneriano, a incapacidade da EN em iniciar a análise econômica a partir de uma situação de desequilíbrio.

“A discontinuity exists; an unexplained, exogenous alteration in conditions has generated a decision unexplainable in terms of the original economic problem. There is nothing in the formulation of the economic problem that tell us how, in the absence of such unexplained exogenous changes, one pattern of relevant ends-means can be replaced by another. So that where a series of such changes does occur, the corresponding alterations in decisions made, represents a series of disconnected discrete events, not understandable, within the exclusively economizing framework, as a logical sequence constituting a unified process.” (KIRZNER, 2015d [1967], p. 182-183)

---

<sup>122</sup> “The economist does, after all, understand that absence of coordination may itself generate systematic attempts to change matters. So that we can hardly avoid recognizing that what renders an uncoordinated state of affairs one of *disequilibrium* is closely related to entrepreneurial reaction to the absence of coordination.” (KIRZNER, 1979b, p. 144)

Kirzner (2018p [1976], p. 126) mostra como mesmo a explicação para o ajuste de preços com base no processo walrasiano, mas utilizando-se a cruz marshalliana, considera a simplificação de que o desequilíbrio é caracterizado por um único preço.<sup>123</sup> Assim, o determinismo do equilíbrio econômico implica algum conhecimento dos agentes sobre qual o preço de equilíbrio – seja ele prévio ou já sinalizado no sistema de preços – sem o qual não se garantiria uma indefinição do resultado de mercado. Segundo Kirzner (2016a [1989], p. 79-80), essa simplificação é passível de crítica por considerar que no desequilíbrio há um único preço corrente e que ele é corrigido por todos da mesma maneira e simultaneamente.

Porém, a insatisfação kirzneriana com a EN por sua ênfase no estado de equilíbrio não implica considerá-la inútil. Pelo contrário, Kirzner defende a EN por motivos diversos, em especial na Economia Aplicada (KIRZNER, 2018n [1983], p. 86). Isso porque ele reconhece a utilidade de seus modelos para explicar como as forças de mercado atuam na determinação dos preços (KIRZNER, 2016a [1989], p. 48).<sup>124</sup>

Assim, o problema da microeconomia na EN, no pensamento kirzneriano, é o fato de o foco no equilíbrio negligenciar a explicação teórica de como este é alcançado (KIRZNER, 1992h [1990], p. 40).<sup>125</sup> Logo, a ausência que Kirzner destaca na visão Neoclássica do mercado é o processo pelo qual as decisões vão tornando-se mais integradas, complementando-se melhor, caminhando para um estado de maior coordenação.

A razão disso começa com a admissão do agente econômico robbinsiano, que não tem entre seus elementos descritivos uma característica que o permite identificar oportunidades, resultando na incapacidade de aprendizado. Sua estrutura de meios e fins é pré-concebida, alienando a possibilidade de inclusão de novos fins, meios, ou de novas relações entre eles. Suas decisões são tomadas em complemento ao mercado, e não às decisões dos outros agentes (KIRZNER, 2015c [1986], p. 36-37).

É como se as relações econômicas estivessem pré-concebidas, gerando um padrão que só precisa ser confirmado pelas decisões individuais, que são, em última instância, a melhor escolha por serem condizentes a tal estado de coisas. Então, sem se considerar nessa estrutura

---

<sup>123</sup> Kirzner diferencia o processo de ajuste econômico entre os modelos walrasianos e marshallianos. A dinâmica walrasiana é explicada pelo ajuste do nível de preços de acordo com a dotação dos recursos, enquanto o processo marshalliano assume a quantidade física como variável central, onde o ajuste considera um preço de mercado por meio do qual demanda e oferta se ajustam (KIRZNER, 2018p [1976], p. 126; 1992e [1984], p. 143).

<sup>124</sup> Kirzner chega a afirmar que se tivesse de submeter estudantes a apenas uma aula de Economia, essa seria a de oferta e demanda com base na perspectiva *mainstream* (KIRZNER, 2000a, p. 26).

<sup>125</sup> “What is unacceptable in standard equilibrium theorizing is [...] that they are not supported by any adequate theory of process that might render them at least plausible as snapshots of a fast-moving world [...]” (KIRZNER, 1991b, p. 874)

algo que lhe permita modificá-la endogenamente, não é possível adotar uma solução para um caso de desequilíbrio que seja baseada na inspiração do próprio agente econômico (KIRZNER, 2015c [1986], p. 38).

Porque a racionalidade da EN compreende apenas a escolha ótima em um contexto já predeterminado de fins e meios (KIRZNER, 1992f [1990], p. 202). Isso faz com que na visão tradicional, na busca por dar tratamento estatístico ao procedimento de escolha, fiquem excluídos os elementos que Kirzner considera relevantes na explicação do processo decisório derivados da condição de incerteza (KIRZNER, 2015j [1992], p. 67-68).

Kirzner (1993b, p. 144) também considera equivocada a extensão da análise econômica da decisão individual para a avaliação do mercado em termos de equilíbrio. Porque, embora o agente econômico se depare com alguma relação entre os meios disponíveis e os fins pretendidos, isso não ocorre para a sociedade como um todo. Conquanto o mercado promova essa convergência, ele não é capaz de funcionar como entidade que possui a totalidade dos recursos econômicos, estabeleça fins claramente hierarquizados, e considere a melhor forma de utilizar os meios para esses fins. O equilíbrio de mercado tem outra causa.

De acordo com Kirzner (2000c [1997], p. 5), nem mesmo a admissão da tese de informação imperfeita por parte do *mainstream* responde as críticas Austríacas baseadas na discussão do conhecimento. Porque mesmo a nova teoria continua negligenciando a condição de incerteza. Assim, Kirzner (2000a, p. 26) mostra que seu descontentamento com essa visão econômica tem como perspectiva a ciência pura. Porque não há na visão tradicional uma explicação para a disseminação do conhecimento entre os agentes econômicos, que é, em Kirzner, a fonte para explicar um avanço no grau de coordenação e maior bem-estar social.

Novamente, ressalta-se que a principal característica que descreve a EN no pensamento econômico kirzneriano é a centralidade que tal corrente atribui ao papel do equilíbrio. Embora as condições necessárias para que ele ocorra também sejam criticadas por Kirzner, como o agente econômico robbinsiano ou o conhecimento perfeito, a incapacidade teórica em lidar com a situação do desequilíbrio se destaca. Porque, na argumentação kirzneriana, a EN não está munida dos elementos necessários para que os agentes econômicos encontrem coesão em suas ações no mercado em direção a uma maior coordenação. Logo, quando a EN aceita iniciar a análise econômica com base no equilíbrio, já inseriu aí todas as hipóteses necessárias para a existência dessa condição a partir de diferentes configurações, sem dar nenhuma explicação de como elas e seu resultado ocorrem.

#### 4.3.3 A teoria da atividade empresarial como intermediária entre o SR e a EN: A (in)determinação do resultado econômico

É possível notar como Kirzner admite pontos em comum com o Subjetivismo Radical. Com o SR, Kirzner (2015e [1976], p. 1) acredita compartilhar, na crença de seguimento da tradição Austríaca, linhas metodológicas gerais. Entre essas estariam o subjetivismo, a ênfase no propósito da ação humana, o descontentamento com o foco no equilíbrio que negligencia a noção de processo, a desconfiança quanto às tentativas de mensuração na Economia e o ceticismo no uso de evidências empíricas para confirmações teóricas. Em especial, Kirzner (1982c, p. 156-157) admite a preocupação que tem o SR quanto ao uso do equilíbrio feito na teoria tradicional, porque na EN acaba-se ignorando a falibilidade do conhecimento que caracteriza a situação de incerteza.

Também é possível resgatar a admissão kirzneriana acerca daqueles pontos que compartilha com a Economia Neoclássica. Com esta, Kirzner (2015d [1967], p. 178) divide uma abordagem teórica da Economia, baseada no individualismo metodológico, que tem como centro analítico a tomada de decisões para entender o resultado das interações das diversas escolhas individuais no mercado. Da mesma forma, as duas abordagens interpretam o estado de equilíbrio da mesma maneira. Um resultado que Kirzner (2016a [1989], p. 14) credita à interpretação que ambas fazem do mercado, como promotor da alocação de recursos por meio de decisões descentralizadas.

Assim, é possível afirmar que o Austrianismo kirzneriano ocupa espaço comum entre o SR e a EN, o que justifica sua posição intermediária entre os dois grupos, como notam Boettke e Sautet (2009, p. xvi). Logo, esses pontos corroboram a perspectiva de Kirzner (1992d, p. 3) sobre a posição intermediária da EA, tal como o autor defende na “tese de Garrison”.

Embora o debate entre os Austríacos date da década de 1980, já na década de 1960, período dos primeiros trabalhos de Kirzner na Economia e anterior ao “*Revival*”, vê-se o autor discutindo nessas duas frentes: sobre a decisão do agente econômico ser totalmente indeterminada (SR) ou determinada (EN) com relação aos dados econômicos, com Kirzner assumindo posição mediadora entre elas. Essa distinção pode ser baseada nos diferentes graus de subjetivismo que foram admitidos por essas correntes, na medida em que Kirzner (2015k [1995], p. 51-54) atribuiu ao SR um extremo, com excesso de subjetivismo, à EN o outro extremo, com baixo subjetivismo, enquanto o Austrianismo no qual Kirzner se vê inserido derivaria do subjetivismo suficiente à análise econômica.

Como consequência dos desenvolvimentos teóricos baseados nessas distintas perspectivas para o subjetivismo, surgiram novos temas em que a postura kirzneriana também fugiu aos extremos representados pelo SR e pela EN, em especial sobre as questões pertinentes a: (I) natureza do processo decisório; (II) papel empresarial na economia; (III) função e natureza do equilíbrio; (IV) a tendência inerente ao mercado de coordenação econômica – direção ao equilíbrio; e (V) determinação futura do resultado econômico.

Sobre (I) a tomada de decisão, Kirzner não se pautou nem na autonomia total da mente humana, que tornaria as escolhas inteiramente imprevisíveis, nem na completa passividade dos indivíduos frente às circunstâncias, que implicaria na perfeita previsibilidade das decisões. Contrariando a EN, em Kirzner as decisões não refletem a escolha ótima entre um conjunto de fins e meios preestabelecido, antes, é no ato de escolha que essa estrutura é formada, durante o processo de decisão. Da mesma forma, contraria o SR, não admitindo que todo ato decisório se encontra indeterminado, porque as expectativas dos indivíduos encontram-se ancoradas em fatos conhecidos.

Kirzner (2015d [1967], p. 180-181) concedeu sobre o fato de os agentes realizarem a atividade economizadora, mas apontou que isso prescinde a identificação dos meios, dos fins, e da forma de relacioná-los. Desta forma, a decisão não está indeterminada porque guarda relação com aquilo que o indivíduo tem disponível, e nem está determinada porque o agente econômico é quem define sua própria estrutura de fins e meios em um ato criativo.

“Human action in its totality is made up of an entrepreneurial element (to which is attributable the decision maker’s awareness of the ends-means framework within which he is free to operate), *and* an economizing element (to which we attribute the efficiency, with respect to the perceived ends-means framework, of the decision taken.” (KIRZNER, 2016b [1974], p. 184)

Com isso, a decisão econômica não fica reduzida ao ato otimizador na escolha, é ampliada para considerar o aspecto criativo da ação humana, o que perpassa a percepção que o agente faz do seu contexto (KIRZNER, 1979b, p. 147-148; 1982c, p. 148). Da mesma forma, o processo decisório não fica relegado à simples imaginação do indivíduo, porque na proposta kirzneriana fica estabelecida uma ligação entre aquilo que existe para ser descoberto e as ações que o indivíduo realiza com base nisso (KIRZNER, 2015k [1995], p. 57).

Essa posição intermediária, baseada em um subjetivismo confinado entre os extremos representados pelo SR e a EN, evita as duas conclusões que Kirzner acredita equivocadas dessas correntes: (1) a do SR, por ignorar que a decisão é um resultado, portanto prescinde de elementos objetivos a serem usados no ato criativo; e (2) a da EN, por negligenciar o papel da

deliberação no processo decisório, admitido como reação passiva dos agentes (KIRZNER, 2015k [1995], p. 56-57).

A explicação desse posicionamento sobre a tomada de decisão decorre da interpretação kirzneriana sobre a natureza do processo decisório, já que Kirzner não admitiu nem a atividade exclusivamente criativa do SR ou o resultado computacional alocativo da EN. Antes, Kirzner (2015d [1967], p. 183) estabeleceu a existência de uma característica humana responsável por fazer a mediação entre a realidade objetiva observável e o processo mental de decisão do agente econômico, o estado de alerta. Para Kirzner (2015d [1967], p. 179), tal aspecto da natureza humana permite ao tomador de decisão não ficar confinado às restrições com que se depara, antes, possibilita a ele a busca pelo melhor curso de ação.

Assim, Kirzner (1982c, p. 142-144) mostra como a admissão do elemento empresarial faz avançar o entendimento da ação humana com relação às visões indeterminada ou determinada, porque a própria identificação da realidade e a consideração das possibilidades aí existentes não podem ser avaliadas sob nenhuma dessas análises. Não é compatível com a proposta de indeterminação da decisão porque se leva em consideração os fatos objetivos, analisados por meio do cálculo econômico com base na hierarquia de fins-meios, mas também não cabe na atividade economizadora porque inclui a própria identificação da estrutura hierárquica de fins-meios a ser utilizada, um ato de pura criação.

A busca kirzneriana por descrever uma versão própria da tomada de decisão implicou na alegoria do empresário como um agente a ser destacado na teoria econômica. Mas Kirzner não quer defender a aderência desse personagem aos indivíduos no mundo real, antes, utiliza essa roupagem para apontar o (II) papel empresarial que acredita inerente ao processo decisório.

No debate com o SR o empresário é resgatado como aquele que junta as amarras oferecidas por uma realidade econômica objetiva, promovendo maior integração entre as decisões, proporcionando maior coordenação entre os agentes. Na discussão com a EN o empresário é colocado como o responsável por intermediar os interesses entre consumidores e proprietários de recursos, um resultado não intencionado da sua verdadeira atividade, a busca por lucro puro. Em ambas há a promoção de maior coordenação, sendo a função empresarial responsável por criar uma ponte que ligue duas atividades econômicas.

“There appear to be three major types of concrete entrepreneurial activity: arbitrage activity, speculative activity, and innovative activity” (KIRZNER, 2018u [1984], p. 205). Kirzner mostra como todas elas são arbitragens, no instante ou ao longo do tempo, bem como o fato de os dois primeiros caso independarem de inovações concretas (KIRZNER, 2018u

[1984], p. 205-206). Por isso Kirzner aponta a definição do estado de alerta como abrangente o suficiente para incluir os três casos, já que possuem como denominador comum a arbitragem (KIRZNER, 2018u [1984], p. 206-207).

Destaca-se que nas três formas de ver a atividade empresarial há um palpite sobre o valor real daquilo que se está adquirindo (KIRZNER, 2018u [1984], p. 207). Um conhecimento que só o empresário possui, porque criado por ele mesmo, permitindo a realização de lucros puros, já que o diferencial de preços revela a existência de um equívoco na avaliação de valores (KIRZNER, 2018u [1984], p. 198-200). Desta forma, o estado de alerta empresarial associa a própria novidade como algo que tem alguma ligação às condições existentes no mercado, embora até então não descobertas, sejam elas objetivas ou latentes nas expectativas dos indivíduos (KIRZNER, 2015b [1985], p. 147).<sup>126</sup>

Desta forma, a ação empresarial, tal como as demais decisões sob consideração na abordagem kirzneriana, também não está determinada. Kirzner (2015b [1985], p. 146) sugere que sua visão da atividade empresarial, pautada no estado de alerta, é capaz de aglutinar o que há de melhor entre as alternativas do SR e da EN (KIRZNER, 2015b [1985], p. 146). Para Kirzner as realidades subjacentes inspiram e moldam as ações empresariais. Mas é a imaginação que guia as ações empresariais, porque elas são, em última instância, especulativas. A previsão empresarial guia as ações empresariais (KIRZNER, 1992d, p. 27).

“I claim, indeed, that the “alertness” view of entrepreneurship enables us to have the best of worlds: we *can* incorporate entrepreneurship into the analysis without surrendering the heart of microeconomic theory. But even this statement of my position does not quite do it justice. I claim, more accurately, that *only* by incorporating entrepreneurship into microeconomic theory can the core of the theory be salvaged.” (KIRZNER, 2015b [1985], p. 146-147)

Uma vez considerados a natureza e os aspectos da tomada de decisão, que compõem o início da atividade econômica em Kirzner, cabe dar um salto para investigar o fim último do mercado, já que é com referência a ele que será destacado aquilo que acontece no processo. Nisso se revela a aproximação do Austrianismo kirzneriano com a EN, e o afastamento do SR, já que Kirzner (1992d, p. 34-35) assume o (III) equilíbrio geral de maneira teleológica, como ponto de chegada da economia para o melhor entendimento do percurso.

---

<sup>126</sup> “Entrepreneurial decision making – that which I identify in this book as pure discovery – is not the conversion of inputs into outputs; it is the determination (in the teeth of the ineradicable and inscrutable uncertainties of the future) that an attempt to convert inputs into outputs is worthwhile and desirable.” (KIRZNER, 2016a [1989], p. 141-142)

Para Kirzner (2000c [1997], p. 5-6), “the standard, competitive equilibrium model may be seen as more plausible as an approximate outcome, in the Austrian theory here presented”. Porque, segundo Kirzner (2000e [1999], p. 263), quando os Austríacos admitem a existência de oportunidades de lucro, sinalizam a existência de uma situação de desequilíbrio, mas quando postulam a propensão para que tais oportunidades sejam descobertas e exploradas, admitem uma situação que resultará do esgotamento dessas oportunidades, o equilíbrio. Esse estado final de repouso, pelas condições requeridas para que seja alcançado, serve de ferramenta para compreender melhor o que ocorre no processo em direção a ele.

Se o estado de equilíbrio é apenas um ponto de referência teórico, que serve de base para se colocar em perspectiva as movimentações no processo de mercado, cabe investigar a crença kirzneriana na (IV) tendência a ele. A defesa que Kirzner faz da propensão ao equilíbrio pode ser analisada sob duas óticas: (1) quanto à predisposição do próprio mercado a uma situação de convergência para um ponto de repouso pela eliminação das oportunidades de lucro; e (2) com base na tendência ao aprendizado dos agentes econômicos durante o processo de mercado. Ambas as óticas versam sobre a mesma questão, as consequências da ação humana/empresarial: a intencional, com vistas ao que o indivíduo esperava, e a não-intencional, que o agente aprende por sua experiência ao realizar a decisão.

Isso fica ilustrado quando Kirzner (2018n [1983], p. 91-92) defende que a ação empresarial, por eliminar as atividades de lucro, promove uma tendência ao equilíbrio no mercado, um estado de coordenação total como o da EN. Porém, como tal atividade não está confinada à arbitragem de preços no instante, sendo também especulativa e criativa, gera novidades, e, com isso, dispõe ao mercado novo conhecimento, como admite o SR. Desta forma, à luz do conhecimento que antecede a ação, a atividade realizada é disruptiva, como quer o SR, mas, com base no novo nível de informação, a ação realizou uma coordenação, tal qual na EN, por ter dado maior coesão ao mercado à luz do conhecimento existente.

Sobre (1) a promoção da tendência ao equilíbrio por meio da eliminação das oportunidades de lucro, Kirzner (1994e [1985], p. 42-43) esclarece que a atividade empresarial que coloca isso em movimento não depende da possibilidade de se alcançar um ponto de repouso. Antes, é ela quem reflete a tendência sistemática dos empresários a alcançar oportunidades que só existem em razão do desequilíbrio.<sup>127</sup> Esse posicionamento fica

---

<sup>127</sup> “To assert the systematic character of such attempts, and of the market consequences of such attempts, is not to deny the complications introduced by endogenous uncertainty. It simply explicates the nature of such coordinative success that markets do possess *in the teeth of* the genuine uncertainty that pervades reality.” (KIRZNER, 1994e [1985], p. 42-43)

elucidado quando Kirzner (1994e [1985], p. 39; 1992d, p. 5) situa-se entre os extremos representados pela EN e pelo SR com relação ao tamanho da volatilidade dos dados econômicos.

Novamente a diferenciação proposta por Kirzner (1992h [1990], p. 41-43) entre VS e VI ajuda a ilustrar o pensamento kirzneriano, já que neste a análise do processo de mercado versa sobre a sujeição das VI às VS. As VS mudam tanto por influências endógenas quanto exógenas, e por isso pode-se negligenciar os valores assumidos pelas VI no equilíbrio, porque não ficarão fixos já que as VS mudam, sendo esse apenas o caso especial a que esse faz referência enquanto ferramenta teórica.

Mas, quando a EN pressupõe que a constância das VS implica rapidamente nas VI, ocupa-se da discussão dos valores assumidos por estas últimas quando a economia está coordenada. Ou, na perspectiva do SR, embora as VI sejam determinadas pelas VS, as VI se sucedem rapidamente no tempo porque são afetadas pela alta volatilidade das VS, impedindo a preponderância das forças equilibradoras. Para Kirzner, entretanto, como as VS não são muito voláteis, o mercado gera um processo de ajuste que tende à coordenação econômica para aquele período de constância das VS, fazendo com que venham a ser melhor representadas pelas VI ao longo do tempo. Da mesma forma, como as VS não são fixas, as VI acabam mudando ao longo do tempo.

Parte das críticas do SR à tese kirzneriana também aponta para a possibilidade de erros empresariais, cuja existência anularia a tendência ao equilíbrio. Em sua defesa, Kirzner resgata de duas ideias implícitas em sua teoria: (i) a tendência ao equilíbrio mantém-se porque alguns empresários estão mais alerta do que outros, tal que mesmo os erros daqueles menos alerta geram novas oportunidades de lucro; (ii) o aproveitamento das oportunidades de lucro não segue uma sequência imutável em direção determinada ao equilíbrio, antes, é resulta da existência dos erros diversos que conferem o caráter sistemático do mercado, mesmo na presença de prejuízos empresariais (KIRZNER, 1992d, p. 21).

Sobre (2) a geração da tendência ao equilíbrio na admissão de uma propensão ao aprendizado dos agentes econômicos, Kirzner (1992d, p. 3-5) a ilustra se colocando novamente em posição intermediária entre os extremos representados pela EN e o SR. A EN estaria em posição limite por assumir o conhecimento completo, que o pensamento kirzneriano identifica como estado de perfeita coordenação. O SR se posicionaria no outro extremo por assumir a total condição de incerteza que permeia o ambiente econômico, o que representa no pensamento kirzneriano a impossibilidade de existirem no mercado forças sistemáticas pela falibilidade constante do conhecimento. Entre essas perspectivas reside a

proposta do estado de alerta empresarial, que não possui todo o conhecimento, mas é propenso à descoberta e ao aprendizado, capaz de reduzir a ignorância sobre o contexto em que o indivíduo está inserido.<sup>128</sup>

“And it is at this point that the relevant aspect of the “Austrian” concept of the individual decision comes clearly into vision. By endowing the individual not only with the propensity to mould *given* means to suit *given* ends, but with the drive and alertness necessary for their discovery as well, the “Austrian” view points to the possibility of an entire logically-unified *sequence* of decisions, each one relevant to a pattern of ends-means as seen by the individual, that is the logical consequence of the experiences resulting from the earlier decisions; What must seem, in the “Anglo-American” view a disconnected series of discrete decisions, may turn out to be in the “Austrian” scheme, a systematic process.” (KIRZNER, 2015d [1967], p. 183)

Logo, o aprendizado é uma outra perspectiva de se encarar a eliminação da oportunidade de lucro. O indivíduo aprende a existência de uma discrepância entre a propensão a pagar e o preço do mercado por meio da identificação de um erro, e esse aprendizado leva os indivíduos à revisão de seus planos. Mas tal aprendizado depende da própria participação no mercado, porque ele é o mecanismo que transmite esse conhecimento. Desta forma, o processo de mercado promove aprendizado porque este é o resultado lógico do desapontamento de planos, próprios ou de terceiros, levando o indivíduo a percebê-los (KIRZNER, 2015d [1967], p. 185). Assim, a contribuição kirzneriana permite o entendimento da sequência de decisões dentro de uma continuidade, em que a mudança no conhecimento do agente explica suas decisões (KIRZNER, 1979c, p. 27-28).<sup>129</sup>

No pensamento kirzneriano, sua abordagem diferencia-se da EN porque esta, quando toma a economia fora do equilíbrio, admite que o mercado faz convergir rapidamente para ele. Para Kirzner, entretanto, havendo desequilíbrio e não onisciência dos agentes de mercado, o processo equilibrador é “a process of learning by discovery” (KIRZNER, 2016a [1989], p. 77). Por isso o conhecimento completo é ignorado na proposição kirzneriana, permitindo admitir: (i) que os indivíduos aprendem por meio da descoberta; (ii) que o estado de equilíbrio não seja um resultado instantâneo, tal que existem oportunidades de lucro – espaço para a atividade empresarial (KIRZNER, 2016a [1989], p. 77). Por isso principais características do

---

<sup>128</sup> “Knowledge is not perfect; but neither is ignorance necessarily invincible. Equilibrium is indeed never attained, yet the market does exhibit powerful tendencies toward it.” (KIRZNER, 1992d, p. 5)

<sup>129</sup> “Our insight that opportunities do tend to be discovered assures us that a process is set in motion by disequilibrium conditions as these opportunities are gradually noticed and exploited. The process by which facts are hammered into human consciousness is not wholly ungoverned by the logic of human action; it fits naturally into the tendency for alert acting human beings to notice what is likely to be of service to them.” (KIRZNER, 1979c, p. 30)

mercado são a ignorância e a descoberta, porque a sequência que leva da primeira à segunda expressa a tendência ao equilíbrio (KIRZNER, 1992h [1990], p. 44).

Independentemente da leitura que se faz da tendência ao equilíbrio, por extinção das oportunidades de lucro ou disseminação do conhecimento, a posição kirzneriana se destaca como intermediária por admitir regularidades não determinísticas no processo de mercado. Para Kirzner (2015b [1985], p. 148), a rejeição do subjetivismo mais radical decorre da impossibilidade desta proposta teórica em caracterizar forças sistemáticas no processo de mercado. Algo que é fundamental, segundo Kirzner (1994e [1985], p. 40; 1992h [1990], p. 51), porque a Economia surge da identificação dessas forças sistemáticas no mercado e o reconhecimento de alguma ordem a partir delas. Para Kirzner (1992i, p. ix; 2015k [1995], p. 55), esse é um processo – tal qual aquele da EN quando descreve a atividade alocativa – que tende sistematicamente ao melhor atendimento das preferências dos consumidores.

Por fim, existindo uma regularidade no fenômeno econômico, percebida e caracterizada pela tendência ao equilíbrio, cuja natureza é a relação entre realidade no mercado e imaginação do tomador de decisão, chega-se na discussão sobre a (V) determinação do resultado econômico. Kirzner (2015j [1992], p. 70-71) explica que a diferença entre o mundo determinado da EN e aquele indeterminado do SR versa, principalmente, sobre a possibilidade de regularidades no mercado. Porém, entre esses dois extremos reside uma visão que incorpora maior subjetivismo que a EN, conferindo maior poder de explicação ao considerar a ação humana, considerando que o futuro guarda alguma relação com o presente, mas mantém-se, a priori, indeterminado como quer o SR.

Kirzner situa-se nessa posição intermediária com relação à determinação futura do resultado econômico porque considera que: “[t]here is no natural set of forces or constraints assuring correspondence between the envisaged future and the realized future” (KIRZNER, 1982c, p. 148). São as ações humanas que moldam o futuro, e por isso tal estado de coisas se parece em alguma medida com aquilo que os agentes imaginaram dele em algum momento no passado (KIRZNER, 1982c, p. 148-149).<sup>130</sup>

Para Kirzner (2018n [1983], p. 92), a atividade empresarial pode ser enxergada como determinante do futuro por seu caráter coordenador no mercado. Porém, se se considera seu aspecto criativo, retorna sua responsabilidade de tornar o futuro indeterminado. Essa é uma conclusão sobre a função empresarial que Kirzner (2018n [1983], p. 82) destaca como

---

<sup>130</sup> “We call this motivated propensity of man to formulate an image of the future man’s *alertness*. Were man totally lacking in alertness, he could not act at all: his blindness to the future would rob him of any framework for action.” (KIRZNER, 1982c, p. 149)

paradoxal: o futuro depende das decisões empresariais realizadas no presente e daquelas empreendidas no futuro; porém, quanto mais se entende a atividade empresarial, mais se reconhece a falibilidade do conhecimento acerca dela; logo, menos se sabe sobre o futuro.

Kirzner reconhece que as realidades objetivas afetam a economia, mas quer destacar que elas não são determinantes do resultado econômico. Há um intermédio entre os fatos e a dinâmica econômica que é feito pela mente humana (KIRZNER, 2015j [1992], p. 62).<sup>131</sup> Os fatos objetivos influenciam, mas não determinam (KIRZNER, 2015j [1992], p. 62-63) como na EN, porque o fenômeno econômico é uma expressão do comportamento humano e não há relação que seja imutável entre os fatos objetivos na economia e a decisão individual (KIRZNER, 2015j [1992], p. 63). Os adeptos do SR apontam que as realidades futuras sobre preferências e escassez são incertas, sendo no presente apenas esperadas. Porém, em Kirzner essas condições também são afetadas pelas decisões empresariais correntes, que mesmo criativas dependem de algo objetivo que é observado no presente, e por isso seu resultado *ex-post* não está totalmente indeterminado (KIRZNER, 1992d, p. 31).

A visão kirzneriana é de um mundo indeterminado porque considera a real ignorância com que os indivíduos tomam suas decisões, tal que o processo de mercado se torna uma sequência de descobertas. Nessa perspectiva, a competição tem a função de permitir as descobertas que separam a situação de ignorância daquela da informação completa, em que o processo econômico é o mecanismo social de expansão do conhecimento (KIRZNER, 2000i [1994], p. 92). Assim, caminha-se da ausência de informação para um estado de conhecimento, tal que o futuro vai se tornando mais determinado, sem que, de fato, se saiba qual é essa determinação.

Com base nessa revisão, e considerando as contribuições de Jakee e Spong (2003) e Korsgaard *et al.* (2016), é possível destacar a incerteza como núcleo da posição intermediária que a abordagem de Kirzner assume na “tese de Garrison”.

Para Jakee e Spong (2003, p. 478), Kirzner tem suas primeiras obras marcadas pela participação do debate metodológico sobre a caracterização do agente econômico capaz de realizar mudanças endógenas na economia. Na leitura aqui pretendida, isso representa uma tentativa de se posicionar com relação à EN, contrapondo os agentes robbinsiano e misesiano, respectivamente, aqueles que agem em cenário certo ou incerto.

---

<sup>131</sup> “External phenomena certainly do promote discoveries, they do shape expectations, and they do condition knowledge. But they do so only in conjunction with the independent entrepreneurial conjectures of active human minds.” (KIRZNER, 2015j [1992], p. 62)

Essa interpretação é reforçada com a afirmação de Korsgaard *et al.* (2016, p. 869-870) de que Kirzner suprimiu a incerteza quando se voltou à EN, implicando que esse elemento não tivesse a totalidade da sua importância destacada naquele momento. Esse aspecto viria a ter a devida ênfase quando resgatada na argumentação para a discussão com o público Austríaco, como mostram Korsgaard *et al.* (2016, p. 871-872). Posição que é corroborada em Jakee e Spong (2003, p. 476-477), que notam o maior peso que dado por Kirzner à incerteza durante suas respostas aos adeptos do SR.

Essas considerações levam à caracterização da importância do ponto de vista econômico sobre a incerteza no pensamento kirzneriano, que se destaca em dois níveis. No primeiro há a incerteza interna ao modelo econômico, aquela com que o tomador de decisão se depara na escolha, levando-o a determinar uma estrutura de fins e meios no seu processo de escolha. Uma incerteza que vai diminuindo para o indivíduo conforme ele aprende por sua experiência no mercado. No segundo há a incerteza externa ao modelo econômico, aquela com que o economista se depara na análise econômica, porque é capaz de entender a lógica da escolha individual, mas incapaz de prever com exatidão as decisões. Por conseguinte, sabe com algum grau de confiança o rumo da economia, mas não pode determinar seu equilíbrio, é capaz apenas de caracterizá-lo por seus aspectos mais gerais.

Sobre o primeiro nível, Kirzner (1982c, p. 145) chama a atenção para a influência da incerteza que permeia o ambiente econômico, que os agentes querem superar e o tentam por meio do elemento empresarial. O próprio Kirzner (1982c, p. 156-157) afirma que os termos “ver”, “definir” e “criar” são usados como metáforas, em contraste ao sentido determinístico que essas palavras possuem, para apontar a inspiração que move indivíduo à ação.<sup>132</sup> É por isso que em Kirzner (1979c, p. 19-21) não se pode admitir que na economia todos sejam tomadores de preços, como faz a EN, porque uma situação de desequilíbrio permaneceria indefinidamente. Da mesma forma, não se pode ignorar a capacidade de aprendizagem que caracterizam esses indivíduos, fazendo-os caminhar para maior integração, posição que Kirzner crê estar negligenciada na abordagem do SR.

Sobre o segundo nível, há no pensamento kirzneriano o reconhecimento de que o mercado se torna um fluxo contínuo e incessante que não alcança o equilíbrio, embora caminhe sistematicamente a ele (KIRZNER, 1992h [1990], p. 38-39). Essa incerteza implica a remoção das amarras impostas pela EN às escolhas individuais (KIRZNER, 2015j [1992], p.

---

<sup>132</sup> “In the context of such uncertainty the entrepreneurial decision embraces, centrally, the mental identification of the present and future of context within which speculative action is being taken.” (KIRZNER, 2016a [1989], p. 86)

68), mas não torna os resultados individuais ou de mercado aleatórios. Porque se reconhece que o agente econômico é um indivíduo dotado de fins e meios que age para alcançar uma posição econômica melhor (KIRZNER, 2015j [1992], p. 72). Logo, com base na teoria da atividade empresarial para o processo de mercado não é possível estabelecer as condições específicas que configuram um estado de equilíbrio total na economia, apenas suas condições mais gerais. Porque essa tendência não é determinista, não estabelece um ponto de repouso específico para onde se vai, apenas descreve aquilo que ele representa (KIRZNER, 1992h [1990], p. 48-49).

Apesar da centralidade do papel da incerteza para a compreensão do pensamento econômico kirzneriano, por vezes ela acabou negligenciada pelo próprio Kirzner, como o autor assume ter feito em seu principal livro, o “*Competition and Entrepreneurship*”. Como reconhece Kirzner (1982c, p. 140-141), a incerteza foi ali suprimida para tornar a proposta da atividade empresarial mais didática, o que acabou tornando necessário separar o entendimento do processo econômico da análise do equilíbrio. Para Kirzner, (2000b [1999], p. 241), o objetivo de tal abordagem foi o de mostrar como a função empresarial é responsável por promover a tendência ao equilíbrio no mercado, e por isso excluiu-se, adicionalmente, a produção, a passagem do tempo e o caráter inovativo do empresário – atenuantes da incerteza.

Como mostrado no início desta subseção, a teoria da ação empresarial de Kirzner tem pontos em comum com o SR e a EN. Quando Garrison (1982, p. 131) defendeu a posição intermediária da EA, principalmente com relação ao *mainstream*, enfatizou a questão do conhecimento. Kirzner (1992d, p. 3-4), quando recuperou essa ideia para propor a “tese de Garrison”, enfatizou o meio termo representado pelo Austrianismo com relação ao mesmo tema, mas também o ampliou para discutir a tendência ao equilíbrio. Essa última provavelmente acrescida como resposta ao debate com o SR na década de 1980.

Aqui, outros pontos foram destacados para mostrar como a abordagem de Kirzner é intermediária, adicionando-se a natureza do processo decisório, o papel empresarial na economia, função e natureza do equilíbrio, e a determinação futura do resultado econômico. Todos eles podem ser tomados como derivados dos temas já discutidos por Garrison (1982) e Kirzner (1992d). Porém, quer se destacar a incerteza como a causa de todos esses pontos.

Defende-se que a incerteza seja o atributo teórico no pensamento econômico de Kirzner que melhor representa a posição intermediária da teoria da atividade empresarial na “tese de Garrison”. Se na EN ela não existe, representando um extremo por sua exclusão na admissão do conhecimento completo, no SR ela é radical, representando o outro extremo porque levada às suas últimas consequências.

Na abordagem kirzneriana a incerteza é assumida, mas as ações são definidas como empresariais porque especulativas com base na observação de alguma realidade e a possibilidade de mudá-la. Como Kirzner considera que a economia caminha do desequilíbrio para o equilíbrio por meio do aprendizado na competição empresarial, há neste processo uma transição da indeterminação para determinação do resultado econômico. Não se pode, por isso, afirmar que na abordagem kirzneriana a decisão seja determinada ou indeterminada, porque Kirzner não se situa nestes polos. Antes, busca centrar sua proposição teórica no meio caminho entre eles, de modo que a decisão na obra kirzneriana é (in)determinada.

#### 4.4 A RETÓRICA DE KIRZNER NA CRIAÇÃO DE DOIS AUDITÓRIOS POR MEIO DA ARGUMENTAÇÃO: SUBJETIVISMO RADICAL E ESCOLA NEOCLÁSSICA

A década de 1980 pode ser considerada um marco para os trabalhos de Kirzner, porque é nesse período que se verifica o surgimento de uma nova forma de o autor argumentar em defesa da sua teoria da atividade empresarial. Essa alteração já foi percebida na literatura, explicada como forma de aproximação ao Subjetivismo Radical (CALDWELL, 1984, p. 1235). A causa desta nova postura também é conhecida, motivada pela discussão entre membros da EA acerca da tendência ao equilíbrio, ilustrada pelo debate entre dois expoentes do “*Revival*”, Kirzner e Lachmann (VAUGHN, 1992, p. 251; 1994, p. 137; 2000, p. 42; BARBIERI, 2001, p. 118-119; 2008, p. 216; JAKEE e SPONG, 2003, p. 476-477).

Se essa época é interpretada com base no contexto do pós-“*Revival*” da EA, em que existem diferentes tentativas de definição de uma teoria Austríaca, pode-se afirmar que a mudança argumentativa por Kirzner pode ser entendida como uma reação a isso, e mesmo uma busca por defender sua própria definição de Austrianismo.

Assim, duas causas podem ser apontadas como motivadoras da diferenciação na retórica kirzneriana. A primeira é teórica, na busca por defender de diferentes formas aquilo que acredita central para a Escola Austríaca. A segunda é contextual, em razão dos debates em que Kirzner se viu inserido, na busca por construir o auditório que queria influenciar em determinado momento, buscando seu convencimento, mas sem deixar de demarcar suas diferenças com relação a ele.

Esta seção quer ilustrar essas duas causas a que se fez menção. Na primeira subseção mostra-se como Kirzner enfatizou a importância da tendência ao equilíbrio na sua visão de Economia Austríaca, aproximando-se da Economia Neoclássica mas sem se associar a ela. Na segunda subseção é feita uma análise da retórica kirzneriana para mostrar como Kirzner altera

sua argumentação acerca de um tema tratado por ele em diferentes momentos da carreira, embora suas conclusões sobre ele tenham permanecido as mesmas, permitindo a construção de suas audiências por meio da argumentação.

Para tanto, está sendo utilizada a proposta de McCloskey (1983, p. 482-483; 1998b [1985], p. xix) de que os economistas possuem um vocabulário próprio na aproximação com seus pares. A busca aqui é compreender melhor a missão de Kirzner em estabelecer diálogo com dois auditórios distintos, o Subjetivismo Radical e a Economia Neoclássica. Algo próximo dos trabalhos de Bianchi e Salviano Junior (1996) e Bianchi (2003) que revisaram os discursos de Prebisch, Fernández e Pessali (2003) que analisaram a retórica de Willianson, e Vieira (2007) que investigou os textos de Keynes.

#### 4.4.1 Kirzner e o papel do equilíbrio na teoria econômica: o resultado da ação

Como visto, Kirzner propôs posicionar sua interpretação do Austrianismo entre duas visões que considerou extremas para alguns aspectos da teoria econômica, a EN e o SR, conciliando seu entendimento econômico entre elas. Porém, com relação à tendência ao equilíbrio, a contribuição kirzneriana vai na contramão do SR e em conformidade com a EN, admitindo sua existência por meio das forças sistemáticas no processo de mercado.

Como mostram Korsgaard *et al.* (2016, p. 869), quando Kirzner associa sua visão do processo de mercado à teoria da EN, o faz com ênfase no argumento de que ambas admitem um estado de equilíbrio para o qual a economia converge. O que, segundo Jakee e Spong (2003, p. 476-477), foi justamente o ponto de desacordo entre Kirzner e os adeptos do SR na EA. Essa divergência iniciou um debate interno à EA no período pós-“*Revival*” a que Vaughn (1992, p. 251; 1994, p. 137; 2000, p. 42) e Barbieri (2001, p. 118-119; 2008, p. 216) se referem na contraposição entre Kirzner e Lachmann na década de 1980.

Uma argumentação que pode ser identificada na obra de Kirzner para defender a atividade empresarial como origem da propensão à coordenação econômica é sua utilização para explicar a Lei da Indiferença de Jevons (LIJ) (e.g. KIRZNER, 2018l [1978], p. 257-258; 2018e [1979], p. 26-27; 1984, p. 6; 1992h [1990], p. 47; 2015j [1992], p. 73-74; 1997c, p. 37). Para Kirzner, essa Lei é o postulado Neoclássico da tendência ao equilíbrio. Na interpretação kirzneriana, a LIJ afirma em sua proposição que, não havendo diferenças de qualidade ou localidade, não podem existir diferenças de preços para uma mesma mercadoria. Em Kirzner, essa assertiva é admitida pela EN sem uma explicação sobre como ela ocorre, sendo aceita sem que seja argumentado como a economia caminha para o seu resultado.

Jevons (1888b [1871], p. 90), na passagem original sobre sua Lei da Indiferença, afirma que um indivíduo deve ser indiferente quanto ao uso de qualquer porção igual de uma mesma mercadoria se ela for homogênea. Desta forma, em um contexto específico de tempo e lugar, a mesma quantidade desta mercadoria deve ser transacionada por uma única taxa. Ou seja, não existe motivo para que o agente trate de maneira diferenciada duas coisas iguais. Jevons (1888b [1971], p. 91-92) propôs que se denominasse isso de Lei da Indiferença.<sup>133</sup>

A utilização da LIJ por Kirzner ajuda a ilustrar seu posicionamento nos debates que travou ao longo da carreira com o SR e a EN, bem como esclarece sobre a posição pela qual o autor ficou conhecido, de aproximar sua abordagem daquela da EN. Isso porque a proposta kirzneriana da atividade empresarial para o processo de mercado admite uma tendência ao equilíbrio, como aceito na EN, mas rejeitado no SR. Porém, quando esse equilíbrio é apontado por Kirzner como indeterminado, se contrapõe à EN, mas se aproxima do SR. Assim, pretende-se mostrar como Kirzner apropria-se de um termo que apresenta como central à EN para traduzir sua tese da atividade empresarial, aproximando-se do corpo principal da profissão.

É possível recuperar de Kirzner (2015b [1985], p. 144) como as interpretações do SR e da EN, extremas e opostas, refletem discordâncias sobre a possibilidade de uma propensão econômica à coordenação, ilustradas pelo papel atribuído ao empresário no sistema econômico: (i) como promotor espontâneo de novidades no mercado, responsável por modificar de maneira inédita as condições existentes – SR; (ii) como agente reativo, respondendo automaticamente às variações nas condições do mercado – EN.

Na interpretação associada ao SR, admite-se a função empresarial como elemento unânime a todo processo decisório, de modo que cada ação individual representa a capacidade criativa do agente econômico. Então essa decisão criativa implica independência com relação às condições com que são tomadas, de modo que a escolha feita pelo indivíduo é totalmente indeterminada com relação ao ambiente em que ocorre. Com isso, não há característica entre duas ou mais decisões que permita relacioná-las, impedindo sua integração sob um mesmo fenômeno econômico, ficando negada a possibilidade de serem consideradas de maneira unificada em uma construção teórica (KIRZNER, 2015b [1985], p. 145-146). Disso resulta a

---

<sup>133</sup> No prefácio à segunda edição de seu livro, Jevons reafirma sua proposição apontando que “when different persons own property of exactly the same kind, they become subject to the important Law of Indifference, as I have called it [...], namely, that in the same open market, at any one moment, there cannot be two prices for the same kind of article.” (JEVONS, 1888a [1879], p. xlv)

impossibilidade de o mercado promover regularidades sistemáticas em direção ao estado de equilíbrio.

Na versão relacionada à EN, entende-se que o empresário está fornecendo um serviço na economia, qual seja, o de realocar os recursos em uma situação de desequilíbrio. Para esta atividade existe um mercado, definido por suas respectivas curvas de oferta e demanda, já que o serviço prestado configura um bem econômico escasso. Portanto, não é necessária nenhuma nova teoria para lidar com a função empresarial, já que o próprio modelo Neoclássico seria capaz explicá-la (KIRZNER, 2015b [1985], p. 144-145). Como tal empresário decide como os demais tomadores de decisão, o resultado agregado das escolhas individuais converge para o estado de equilíbrio.

Para Kirzner (2015b [1985], p. 146), se a escolha de uma explicação para o papel do empresário é confinada a essas duas possibilidades, fica-se: (i) por um lado, incapaz de admitir uma teoria que lhe explique, relegando seus resultados à total imprevisibilidade; ou (ii) por outro, sem explicações para o surgimento de novidades genuínas, direciona-se os resultados empresariais a um estado de total previsibilidade.

Subjacente a essa discussão, depreende-se de Kirzner (2015j [1992], p. 70-71), estão diferentes visões de mundo. Aqueles que seguem o SR negam a possibilidade de qualquer regularidade no mercado, tomando seus resultados como totalmente indeterminados, enquanto na EN o mercado é considerado a partir das suas regularidades, mas como se seu resultado estivesse completamente determinado. No pensamento kirzneriano, faltam a essas interpretações o reconhecimento de que há uma propensão econômica a fazer convergir os interesses dos indivíduos, levando a economia em direção a um determinado ponto, mas que esse não é previamente conhecido.

Kirzner (2015b [1985], p. 146-147) defende que a teoria da atividade empresarial por ele apresentada representa um avanço com relação a essas duas possibilidades. Porque, no pensamento do autor (KIRZNER, 2018n [1983], p. 91-92; 2015b [1985], p. 146-147), com a admissão do estado de alerta, o elemento empresarial que identifica possibilidade de lucros puros, a função do empresário torna-se, simultaneamente, promotora de inovações e coordenadora do mercado. Desta forma, faz a economia a convergir para uma condição de equilíbrio, mas esta não pode ser definida antecipadamente porque está sujeita aos choques econômicos que os próprios empresários promovem em suas atividades criativas.

Portanto, em Kirzner (2018n [1983], p. 92), a atividade empresarial permite a tendência ao equilíbrio, representando uma determinação do futuro – tal como na EN. Porém, como o empresário também tem a função de promover as novidades na economia – tal qual

no SR –, a indeterminação prévia das suas ações mostra a indeterminação dos resultados econômicos futuros para um ponto concreto.

A ideia de alerta empresarial associa a novidade criada pelo empresário a alguma condição existente no mercado que lhe é inerentemente anterior. Seu mérito decorre da identificação de oportunidades ainda não descobertas ou da capacidade de antecipá-las a partir das condições futuras esperadas para o mercado. Assim, o sucesso da ação empresarial, representado pela obtenção do lucro puro que a motiva, reflete a maior integração que se verifica no mercado em razão do empresário ter coordenado uma situação até então em desequilíbrio, promovendo uma tendência ao equilíbrio (KIRZNER, 2015b [1985], p. 147).

“For a number of years my work has emphasized the importance of the entrepreneurial role in market processes. The bulk of this work has focused on understanding the way in which market processes depend on entrepreneurial alertness and discovery for any systematic equilibrative properties they display. [...] Grasping the entrepreneurial role turned out to be crucial for appreciation of how the Austrian theory transcended the scope of mainstream equilibrium formulations.” (KIRZNER, 2016a [1989], p. 3)

No pensamento kirzneriano, a EN postula a tendência de que o mesmo bem no mercado venha a ter um único preço por meio da LIJ. Em Kirzner, essa proposta não implica apenas a eliminação das oportunidades de lucro, mas também a existência de uma convergência entre preços e custos para o mesmo produto, resultando na tendência ao equilíbrio geral, tanto na abordagem marshalliana como na walrasiana (KIRZNER, 2015j [1992], p. 73-74).

Assim, para Kirzner, quando a EN admite a LIJ acaba manifestando a crença de que o mercado venha a promover uma tendência ao equilíbrio, mas isso requer uma explicação teórica (KIRZNER, 2018l [1978], p. 257-258). Porque, no pensamento kirzneriano, quando a EN assume que o mercado é propenso ao equilíbrio está esperando dele as atividades de arbitragem de preços, mas não explica como isso ocorre (KIRZNER, 2015j [1992], p. 73-74).

Embora Kirzner considere que essa seja uma dificuldade reconhecida na Economia, acredita não ser teoricamente encarada porque a existência da oportunidade de lucro representa um paradoxo quando se está admitindo o conhecimento completo. A solução da EN teria sido tornar o lucro puro inexistente ou decorrente de mudanças não antecipadas no mercado (KIRZNER, 2015j [1992], p. 73-74). Se a primeira solução é irrealista, a segunda é problemática porque mesmo admitindo a rápida exploração do lucro quando ele surge ainda resta explicar como os agentes econômicos tomam conhecimento dele.

Assim, em Kirzner, a confiança da Economia na extinção de diferencial de preços tem de estar pautada em alguma propensão à identificação desses lucros pelos participantes do mercado (KIRZNER, 2015j [1992], p. 74).

Isso é fundamentado quando se observa a divisão no pensamento de Kirzner entre os papéis teóricos que cumprem a EN, enquanto teoria da alocação, e a EA, enquanto teoria do processo de mercado. Essa diferença é marcada pelo tipo de ação atribuída aos agentes econômicos nessas abordagens, respectivamente, o indivíduo robbinsiano que faz a economização, e o misesiano que realiza a ação empresarial (KIRZNER, 2018p [1976], p. 127).

A incapacidade da LIJ na EN estaria, então, no fato de a formulação de Robbins para o agente econômico só permitir a ele explorar oportunidades previamente conhecidas, enquanto Mises teria considerado os indivíduos alertas à descoberta de novas possibilidades (KIRZNER, 2018p [1976], p. 129). Porque, se os agentes econômicos na EN não são dotados da capacidade de aprendizagem, como podem reagir à diante daquilo que não era previamente conhecido por eles?

Essa distinção revela que o pensamento kirzneriano admite os agentes econômicos da EN como incapazes de relacionar-se com o ambiente em que estão inseridos, agindo somente com base naquilo que é previamente atribuído a eles por hipótese. Desta forma, se se considera que a economia está inicialmente em desequilíbrio, quando há possibilidade de erros no processo decisório ou frustração a partir dos resultados observados, isso não implicará mudança de escolha por parte do agente econômico Neoclássico. Porque, uma vez que ele não é imbuído da capacidade de aprender, não se pode postular que ele fará uma revisão do plano que o levou aos equívocos decisórios já que a escolha feita era, em última instância, a melhor que ele concebeu. Logo, partindo de uma situação de desequilíbrio, não é possível ligar a sequência de decisões desse agente econômico ao longo do tempo (KIRZNER, 2018p [1976], p. 128). Se não há como considerar essas decisões conjuntamente, como postular a tendência para que o mercado venha a refletir um único preço para o mesmo produto?

No pensamento kirzneriano, o que configura esse desequilíbrio, qualificado por Kirzner como genuíno, é a existência de um diferencial de preços que não possa ser racionalmente explicável. Ou seja, que não seja passível de explicação mesmo admitindo a onisciência da informação, o conhecimento completo. Logo, o desequilíbrio a que Kirzner se refere permanece mesmo que sejam superados os custos de transação da informação (KIRZNER, 1997c, p. 39). Nisso, Kirzner está chamando a atenção para o fato de a existência

e posse da informação não garantirem a percepção de seu real significado, de modo que outras possibilidades para seu uso podem passar despercebidas até a sua descoberta (KIRZNER, 2018s [2005], p. 223-224).

Então, segundo Kirzner (2018l [1978], p. 257-258), a EN é incapaz de considerar a LIJ mesmo quando insere o mercado de informações, passando a tratar o conhecimento como mercadorias sujeitas à análise de custo-benefício na decisão de aquisição. Porque a posse de uma informação não implica a sua verdadeira descoberta, a percepção do que ela representa. Essa descoberta a que Kirzner (1992h [1990], p. 47) se refere, um tipo de revelação ao indivíduo que se torna consciente das suas possibilidades, é justamente o mecanismo pelo qual o autor atribui ao mercado a tendência de ao equilíbrio em correspondência com a Lei da Indiferença.

Segundo Kirzner (2018n [1983], p. 91-92), é precisamente a crença na existência de um quantum total de informação confiável na economia que não permite à EN inserir o empresário em seu arcabouço teórico. Porque a existência desse conhecimento completo e fechado garante a condição de equilíbrio ou proximidade a ele, e isso se revela de duas maneiras: (i) pelo conhecimento disseminado extinguir as oportunidades de lucro, já que estarão eliminados ou em processo de eliminação os diferenciais de preço na economia; (ii) pela impossibilidade de novo conhecimento endógeno por iniciativa do indivíduo, porque não há nada na configuração do agente econômico que lhe permita a criação ou percepção de conhecimento novo em relação àquele já admitido na análise econômica.

“For this Austrian view the understanding offered by economic analysis permit us to see the world, not as an approximation of equilibrium conditions, but as displaying *by contrast* the course of systematic market *processes*. For the analysis of market process the Austrian view attaches significance to equilibrium constructions *only insofar as these help us understand the nature of the systematic forces governing entrepreneurial market processes in disequilibrium.*” (KIRZNER, 1983a, p. 222)

Nessa perspectiva, as abordagens da EN e da EA acabam diferenciadas no pensamento kirzneriano sobre a forma com que são capazes de admitir LIJ, o que, argumenta-se aqui, motiva a iniciativa de Kirzner em aproximá-las retoricamente ao propor uma nova forma de interpretar a LIJ. Kirzner (1992h [1990], p. 48) atribui à EN uma interpretação determinista da Lei, uma vez que nesta corrente está presente a noção do conhecimento completo, impedindo a descoberta enquanto injeção de conhecimento novo na economia. À EA, entretanto, é atribuída uma interpretação não determinista da Lei de Jevons, considerando apenas a

propensão dos indivíduos à descoberta, não havendo garantia de sua concretização ou da possibilidade de verificação dessa ocorrência.

“However, while imperfect information certainly can account in the neo-classical framework for two prices for the same commodity, this does *not* generate the dynamic version of the law of the single price. While the time-consuming character of learning may explain why it takes time for two prices to converge, the possibility of such deliberate learning does not ensure any converging tendency. On the contrary, it is eminently possible that the very costs of learning which prevented *earlier* learning from having occurred will *continue* to deter market participants from learning how to take advantage of better prices available in the market. The initial equilibrium multi-price situation may, therefore, prevail indefinitely precisely because it *is* an equilibrium.” (KIRZNER, 1997c, p. 38)

Então, para fazer com que a tendência ao equilíbrio econômico atribuída à LIJ seja compatível com aquela postulada no processo de mercado por meio da atividade empresarial, Kirzner promove uma reinterpretação dessa Lei da abordagem Neoclássica em termos Austríacos.

Como visto, a proposta original de Jevons (1888b [1871], p. 90 1888a [1879], p. xlv) levou em consideração a homogeneidade de duas unidades de um mesmo produto, de modo que o agente econômico deva ser indiferente entre elas. E Kirzner (2018e [1979], p. 26-27; 1997c, p. 40) reconhece a exigência jevonsiana de que as duas unidades devam ser idênticas. Porém, no pensamento kirzneriano, essa conclusão pode ser ampliada para dar conta da indiferença entre dois conjuntos idênticos de bens, embora materializados sob formas distintas. Assim, o indivíduo deve manter-se indiferente entre uma mercadoria acabada e o conjunto total de recursos necessário à sua provisão. Essa extensão seria possível, e ainda benéfica, por atender adicionalmente a necessidade implícita dos modelos de equilíbrio na EN em fazer o preço dos produtos convergir à equivalência com seus custos.<sup>134</sup>

Com base nessa reconsideração da Lei da Indiferença de Jevons, Kirzner é capaz de observá-la sob duas óticas correspondentes à sua teoria da atividade empresarial para o processo de mercado: (I) a eliminação de uma oportunidade de lucro e; (II) a ampliação do conhecimento. Ambas originadas na tomada de decisão individual que acabam permitindo uma coordenação social no mercado que vai no sentido do equilíbrio econômico.

A primeira interpretação (I), da LIJ como correspondente à sequência de eliminações das oportunidades de lucro no mercado, surge quando Kirzner (2018e [1979], p. 27) considera

---

<sup>134</sup> Essa liberdade para reconsideração da proposta de Jevons parece residir no pensamento expressado Kirzner (1984, p. 6) de que a base que sustenta a LIJ é existência de uma tendência à convergência dos preços de um mesmo produto para um único valor, não a indiferença entre dois bens idênticos.

que a proposta de Jevons pode ser interpretada por meio de duas assertivas: (1) a tendência à equalização dos preços de uma mercadoria é originada no processo competitivo; e (2) esse processo de ajuste dos preços não se esgota enquanto existem diferenciais de preços – oportunidades de lucro.

Desta forma, como Kirzner (2018e [1979], p. 26) postula a tendência de os empresários perceberem e eliminarem os diferenciais de preços, aproveitando as oportunidades de lucro, há nisso uma tendência à extinção do lucro puro no mercado pela competição empresarial. Na teoria kirzneriana do processo de mercado esse resultado se traduz como equilíbrio porque aí não existem incentivos para a revisão de planos dos agentes.

Essa primeira forma de interpretar a LIJ, com base na eliminação de lucro puro, deriva da abrangência da teoria Austríaca com relação à Neoclássica. Kirzner (2015j [1992], p. 73) afirma que a noção misesiana de ação propositada é capaz de compreender as explicações da microeconomia tradicional na EN por sua capacidade de superar a incerteza. E exemplifica essa proposta com base na própria Lei de Jevons, admitida como defesa de uma tendência à convergência de preços, que no pensamento kirzneriano só tem sentido se se crê que os agentes econômicos irão eliminar os diferenciais de preço por meio do processo competitivo.

Logo, em Kirzner (1997c, p. 37), quando a teoria da descoberta empresarial explica a eliminação dos lucros está explicando a extinção dos diferenciais de preço, tornando possível admitir a Lei da Indiferença de Jevons – “The most fundamental law of price theory” (KIRZNER, 1997c, p. 37).

A segunda interpretação (II), a da LIJ como contrapartida do aumento no conhecimento, se verifica quando Kirzner (2018l [1978], p. 257-258) associa o resultado da Lei de Jevons ao estado de conhecimento perfeito. No pensamento kirzneriano, a propensão à convergência dos preços é a manifestação da capacidade de aprendizado dos agentes sobre as oportunidades existentes no mercado. Esse processo se dá com o encontro de novas informações que são absorvidas pelos indivíduos por meio da experiência no mercado, levando-os a mudanças nas disposições de comprar e/ou vender, fazendo com que revisem seus planos de ação. Assim, a tendência ao equilíbrio dos preços é um processo paralelo à disseminação do conhecimento porque dependente dela, mostrando como o processo de mercado faz a economia caminhar da situação de informação imperfeita para o estado de conhecimento completo.

“The truth surely is that the postulation of a tendency-towards-a-single-price simply expresses our understanding of the systematic ways in which purposeful human beings revise their plans upon the discovery that they have hitherto overlooked

attractive available opportunities. The market regularities that may be based upon such systematic plan revisions are *manifestations* of more abstract regularities that are able to be grasped *quite apart from their particular empirical manifestations.*" (KIRZNER, 1984, p. 6)

Como o conhecimento é falível, incompleto e não tem trajetória determinística, a manutenção de uma tendência ao equilíbrio não significa que se esteja periodicamente cada vez mais próximo a ele. Antes, quer dizer que o movimento equilibrante nunca cessa, renovando-se sempre mesmo após cada interrupção. Então, a economia pode inclusive regredir com relação ao equilíbrio que antes era imaginado, porque este era apenas um ponto de referência, mas a tendência à coordenação, enquanto movimento, é sempre contínua (KIRZNER, 1997c, p. 37).

Essas duas interpretações propostas por Kirzner para a Lei da Indiferença de Jevons, enquanto resultado da eliminação do lucro puro ou do aprendizado, são lados da mesma moeda: são formas que Kirzner usou para explicar o que resulta da descoberta empresarial. Por isso a atividade empresarial só tem lugar em uma situação de desequilíbrio, aquela que representa a existência de um diferencial de preços que é um resultado de um conhecimento aquém do perfeito.<sup>135</sup> Neste caso, tal ação só pode ser motivada se houver correspondência entre o agente econômico e o ambiente em que está inserido, o que é possível na interpretação Austríaca pela consideração de um indivíduo dotado do estado de alerta. Segundo Kirzner (1997c, p. 36), essa condição permitida pelo desequilíbrio, que não ocorre no universo da EN, abre espaço para a descoberta empresarial, e com isso a possibilidade de mudança genuína pela ação.

É possível afirmar que Kirzner se aproxima da EN ao associar sua ideia de convergência dos preços na teoria atividade empresarial à Lei da Indiferença de Jevons já que esta é, na interpretação kirzneriano, a explicação para a tendência ao equilíbrio na EN. Como mostrado, Kirzner entende que o modelo de informação imperfeita, do arcabouço Neoclássico do conhecimento completo, não impede a possibilidade de diferenciais de preço originados na disposição a pagar dos consumidores. Desta forma, mesmo nesse cenário mais restrito do equilíbrio na EN há espaço para a atuação da atividade empresarial, responsável por corrigir erros genuínos como esse, satisfazendo melhor aos consumidores em suas necessidades mais urgentes. Por isso Kirzner coloca como extensão do postulado de Jevons que o resultado da

---

<sup>135</sup> "[P]ure profit is the link between imperfect and perfect knowledge: *on one hand, it is generated by ignorance; on other, it provides the incentive for realizing the truth.*" (KIRZNER, 2018e [1979], p. 26)

tendência do mercado seja o maior atendimento à soberania do consumidor, promovendo maior eficiência alocativa (KIRZNER, 1997c, p. 41).

Consideradas a proposta original da Lei da Indiferença, suas interpretações possíveis, e a reconsideração proposta por Kirzner, é possível notar como a LIJ serve como ilustração da posição kirzneriana nos debates que travou ao longo da carreira com adeptos do SR e da EN.

A resposta kirzneriana ao SR pode ser mais bem fundamentada em termos da ideia de conhecimento na Economia. Duas questões se destacam na posição kirzneriana: (i) admitir o caráter criativo da ação não a torna disruptiva na tendência ao equilíbrio; e (ii) o conhecimento é acumulado em alguma medida de maneira útil ao longo do tempo.

O primeiro ponto (i) pode ser defendido quando Kirzner (2018n [1983], p. 91-92) mostra que o caráter especulativo da atividade empresarial também cria informação nova e reorganiza o mercado. No pensamento kirzneriano, esse movimento é considerado desequilibrador no SR porque promove uma reorganização econômica à luz da informação até então existente. Na visão de Kirzner, entretanto, esse processo gera maior equilíbrio porque sua avaliação é feita com base no novo conhecimento, aquele gerado no ato criativo cujo acerto mostra que havia a possibilidade de maior coordenação.

O segundo ponto (ii) pode ser defendido quando Kirzner (2015j [1992], p. 75) aponta que as diferentes interpretações subjetivas concordam que os resultados do mercado mudam em decorrência de variações no conhecimento em posse dos agentes. Mas não se tem no SR algo que ligue os eventos exógenos às mudanças que se espera verificar nesse conhecimento, já que não há como relacionar as realidades objetivas às criações mentais para a tomada de decisão nessa corrente.

Assim, a LIJ serve de ilustração ao posicionamento de Kirzner em relação ao Subjetivistas Radicais para afastar-se deles quando mostra a tendência ao equilíbrio, ignorada no SR, como uma propensão à ampliação do conhecimento. Uma vez que os dados econômicos subjacentes não mudam abruptamente, também a totalidade do conhecimento que se tem sobre o presente não tem falibilidade instantânea. Desta forma, pode-se compreender as decisões empresariais como interdependentes entre dois instantes no tempo pela baixa volatilidade das realidades em que estão inseridas. Esses diferentes momentos estão conectados pela modificação do conhecimento pela qual o empresário passa, que lhe chega tanto pelo resultado de suas ações intencionais quanto não-intencionalmente, uma vez que é dotado do estado de alerta.

Da mesma forma, a LIJ serve como forma de Kirzner afastar-se da EN com base no contraste entre as duas abordagens a partir da relação entre lucros e soberania do consumidor.

A proposta da atividade empresarial kirzneriana ficou mais conhecida por sua relação com a arbitragem de preços, na exploração do lucro puro aí existente, exposição assim moldada para simplificar a proposta visando influenciar a EN.

Como mostra Kirzner (2015k [1995], p. 55), o mercado tem como função revelar sistematicamente as preferências dos consumidores, o que gera lucros àqueles que lhes atendem melhor. Assim, a tendência ao equilíbrio se revela na gradual eliminação das oportunidades de lucro no mercado por meio da atividade empresarial, que descobre sistematicamente como melhor atender aos agentes econômicos. Mas esse descobrimento, afirma Kirzner (1997c, p. 37), não pode ser assimilado na EN porque esta não admite a ignorância genuína.

Por isso Kirzner (1992h [1990], p. 44) destaca que as principais características do mercado são a ignorância e a descoberta, ambas inerentes ao estado de desequilíbrio a que se propõe a teoria Austríaca do processo de mercado. A ignorância é resultado da condição de incerteza no ambiente econômico, reflexo da falibilidade do conhecimento individual dos agentes, cujos resultados das ações são no máximo expectativas bem fundamentadas. Já a descoberta é a diminuição particular e social dessa ignorância em um determinado contexto, representada pela injeção de nova informação no sistema econômico. Esse descobrimento é a sinalização de algo na economia que já era existente, de maneira concreta ou latente nas preferências individuais, mas ainda não percebido. Por isso a atividade empresarial promove a tendência ao equilíbrio no arcabouço kirzneriano, uma vez que, sendo ela um ato de descoberta, diminui a ignorância em que se está inserido.

Esse caráter da descoberta, de introdução de novas informações no mercado por parte do empresário, é algo que já está na contribuição kirzneriana quando da associação entre atividade empresarial e arbitragem de preços. Kirzner (2018n [1983], p. 91-92) mostra que a ação empresarial faz com que a economia tenha uma tendência à coordenação, esta última no mesmo sentido em que a EN, pela eliminação das oportunidades de lucro. Mas, apesar de Kirzner associar as formas Neoclássica e Austríaca de tendência ao equilíbrio, no pensamento kirzneriano as duas diferem sobre como ele é alcançado.

Disso surge uma situação que Kirzner (2018n [1983], p. 90-91) considera paradoxal. A EN aposta na tendência ao equilíbrio porque admite que o mercado realize o processo alocativo eficiente tal qual o agente econômico robbinsiano utilizado em seu modelo. Logo, extrapola o caráter alocativo que atribui à decisão individual ao resultado social do mercado. Nisso, a tendência ao equilíbrio no mercado fica apenas pressuposta, e não explicada, tal como a melhor escolha por parte dos agentes econômicos.

Mas, se o estado de alerta empresarial é admitido no processo decisório, as decisões deixam de ser determinísticas e, por isso, o mercado fica sujeito a mudanças endógenas que inviabilizam o determinismo do seu resultado. A consequência dessa admissão ilustra o paradoxo: aceitar a ação humana como atividade empresarial mostra como é impraticável o critério robbinsiano de análise do agente econômico para o mercado como um todo, excluindo a tendência Neoclássica ao equilíbrio; por outro lado, na possibilidade de os indivíduos identificarem oportunidades de lucro espera-se seu esgotamento ao longo do tempo, promovendo uma propensão à coordenação econômica.

Assim, a impossibilidade da EN em explicar como equilíbrio é alcançado decorre do foco da análise econômica nessa abordagem ser justamente a situação já coordenada, admitindo as condições necessárias para que haja compatibilidade plena de todas as decisões na economia (KIRZNER 1992h [1990], p. 40). Desta forma, na EN o equilíbrio não resulta da interação entre as ações humanas ao longo do tempo, mas do conjunto de suposições sobre comportamento do mercado (KIRZNER, 2015j [1992], p. 66). No Austrianismo, por outro lado, a tendência ao equilíbrio decorre de o mercado ser um fluxo contínuo e incessante que não alcança o estado de repouso, embora tenha uma tendência sistemática a ele (KIRNER, 1992h [1990], p. 38-39).

A LIJ serve de ilustração ao posicionamento de Kirzner em relação aos membros da Escola Neoclássica por mostrar que a tendência ao equilíbrio, embora aceita na EN, não encontra nesta uma explicação, apenas uma crença. Independentemente de a visão Neoclássica do mercado iniciar com o modelo simplificado de informação perfeita ou com a sofisticação representada pela imperfeição da informação, em ambos os casos se admite a completude do conhecimento. Desta forma, o resultado econômico torna-se consequência da própria hipótese sobre as informações, evidenciando a validade da crítica kirzneriana sobre a incapacidade de a EN explicar como o mercado funciona.

Como visto, a teoria da atividade empresarial aponta que as decisões são inspiradas e moldadas pelas realidades subjacentes, os dados econômicos como preferências dos consumidores, dotação de recursos e tecnologia disponível. Essa inspiração, entretanto, não guarda a relação de determinismo entre condições e escolha, como na EN, nem é totalmente indeterminada por depender do ambiente em que atua, como no SR. Os empresários formam suas expectativas, explica Kirzner (1992d, p. 27), com base na realidade em que atuam, e por isso a tendência ao equilíbrio repousa na existência de realidades subjacentes pouco voláteis.

Kirzner recorrentemente associa as formas Neoclássica e Austríaca de tendência ao equilíbrio. Mas, a relação entre essas abordagens no pensamento kirzneriano sobre a Lei da

Indiferença de Jevons mostra como elas diferem, sobretudo quanto aos requisitos necessários para que a economia caminhe do desequilíbrio para as condições que satisfazem a coordenação. Em primeiro lugar porque a própria natureza do papel equilibrador é distinta entre as duas abordagens, em segundo porque o equilíbrio assume diferentes papéis teóricos quando são aplicados por elas.

Isso ajuda a esclarecer quanto a duas interpretações possíveis sobre a retórica kirzneriana. A primeira é de que Kirzner intencionou aproximar a EA como reformulação da EN, como parecem propor Vaughn (1992, p. 253; 1994, p. 101) e Foss e Klein (2010, p. 157). A segunda, um entendimento possível em Boettke e Sautet (2011b, p. 38), de que a retórica de Kirzner permite às explicações da EN caberem no arcabouço Austríaco pela amplitude deste.

Retomando um esclarecimento do próprio Kirzner na entrevista concedida a Boettke e Sautet (2018d, p. 733-73), é uma leitura equivocada de sua obra pensar que haja ali uma explicação do porquê o equilíbrio acontece, porque o estado de total coordenação é resgatado como uma ferramenta. Seu papel teórico é ajudar na compreensão da análise econômica sobre os fenômenos em desequilíbrio, uma vez que o objetivo da Economia, no pensamento kirzneriano, é a explicação dos mecanismos de causa e efeito. O uso que Kirzner faz da Lei de Jevons vai no segundo sentido, de mostrar como a tendência ao equilíbrio na EN é uma manifestação daquelas propriedades encontradas no arcabouço teórico da EA.

No pensamento kirzneriano, como visto, o foco da análise econômica não pode prescindir da existência de um equilíbrio inicial, e considerar a existência de um estado de desequilíbrio torna necessário admitir a capacidade de aprendizado dos agentes. Uma dotação individual cuja natureza é a própria percepção originada pelo estado de alerta, algo próximo a um novo sentido atribuído por Kirzner aos agentes econômicos. É essa característica que permite à ação descobrir e redescobrir oportunidades, tornando mesmo o caso de um conhecimento perfeito falível, já que novas interpretações podem ser feitas pelo empresário na identificação de propensões latentes nos desejos dos consumidores.

Portanto, foi visto como a retórica kirzneriana acerca da Lei da Indiferença de Jevons permite a Kirzner aproximar-se do auditório Neoclássico para demarcar suas diferenças com relação a essa abordagem. Há uma capacidade dupla nessa estratégia, de aproximação, por meio do vocabulário comum, e de afastamento, para mostrar como se diferenciam as duas formas de tendência ao equilíbrio entre a EN e a EA.

#### 4.4.2 A retórica de Kirzner no debate da publicidade: diferentes abordagens para a relação entre incerteza e conhecimento

Kirzner afirmou ter tentado ao longo da carreira levar as ideias de Mises à teoria econômica, e foi reconhecido por esse objetivo. O próprio autor reconhece nessa trajetória ter se direcionado para diferentes auditórios de acordo com o contexto, e Jakee e Spong (2003, p. 478) mostram a possibilidade de dividir cronologicamente a obra do autor de acordo com a audiência pretendida por ele. Os autores destacam que de 1960 a 1970 Kirzner estava engajado na discussão com o corpo mais geral da profissão sobre a metodologia da Economia, enquanto entre 1970 a 1980 sua atenção estaria direcionada para reagir à influência de Lachmann na EA.

Esse segundo momento, no pós-“*Revival*”, é marcado pelo debate interno que Vaughn (1992, p. 251; 1994, p. 114 e 134; 2000, p. 42) e Barbieri (2001, p. 120-121; 2008, p. 119-120 e 128) creditam às diferentes visões acerca de questões sobre o equilíbrio na Economia, explicada por níveis distintos de subjetivismo.

Observada sob perspectiva histórica, a obra de Kirzner revela que ele é um acadêmico assíduo na busca por participar dos mais diversos debates, engajado em mostrar o ponto de vista Austríaco sobre os temas que estiveram em pauta. Como exemplo, Boettke e Sautet (2009, p. xiv-v) afirmam que o primeiro livro de Kirzner faz uma recuperação da definição de Economia ao longo do tempo como tentativa de resgatar o objeto de estudo da disciplina. Tal feito buscava, para os autores, recuperar os microfundamentos desta que teriam sido deixados de lado com a revolução Keynesiana. Em outro caso, Jakee e Spong (2003, p. 478) situam as primeiras publicações de Kirzner na discussão metodológica sobre as limitações dos modelos econômicos por não permitirem mudanças endógenas. Já Boettke e Sautet (2010, p. x) contextualizam o livro de Kirzner sobre o capital e os juros como forma de levar as ideias de Mises ao resgate da “Controvérsia de Cambridge”, e dos livros kirznerianos sobre o processo de mercado como recuperação do papel empresarial na Economia.

De fato, é possível atestar a atitude proativa de Kirzner em inserir-se nesses debates. Seu primeiro livro começa com a sugestão de uma controvérsia ao longo da HPE sobre a necessidade de se definir o escopo da Economia (KIRZNER, 2009 [1960], p. 6). Seu terceiro livro, acabou revisto pelo autor como forma de posicionar uma visão Austríaca-misesiana

sobre o debate do capital (KIRZNER, 2010b [1996], p. 7).<sup>136</sup> No quarto e principal livro o autor menciona um contexto de retomada das discussões microeconômicas sobre a teoria dos preços (KIRZNER, 2013 [1973], p. ix). Quando da publicação de seu sétimo livro, mostra a intenção de rever o debate sobre justiça distributiva na época com base em um posicionamento Austríaco sobre o funcionamento do mercado (KIRZNER, 2016a [1989], p. 3). No oitavo livro, publicado em meio ao debate com o lado mais subjetivista entre os seguidores da tradição Austríaca, Kirzner intenciona mostrar a existência teórica de um estado de equilíbrio e a tendência a ele (KIRZNER, 1992i, p. ix).

Assim, há indícios nas obras de Kirzner de que ele procurou engajar-se nas discussões da época, desde as mais amplas, como mostrado acima, até as mais particulares como se vê em trabalhos específicos publicados pelo autor no início da carreira, em que buscou discutir: o conceito de racionalidade (KIRZNER, 1962; 1963c); o crescimento econômico (KIRZNER, 1963b); a gestão universitária (KIRZNER, 1970b); a publicidade (KIRZNER, 1972; 1975) etc.

Porém, como foi visto, o Kirzner expôs a teoria da atividade empresarial no início da carreira em formato e termos próximos daqueles utilizados na EN. Isso despertou uma série de críticas no lado Austríaco, mais próximo às interpretações do SR. A partir dessa reação, Kirzner viu a necessidade de retomar sua proposição teórica sob um ponto de vista mais subjetivo, realinhando-se à estrutura e conceitos comuns à EA, para defender sua posição e mantê-la como intermediária em relação ao grau de subjetivismo dessas visões, EN e SR.

Logo, na defesa kirzneriana da teoria da atividade empresarial para o processo de mercado, pode-se definir outro recorte de acordo com esses dois públicos especiais para Kirzner, considerados em seu pensamento econômico os casos limites entre os quais sua teoria está posicionada. Pode-se destacar a aproximação de Kirzner da EN no período entre 1960 e 1980, enquanto entre 1980 e 2000 seus textos são mais voltados ao diálogo com o SR.

Como forma de ilustrar a aproximação de Kirzner a esses dois grupos nesses períodos, e considerando a postura engajada do autor em procurar ativamente participar dos debates econômicos, propõe-se a análise da sua retórica acerca da publicidade. Esse tema se destaca na iniciativa aqui pretendida porque o pensamento kirzneriano acerca dele é uma aplicação direta da teoria da atividade empresarial, e por ter sido tratado pelo autor em diferentes momentos, especialmente quando dos debates com seus dois auditórios, EN e SR.

---

<sup>136</sup> Conquanto isso não originalmente intencionado na época da primeira publicação do material na década de 1960, como afirmado por Kirzner (BOETTKE e SAUTET, 2018d, p. 760).

Com base nas seis discussões encontradas na obra de Kirzner acerca da propaganda é possível dividi-las em três contextos significativos: (i) a década de 1970, período em que Kirzner já havia proposto a ideia de função empresarial no processo de mercado, buscando influenciar o auditório da EN; (ii) a década de 1980, momento em que o autor procura responder a reação dos Austríacos partidários do SR; e (iii) o final da década de 1990, quando o debate com o SR pode ser considerado próximo do fim, permitindo analisar o tratamento de Kirzner para o tema após o somatório dessas influências em seu pensamento econômico.

#### 4.4.2.1 Década de 1970: ingresso no debate sobre a publicidade e aproximação à EN

Segundo Jakee e Spong (2003, p. 476-478), durante a década de 1970 os trabalhos de Kirzner almejam a discussão com o *mainstream* da Economia, principalmente na crítica ao agente econômico robbinsiano. De acordo com Korsgaard *et al.* (2016, p. 869), quando Kirzner se dedica à discussão da sua teoria da atividade empresarial frente ao auditório Neoclássico, acaba colocando a ênfase dos seus argumentos sobre o equilíbrio e a tendência a ele. Para os autores (2016, p. 869-870), nessa abordagem ficam negligenciadas as considerações sobre o tempo e a incerteza, garantindo a capacidade de o empresário realizar a arbitragem de preços e coordenar a economia instantaneamente.

Tanto o trabalho de Jakee e Spong (2003, p. 476-477) quanto o de Korsgaard *et al.* (2016, p. 869) apontam que para a audiência da Economia tradicional acaba negligenciado o peso teórico que Kirzner atribui ao papel da incerteza.

O primeiro material que se conhece publicado por Kirzner acerca da publicidade é seu artigo “*Advertising*” de 1972. O tema foi retratado nessa década em pelo menos mais três oportunidades: (1) um capítulo do “*Competition and Entrepreneurship*”; (2) na revisão do livro “*Advertising and Society*” da Yale Brozen [1974]; e (3) em uma subseção do artigo “*Equilibrium versus Market Process*”.

Como contexto geral há a busca kirzneriana em participar de um debate à época. Kirzner situa sua proposta de revisar o papel da publicidade no sistema econômico motivado pelas interpretações que acreditou equivocadas no período, originadas nas mais distintas visões econômicas (KIRZNER, 1972, p. 515) ou de fora da Economia (KIRZNER, 1975, n.p). Isso teria permanecido mesmo diante da evolução na discussão da publicidade com a Economia da Informação, que teria mudado o foco da discussão de conteúdo para o papel informacional da propaganda (KIRZNER, 2018p [1976], p. 130).

Entre os equívocos remanescentes estariam a ideia de que a “atividade publicitária” poderia ser persuasiva, mudando as preferências dos consumidores, ou uma ferramenta de monopólio, conferindo à competição um caráter não competitivo, ou ainda um desperdício de recursos, já que tornaria os produtos mais caros (KIRZNER, 1972, p. 515-516; 1975, n.p).<sup>137</sup>

Desta forma, nem mesmo a EN munida dos avanços teóricos da Economia da Informação seria suficiente para entender a competição no mercado no pensamento kirzneriano. Porque quando a EN assume a hipótese de conhecimento completo, acaba considerando, para Kirzner, uma coordenação tamanha entre os agentes que eles já não são capazes de fazer algo para maior benefício próprio, e isso exclui a noção de rivalidade onde a publicidade exerce seu maior efeito. A concorrência está suprimida no equilíbrio, todos encontram-se plenamente satisfeitos com os resultados alcançados, os melhores que poderiam ter em decorrência da sua dotação inicial de recursos e preferências (KIRZNER, 1972, p. 517-518). Logo, não cabe nenhum esforço de venda que seja competitivo entre ofertantes, porque qualquer iniciativa neste sentido, como é o caso da propaganda, seria inócua (KIRZNER, 2013 [1973], p. 130-131).

O avanço promovido pela Economia da Informação na EN também não foi capaz, para Kirzner (1972, p. 522; 2018p [1976], p. 130-131), de compreender a verdadeira função da atividade publicitária. Porque essa nova visão considera que a propaganda resolve um problema de custos de transação ao diminuí-los. A interpretação kirzneriana da solução oferecida na Economia da Informação é ilustrada pela possibilidade de se separar um produto em duas partes, a mercadoria de fato e a informação acerca dele, esta última transmitida pela publicidade. Uma vez que essa informação é também um produto, poderia ser adquirida de qualquer outro vendedor. Porém, aquele que fornece o produto como um todo, considerado a junção da mercadoria com a informação, está em condições de oferecer a parcela informativa a um custo menor. Portanto, na EN considera-se a publicidade eficiente por representar o menor custo na transferência da informação aos consumidores, beneficiando-os.

Disso emerge um primeiro motivo do descontentamento kirzneriano, “[t]he economics of information approach tries to account for the phenomena of advertising entirely in terms of the demand for and supply of nonentrepreneurial knowledge, information that can be bought and sold and even packaged” (KIRZNER, 2018p [1976], p. 130). Uma visão que já inicia incompleta para Kirzner na aceitação da ideia de maximização robbinsiana na tomada de

---

<sup>137</sup> O termo “atividade publicitária” é usado por Kirzner para designar a “atividade empresarial” na realização da propaganda enquanto uma ação empresarial.

decisões (KIRZNER, 2018p [1976], p. 130-131). Então, “[a]s soon as one describes an existing pattern of production as one of disequilibrium, it becomes clear that there exists a dimension for extra-Robbinsian decision-making” (KIRZNER, 2013 [1973], p. 111). Porque cabe ao estado de alerta identificar quais as características demandadas pelos consumidores nos produtos existentes no mercado.

Um segundo motivo da crítica de Kirzner à interpretação oferecida pela EN é que ela admite a possibilidade de separar os custos de produção e de venda. Nos termos utilizados anteriormente, por considerar factível distinguir com precisão em um produto entre a mercadoria e a informação acerca dela. Para Kirzner (1972, p. 523), embora seja possível compreender uma distinção entre mercadoria e informação, eles são necessariamente complementares como integrantes de um único produto indissociável, porque isolados não tem utilidade no mercado.<sup>138</sup> Logo, para Kirzner (2013 [1973], p. 114-115), não há como separar custos de produção e venda porque ambos são esforços de venda, custos que foram assumidos pelo empresário para fornecer um produto, algo que o consumidor deseja. Na terminologia aqui proposta, uma mercadoria que não se faz conhecida não encontrará compradores, enquanto a informação sobre um bem que não existe não serve para nada.<sup>139</sup>

Em comum aos dois motivos pelos quais Kirzner considera a EN incapaz de lidar satisfatoriamente com a atividade publicitária está a admissão que esta corrente faz do estado de equilíbrio. No caso da informação assimétrica, em que a publicidade resolve um custo de transação, impera a existência de um mercado equilibrado para a informação, decorrente da otimização dos agentes econômicos. Na possibilidade de separar os custos de produção e venda, em que a propaganda torna os agentes mais ávidos pelos produtos, supõe a existência de um mercado já equilibrado em que esteja garantida a curva de demanda a partir das preferências dos consumidores.

Para Kirzner (1975, n.p), esses erros interpretativos quanto ao papel da atividade publicitária são, em grande medida, originados na compreensão equivocada da natureza do processo de mercado. Em Kirzner (1972, p. 516) a propaganda é entendida por seu papel como ferramenta do livre mercado, necessária para o funcionamento do sistema capitalista.

---

<sup>138</sup> “[T]he service of providing information is the service of providing something which is needed just as importantly as the “product” itself.” (KIRZNER, 1972, p. 523)

<sup>139</sup> Kirzner (1972, p. 519-520) remete a Chamberlin a ideia de se diferenciar custos e produção e venda, apontando cada vendedor como monopolista de seu próprio produto. Assim, Chamberlin teria considerado a existência de custos para atender aos consumidores, de acordo com a curva de demanda, e custos para aumentar o preço que o consumidor está disposto a pagar, deslocando essa curva para a direita. Para Kirzner (2018p [1976], p. 131-132) essa distinção é impossível, principalmente porque a curva de demanda não se encontra predeterminada antes do mercado, ela é *ex-ante*, no máximo, imaginada a partir especulação empresarial.

Neste cenário, marcado pela imperfeição do conhecimento, praticam-se preços distintos para o mesmo produto. A função empresarial é quem os faz convergir, motivada pelo lucro na exploração desse diferencial de preços, comprando dos vendedores e vendendo aos consumidores, realocando os recursos econômicos para um uso mais adequado por atender melhor a esses agentes.

Assim, Kirzner (2013 [1973], p.108) aponta que os próprios empresários competem na realização dessa função, buscando superar-se na busca desse lucro puro. Portanto, em Kirzner (2018p [1976], p. 130), há a defesa de que a teoria da atividade empresarial é aquela que se encontra mais preparada para explicar o funcionamento do mercado e, com isso, a atividade publicitária.

Se a raiz do descontentamento kirzneriano com a interpretação oferecida pela EN para o papel da publicidade é começar a análise econômica a partir da situação de equilíbrio, a tese da atividade empresarial resolve isso propondo que a economia esteja sempre em desequilíbrio. Em Kirzner (2013 [1973], p. 110), toda situação em que os recursos econômicos poderiam ser realocados para atender melhor a necessidade dos consumidores configura um desequilíbrio, uma falha de coordenação porque existem oportunidades de ganho não exploradas. Isso fica ilustrado quando Kirzner (1972, p. 518-519; 2013 [1973], p. 108) mostra que a competição no mercado não se dá apenas por preço, mas também por qualidade, e que isso é uma forma de buscar atender melhor aos consumidores na busca pelo lucro.

Então, seguindo o pensamento kirzneriano, vive-se em um mundo em que existem diversas dessas oportunidades de ganho, os lucros puros, embora a maioria das pessoas não perceba. São possibilidades identificadas pelos empresários, que tomam consciência da sua existência e põe em funcionamento a atividade empresarial, a busca por capturá-los (KIRZNER, 1972, p. 525). A existência desse lucro motiva a função empresarial, levando à competição entre diferentes empresários que concorrem pela satisfação desses consumidores das mais variadas formas (KIRZNER, 2013 [1973], p. 108).

Entre as formas de disputa empresarial está a competição via propaganda, uma tentativa de superar a concorrência pela atração da atenção dos consumidores para aquilo que lhes está sendo oferecido (KIRZNER, 1975, n.p). Mas, recorda Kirzner, as oportunidades identificadas pelo estado de alerta não trazem consigo garantia de concretização, tornando-se objeto da especulação empresarial, e por isso motivam a concorrência entre os empresários (KIRZNER, 2013 [1973], p. 144).

Isso revela o papel da atividade publicitária, enquanto ação empresarial, em dois níveis. No primeiro nível ela leva aos consumidores o conhecimento acerca de um produto existente, tornando-os conscientes da sua existência. Neste sentido, o empresário alivia a necessidade de o consumidor estar alerta às suas próprias oportunidades de ganho (KIRZNER, 1972, p. 524; 2013 [1973], p. 108-19; 1975, n.p; 2018p [1976], p. 131 ).<sup>140</sup> Desta forma, a publicidade cumpre aquele papel informacional destacado na EN pela Economia da Informação.

“Recognition of the entrepreneurial character of advertising arises from the insight that the difference between a consumer who is ignorant concerning an attractive market opportunity, and one who in fact grasps such an opportunity, need not consist in the absence of access for the former consumer to information possessed by the latter.” (KIRZNER, 1975, n.p)

Então, embora se possa distinguir entre as funções de conscientizar um consumidor e fornecer informações (KIRZNER, 2013 [1973], p. 120), há de se considerar que a publicidade faz os dois (KIRZNER, 2013 [1973], p. 124). Porém, no mercado, não há como realizar essas duas atividades de maneira separada, porque a propaganda realiza os dois de maneira conjunta (KIRZNER, 2013 [1973], p. 125) já que o empresário a realiza motivado pelos lucros.

Isso conduz ao segundo nível do papel empresarial da propaganda, como ferramenta competitiva. Neste sentido, é concebida como atividade empresarial realizada para aumentar a concorrência, porque a possibilidade de lucro aguça diferentes empresários em seus estados de alerta. Assim, em uma economia livre, a publicidade atua como instrumento de competição entre eles (KIRZNER, 1972, p. 516-517).

Um resultado emerge da observação conjunta desses dois níveis em que a atividade publicitária atua. Segundo Kirzner (1972, p. 517), a situação de desequilíbrio é caracterizada pela imperfeição do conhecimento, de modo que a função empresarial reorganiza os recursos econômicos para a melhor satisfação dos consumidores. Desta forma, a publicidade não só atende cada consumidor individualmente ao indicar-lhe a existência de uma oportunidade que satisfaça mais aos seus desejos, mas permite também que isso seja feito da melhor maneira possível pela competição entre empresários.

Kirzner também usou sua teoria da atividade empresarial para responder as críticas direcionadas ao papel publicitário na economia. Um dos ataques considerados por Kirzner

---

<sup>140</sup> “Providing consumers with information is not enough. It is essential that the opportunities available to the consumer attract his attention, whatever the degree of his alertness may be.” (KIRZNER, 2018p [1976], p. 131)

(1972, p. 523-524) refere-se ao caráter persuasivo da propaganda, cuja natureza chamativa seria prejudicial. Em especial, segundo Kirzner (1975, n.p), porque isso tenderia a ferir a soberania do consumidor, e não promover sua satisfação, já que haveria na publicidade uma manipulação do público. Kirzner (1972, p. 524) responde que, encarada sob o ponto de vista da necessidade de alertar o consumidor para a existência de um produto, este tem que se fazer conhecido, por isso há esforços publicitários no sentido de melhor ocupar a atenção dos consumidores.

Então, se se considera a forma assumida pela publicidade, em Kirzner (1972, p. 527) não se pode prejudicá-la senão como reflexo da própria sociedade, porque ela seria a materialização do tipo e forma que conseguem capturar a atenção do estado de alerta daqueles consumidores. De acordo com Kirzner (2013 [1973], p. 128-129), é possível que a publicidade altere preferências, porque isso muda a percepção acerca do produto oferecido. Isso não é danoso, no pensamento kirzneriano, porque mesmo a mensagem mais informativa é uma forma de persuasão à revisão do conhecimento que se tem sobre determinado produto.

Outra crítica considerada foi quanto ao papel anticompetitivo que a publicidade estaria exercendo no sistema econômico. Porque, segundo Kirzner (2013 [1973], p. 131; 1975, n.p), a atividade publicitária foi encarada como desencorajamento da competição. Essa interpretação considera que a propaganda garanta e amplie a parcela que uma empresa atende no mercado, como se estivesse determinando o rumo da monopolização dado pelos ganhos de escala daquelas maiores na realização da publicidade. Kirzner (2013 [1973], p. 135) mostra que essa crítica é baseada na visão de uma economia em equilíbrio, em que o monopólio é a capacidade de afetar os preços. Na tese kirzneriana, entretanto, só existe poder de monopólio se houver controle sobre a totalidade de um insumo necessário na produção. Não havendo, todo preço cobrado é uma especulação do empresário-produtor na tentativa de obter o maior lucro.

Por fim, uma última crítica importante a que Kirzner se dirigiu foi aquela que considera a publicidade um desperdício de recursos. No pensamento kirzneriano, essa crítica baseia-se na possibilidade de diferenciar custos de produção e venda, já que os gastos publicitários afetam os preços finais, mas não promoveriam melhorias no produto oferecido (KIRZNER, 2013 [1973], p. 132; 1975, n.p).

Para responder a isso, Kirzner recupera sua distinção entre o produtor robbinsiano e o empresário da teoria do processo de mercado, que remetem, respectivamente, à análise econômica do equilíbrio ou do desequilíbrio. Uma vez que o mercado já é considerado coordenado, como supõe a visão tradicional na admissão da situação de equilíbrio, as

informações e oportunidades de lucro já estão conhecidas. Porém, se se recupera que o mercado está sempre em desequilíbrio, com a competição sendo movimentada pelas tentativas empresariais de antecipar os desejos dos consumidores, a propaganda é tomada como ferramenta que busca atender esse objetivo (KIRZNER, 2013 [1973], p. 140-142).

“What vitiates these discussions is the quite incorrect belief [...] that the demand curves which help determine production decisions in the theory of the firm [...] are given and known apart from the production decisions. As soon as we recognize that these are anticipated, entrepreneurially guessed curves, it becomes apparent that (except in equilibrium, where product qualities have already settled) the only sense in which we can consider production as responsive to demand is that which perceives entrepreneurs striving to anticipate the demand for what they will produce, as this demand will be manifested *after* production has taken place.” (KIRZNER, 2013 [1973], p. 141-142)

Em Kirzner (1972, p. 526), uma sociedade livre e com abundância de recursos oferece muitas oportunidades, e isso gera um volume de informações que faz necessário dar publicidade a cada uma das possibilidades colocadas aos consumidores.<sup>141</sup> Assim, Kirzner (2013 [1973], p. 146-148) considera que a função empresarial é inerente à tomada de decisão humana, a partir de qualquer perspectiva analítica, seja do comprador ou do vendedor. O que se manifesta na busca por oferecer as melhores oportunidades durante uma transação em que cada participante objetiva obter o maior ganho possível. Logo, no sistema kirzneriano todos são empresários e competidores condicionados pelo estado de alerta, e por isso usam a publicidade como forma de sinalizar entre si as oportunidades que estão colocando à disposição no mercado.

“Viewed in this perspective, consumer ignorance calls for business to furnish more than a demanded good called “information”,—it calls for business *to take entrepreneurial initiative on behalf of the consumer* and ensure that the unalert consumer does actually absorb the available information.” (KIRZNER, 1975, n.p)

A atitude de Kirzner em recuperar as discussões sobre a publicidade ilustra sua busca engajada em participar dos debates com que se deparou, bem como a postura de levar as ideias Austríacas para dentro dele. Em especial, nota-se como os textos de Kirzner sobre a atividade publicitária na década de 1970 corroboram a impressão de que a retórica kirzneriana nesse período é voltada ao diálogo com a EN, suprimindo-se a incerteza e o caráter criativo da tomada de decisões individual.

---

<sup>141</sup> “For an opportunity to be made available, it must be in a form which it is impossible to miss. And this is what advertising is all about.” (KIRZNER, 1972, p. 526-527)

No material revisado nesta subseção verifica-se a preocupação kirzneriana em contestar lógica da EN em seus próprios termos, o que é percebido na discussão do real sentido dos conceitos econômicos aí utilizados, como competição, monopólio e curva de demanda. Nisso, Kirzner mostra a incapacidade de maior divisão analítica por parte da teoria Neoclássica, como requer a divisão de custos entre produção e venda, uma vez que no mercado essa percepção não é possível ao agente econômico. As críticas Austríacas/kirznerianas convencionais a EN também estão presentes, questionando-se o realismo das hipóteses admitidas, especialmente a do conhecimento e a centralidade atribuída à condição de equilíbrio.

#### 4.4.2.2 Década de 1980: discutindo a propaganda em meio ao debate com o SR

Como mostram Vaughn (1992, p. 251; 1994, p. 139), Barbieri (2001, p. 118-119; 2008, p. 216) e Jakee e Spong (2003, p. 476-478), a atenção de Kirzner é redirecionada na década de 1980 para os seguidores da EA, motivado principalmente pela influência que Lachmann estaria exercendo nesta corrente em favor de maior nível de subjetivismo.

Segundo Korsgaard *et al.* (2016, p. 871-872), na discussão com o público Austríaco a retórica kirzneriana dá destaque ao papel que o empresário realiza na dinâmica econômica, como promotor do processo de mercado. Isso é feito, principalmente, para destacar a propensão à coordenação que existe na economia em razão de a função empresarial permitir explorar oportunidades de lucro ao longo do tempo, possibilitando ao empresário construir um futuro com base nas suas expectativas presentes.

As contribuições de Jakee e Spong (2003, p. 476-477) e de Korsgaard *et al.* (2016, p. 871-872) mostram que a retórica kirzneriana frente ao auditório Austríaco enfatiza a incerteza e seus resultados na economia.

Na década de 1980, Kirzner voltou a tratar da publicidade na introdução que escreveu ao livro “*Advertising and the Market Process: A Modern Economic View*”, de Robert Ekelund e David Saurman, publicado em 1988. Kirzner (2018d [1988]) nomeou esse texto introdutório de “*Advertising in a Open-Ended Universe*”, o que sugere, no uso do termo “*Open-Ended*”, a contextualização da interpretação kirzneriana sobre o tema tendo como base a incerteza. Porque Kirzner (1993b, p. 144) afirma que esse conceito é usado para fazer referência à situação de desequilíbrio na economia que decorre de sua natureza incerta. Uma situação em que o processo econômico fica caracterizado tanto pelo contínuo movimento de tentativa-e-

erro como pelas mudanças no conhecimento e nas expectativas – fenômenos interdependentes.

Assim, o uso do termo e a ambientação da postura kirzneriana neste trabalho podem ser lidos como tentativas de aproximação ao SR, utilizando a ideia do resultado econômico não determinístico. Essa interpretação encontra fundamento em outra possibilidade para a motivação de Kirzner na exposição de suas ideias nesse texto, não-excludente com relação à primeira: a de que o autor está resgatando maior grau de subjetivismo para a análise econômica no papel da publicidade no processo de mercado, especialmente com relação à economia tradicional – EN.

Diferentes revisões do livro introduzido por Kirzner apontam o material como um resgate do papel informacional que a publicidade tem para os consumidores. McGee (1989, n.p) explica que o livro adota uma abordagem Neo-Austríaca no tratamento da propaganda. Uma visão que teria sido escolhida pelos autores apesar do reconhecimento de sua menor aceitação, motivada pela capacidade de superar alguns equívocos existentes na literatura sobre o tema. Nessa visão, a obra defenderia a realização das atividades publicitárias porque os autores lhe atribuem a função de levar novas informações aos consumidores.

Essa também é a interpretação de Leahy (1990, p. 79) sobre o livro, afirmando que a defesa da propaganda é feita por seu papel de informar os consumidores. Segundo McCrohan (1990, p. 253), a obra entende qual é o papel da publicidade na competição, indo na contramão da teoria econômica tradicional, por permitir compreender como as atividades publicitárias beneficiam os consumidores em seu valor informacional. Nessa perspectiva, a principal contribuição do livro seria mostrar as origens do descontentamento quanto ao tratamento dado à publicidade pela EN.

Logo, o que há de comum nessas três revisões do material é o reconhecimento de que os autores do livro teriam dado ao papel da publicidade em transmitir informações para os consumidores. Porém, parece que, conquanto na contramão da EN, essa seria uma perspectiva ainda ligada à teoria tradicional, na medida em que os autores teriam feito referência ao sistema competitivo do mercado como busca pela condição ótima da economia, tal qual na interpretação tradicional: “But from the perspective of modern economics, one giving a starring role to the economics of information and to neo-Austrian dynamics, advertising is the single most important focus leading to an economic welfare-maximizing competitive system” (EKELUND e SAURMAN, 1988 apud MCCROHAN, 1990, p. 253).

Com base na introdução de Kirzner (2018d [1988], p. 246), o livro é crítico à centralidade do equilíbrio no tratamento da propaganda pela Economia, entendendo-a a partir

da noção de processo, mas teria faltado à obra explorar o lado subjetivo envolvido na discussão, o que Kirzner afirma buscar suprir em sua introdução.

Assim, neste contexto, Kirzner (2018d [1988]) adota uma perspectiva mais subjetiva acerca da sua teoria da atividade empresarial, que é ilustrada na defesa feita do papel publicitário na teoria econômica. A importância de maior subjetividade no tratamento do tema se revela quando Kirzner (2018d [1988], p. 246-247) considera irrelevante a análise da propaganda pela teoria tradicional por estar pautada no equilíbrio. Principalmente porque a atividade publicitária é tomada, no pensamento kirzneriano, como ação motivada pelo caráter não determinístico dos fenômenos econômicos, já que no presente o futuro está indeterminado.

Como todo fenômeno econômico deve ser analisado com base na escolha, a falha fundamental da teoria tradicional ao considerar as atividades publicitárias seria supor que os indivíduos escolhem com base em uma situação fechada. Ou seja, como se os agentes se deparassem com todas as opções disponíveis de maneira predeterminada, em que lhes cabe apenas o cálculo da melhor via de ação, tornando seu resultado também predeterminado. Isso é derivado da centralização das decisões na condição de equilíbrio, uma vez que o resultado econômico aí já está determinado (KIRZNER, 2018d [1988], 247).

Ao admitir a indeterminação desse resultado, entretanto, surge a possibilidade de as atividades individuais serem diferentes daquelas esperadas, porque os agentes exercerão sua criatividade para enfrentar a incerteza inerente a um futuro desconhecido (KIRZNER, 2018d [1988], p. 247-248).

Kirzner (2018d [1988], p. 248) destaca que a diferença entre as visões que está considerando, “fechada” ou “aberta”, seja decorrente da quantidade de informações que é previamente assumida na análise econômica. No sistema determinístico, correspondente à visão fechada, bastaria a onisciência acerca da disponibilidade, enquanto existência, de uma informação, independentemente de sua apropriação pelos agentes. Estes últimos, uma vez conscientes dessa disponibilidade, podem decidir a melhor via de ação com base na análise de custo e benefício da própria aquisição da informação. Por isso não há surpresa ou especulação na tomada de decisões nessa visão, uma vez que cada resultado possível já é completamente antecipável. Isso não acontece na visão aberta porque “[f]or the open-ended universe it is not enough that knowledge is incomplete; it is required that the decision maker *be ignorant of the extent of his own ignorance*” (KIRZNER, 2018d [1988], p. 248).

É por isso que Kirzner (2018d [1988], p. 248-249) caracteriza todas as decisões no mundo aberto como atos criativos, porque seus resultados estão permanentemente sujeitos a

serem incompatíveis com aquilo que era esperado quando essa via de ação foi escolhida. Ou seja, as decisões são sempre especulativas porque podem não se concretizar como inicialmente imaginado. Por isso a publicidade se impõe, em Kirzner (2018d [1988], p. 252), como ferramenta de competição aos empresários. Porque em um mundo indeterminado os empresários estão disputando pela atenção dos consumidores que podem não estar informados acerca das oportunidades que lhe estão sendo oferecidas.<sup>142</sup>

Assim, se os agentes não têm ciência da informação total disponível, são incapazes de escolher apropriadamente a quantidade dela que deve ser adquirida, como a teoria tradicional espera. Da mesma forma, se o mundo é indeterminado, aqueles que oferecem alguma coisa ao mercado não tem garantia de que conseguirão concretizar suas intenções (KIRZNER, 2018d [1988], p. 248-249).

Nesta situação entra em cena a necessidade de conectar os diferentes agentes econômicos por meio da informação existente. Aqueles que vendem algo no mercado podem lucrar com essa transmissão de informações, tornando-se auto interessados em sinalizar oportunidades no mercado, e a publicidade cumpre esse objetivo (KIRZNER, 2018d [1988], p. 252). Então, torna-se inerente à função empresarial alertar os potenciais consumidores daquilo que está sendo disponibilizado a eles (KIRZNER, 2018d [1988], p. 248-249).

Para Kirzner (2018d [1988], p. 251), a publicidade não fere as preferências dos consumidores porque, em um mundo indeterminado, a propaganda só está alertando para a existência de informações que podem ter sido negligenciadas pelos agentes econômicos. Uma mudança de preferências só teria sentido na visão determinística do resultado econômico, em que os indivíduos teriam gostos prévios que não se sujeitam a possibilidade de mudança a partir de novo conhecimento. Assim, “[t]he advertiser, it should be emphasized, has not *responded* to preexisting consumer demand, but neither has he, necessarily, violated that preexisting pattern of demand by invasively altering it through psychological manipulation” (KIRZNER, 2018d [1988], p. 251).

A postura de Kirzner frente ao papel da publicidade nessa década remete à posição intermediária que assumiu com relação aos extremos considerados pelo autor, a EN e o SR. A utilização do termo “*Open-Ended*” no texto resgata a indeterminação dos resultados na economia, sejam eles de decisão individual ou do mercado, mostrando maior subjetivismo com relação aos trabalhos da década de 1970.

---

<sup>142</sup> “Advertising, the activity of the capturing consumer attention, is easily seen to be just one particular dimension of competitive activity.” (KIRZNER, 2018d [1988], p. 252)

Porém, embora a leitura desse vocabulário compartilhado entre Kirzner e o SR possa indicar uma aproximação, não é isso que ocorre. Antes, mostra como o debate com o lado mais radical do subjetivismo influenciou a argumentação kirzneriana, já que ainda estabelece a ligação entre escolha individual e realidade objetiva na tomada de decisão quando atribui ao empresário a exploração de diferenciais de informação.

Da mesma forma, é mantido e acentuado o descontentamento kirzneriano com a EN. Se o livro introduzido é tomado por uma discussão pouco subjetiva e com a interpretação da publicidade restrita ao papel de fornecer informações aos consumidores, Kirzner propõe avançar a subjetividade e resgatar o papel concorrencial da propaganda. A crítica à centralidade do equilíbrio na EN permanece, mas agora em razão da visão determinista que lhe é atribuída, embora a origem ainda seja a distinção entre tomada de decisão robbinsiana e misesiana.

Acrescentando o efeito da incerteza na economia, o caráter criativo da atividade publicitária e a diferenciação entre presente e futuro, Kirzner acaba apresentando sob nova ótica alguns aspectos já considerados por ele na década de 1970 sobre a propaganda: a suposição da informação perfeita é revista à luz da falibilidade do conhecimento; a crítica da persuasão é discutida sob o argumento de que os indivíduos podem mudar suas preferências; e a inexistência prévia de uma curva de demanda é reafirmada a partir de um cenário incerto.

Portanto, mesmo Kirzner usando a EN como pano de fundo de sua abordagem sobre a publicidade, sua argumentação na década de 1980 é feita com base naqueles conceitos utilizados em comum ao SR. Há, parece, intencionalidade no uso do caráter indeterminado da decisão individual e do resultado econômico, bem como na sua explicação recuperando as características especulativas e criativas dos indivíduos. Assim, embora mantenha a defesa da tese da atividade empresarial e a postura crítica à economia tradicional, sua argumentação é revestida do linguajar com que dialoga nos textos direcionados aos adeptos do SR, mas mantendo sua postura de afastamento com relação a eles.

#### 4.4.2.3 Década de 1990: a atividade publicitária no pós-debate com o SR

Embora Jakee e Spong (2003, p. 476-478) situem a preocupação kirzneriana em debater com os SR no período entre 1970 e 1980, a década de 1990 é nitidamente marcada por esse debate. Como reconhece Kirzner (BOETTKE e SAUTET, 2018d, p. 744-745), há uma argumentação diferenciada, aquela em termos de VS e VI decorrente do debate Austríaco sobre a natureza do equilíbrio, que se repetiu nessa década. Reforço disso, Kirzner (1992i, p.

ix) faz referência direta a essa discussão no prefácio de seu livro de 1992, apontando que a obra objetiva mostrar como a visão Austríaca compreende a tendência ao equilíbrio econômico. Assim, há neste livro aquela postura kirzneriana de considerar o Austrianismo como proposta intermediária entre os extremos representados entre o SR e a EN (e.g. KIRZNER, 1992i; MOSER, 1992; ROBERTSON, 1993; BLAUG, 1993).

Nesse período, portanto, ainda há alguma influência do debate com o SR sobre o pensamento econômico kirzneriano, principalmente à luz de uma perspectiva pós-“*Revival*” em que há diferentes personagens tentando definir uma agenda para o futuro da Escola Austríaca. Nessa época também há pelo menos mais uma tentativa de Kirzner em expor sua visão empresarial sobre a publicidade, uma seção publicada sobre o tema no livro “*How Markets Work*” de 1997.

Como contexto deste material, Kirzner (1997c, p. 54) retoma a dificuldade de a publicidade ser assimilada nos modelos de competição da teoria tradicional. Por um lado, a propaganda nessa visão é identificada como um conjunto de gastos que objetiva influenciar a curva de demanda por meio da mudança nas preferências dos consumidores. Isso implica que, sendo a atividade publicitária um fator de custo que afeta o preço da mercadoria, os consumidores estariam pagando pela própria manipulação a que estão sujeitos.

Por outro lado, destaca Kirzner (1997c, p. 56), na admissão da existência de uma curva de demanda prévia a teoria indica que considera o consumidor participando do mercado com base em preferências predeterminadas. Assim, quando da incapacidade dos vendedores em atender a essa demanda há uma falha de mercado, porque a publicidade não está cumprindo adequadamente seu papel de levar a informação, enquanto produto, aos seus demandantes.

Essas duas visões da EN são consideradas equivocadas por Kirzner (1997c, p. 55), por entenderem a informação como algo comercializado, incapaz de perceber os elementos que relacionam a publicidade e a persuasão dos consumidores por meio da atividade publicitária. Como solução dessas dificuldades, a possibilidade de explicar adequadamente o papel da propaganda, Kirzner (1997c, p. 57) propõe sua interpretação por meio da teoria da atividade empresarial para o processo de mercado baseada na Escola Austríaca.

Kirzner (1997c, p. 55) mostra como o Austrianismo faz mais do que considerar o aspecto informacional da publicidade, mostrando como o conhecimento pode existir sem que se tenha consciência dele. Nesta interpretação, a atividade publicitária é vista como uma sinalização desse conhecimento, em sentido mais próximo de alertar os consumidores do que mudar suas preferências. Principalmente porque, na interpretação de Austrianismo de Kirzner (1997c, p. 56), a curva de demanda não é assumida como preexistente, como se os

consumidores já soubessem suas preferências. Assim, a publicidade é reconhecida como expressão da inovação realizada pelo empresário, que cria novidade à disposição do consumidor, uma vez que para este último um produto só pode existir quando se está consciente da sua existência.

No pensamento kirzneriano, o Austrianismo incorpora a publicidade ao entender que ela se rende à soberania do consumidor, satisfazendo a ela com base no seu atendimento, então estaria mais inclinada a isso que à persuasão. Essa interpretação afasta as críticas de que a publicidade visa a manipulação do consumidor. Porque, se a atividade publicitária é interpretada como forma de alertar o consumidor para oportunidades de consumo existentes, ela torna-se imune à divisão objetiva entre a transmissão de informação e a persuasão (KIRZNER, 1997c, p. 56).<sup>143</sup> Então, a teoria da atividade empresarial lhe encara como ferramenta de competição, que permite a avaliação do grau de sucesso empresarial no atendimento do anseio dos consumidores, por meio do melhor convencimento deles com base nos lucros verificados (KIRZNER, 1997c, p. 57).

Diferente dos textos publicados nas décadas anteriores, a argumentação utilizada em 1997 não se prende exclusivamente àquela relacionada à EN ou ao SR. Ela está voltada a ser intermediária, embora mais próxima do discurso realizado junto à EN, porque esse é um estilo argumentativo que Kirzner utiliza em outros materiais, buscando comparar sua posição à teoria econômica tradicional no uso do linguajar comum da profissão.

Nessa análise, conquanto Kirzner esteja repetindo a estratégia de aproximar seu vocabulário daquele utilizado no corpo mais amplo da Economia, ainda há o uso da atividade empresarial em seu sentido mais subjetivo. Isso é visto na recuperação do caráter inovativo do papel empresarial, na falibilidade do conhecimento, no estado de alerta como uma espécie de percepção sensorial e na reafirmação da inexistência de uma curva de demanda prévia na economia. Logo, neste texto parece não haver inclinação da retórica kirzneriana para um auditório específico, apenas a busca pela expressão da publicidade a partir da abordagem da teoria da atividade empresarial tal como entendida pelo próprio Kirzner.

---

<sup>143</sup> Fazendo referência ao mundo real, Kirzner (1997c, p. 57) destaca dois pontos para corroborar sua posição: (i) existe a necessidade empresarial de tornar os consumidores conscientes daquilo que não sabem; (ii) os vendedores irão preferir se esforçar, por meio da propaganda, na venda de algo que os consumidores querem, e, vez de tentar convencê-los a consumir algo que não desejam.

#### 4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio propôs a análise da argumentação de Israel Kirzner, considerando-se o engajamento profissional do autor em levar as ideias Austríacas para o restante da Economia. Com base na revisão de dois debates gerais que estão compreendidos na trajetória kirzneriana, com o grupo mais largo da profissão dos economistas e aquele mais específico de seguidores do SR dentro do Austrianismo, verificou-se a estratégia retórica de Kirzner.

Foi mostrado como a argumentação utilizada pelo autor lhe permite criar, por meio da definição ou da argumentação, dois grupos/auditórios, o do Subjetivismo Radical e o da Escola Neoclássica. Com isso foi possível situar a teoria da atividade empresarial entre eles e ilustrar diferentes abordagens na retórica kirzneriana. Desta forma, confirma-se a hipótese de que Kirzner utiliza da retórica como ferramenta de engajamento com o restante da profissão.

O objetivo geral do trabalho foi analisar como a missão de levar as ideias de Mises pode ser entendida como uma postura de engajamento profissional de Kirzner. Isso foi feito mostrando-se que os textos kirznerianos são condicionados retoricamente para posicionar-se com relação a outras abordagens ou aproximar-se de determinadas audiências. Com isso, pode-se afirmar que há uma superação daquelas “dificuldades de tradução” que permitiu considerar-se encerrada a EA na década de 1950, porque o diálogo é estabelecido por Kirzner em perspectiva com aqueles que ele pretende atingir na argumentação.

O trabalho assumiu dois objetivos específicos. O primeiro foi sistematizar os dois grupos com quem Kirzner mais estabeleceu contato. A construção deles foi realizada com base no pensamento econômico expresso pelo autor em diferentes textos publicados ao longo do tempo. Em especial, viu-se que o SR é caracterizado na visão kirzneriana pela indeterminação na tomada de decisão, ao passo que à EN é atribuída a total determinação da escolha. Além dessas definições, a caracterização permitiu esclarecer sobre a teoria da atividade empresarial de Kirzner, entendendo-a a partir da proposta kirzneriana de assumi-la como intermediária entre o SR e a EN na “tese de Garrison” com base em novos aspectos que tem na incerteza o seu denominador comum.

Destacou-se o caráter (in)determinado que têm a ação empresarial e o mercado, cujo resultado guarda relação em com a criação imaginativa e o ambiente objetivo e que ocorre. Isso permite a Kirzner defender a existência de um estado de equilíbrio enquanto ferramental teórico e a tendência a ele.

O segundo objetivo específico foi mostrar como Kirzner soluciona o problema de tradução entre Austríacos e as demais visões econômicas por meio de dois exemplos: ao usar

a Lei da Indiferença de Jevons como proposição da tendência ao equilíbrio na EN, e a busca por participar do debate sobre o papel da publicidade na economia.

A demonstração da LIJ no pensamento kirzneriano permitiu mostrar como Kirzner se aproxima do auditório pretendido por meio do vocabulário usado na argumentação, mas que isso é feito para delimitar as diferenças entre os dois grupos, e não para integrá-los. Deste modo, não se pode atribuir a tendência ao equilíbrio na EN à visão Austríaca de propensão do mercado ao estado de coordenação. Embora o próprio Kirzner por vezes faça essa comparação, foi visto que isso tem papel retórico na obra do autor para ilustrar a argumentação pretendida frente ao auditório a que se está dirigindo.

Já o debate sobre a propaganda permitiu mostrar a postura engajada de Kirzner na procura em levar o posicionamento Austríaco sobre diferentes temas em economia. Com esse assunto específico foi possível mostra como a argumentação de Kirzner muda cronologicamente, influenciada pelas distintas preocupações teóricas do autor em cada época: influenciar a EN ou o SR acerca da relevância da teoria empresarial do processo de mercado. Kirzner constrói retoricamente suas audiências na tentativa de levar suas ideias a eles, e não para incluir-se entre tais grupos, porque embora use termos comuns aos seus auditórios, isso é feito para demarcar sua posição diferenciada com relação a eles.

Do ponto de vista da HPE, é possível estabelecer uma relação entre o papel da retórica de Keynes para entender a revolução Keynesiana e o mérito da retórica de Kirzner para a compreensão da recuperação da Escola Austríaca na década de 1970. A forma de argumentação kirzneriana cumpre um papel no “*Austrian Revival*”. Se é possível estabelecer um antes e um depois a esse marco, no pré-“*Revival*” tem-se um Kirzner mais direcionado ao público não-Austríaco, dialogando com o restante da profissão em termos comuns ao *mainstream* da Economia. No pós-“*Revival*”, entretanto, há uma dupla preocupação na agenda kirzneriana: manter o diálogo aberto com o grupo geral dos economistas sobre a importância da atividade empresarial e sustentar frente à EA a tradição de considerar a tendência ao equilíbrio com base nas ideias de Mises e Hayek.

Como visto, Kirzner não muda sua teoria para fazê-la caber no arcabouço do SR ou da EN. Antes, o que ele faz é moldar a apresentação dela para mostrar os pontos de convergência e divergência entre as propostas, mostrando a realização da função empresarial como um avanço teórico no entendimento do processo decisório. Essa leitura permite mostrar que a abordagem kirzneriana para o empresário é um subconjunto das visões Neoclássica e Subjetivista Radical, cujo cerne é a tomada de decisão (in)determinada.

Portanto, na divergência quanto ao objetivo de Kirzner com sua teoria da atividade empresarial, entre querer ou poder responder a um problema da Economia Neoclássica, vê-se sob a perspectiva levantada neste ensaio que ela atende ao segundo aspecto. Principalmente porque a abordagem kirzneriana encontra na retórica uma ferramenta para atender objetivos contextuais, tanto de aproximação quanto afastamento, mas na defesa de uma posição teórica própria: Austríaca-kirzneriana.

## 5 CONCLUSÃO

Esta tese de doutorado defendeu a importância de Kirzner na História do Pensamento Econômico por ter se engajado em levar a visão da Escola Austríaca ao restante da profissão.

Foi mostrado que o Austrianismo era considerado movimento de grande prestígio até meados do século XX, momento em que sua influência cai enquanto escola de pensamento depois do debate do cálculo econômico sob o socialismo. Este também é o período de ascensão do Keynesianismo, que direcionou o ambiente acadêmico em Economia para questões macroeconômicas. Questões como essa levaram à crença de que a EA estava extinta, seja por estar absorvida na corrente principal da profissão ou pela crença de que inexistiam propostas especialmente distintas baseadas nessa visão que merecessem crédito.

Como visto, essas interpretações podem ser justificadas em parte pela dificuldade de os economistas Austríacos da época se comunicarem com o restante da Economia. As formas de diálogo acadêmico na área haviam mudado, e aquilo que existia de singular no Austrianismo não conseguia ser expresso de maneira suficientemente clara para ser inteligível ou relevante aos demais economistas. É neste cenário que Kirzner inicia seu doutorado sob a orientação de Mises na NYU e ingressa na carreira acadêmica.

A principal contribuição teórica de Kirzner é indiscutivelmente a proposição de uma teoria da atividade empresarial. Ela não demorou a surgir no pensamento kirzneriano, principalmente se se considera que suas bases aparecem na primeira publicação do autor em 1960, e que uma versão preliminar dessa proposição foi discutida ainda em 1967. Quando consolidada, em 1973, essa tese foi apresentada por Kirzner como uma versão para a teoria do processo de mercado, um arcabouço teórico para o funcionamento da economia encontrado na visão Austríaca a partir dos trabalhos de Mises e Hayek.

No pensamento kirzneriano, os elementos teóricos que configuram o entendimento do mercado no Austrianismo são encontrados simultaneamente nas contribuições misesianas e hayekianas. Apesar de Kirzner reconhecer a existência de algumas diferenças de abordagem entre Mises e Hayek, percebe que eles usam em comum as ideias de ação, conhecimento, competição e mercado. Isso permite, no pensamento kirzneriano, o apontamento de uma compreensão unificada acerca do processo de mercado a partir de ideias que estão dispersas ao longo das obras particulares desses autores. Elas estariam em afinidade porque foram originalmente usadas em contraposição à teoria convencional, e por isso são retomadas por

Kirzner na tese da atividade empresarial, para mostrar a relevância das ideias Austríacas frente ao público geral da profissão.

A proposta teórica de Kirzner inova com relação à teoria tradicional por substituir a firma maximizadora de lucros pelo empresário alerta às oportunidades de lucro puro. Essa diferenciação permite expressar a existência de um componente especulativo no processo decisório, primeiro personificado na figura do empresário e depois estendido a toda ação humana. A esse novo elemento foi dado o nome de estado de alerta, o elemento empresarial. Essa característica confere ao processo mental individual uma capacidade de percepção infinita de criar e recriar diversas expectativas para um mesmo objeto ao longo do tempo. Não sendo passível de definição mais específica, senão pela própria propensão a agir em meio ao desconhecido de maneira espontânea e imaginativa, acaba não encontrando fatores objetivos que lhe sejam geradores, e por isso estaria inacessível à modelagem econômica.

Se a economia real é marcada pela condição de desequilíbrio entre os agentes, decorrência direta da incerteza inerente ao ambiente econômico, é a capacidade visionária do estado de alerta que permite aos indivíduos maior integração ao longo do tempo. Porque este elemento possibilita a identificação de oportunidades de lucro que expressam no mercado maior chance de coordenação entre demanda e oferta. Realizada a ação empresarial, integram-se melhor essas forças econômicas e caminha-se naquela mesma direção em que a economia tradicional crê estar o rumo ao equilíbrio. Como mostrado, é por isso que a atividade empresarial promove o equilíbrio entre as duas abordagens, Austríaca e Neoclássica, embora seus processos não compartilhem a mesma natureza.

Com base nessas assertivas, pode-se afirmar que Kirzner reconsidera o mercado, com relação à economia tradicional, admitindo-o inicialmente em situação de desequilíbrio para permitir entender o processo competitivo das pessoas na busca por ganhos particulares. Adicionalmente, essa visão ainda permite entender os rumos do mercado mediante mudanças exógenas. Logo, o que é regra na visão convencional da economia torna-se exceção no Austríanismo: troca-se a compreensão das alternâncias entre condições de equilíbrio pelo entendimento daquilo que ocorre entre o desequilíbrio existente e o equilíbrio não alcançável.

Do ponto de vista mais geral da profissão, a contribuição kirzneriana mostrou como os modelos tradicionais de competição, centrados na análise das condições de equilíbrio, excluíram a figura do empresário no sistema econômico e, com isso, a função empresarial. Como resultado, a teoria convencional acabou negligenciando o elemento especulativo que motiva a tomada de decisões no desequilíbrio. No pensamento kirzneriano isso desviou a

atenção da teoria Neoclássica, impedindo-a de incluir em seu arcabouço uma característica inerentemente humana como promotora das mudanças endógenas na economia.

Do ponto de vista da EA, os trabalhos de Kirzner ajudaram na recuperação do Austrianismo, com o “*Austrian Revival*” de 1970 servindo como marco de referência para avaliar as contribuições do autor.

No período pré-“*Revival*” vê-se o pensamento kirzneriano voltado à elucidação da tradição Austríaca, que é desenvolvida por Kirzner em paralelo, lançando as bases que fundamentariam sua própria versão da teoria do processo de mercado.

Durante o “*Revival*” o autor ocupa um dos papéis centrais do movimento. Sua participação aí se verifica nos esforços organizacionais em prol de uma EA, na aproximação acadêmica com outras abordagens e na manutenção de uma tradição ímpar que congrega ideias misesianas e hayekianas sob o mesmo arcabouço.

No pós-“*Revival*” os trabalhos kirznerianos vão no sentido unificar o pensamento Austríaco com base no resgate do par Mises-Hayek, buscando correspondência entre estes e corpo mais amplo da profissão.

Esses fatores direcionaram a atenção de Kirzner a dois objetivos: (i) manter a defesa de uma posição Austríaca frente ao auditório mais amplo da Economia; e (ii) sustentar uma visão particular junto ao público Austríaco. Embora a literatura econômica já tenha sinalizado o papel ativo de Kirzner sob estes dois pontos de vista, faltava uma compreensão mais profunda sobre essas contribuições e o pensamento econômico que as motivaram.

Como hipótese da investigação realizada, assumiu-se que o papel de Kirzner para a Economia tem relevância acentuada pela postura de engajamento profissional que o autor assumiu ao longo da carreira. Essa atitude, distinta daquela isolacionista verificada em uma parcela dos seguidores da EA, explica as tentativas kirznerianas em estabelecer contato com outras abordagens. E isso esclarece a importância de Kirzner tanto do ponto de vista mais geral da Economia quanto da perspectiva Austríaca, já que sua teoria tem essa dupla capacidade contributiva: (i) ilustrou ao corpo geral da profissão uma negligência teórica e uma possibilidade de solução; (ii) contribuiu com a recuperação do Austrianismo.

Atendendo ao objetivo geral da tese, o pensamento econômico de Kirzner foi mostrado a partir da sua atitude de engajamento profissional, postura que pôde ser explicada na busca pessoal deste autor em levar as ideias de Mises ao restante da Economia. Algo que reflete o isolamento com que Kirzner afirma ter se deparado no início da carreira, a ausência de um grupo consolidado que desse sequência à tradição Austríaca, e a dificuldade de estabelecer diálogo com outros economistas. A predisposição kirzneriana de engajar-se no

debate com outras abordagens também se encontra expressa de diferentes formas na História do Pensamento Econômico de Kirzner. Isso se verifica no cumprimento dos objetivos específicos desta tese, por meio dos ensaios nos quais ela está estruturada, já que cada ensaio se voltou ao atendimento de dois desses objetivos.

No primeiro ensaio foi visto que Kirzner propõe uma versão para a teoria do processo de mercado, a da atividade empresarial, no formato utilizado pela teoria tradicional dos preços. Com base nessa proposta, mostrou-se a trajetória do pensamento econômico de Kirzner nas obras do período pré-“*Revival*”, destacando a existência de elementos teóricos da teoria da atividade empresarial desde a publicação do primeiro livro do autor. Essa revisão permitiu esclarecer sobre o papel de Kirzner no desenvolvimento de uma teoria Austríaca da atividade empresarial, com base em seus antecedentes, cuja sistematização em formato comum ao da teoria tradicional foi identificado como uma contribuição original do autor.

No segundo ensaio verificou-se a tentativa de Kirzner em aproximar-se de outras escolas econômicas. Isso foi realizado por meio das revisões de livros, comentários e respostas que o autor escreveu ao longo da carreira, material que é menos conhecido, mas cuja publicação ocorre do período pré ao pós-“*Revival*”. Essa análise permitiu ilustrar a utilização de um estilo argumentativo particular por Kirzner, uma “abordagem comparativa” que resgata uma visão teórica sobre determinado tema antes de passar para a própria apreciação. Na consulta a esse material específico, que é menos utilizado pelas pesquisas sobre a contribuição kirzneriana, também foi possível identificar novos aspectos sobre o pensamento econômico do autor. Entre eles estão: (i) a visão de que a teoria Austríaca é mais geral que a teoria tradicional; (ii) a preferência de Kirzner pelo processo de mercado em detrimento da praxeologia misesiana; (iii) a busca por definir a abordagem Austríaca como assentada nos trabalhos do par Mises-Hayek que minimiza as diferenças entre esses autores; e (iv) a possibilidade de as visões econômicas Marxista e Keynesiana serem aprimoradas na incorporação da teoria da atividade empresarial.

No terceiro ensaio foi proposto mostrar a retórica como ferramenta utilizada Kirzner em seus trabalhos para fins de engajamento com a profissão. Para isso, sistematizou-se no pensamento econômico kirzneriano como estão definidos os dois principais grupos com quem Kirzner buscou se comunicar ao longo da carreira. Isso possibilitou entender como a teoria da atividade empresarial responde a ambos, permitindo uma compreensão melhor acerca dela. A estratégia de diferenciação retórica nas obras de Kirzner ainda foi ilustrada com dois exemplos, mostrando a existência de pelo menos duas motivações para as mudanças retóricas do autor: (i) uma influência teórica, já que Kirzner se envolveu em debates com abordagens

baseadas em um pensamento econômico distinto do seu; (ii) uma influência contextual, uma vez que a primeira defesa da teoria da atividade empresarial visava um público específico ao final do período pré-“*Revival*”, suscitando a reação posterior de outra audiência, que ganha força durante o “*Revival*”, a que Kirzner teve que se dirigir na fase pós-“*Revival*”.

Uma percepção que esteve latente ao longo da tese versa sobre uma característica do engajamento profissional de Kirzner, seu papel conciliador enquanto teórico em Economia. Foi visto no primeiro ensaio que o autor procurou juntar a EA com a EN por meio da forma com a qual a teoria da atividade empresarial foi apresentada. No segundo ensaio destacou-se que Kirzner vê diferenças entre Mises e Hayek, mas os considera conjuntamente mesmo nessas distinções, e que vê a possibilidade de aplicar a tese da atividade empresarial a outras abordagens econômicas. Por fim, no terceiro ensaio viu-se como a teoria kirzneriana pode ser entendida como subconjunto das ideias do SR e da EN.

O resultado geral da presente pesquisa, considerando-se as conclusões particulares dos ensaios que lhe sustentam, é que a missão de levar as ideias de Mises ao restante da profissão fez Kirzner desenvolvê-las até a constituição de uma visão própria da Escola Austríaca. Esta é compreendida no pensamento kirzneriano como uma teoria mais geral sobre a economia, capaz de lidar com o desequilíbrio, o comportamento errático dos agentes e seu aprendizado, de avançar no subjetivismo e compatibilizar tudo isso em uma economia direcionada ao equilíbrio. Logo, o melhor dos dois mundos conhecidos por Kirzner, Subjetivismo Radical e Escola Neoclássica, é aglutinado na descrição de um sistema econômico interligado pelo estado de alerta.

## REFERÊNCIAS

- ANGELI, Eduardo. Caminhos da Escola Austríaca: relação com ortodoxia, engajamento e produção de novo conhecimento. **Nova Economia**, v. 28, n. 2, p. 681-704, 2018.
- ARIDA, Pérsio. (1983) 'A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica'. Texto para Discussão nº 54, 1983. Rio de Janeiro-RJ: PUC-Rio. Disponível em: <<http://www.econ.puc-rio.br/uploads/adm/trabalhos/files/td54.pdf>>. Acesso em 21 dez. 2019.
- ARIDA, Pérsio. A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica. In: REGO, J. M. (org.). **Retórica na Economia**. São Paulo: Editora 34, p. 11-46, 1996.
- BARBIERI, Fabio. **O Processo de Mercado na Escola Austríaca Moderna**. São Paulo: USP – FEA, 2001. 188 p. Dissertação – Departamento de Economia, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, 2001.
- BARBIERI, Fabio. O Ressurgimento da Escola Austríaca e a Teoria de Processo de Mercado. **Revista Econômica**, v. 10, n. 2, p. 215-235, 2008.
- BARRETO, Humberto. [Revisão do livro *Discovery and the Capitalist Process*, editado por Israel Kirzner (1985)]. **Southern Economic Journal**, v. 53, n. 2, p. 529-530, 1986.
- BIANCHI, Ana M. Para Auditórios Diferentes, Diferentes Argumentos: Retórica Econômica nos Primórdios da Escola Latino-Americana. In: GALA, P.; REGO, J. M. (org.). **A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica**. São Paulo: Editora 34, p. 231-250, 2003.
- BIANCHI, Ana M.; SALVIANO-JUNIOR, Cleofas. Prebisch, a CEPAL e seu Discurso: Um Exercício de Análise Retórica. [1984]. In: REGO, J. M. (org.). **Retórica na Economia**. São Paulo: Editora 34, p. 163-179, 1996.
- BLAUG, Mark. [Revisão do livro *An Essay on Capital*, por Israel M. Kirzner (1966)]. **Econometrica**, v. 37, n. 1, p. 158, 1969.
- BLAUG, Mark. [Revisão do livro *The Meaning of Market Process: Essays in the Development of Modern Austrian Economics*, por Israel M. Kirzner (1991)]. **The Economic Journal**, v. 103, n. 418, p. 757-758, 1993.
- BLAUG, Mark. **Economic theory in retrospect**. 5ª edição. Cambridge: Cambridge University Press, p. 594-595, 1997.
- BOEHM, Stephan. Austrian Economics and the theory of entrepreneurship: Israel M. Kirzner interviewed by Stephan Boehm on 2 May 1989. **Review of Political Economy**, v. 4, n. 1, p. 95-110, 1992.
- BOEHM, Stephan; KIRZNER, Israel M.; KOPPL, Roger; LAVOIE, Don; LEWIN, Peter; TORR, Christopher. Remembrance and Appreciation Roundtable Professor Ludwig M. Lachmann (1906-1990). **The American Journal of Economics and Sociology**, v. 59, n. 3, p. 367-417, 2000.

BOETTKE, Peter J. [Revisão do livro *Classics in Austrian Economics, 3 volumes*, editado por Israel M. Kirzner (1994)]. **The Freeman**, p. 134-135, 1995.

BOETTKE, Peter J. Teaching Austrian Economics to Graduate Students. **Journal of Economics and Finance Education**, v. 10, n. 2, p. 19-30, 2011.

BOETTKE, Peter J. Entrepreneurship, and the entrepreneurial market process: Israel M. Kirzner and the two levels of analysis in spontaneous order studies. **Review of Austrian Economics**, v. 27, p. 233-247, 2014.

BOETTKE, Peter J.; COYNE, Christopher J. Entrepreneurship and development: Cause or consequence? In: KOPPL, R.; BIRNER, J.; KLITGAARD-KURRILD, P. (ed.). **Advances in Austrian Economics**, Vol. 6. Emerald Group Publishing Limited, p. 67-87, 2003.

BOETTKE, Peter J.; D'AMICO, Daniel J. Corridors, Coordination, and the Entrepreneurial Theory of the Market Process. **Journal of Private Enterprise**, v. 25, n.2, p. 87-96, 2010.

BOETTKE, Peter J.; PERRIER-COLLIN, Roxane; CHAMILALL, Neelkant S. Publications of Israel M. Kirzner. **Journal des Economistes et des Etudes Humaines**, v. 12, n. 2, p. 429-437, 2002.

BOETTKE, Peter J.; RIZZO, Mario J. Preface. In: BOETTKE, P. J.; KIRZNER, I. M.; RIZZO, M. J. (ed.). **Advances in Austrian economics**, Vol. 2B. Jai Press, p. xiii-xv, 1995.

BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Economic Point of View: An Essay in the History of Economic Thought**, Vol. 1. Indianapolis: Liberty Fund, 2009.

BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Essays on Capital and Interest: An Austrian Perspective**, Vol. 2. Indianapolis: Liberty Fund, 2010.

BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Market Theory and the Price System**, Vol. 3. Indianapolis: Liberty Fund, 2011a.

BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. The Genius of Mises and the Brilliance of Kirzner. **The Annual Proceedings of the Wealth and Well-Being of Nations**, Vol. 3, p. 31-43, 2011b. Disponível em: [https://www.beloit.edu/upton/assets/Boettke\\_Sautet\\_chapter.pdf](https://www.beloit.edu/upton/assets/Boettke_Sautet_chapter.pdf). Acesso em: 17.03.2019.

BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition and Entrepreneurship**, Vol. 4. Indianapolis: Liberty Fund, 2013.

BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, 2015.

BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Discovery, Capitalism, and Distributive Justice**, Vol. 6. Indianapolis: Liberty Fund, 2016.

BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition, Economic Planning, and the Knowledge Problem**, Vol. 7. Carmel: Liberty Fund, 2018a.

BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Essence of Entrepreneurship and the Nature and Significance of Market Process**, Vol. 8. Carmel: Liberty Fund, 2018b.

BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Reflections on Ethics, Freedom, Welfare Economics and the Legacy of Austrian Economics**, Vol. 9. Carmel: Liberty Fund, 2018c.

BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. A Conversation with Israel Kirzner, July 2006, by Peter J. Boettke and Frédéric Sautet. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Reflections on Ethics, Freedom, Welfare Economics, Policy, and the Legacy of Austrian Economics**, Vol. 9. Carmel: Liberty Fund, p. 725-761, 2018d.

BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E.; CANDELA, Rosolino. Publications of Israel M. Kirzner. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Ludwig von Mises: The Mand and His Economics**, Vol. 10. Indianapolis: Liberty Fund, p. 231-262, 2019.

BURCZAK, Theodore. A critique of Kirzner's finders-keepers defense of profit. **The Review of Austrian Economics**, v. 15, n. 1, p. 75-90, 2002.

BUTLER, Eamonn. **Austrian Economics: A Primer**. Adam Research Trust, p. 125, 2010.

BUTOS, William N.; BOETTKE, Peter J. Kirznerian Entrepreneurship and the Economics of Science. **Journal des Economistes et des Etudes Humaines**, v. 12, n. 1, p. 299-342, 2002.

CACHANOSKY, Nicolas. Austrian Economics, Market Process, and the EVA® Framework. **Journal of Business Valuation and Economic Loss Analysis**, v. 12, n. s1, 2017.

CALDWELL, Bruce J. [Revisão do livro *Method, Process, and Austrian Economics: Essays in Honor of Ludwig von Mises*, editado por Israel M. Kirzner (1982)]. **Southern Economic Journal**, v. 50, n. 4, p. 1234-1236, 1984.

CALLAHAN, Gene. A Comment on Klein/Briggeman and Kirzner. **Journal of Private Enterprise**, v. 25, n. 2, p. 105-115, 2010.

CHAMILALL, Neelkant S.; KRECKÉ, Elisabeth. Professor Kirzner on Carl Menger: To What Extent was Carl Menger Subjectivism? **Journal des Economistes et des Etudes Humaines**, v. 12, n. 2, p. 153-169, 2002.

CLARIVATE ANALYTICS. **Hall of Citation Laureates**. Disponível em: <https://clarivate.com/hall-of-citation-laureates-2018/>. Acesso em 17.10.2018.

COHEN, Avi J.; HARCOURT, Geoffrey C. Retrospectives: whatever happened to the Cambridge capital theory controversies? **Journal of Economic Perspectives**, v. 17, n. 1, p. 199-214, 2003.

DAHLQVIST, Jonas; WIKLUND, Johan. Measuring the market newness of new ventures. **Journal of Business Venturing**, v. 27, n. 2, p. 185-196, 2012.

DE LEÓN, Ignacio. The Role of Governments in the Promotion of Competition: The Legacy of Professor Kirzner in Policy Making. **Journal des Economistes et des Etudes Humaines**, v. 12, n. 1, p. 153-169, 2002.

DOUHAN, Robin; ELIASSON, Gunnar; HENREKSON, Magnus. Israel M. Kirzner: An outstanding Austrian contributor to the economics of entrepreneurship. **Small Business Economics**, v. 29, n. 1-2, p. 213-223, 2007.

FERNÁNDEZ, Ramón G. A Retórica e a Procura da Verdade em Economia. In: REGO, J. M. (org.). **Retórica na Economia**. São Paulo: Editora 34, p. 143-161, 1996.

FERNÁNDEZ, Ramón G. McCloskey, Mäki e a Verdade. In: GALA, P.; REGO, J. M. (org.). **A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica**. São Paulo: Editora 34, p. 119-150, 2003.

FERNÁNDEZ, Ramón G.; PESSALI, Huáscar F. Oliver Williamson e a Construção Retórica da Economia dos Custos de Transação. In: GALA, P.; REGO, J. M. (org.). **A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica**. São Paulo: Editora 34, p. 205-229, 2003.

FOSS, Nicolai J.; KLEIN, Peter G. Alertness, Action, and the Antecedents of Entrepreneurship. **Journal of Private Enterprise**, v. 25, n. 2, p. 145-164, 2010.

GARELLO, Pierre. Entrepreneurship and Progress: The need for a greater integration of Kirzner's and Hayek's insights. **Journal des Economistes et des Etudes Humaines**, v. 12, n. 2, p. 213-228, 2002.

GARRISON, Roger W. Austrian Economics as the Middle Ground: Comment on Loasby. In: KIRZNER, I. M. (ed.). **Method, Process, and Austrian Economics**. Lexington: D.C. Heath and Company, p. 131-138, 1982.

GARRISON, Roger W. Capital, Interest, and Professor Kirzner. **Journal des Economistes et des Etudes Humaines**, v. 12, n. 2, p. 343-356, 2002.

GIANTURCO, Adriano. **O empreendedorismo de Israel Kirzner**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 2014.

GLOBAL AWARD FOR ENTREPRENEURSHIP RESEARCH. **Israel M. Kirzner's Carrer and bibliography**. Disponível em: <https://www.e-award.org/wp-content/uploads/Israel-M-Kirzner-Biography.pdf>. Acesso em 14.08.2018.

GRAMPP, William D. [Revisão do livro *The Economic Point of View: An Essay in the History of Economic Thought*, por Israel M. Kirzner (1960)]. **The American Economic Review**, v. 51, n. 1, p. 170-171, 1961.

HAYEK, Friedrich A. Economics and Knowledge. [1937]. In: HAYEK, F. A. **Individualism and Economic Order**. Chicago: The University of Chicago Press, p. 33-56, 1948a.

HAYEK, Friedrich A. **Individualism and Economic Order**. Chicago: The University of Chicago Press, 1948b.

HAYEK, Friedrich A. The Meaning of Competition. [1946]. In: HAYEK, F. A. **Individualism and Economic Order**. Chicago: The University of Chicago Press, p. 92-106, 1948c.

HAYEK, Friedrich A. The Use of Knowledge in Society. [1945]. In: HAYEK, F. A. **Individualism and Economic Order**. Chicago: The University of Chicago Press, p. 77-91, 1948d.

HAYEK, Friedrich A. **The Counter-Revolution of Science**. Indianapolis: Liberty Fund, 1955.

HAYEK, Friedrich A. Competition as a Discovery Procedure. [1968]. In: HAYEK, F. A. **New Studies in Philosophy, Politics, Economics and the History of Ideas**. London: Routledge, p. 179-190, 1978.

HISTORY OF ECONOCMIS SOCIETY. **2018 Distinguished Fellow Award**. Disponível em: [https://historyofeconomics.org/wp-content/uploads/2018/06/Kirzner\\_Distinguished-Fellow-1.pdf](https://historyofeconomics.org/wp-content/uploads/2018/06/Kirzner_Distinguished-Fellow-1.pdf). Acesso em 21.10.2018.

HOLCOMBE, Randall G. The origins of entrepreneurial opportunities. **The Review of Austrian Economics**, v. 16, n. 1, p. 25-43, 2003.

HORWITZ, Steven. Kirznerian Entrepreneurship as a Misesian Solution to a Hayekian Problem. **Journal of Private Enterprise**, v. 25, n. 2, p. 97-103, 2010.

ISHII, Masamichi; UEDA, Kanji; TAKEDA, Hideaki; TAKENAKA, Takeshi; NISHINO, Nariaki; UTAHARA, Akihiko. Managing business model creation process: Kirznerian entrepreneurship and the role of organisation in cases of a Japanese company. **World Review of Entrepreneurship, Management and Sustainable Development**, v. 10, n. 4, p. 465-483, 2014.

JAKEE, Keith; SPONG, Heath. Praxeology, entrepreneurship and the market process: A review of Kirzner's contribution. **Journal of the History of Economic Thought**, v. 25, n. 4, p. 461-486, 2003.

JEVONS, William S. Preface to the second edition. [1879]. In: JEVONS, W. S. **The Theory of Political Economy**. London: Macmillan and Company, p. x-1, 1888a.

JEVONS, William S. **The Theory of Political Economy**. [1871]. London: Macmillan and Company, 1888b.

JOHANNESSEN, Jon-Arild; OLSEN, Bjørn; LUMPKIN, G. Thomas. Innovation as newness: what is new, how new, and new to whom? **European Journal of innovation management**, v. 4, n. 1, p. 20-31, 2001.

KIRZNER, Israel M. Rational action and economic theory. **Journal of Political Economy**, v. 70, n. 4, p. 380-385, 1962.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Three Views of Method in Economics*, por Henry W. Briefs (1960)]. **Journal of Political Economy**, v. 71, n. 6, p. 614-615, 1963a.

KIRZNER, Israel M. On the Premises of Growth Economics. **New Individualist Review**, v. 3, n. 1, p. 20-28, 1963b.

KIRZNER, Israel M. Rational Action and Economic Theory: Rejoinder. **Journal of Political Economy**, v. 71, n. 1, p. 84-85, 1963c.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Essays in Economic Method*, editado por R. L. Smyth (1962)]. **Journal of Political Economy**, v. 72, n. 1, p. 97-98, 1964.

KIRZNER, Israel M. What Economists Do. **Southern Economic Journal**, v. 31, n. 3, p. 257-261, 1965.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *The Nature of Economic Thought: Selected Papers, 1955-64*, por G. L. S. Shackle (1966)]. **The Journal of Business**, v. 40, n. 2, p. 209-210, 1967a.

KIRZNER, Israel M. Divergent Approaches in Libertarian Economic Thought. **Intercollegiate Review**, v. 3, n. 3, p. 101-108, 1967b.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *The Theory of Imperfect Competition: A Radical Reconstruction*, por Donald Dewey (1969)]. **The Journal of Business**, v. 43, n. 4, p. 489-490, 1970a.

KIRZNER, Israel M. The "POWER" Problem on Campus: An Economist's View. **Intercollegiate Review**, v. 6, n. 3, p. 99-103, 1970b.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Economic Policy and the Regulation of Corporate Securities*, editado por Henry G. Manne (1969)]. **The Journal of Business**, v. 44, n. 4, p. 467-468, 1971a.

KIRZNER, Israel M. Entrepreneurship and the Market Approach to Development. In: HAYEK, F. A.; HAZLITT, H.; READ, L. E.; VELASCO, G. R.; HARPER, F. A. (ed.). **Toward Liberty: Essays on honor of Ludwig von Mises on the occasion of his 90th birthday**, Vol. 2. Institute for Humane Studies, p. 194-208, 1971b.

KIRZNER, Israel M. Advertising. **The Freeman**, v. 22, n. 9, p. 515-528, 1972.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Advertising and Society*, editado por Yale Brozen (1974)]. **Reason**, 1975. Disponível em: <http://reason.com/archives/1975/11/01/advertising-and-society>. Acessado em 10.04.2018.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Conglomerate Enterprise and Public Policy*, por Jesse W. Markham (1973), e do livro *Conglomerate Unlimited: The Failure of Regulation*, por John F. Winslow (1973)]. **The American Political Science Review**, v. 71, n. 1, p. 359-360, 1977.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *On the Manipulation of Money and Credit*, e dos textos nele inclusos, *The Spirit of Austrian School, Why Socialism Always Fails, Liberty and Property*, editado por P.L.Jr. Greaves (1978)]. **Reason**, p. 45-46, 1979a.

KIRZNER, Israel M. Comment: X-Inefficiency, Error, and the Scope for Entrepreneurship. In: RIZZO, M. J. (ed.). **Time, Uncertainty and Disequilibrium: Exploration of Austrian Themes**. Lexington: Lexington Books, p. 140-151, 1979b.

KIRZNER, Israel M. Hayek, Knowledge, and Market Processes. In: KIRZNER, I. M. **Perception, Opportunity, and Profit: Studies in the Theory of Entrepreneurship**. Chicago: The University of Chicago Press, p. 13-33, 1979c.

KIRZNER, Israel M. **Perception, Opportunity, and Profit: Studies in the Theory of Entrepreneurship**. Chicago: The University of Chicago Press, 1979d.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Capital, Interest, and Rent: Essays in the Theory of Distribution*, por Frank A. Fetter (1977)]. **Austrian Economics Newsletter**, p. 8-9, 1980a.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *New challenges to the role of profit: The third series of the John Diebold lectures at Harvard University*, editado por Benjamin M. Friedman (1978)]. **Public Choice**, v. 35, n. 5, p. 633-635, 1980b.

KIRZNER, Israel M. Enter the new economists. [Revisão do livro *Tomorrow, Capitalism: The Economics of Economic Freedom*, por Henri Lepage (1982)]. **Inquiry**, p. 34-35, 1982a.

KIRZNER, Israel M. Introduction. In: KIRZNER, I. M. (ed.). **Method, Process, and Austrian Economics: Essays in Honor of Ludwig von Mises**. Lexington: Lexington Books, p. 1-5, 1982b.

KIRZNER, Israel M. 1982. Uncertainty, Discovery, and Human Action: A Study of the Entrepreneurial Profile in the Misesian System. In: KIRZNER, I. M. (ed.). **Method, Process, and Austrian Economics**. Lexington: D.C. Heath and Company, p. 139-159, 1982c.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Capital, Profits, and Prices: An Essay in the Philosophy of Economics*, por Daniel M. Hausman (1981)]. **International Philosophical Quarterly**, v. 23, n. 2, p. 220-222, 1983a.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Schumpeterian economics*, editado por Helmut Frisch (1982)]. **Journal of Economic Literature**, v. 21, n. 4, p. 1501-1502, 1983b.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *The Entrepreneur, Mainstream Views and Radical Critiques*, por Robert F. Hébert e Albert N. Link (1982)]. **Southern Economic Journal**, v. 50, n. 2, p. 611-612, 1983c.

KIRZNER, Israel M. Entrepreneurs and the Entrepreneurial Function: A Commentary. In: RONEN, J. (ed.). **Entrepreneurship: Where Did It Come From, and Where Is It Going?** Lexington: Lexington Books, p. 281-290, 1983d.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *The Methodology of Economics, Or How Economists Explain*, por Mark Blaug (1980)]. **Austrian Economics Newsletter**, v. 5, n. 1, 1984.

KIRZNER, Israel M. **Discovery and the Capitalist Process**. Chicago: The University of Chicago Press, 1985a.

KIRZNER, Israel M. How Heroic Are Entrepreneurs? [Revisão do livro *The Spirit of Enterprise*, por George Gilder (1984)]. **Reason**, p. 54-55, 1985b.

KIRZNER, Israel M. Beyond the Bliss of Equilibrium. [Revisão do livro *Rival Views of Market Society and Other Recent Essays*, por Albert O. Hirschman (1986)]. **Reason**, p. 72-73, 1987.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Time And Public Policy*, por T. Alexander Smith (1988)]. **The Freeman**, 1989a. Disponível em: <https://fee.org/articles/book-review-time-and-public-policy-by-t-alexander-smith/>. Acessado em 10.04.2018.

KIRZNER, Israel M. The Use of Labels in Doctrinal History: Comment on Baird. **Cato Journal**, v. 9, n. 1, p. 231-237, 1989b.

KIRZNER, Israel M. Commentary by Israel M. Kirzner. In: HENNINGS, K.; SAMUELS, W. J. **Neoclassical economic theory, 1870-1930**. Boston: Kluwer Academic Publishers, p. 242-249, 1990.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *The structure of production*, por Mark Skousen (1990)]. **Journal of Economic Literature**, v. 29, n. 4, p. 1761-1763, 1991a.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Wrestling with Time: Problems in Economic Theory*, por Martin Currie e Ian Steedman (1990)]. **Southern Economic Journal**, v. 57, n. 3, p. 874-875, 1991b.

KIRZNER, Israel M. COMMENTARY: Entrepreneurship, Uncertainty and Austrian Economics. In: CALDWELL, B. J.; BOEHM, S. (ed.). **Austrian economics: tensions and new directions**. New York: Springer Science+Business Media, p. 85-102, 1992a.

KIRZNER, Israel M. Economic planning and the knowledge problem. [1984]. In: KIRZNER, I. M. **The meaning of market process: Essays in the development of modern Austrian economics**. London, Routledge, p. 152-162, 1992b.

KIRZNER, Israel M. Knowledge problems and their solutions: some relevant distinctions. [1990]. In: KIRZNER, I. M. **The meaning of market process: Essays in the development of modern Austrian economics**. London: Routledge, p. 163-179, 1992c.

KIRZNER, Israel M. Market process theory: in defence of the Austrian middle ground. In: KIRZNER, I. M. **The meaning of market process: Essays in the development of modern Austrian economics**. London: Routledge, p. 3-37, 1992d.

KIRZNER, Israel M. Prices, the communication of knowledge and the discovery process. [1984]. In: KIRZNER, I. M. **The meaning of market process: Essays in the development of modern Austrian economics**. London: Routledge, p. 139-151, 1992e.

KIRZNER, Israel M. Self-interest and the new bashing of economics: a fresh opportunity in the perennial debate? [1990]. In: KIRZNER, I. M. **The meaning of market process: Essays in the development of modern Austrian economics**. London: Routledge, p. 195-208, 1992f.

KIRZNER, Israel M. The Austrian School of economics. [1987]. In: KIRZNER, I. M. **The meaning of market process: Essays in the development of modern Austrian economics**. London: Routledge, p. 57-69, 1992g.

KIRZNER, Israel M. The meaning of market process. [1990]. In: KIRZNER, I. M. **The meaning of market process: Essays in the development of modern Austrian economics**. London: Routledge, p. 38-54, 1992h.

KIRZNER, Israel M. **The meaning of market process: Essays in the development of modern Austrian economics**. London: Routledge, 1992i.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Mises: An Annotated Bibliography: A comprehensive Listing of Books and Articles by and About Ludwig von Mises*, compilado por Bettina Bien Greaves e Robert W. McGee (1993)]. **The Freeman**, p. 453-455, 1993a.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Welfare Economics and Externalities in an Open-Ended Universe: A Modern Austrian Perspective*, por Roy E. Cordato (1992)]. **Cato Journal**, v. 13, n. 1, p. 143-149, 1993b.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *From Marx to Mises: Post-Capitalist Society and the Challenge of Economic Calculation*, por David Ramsay Steele (1992)]. **Economic Affairs**, p. 46-48, 1994a.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *The Culture of Entrepreneurship*, editado por Brigitte Berger (1991)]. In: BOETTKE, P. J.; KIRZNER, I. M.; RIZZO, M. J. (ed.). **Advances in Austrian economics**, Vol. 1. Jai Press, p. 327-330, 1994b.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *The Market, Competition and Democracy: A Critique of Neo-Austrian Economics*, por Stavros Ioannides (1992)]. **The Freeman**, p. 44-46, 1994c.

KIRZNER, Israel M. A Tale of Two Worlds: Comment on Shmanske. In: BOETTKE, P. J.; KIRZNER, I. M.; RIZZO, M. J. (ed.). **Advances in Austrian economics**, Vol. 1. Jai Press, p. 223-226, 1994d.

KIRZNER, Israel M. On *The economics of time and ignorance*. [1985]. In: BOETTKE, P. J.; PRYCHITKO, D. L. (ed.). **The Market Process: Essays in Contemporary Austrian Economics**. Brookfield: Edward Elgar, p. 38-44, 1994e.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Hayek on Hayek, an Autobiographical Dialogue*, editado por Stephen Kresge e Leif Wenar (1994)]. **Economic Affairs**, p. 57-58, 1995a.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Hayek, Co-ordination and Evolution: His Legacy in Philosophy, Politics, Economics, and the History of Ideas*, editado por Jack Birner e Rudy Van Zijp (1994)]. **Southern Economic Journal**, v. 61, n. 4, p. 1243-1244, 1995b.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *The Austrian Theory of Value and Capital: Studies in The Life and Work of Eugen Von Böhm-Bawerk*, por Klaus H. Hennings (1997)]. **Economic Affairs**, p. 62-63, 1997a.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Uncertainty in Economic Thought*, editado por Christian Schmidt (1996)]. **Southern Economic Journal**, v. 64, n. 1, p. 347-348, 1997b.

KIRZNER, Israel M. **How markets work: Disequilibrium, entrepreneurship and discovery**. London: The Institute of Economic Affairs, 1997c.

KIRZNER, Israel M. The Crisis of Vision in Modern Economic Thought: an Austrian economist's perspective. In: BOETTKE, P. J.; HORWITZ, S. (ed.). **Advances in Austrian economics**, Vol. 4. Jai Press, p. 149-154, 1997d.

KIRZNER, Israel M. The Kirznerian Way: An interview with Israel M. Kirzner. **Austrian Economic Newsletter**, v. 17, n. 1, p. 1-8, 1997e.

KIRZNER, Israel M. Austrian Economics, The Coordination Criterion and Classical Liberalism. **Journal des Economistes et des Etudes Humaines**, v. 8, n. 2-3, p. 187-200, 1998a.

KIRZNER, Israel M. Coordination as a Criterion for Economic “Goodness”. **Constitutional Political Economy**, v. 9, p. 289-301, 1998b.

KIRZNER, Israel M. The Nature and Significance of Economic Education. **The Freeman**, p. 582-586, 1998c.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Subjectivism and Economic Analysis, Essays in memory of Ludwig M. Lachmann*, editado por Roger Koppl e Gary Mongiovi (1998)]. **The European Journal of the History of Economic Thought**, v. 6, n. 4, p. 636-639, 1999a.

KIRZNER, Israel M. Economists and the Correction of Error. [1983]. In: KLEIN, D. B. (ed.). **What do Economists Contribute?** London: Palgrave Macmillan, p. 125-131, 1999b.

KIRZNER, Israel M. Report on a Treatise. **The Review of Austrian Economics**, v. 12, n. 1, p. 81-94, 1999c.

KIRZNER, Israel M. A Puzzle and Its Solution: Rejoinder to Professor Ahiakpor. **Ideas on Liberty**, v. 50, p. 25-26, 2000a.

KIRZNER, Israel M. Creativity and/or Alertness: A reconsideration of Schumpeterian entrepreneur. [1999]. In: KIRZNER, I. M. **The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics**. London: Routledge, p. 239-257, 2000b.

KIRZNER, Israel M. Entrepreneurial discovery and the competitive market process: an Austrian approach. [1997]. In: KIRZNER, I. M. **The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics**. London: Routledge, p. 3-40, 2000c.

KIRZNER, Israel M. Hedgehog or Fox? Hayek and the idea of plan-coordination. [1999]. In: KIRZNER, I. M. **The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics**. London: Routledge, p. 180-202, 2000d.

KIRZNER, Israel M. Rationality, Entrepreneurship, and Economic “Imperialism”. [1999]. In: KIRZNER, I. M. **The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics**. London: Routledge, p. 258-271, 2000e.

KIRZNER, Israel M. Reflections on the Misesian Legacy in Economics. [1996]. In: KIRZNER, I. M. **The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics**. London: Routledge, p. 151-164, 2000f.

KIRZNER, Israel M. **The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics**. London: Routledge, 2000g.

KIRZNER, Israel M. The Driving Force of the Market: The idea of “competition” in contemporary economic theory and in the Austrian theory of the market process. [1997]. In: KIRZNER, I. M. **The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics**. London: Routledge, p. 222-238, 2000h.

KIRZNER, Israel M. The Ethics of Competition. [1994]. In: KIRZNER, I. M. **The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics**. London: Routledge, p. 88-102, 2000i.

KIRZNER, Israel M. The Limits of The Market: The real and the imagined. [1994]. In: KIRZNER, I. M. **The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics**. London: Routledge, p. 77-87, 2000j.

KIRZNER, Israel M. The Nature of Profits: Some economic insights and their ethical implications. [1995]. In: KIRZNER, I. M. **The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics**. London: Routledge, p. 103-131, 2000k.

KIRZNER, Israel M. 'Any schmuck can consume': a response. **Economic Affairs**, v. 21, n. 1, p. 47, 2001a.

KIRZNER, Israel M. Commentaries. In: KLEIN, D. B.; FLEMMING, J.; GOODHART, C.; KIRZNER, I. M.; MCCLOSKEY, D.; TULLOCK, G. **A Plea to Economists Who Favour Liberty: Assist the Everyman**. London: The Institute of Economic Affairs, p. 69-75, 2001b.

KIRZNER, Israel M. **Ludwig von Mises: the man and his economics**. Wilmington, Del.: ISI Books, 2001c.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *A History of Economic Thought: The LSE Lectures*, editado por Steven G Medema e Warren J. Samuels (2000)]. **Ideas on Liberty**, p. 60-62, 2002a.

KIRZNER, Israel M. Comment on "A Critique of Kirzner's Finders-Keepers Defense of Profit". **The Review of Austrian Economics**, v. 16, n. 1, p. 91-94, 2002b.

KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Hayek's Journey: The Mind of Friedrich Hayek*, por Alan Ebenstein (2003)]. **NYU Journal of Law & Liberty**, v. 1, n. 0, p. 300-303, 2005a.

KIRZNER, Israel M. Human attitudes and economic growth. **Cato Journal**, v. 25, n. 3, p. 465-469, 2005b.

KIRZNER, Israel M. Hayek and Economic Ignorance: Reply to Friedman. **Critical Review**, v. 18, n. 4, p. 411-415, 2006a.

KIRZNER, Israel M. Prize Lecture. **Global Award for Entrepreneurship Research**, 2006b. Disponível em: <https://www.e-award.org/wp-content/uploads/Israel-M-Kirzner-Prize-Lecture.pdf>. Acessado em 14.08.2018.

KIRZNER, Israel M. The Anatomy of Economic Advice – Part I. **The FREEMAN: Ideas on Liberty**, p. 28-33, 2006c.

KIRZNER, Israel M. The Economic Point of View: An Essay in the History of Economic Thought. [1960]. In BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Economic Point of View: An Essay in the History of Economic Thought**, Vol. 1. Indianapolis: Liberty Fund, p. 1-189, 2009.

KIRZNER, Israel M. An Essay on Capital. [1966]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Essays on Capital and Interest: An Austrian Perspective**, Vol. 2. Indianapolis: Liberty Fund, p. 14-133, 2010a.

KIRZNER, Israel M. Essays on Capital and Interest: An Austrian Perspective. [1996]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Essays on Capital and Interest: An Austrian Perspective**, Vol. 2. Indianapolis: Liberty Fund, p. 1-168, 2010b.

KIRZNER, Israel M. Ludwig von Mises and the Theory of Capital and Interest. [1976]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Essays on Capital and Interest: An Austrian Perspective**, Vol. 2. Indianapolis: Liberty Fund, p. 134-146, 2010c.

KIRZNER, Israel M. The Meaning of "Economic Goodness": Critical Comments on Klein and Briggeman. **The Journal of Private Enterprise**, v. 25, n. 2, p. 55-85, 2010d.

KIRZNER, Israel M. Market Theory and the Price System. [1963]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Market Theory and the Price System**, Vol. 3. Indianapolis: Liberty Fund, p. 1-352, 2011a.

KIRZNER, Israel M. The Pure Time-Preference Theory of Interest: An Attempt at Clarification. [1993]. In: HERBENER, J. B. (ed.). **The Pure-Time Preference Theory of Interest**. Auburn: Ludwig von Mises Institute, p. 99-126, 2011b.

KIRZNER, Israel M. **Competição e Atividade Empresarial**. [1985]. 2ª. edição. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises, 2012.

KIRZNER, Israel M. Competition and Entrepreneurship. [1973]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition and Entrepreneurship**, Vol. 4. Indianapolis: Liberty Fund, p. 1-200, 2013.

KIRZNER, Israel M. Classical Economics and the Entrepreneurial Role. [1979]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 123-138, 2015a.

KIRZNER, Israel M. Entrepreneurship, Economics and Economists. [1985]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 139-150, 2015b.

KIRZNER, Israel M. Ludwig von Mises and Friedrich Hayek: The Modern Extension of Austrian Subjectivism. [1986]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 28-47, 2015c.

KIRZNER, Israel M. Methodological Individualism, Market Equilibrium and the Market Process. [1967]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 175-189, 2015d.

KIRZNER, Israel M. On the method of Austrian economics. [1976]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 1-10, 2015e.

KIRZNER, Israel M. Roundaboutness, Opportunity, and Austrian Economics. [1986]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 111-120, 2015f.

KIRZNER, Israel M. Subjectivism, Freedom and Economic Law. [1992]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 111-120, 2015j.

KIRZNER, Israel M. The Subjectivism of Austrian Economics. [1995]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 48-60, 2015k.

KIRZNER, Israel M. Discovery, Capitalism and Distributive Justice. [1989]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Discovery, Capitalism, and Distributive Justice**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 1-169, 2016a.

KIRZNER, Israel M. Producer, Entrepreneur, and the Right to Property. [1974]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Discovery, Capitalism, and Distributive Justice**, Vol. 6. Indianapolis: Liberty Fund, p. 173-187, 2016b.

KIRZNER, Israel M. The entrepreneurial market process – An exposition. **Southern Economic Journal**, v. 83, n. 4, p. 855-868, 2017.

KIRZNER, Israel M. “Introduction” to *Classics in Austrian Economics*, volume 1. [1994]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Reflections on Ethics, Freedom, Welfare Economics and the Legacy of Austrian Economics**, Vol. 9. Carmel: Liberty Fund, p. 635-657, 2018a.

KIRZNER, Israel M. “Introduction” to *Classics in Austrian Economics*, volume 2. [1994]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Reflections on Ethics, Freedom, Welfare Economics and the Legacy of Austrian Economics**, Vol. 9. Carmel: Liberty Fund, p. 658-672, 2018b.

KIRZNER, Israel M. “Introduction” to *Classics in Austrian Economics*, volume 3. [1994]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Reflections on Ethics, Freedom, Welfare Economics and the Legacy of Austrian Economics**, Vol. 9. Carmel: Liberty Fund, p. 673-685, 2018c.

KIRZNER, Israel M. Advertising in a Open-Ended Universe. [1988]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition, Economic Planning, and the Knowledge Problem**, Vol. 7. Carmel: Liberty Fund, p. 246-253, 2018d.

KIRZNER, Israel M. Alertness, Luck, and Entrepreneurial Profit. [1979]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Essence of Entrepreneurship and the Nature and Significance of Market Process**, Vol. 8. Carmel: Liberty Fund, p. 24-49, 2018e.

KIRZNER, Israel M. Altruism, Social Responsibility, and the Market Economy. [1972]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Reflections on Ethics, Freedom, Welfare Economics, Policy, and the Legacy of Austrian Economics**, Vol. 9. Carmel: Liberty Fund, p. 231-243, 2018f.

KIRZNER, Israel M. Austrian Economics and Mainstream Economics, 1930-1950: a study in doctrinal complementarity and substitutability. [1997]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Reflections on Ethics, Freedom, Welfare Economics, Policy, and the Legacy of Austrian School**, Vol. 9. Carmel: Liberty Fund, p. 608-619, 2018g.

KIRZNER, Israel M. Calculation, Competition, and Entrepreneurship. [2006]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition, Economic Planning, and the Knowledge Problem**, Vol. 7. Carmel: Liberty Fund, p. 150-168, 2018h.

KIRZNER, Israel M. Capital, Competition and Capitalism. [1974]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition, Economic Planning, and the Knowledge Problem**, Vol. 7. Carmel, Liberty Fund, p. 3-17, 2018i.

KIRZNER, Israel M. Comment on R.N. Langlois, ‘From the Knowledge of Economics to the Economics of Knowledge: Fritz Machlup on Methodology and on the “Knowledge Society”’. [1985]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition, Economic Planning, and the Knowledge Problem**, Vol. 7. Carmel: Liberty Fund, p. 228-231, 2018j.

KIRZNER, Israel M. Comments on the Debate Between Professor Leontief and Stein on National Economic Planning. [1990]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition, Economic Planning, and the Knowledge Problem**, Vol. 7. Carmel: Liberty Fund, p. 169-173, 2018k.

KIRZNER, Israel M. Economics and Error. [1978]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Essence of Entrepreneurship and the Nature and Significance of Market Process**, Vol. 8. Carmel: Liberty Fund, p. 248-263, 2018l.

KIRZNER, Israel M. Entrepreneurial inspiration. **The Review of Austrian Economics**, p. 1-5, 2018m.

KIRZNER, Israel M. Entrepreneurship and the Future of Capitalism. [1983]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Essence of Entrepreneurship and the Nature and Significance of Market Process**, Vol. 8. Carmel: Liberty Fund, p. 82-97, 2018n.

KIRZNER, Israel M. Entrepreneurship. [1994]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Essence of Entrepreneurship and the Nature and Significance of Market Process**, Vol. 8. Carmel: Liberty Fund: p. 3-12, 2018o.

KIRZNER, Israel M. Equilibrium versus Market Process. [1976]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Essence of Entrepreneurship and the Nature and Significance of the Market Process**, Vol. 8. Carmel: Liberty Fund, p. 125-133, 2018p.

KIRZNER, Israel M. Fifty Years of FEE – Fifty Years of Progress in Austrian Economics. [1996]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Reflections on Ethics, Freedom, Welfare Economics, Policy, and the Legacy of Austrian School**, Vol. 9. Carmel: Liberty Fund, p. 591-601, 2018q.

KIRZNER, Israel M. Hayek's Theory of the Coordination of Markets: A Commentary to Accompany the Facsimile edition of Hayek's *Preise und Produktion*. [1995]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition, Economic Planning, and the Knowledge Problem**, Vol. 7. Carmel: Liberty Fund, p. 174-193, 2018r.

KIRZNER, Israel M. Information-Knowledge and Action-Knowledge. [2005]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition, Economic Planning, and the Knowledge Problem**, Vol. 7. Carmel: Liberty Fund, p. 222-227, 2018s.

KIRZNER, Israel M. Knowing about Knowledge: A Subjectivist View of The Role of Information. [1979]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition, Economic Planning, and the Knowledge Problem**, Vol. 7. Carmel: Liberty Fund, p. 206-221, 2018t.

KIRZNER, Israel M. The Entrepreneurial Process. [1984]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Essence of Entrepreneurship and the Nature and Significance of Market Process**, Vol. 8. Carmel: Liberty Fund: p. 193-212, 2018u.

KIRZNER, Israel M. The ethics of pure entrepreneurship: An Austrian economics perspective. **The Review of Austrian Economics**, p. 1-11, 2018v.

KIRZNER, Israel M.; MINFORD, Patrick; CONGDON, Tim. Rejoinders. **Economic Affairs**, v. 5, n. 2, p. 49-49, 1985.

KIRZNER, Israel M.; SAUTET, Frédéric E. The Nature and Role of Entrepreneurship in Markets: Implications for Policy. In: **Mercatus Policy Series Policy Primer**, n. 4, p. 1-22, 2006.

KIRZNER, Israel; HANNAH, Leslie.; MCKENDRICK, Neil; VINSON, Nigel; WICKENDEN, Keith; KNIGHT, Arthur; MCFADZEAN, Frank; HENDERSON, P.D.; MACRAE D.G.; PEARCE, Ivon. (ed.). **The PRIME MOVER of Progress: The Entrepreneur in Capitalism and Socialism**. Sussex: The Institute of Economic Affairs, 1980.

KLEIN, Benjamin. [Revisão do livro *Competition and Entrepreneurship*, por Israel M. Kirzner (1973)]. **Journal of Political Economy**, v. 83, n. 6, p. 1305-1309, 1975.

KLEIN, Daniel B.; BRIGGEMAN, Jason. Israel Kirzner on Coordination and Discovery. **Journal of Private Enterprise**, v. 25, n. 2, p. 1-53, 2010.

KOPPL, Roger. What is alertness? **Journal des Économistes et des Études Humaines**, v. 12, n. 1, p. 3-13, 2002.

KOPPL, Roger. Austrian economics at the cutting edge. **Review of Austrian Economics**, v. 19, p. 231-341, 2006.

KORSGAARD, Steffen; BERGLUND, Henrik; THRANE, Claus; BLENKER, Per. A tale of two Kirznerns: Time, uncertainty, and the “nature” of opportunities. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 40, n. 4, p. 867-889, 2016.

LANGLOIS, Richard N. From the knowledge of economics to the economics of knowledge: Fritz Machlup on methodology and on the “Knowledge Society”. **Research in the History of Economic Thought and Methodology**, v. 3, p. 225-235, 1985.

LEAHY, Arthur S. [Revisão do livro *Advertising and the Market Process: A Modern Economic View*, por Robert B. Ekelund, Jr. e David S. Saurman (1988)]. **Business Horizons**, v.3, n. 4, p. 79, 1990.

LEWIN, Peter. Entrepreneurship and the defense of capitalism: An examination of the work of Israel Kirzner. **Journal des Économistes et des Études Humaines**, v. 12, n. 2, p. 203-212, 2002.

LOASBY, Brian J. Economics of Dispersed and Incomplete Information. In: KIRZNER, I. M. (ed.). **Method, Process, and Austrian Economics**. Lexington: D.C. Heath and Company, p. 111-130, 1982.

MAKOWSKI, Louis. OSTROY, Joseph M. **Perfect Competition and the Creativity of the Market**. *Journal of Economic Literature*, v. XXXIX, p. 479-535, 2001.

MCCAFFREY, Matthew. On the theory of entrepreneurial incentives and alertness. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 38, n. 4, p. 891-911, 2014.

MCCLOSKEY, Deirdre N. Preface to the second edition. In: MCCLOSKEY, D. N. **The Rhetoric of Economics**. 2ª edição. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, p. xi-xiv, 1998a.

MCCLOSKEY, Deirdre N. **The Rhetoric of Economics**. [1985]. 2ª edição. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1998b.

MCCLOSKEY, Donald N. The Rhetoric of Economics. **Journal of Economic Literature**, v. 21, n. 2, p. 481-517, 1983.

MCCROHAN, Kevin F. [Revisão do livro *Advertising and the Market Process: A Modern Economic View*, por Robert B. Ekelund, Jr. e David S. Saurman (1988)]. **Journal of the Academy of Marketing Science**, v. 18, n. 3, p. 253-254, 1990.

MCGEE, Robert W. [Revisão do livro *Advertising and the Market Process: A Modern Economic View*, por Robert B. Ekelund, Jr. e David S. Saurman (1988)]. **FEE**, 1989. Disponível em: <https://fee.org/articles/book-review-advertising-and-the-market-process-a-modern-economic-view-by-robert-b-ekelund-jr-and-david-s-saurman/>. Acessado em: 26.10.2019.

MISES, Ludwig. **Human Action**. [1949]. Scholars' Edition. Auburn: Mises Institute. 1998.

MISES, Ludwig. **The Historical Setting of the Austrian School of Economics** [1969]. Online edition: Ludwig von Mises Institute, 2003.

MISES, Ludwig. Profit and Loss. [1951]. In: GREAVES, B. B. (ed.). **Planning for Freedom: Let the Market System Work: A Collection of Essays and Addresses**. Indianapolis: Liberty Fund, p. 143-172, 2008.

MISES, Ludwig. Foreword. [1960]. In: BOETTKE; P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Economic Point of View: An Essay in the History of Economic Thought**, Vol. 1. Indianapolis: Liberty Fund, p. xxv-xxvi, 2009.

MOSER, Peter. [Revisão do livro *The Meaning of Market Process: Essays in the Development of Modern Austrian Economics*, por Israel M. Kirzner (1992)]. **Journal of Institutional and Theoretical Economics (JITE)**, v. 148, n. 4, p. 721-722, 1992.

MOSS, Laurence S. Introduction to the Second Edition. [1975]. In: BOETTKE; P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Economic Point of View: An Essay in the History of Economic Thought**, Vol. 1. Indianapolis: Liberty Fund, p. xxi-xxii, 2009.

PFOUTS, Ralph W. [Revisão do livro *An Essay on Capital*, por Israel M. Kirzner (1966)]. **The American Economic Review**, v. 58, n. 1, p. 196-198, 1968.

PR NEWSWIRE. **Acquisition of the Thomson Reuters Intellectual Property and Science Business by Onex and Baring Asia Completed**. Disponível em: <https://www.prnewswire.com/news-releases/acquisition-of-the-thomson-reuters-intellectual-property-and-science-business-by-onex-and-baring-asia-completed-300337402.html>. Acesso em 17.10.2018.

RIZZO, Mario J. Introduction. **Journal des Economistes et des Etudes Humaines**, v. 12, n. 1, p. 3-10, 2002.

RIZZO, Mario J. In Honor of Israel M. Kirzner. **Review of Austrian Economics**, p. 1-3, 2014.

ROBERTSON, Paul L. [Revisão do livro *The Meaning of Market Process: Essays in the Development of Modern Austrian Economics*, por Israel M. Kirzner (1992)]. **History of Political Economy**, v. 25, n. 3, p. 557-558, 1993.

ROBINSON, Colin. Foreword. In: KIRZNER, I. M. **How markets work: Disequilibrium, entrepreneurship and discovery**. London: The Institute of Economic Affairs, p. 5-7, 1997.

ROSNER, Peter. [Revisão do livro *The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics*, por Israel M. Kirzner (2000)]. **Economica**, v. 70, p. 192-194, 2003.

SALERNO, Joseph T. The Rebirth of Austrian Economics-In light of Austrian Economics. **The Quarterly Journal of Austrian Economics**, v. 5, n. 4, p. 111-128, 2002.

SAUTET, Frédéric E. Kirznerian Economics: Some Policy Implications and Issues. **Journal des Economistes et des Etudes Humaines**, v. 12, n. 1, p. 131-151, 2002.

SHOCKLEY, Gordon E.; FRANK, Peter M. Schumpeter, Kirzner, and the Field of Social Entrepreneurship. **Journal of Social Entrepreneurship**, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2011.

SHOHAM, Snunith; BARUCHSON-ARBIB, Shifra; GOURI-OREN, Osnat. An exploratory study of Israeli start-up entrepreneur usage of the Internet. **Journal of Information Science**, v. 32, n. 1, p. 49-62, 2006.

SUNDQVIST, Sanna; KYLÄHEIKO, Kalevi; KUIVALAINEN, Olli; CADOGAN, John W. Kirznerian and Schumpeterian entrepreneurial-oriented behavior in turbulent export markets. **International Marketing Review**, v. 29, n. 2, p. 203-219, 2012.

THE WASHINGTON POST. **Israel Kirzner for the Nobel Prize in Economics?** Disponível em: [https://www.washingtonpost.com/news/volokh-conspiracy/wp/2014/09/29/israel-kirzner-for-the-nobel-prize-in-economics/?noredirect=on&utm\\_term=.25231dbabefe](https://www.washingtonpost.com/news/volokh-conspiracy/wp/2014/09/29/israel-kirzner-for-the-nobel-prize-in-economics/?noredirect=on&utm_term=.25231dbabefe). Acesso em: 02.10.2018.

VAUGHN, Karen I. The problem of order in Austrian economics: Kirzner vs. Lachmann. **Review of Political Economy**, v. 4, n. 3, p. 251-274, 1992.

VAUGHN, Karen I. **Austrian Economics in America: The Migration of a Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

VAUGHN, Karen I. **The rebirth of Austrian economics: 1974–99**. *Economic Affairs*, v. 20, n. 1, p. 40-43, 2000.

VIEIRA, José G. S. A RETÓRICA DE KEYNES NA RUPTURA DO PARADIGMA CLÁSSICO NOS ANOS 1930s. In: VIEIRA, J. G. S. **A ESTRUTURA DAS REVOLUÇÕES CIENTÍFICAS E A RETÓRICA NA ECONOMIA KEYNESIANA: QUATRO ENSAIOS SOBRE O MÉTODO NA ECONOMIA**. Curitiba, 2007. 155 p. Tese – Departamento de Economia, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, p. 101-147, 2007.

YU, Fu-Lai T. Bringing Entrepreneurship Back In: Explaining the Industrial Dynamics of Hong Kong with Special Reference to the Textile and Garment Industry. **International Journal of Entrepreneurial Behavior and Research**, v. 5, n. 5, p. 235-250, 1999.

YU, Fu-Lai T; KWAN, Diana S-M. Entrepreneurship as a global coordinator: the Li & Fung Group. **Journal for Global Business Advancement**, v. 4, n. 4, p. 387-400, 2011.

ZINGLER, Ervin K. [Revisão do livro *The Economic Point of View: An Essay in the History of Economic Thought*, por Israel M. Kirzner (1960)]. **Southern Economic Journal**, v. 27, n. 4, p. 357-358, 1961.

## APÊNDICE

Lista cronológica dos trabalhos revisados de Kirzner que não puderam ser enquadrados nos temas: relação com a praxeologia misesiana; tratamento conjunto de Mises e Hayek; percepção de outras correntes econômicas.

1. Revisão do livro “*Essays in Economic Method*” (KIRZNER, 1964, p. 97-98).<sup>144</sup>
2. Revisão do livro “*The Theory of Imperfect Competition: A Radical Reconstruction*” (KIRZNER, 1970a, p. 489-490).<sup>145</sup>
3. Revisão do livro “*Economic Policy and the Regulation of Corporate Securities*” (KIRZNER, 1971a, p. 467-468).<sup>146</sup>
4. Revisão do livro “*Advertising and Society*” (KIRZNER, 1975, n.p).
5. Revisão dos livros “*Conglomerate Enterprise and Public Policy*” e “*Conglomerate Unlimited: The Failure of Regulation*” (KIRZNER, 1977, p. 359-360).
6. “*Comment: X-Inefficiency, Error, and the Scope for Entrepreneurship*” (KIRZNER, 1979b, p. 140-151).
7. Revisão do livro “*On the Manipulation of Money and Credit*”, e dos textos nele inclusos, “*The Spirit of Austrian School*”, “*Why Socialism Always Fails*”, “*Liberty and Property*” (KIRZNER, 1979a, p. 45-46).<sup>147</sup>
8. Revisão do livro “*Capital, Interest, and Rent: Essays in the Theory of Distribution*” (KIRZNER, 1980a, p. 8-9).<sup>148</sup>
9. Revisão do livro “*New challenges to the role of profit: The third series of the John Diebold lectures at Harvard University*” (KIRZNER, 1980b, p. 633-635).
10. “*Entrepreneurs and the Entrepreneurial Function: A Commentary*” (KIRZNER, 1983d, p. 281-290).
11. Revisão do livro “*Capital, Profits, and Prices: An Essay in the Philosophy of Economics*” (KIRZNER, 1983a, 220-222).<sup>149</sup>
12. Revisão do livro “*Capitalism, A Treatise on Economics*” (KIRZNER, 1999c, p. 81-94).
13. Revisão do livro “*Schumpeterian economics*” (KIRZNER, 1983b, p. 1501-1502).<sup>150</sup>

---

<sup>144</sup> Kirzner utilizou o capítulo atribuído a N. Senior neste livro como referência para o seu trabalho artigo “*The Anatomy of Economic Advice – Part I*” (KIRZNER, 2006c).

<sup>145</sup> Utilizado por Kirzner como referência no livro “*Competition and Entrepreneurship*” (KIRZNER, 2013 [1973]).

<sup>146</sup> Kirzner utilizou os capítulos escritos por A. Alchian, H. Demsetz e O. Williamson como referências para o seu livro “*Competition and Entrepreneurship*” (KIRZNER, 2013 [1973]), e o de A. Alchian no “*Capital, Competition, and Capitalism*” (KIRZNER, 2018i [1974]).

<sup>147</sup> Utilizado por Kirzner como referência nos trabalhos: “*Ludwig von Mises and Friedrich von Hayek: The Modern Extension of Austrian Subjectivism*” (KIRZNER, 2015c [1986]), “*Introduction*” (KIRZNER, 1982b), e no livro “*Ludwig von Mises: the man and his economics*” (KIRZNER, 2001c).

<sup>148</sup> Utilizado no artigo “*Remembrance and Appreciation Roundtable Professor Ludwig M Lachmann (1906-1990)*”, do qual Kirzner é um dos coautores (BOEHM *et al.*, 2000).

<sup>149</sup> Utilizado por Kirzner na introdução da republicação de seu próprio livro sobre o capital e os juros, “*Essays on Capital and Interest*” (KIRZNER, 2010b [1996]), e nos textos: “*The Pure Time-Preference Theory of Interest: An Attempt at Clarification*” (KIRZNER, 2011b [1993]), e “*The Austrian School of economics*” (KIRZNER, 1992g [1987]).

<sup>150</sup> Kirzner utilizou o capítulo escrito por Samuelson no livro em seu “*The Pure Time-Preference Theory of Interest: An Attempt at Clarification*” (KIRZNER, 2011b [1993]).

14. Revisão do livro “*The Entrepreneur, Mainstream Views and Radical Critiques*” (KIRZNER, 1983c, p. 611-612).<sup>151</sup>
15. “*Economists and the Correction of Error*”. Revisão do livro “*The Economist as Preacher and Other Essays*” (KIRZNER, 1999b [1983], p. 125-131).<sup>152</sup>
16. “*Rejoinders*” resposta em coautoria com Patrick Minford e Tim Congdon (KIRZNER *et al.*, 1985, p. 49-49).<sup>153</sup>
17. “*How Heroic Are Entrepreneurs?*”. Revisão do livro “*The Spirit of Enterprise*” (KIRZNER, 1985b, p. 54-55).
18. “*Beyond the Bliss of Equilibrium*”. Revisão do livro “*Rival Views of Market Society and Other Recent Essays*” (KIRZNER, 1987, p. 72-73).
19. “*The Use of Labels in Doctrinal History: Comment on Baird*” (KIRZNER, 1989b, p. 231-237).
20. “*Comments on the Debate Between Professor Leontief and Stein on National Economic Planning*” (KIRZNER, 2018k [1990], p. 169-173).
21. Revisão do livro “*Wrestling with Time: Problems in Economic Theory*” (KIRZNER, 1991b, p. 874-875).
22. Revisão do livro “*Mises: An Annotated Bibliography: A comprehensive Listing of Books and Articles by and About Ludwig von Mises*” (KIRZNER, 1993a, p. 453-455).<sup>154</sup>
23. Revisão do livro “*From Marx to Mises: Post-Capitalist Society and the Challenge of Economic Calculation*” (KIRZNER, 1994a, p. 46-48).
24. Revisão do livro “*The Culture of Entrepreneurship*” (KIRZNER, 1994b, p. 327-330).<sup>155</sup>
25. “*A Tale of Two Worlds: Comment on Shmanske*” (KIRZNER, 1994d, p. 223-226).
26. Revisão do livro “*The Austrian Theory of Value and Capital: Studies in The Life and Work of Eugen Von Böhm-Bawerk*” (KIRZNER, 1997a, p. 62-63).
27. Revisão do livro “*The Crisis of Vision in Modern Economic Thought*” (KIRZNER, 1997d, p. 149-154).<sup>156</sup>
28. Revisão do livro “*Uncertainty in Economic Thought*” (KIRZNER, 1997b, p. 347-348).
29. Revisão do livro “*Subjectivism and Economic Analysis, Essays in memory of Ludwig M. Lachmann*” (KIRZNER, 1999a, p. 636-639).<sup>157</sup>
30. “*A Puzzle and Its Solution: Rejoinder to Professor Ahiakpor*” (KIRZNER, 2000a, p. 25-26).

---

<sup>151</sup> Kirzner utilizou este livro como referência para os textos “*The Entrepreneurial Process*” (KIRZNER, 2018u [1984]), “*Entrepreneurship, Economics and Economists*” (KIRZNER, 2015b [1985]), “*Entrepreneurship*” (KIRZNER, 2018o [1994]), “*The Nature of Profits: Some economic insights and their ethical implications*” (KIRZNER, 2000k [1995]), “*Creativity and/or Alertness: A reconsideration of Schumpeterian entrepreneur*” (KIRZNER, 2000b [1999]), no “*Prize Lecture*” (KIRZNER, 2006b), e em coautoria com F.E. Sautet no “*The Nature and the Role of Entrepreneurship in Markets: Implications for Policy*” (KIRZNER e SAUTET, 2006).

<sup>152</sup> Utilizado por Kirzner como referência nos textos “*The meaning of market process*” (KIRZNER, 1992h [1990]), “*The Nature and Significance of Economic Education*” (KIRZNER, 1998c), “*Rationality, Entrepreneurship, and Economic “Imperialism”*” (KIRZNER, 2000e [1999]), “*The Anatomy of Economic Advice – Part I*” (KIRZNER, 2006c), no “*Commentaries*” no texto de D. B. Klein (KIRZNER, 2001b).

<sup>153</sup> Esta resposta é dividida em três seções, com uma para cada autor, tal que é possível extrair apenas o pensamento kirzneriano presente no texto.

<sup>154</sup> Utilizado por Kirzner como referência no livro “*Ludwig von Mises: the man and his economics*” (KIRZNER, 2001c).

<sup>155</sup> O capítulo escrito por D. Lavoie aparece como referência no “*The Nature and the Role of Entrepreneurship in Markets: Implications for Policy*” que é escrito por Kirzner em coautoria com Sautet (KIRZNER e SAUTET, 2006).

<sup>156</sup> Conquanto Kirzner (1997d) não identifique o título do livro ou o nome dos autores, por meio das citações diretas na revisão é possível constatar que ele está revisando esse livro de R. Heilbroner e W. Milberg [1995].

<sup>157</sup> Aparece como referência no artigo “*Remembrance and Appreciation Roundtable Professor Ludwig M. Lachmann (1906-1990)*”, do qual Kirzner é um dos coautores (BOEHM *et al.*, 2000).

31. “*‘Any schmuck can consume’: a response*” (KIRZNER, 2001a, p. 47).
32. Revisão do livro “*A History of Economic Thought: The LSE Lectures*” (KIRZNER, 2002a, p. 60-62).
33. “*Hayek and Economic Ignorance: Reply to Friedman*” (KIRZNER, 2006a, p. 411-415).